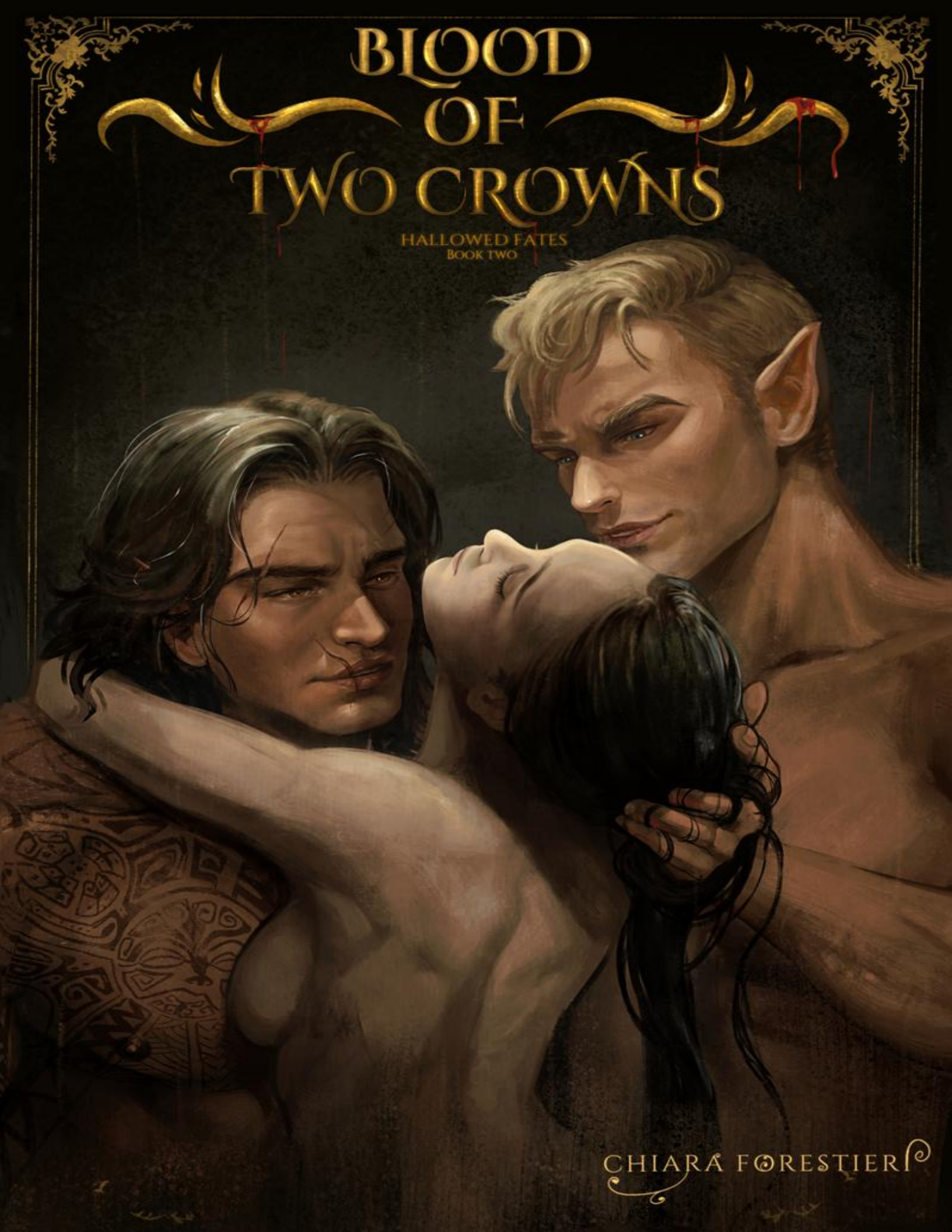
BLOOD OF TWO CROWNS

HALLOWED FATES
BOOK TWO



CHIARA FORESTIERI

ÍnDIcE

Página de título
Direitos autorais
Avisos de gatilho
Lembrar…
Glossário
Conteúdo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Eu sei que isso foi um pouco tenso…
Imagem de página inteira
Imagem de página inteira
Quer ver artes sem censura dos seus personagens favoritos?
Puta merda, obrigado.

SAngUE DE DUAS CoRoAS

UM PICANTE FATED MATES, POR QUE ESCOLHER ROMANCE SOBRE CURA E REDENÇÃO

DESTINOS SAGRADOS

LIVRO DOIS

CHIARA FORESTIERI

ILUSTRADo poR

KUSH B (@KUSHB_ NO X/TWITTER)

Para solicitações de permissão, entre em contato com authorchiaraforestieri@gmail.com.

A história, todos os nomes, personagens e incidentes retratados nesta produção são fictícios. Nenhuma identificação com pessoas reais (vivas ou falecidas), lugares, edifícios e produtos é intencional ou deve ser inferida.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma forma ou por nenhum meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha de livro.

Copyright © 2024 por Chiara Forestieri
Todos os direitos reservados.

Criado com Velino

AvISoS DE gATILHo

Este livro é uma fantasia 'relativamente' sombria. Em uma escala de 1 a 5 no nível de escuridão, eu diria que é talvez um 2.

Você vai chorar? Provavelmente.

E, como de costume, se você achar qualquer um dos gatilhos abaixo, por favor , não leia este livro. Eu imploro. Por favor? Por favor. Por favor, NÃO leia este livro se QUALQUER um desses avisos de gatilho for perturbador.

Seja gentil consigo mesmo e com sua saúde mental.

Termina com um pouco de suspense (não tão intenso quanto o último)
Arte NSFW explícita no final do livro
Escravidão
Jogo de Sangue
Linguagem explícita
Cenas gráficas retratando atos sexuais
Tortura, Sangue e Violência
Menção de Trauma
Menção de sentimentos suicidas
Recuperação do abuso de substâncias
Menção de genocídio (historicamente dentro deste mundo fictício)

Se você acha tudo isso palatável na sua literatura, você se sairá bem com o resto. Vamos deixar um pouco de mistério entre nós, ok? :)

Remember...

The version of yourself you aspire to be exists on the other side of a bridge that only you can cross.

The bad news:
The bridge is on fire.
It's peppered with nails and shards of glass.
And it's littered with demons of every kind (mostly just the ones in your head).

The good news:
You have wings.
You only have to look away from the bridge to see that they're there.

Love you.

— Chiara XO



GLoSSÁRIo

Arcano *(ark-cah-num)*
Uma criatura manifestada apenas em espírito que imbui o ser vinculado a, e marcado por, eles com poderes adicionais. Um presente raro de *Akash*, embora apenas o arcano escolha a quem se vincular
Archestratim *(ark-eh-strah-tum)*
um imortal alado imensamente poderoso de um dos reinos divinos
Anim Gemla *(ah-neem-gehm-lah)*
o termo Aurialingan para *alma atada.*
Kailuma *(kaey-looh-mah)*
A praia isolada favorita de Mors em todo o Avernus.
Katadamna Kaza *(kah-tah-dahm-nah kah-zah)*
Uma frase idiomática que significa literalmente " *dane-se o custo".*
Omnisseras *(ohm-nee-seras)*
uma antiga raça de primatas do reino de Ouranissa.
Olana Kah'hei *(oh-lah-nah kah-hey)*
Kalohani para 'família escolhida'
Folha dos sonhos
uma planta medicinal, geralmente fumada ou preparada como chá, usada para induzir sentimentos de euforia, aprofundar o sono e melhorar os sonhos
Ilhas Kahlohani
Um arquipélago no majestoso Mar de Kalohani, ao sul do continente Atratusiano, famoso por seus temíveis guerreiros tribais.
Ku'kāne *(koo—hah—nay)*
Kahlohani para 'meu filho'
Lohane thili (low-hah-nay-ti-lee)
Kahlohani para *almas ligadas*
Maha Loha *(pode-há-baixo-há)*
Kahlohani para 'meu amor'
Maha Mo'ina Li'ili
(mah-hah moh-ee-nah lee-ee-lee)
Kahlohani para 'meu pequeno pesadelo'
Mare Nerum
(mah-reh neh-room)
O 'Mar Negro' em Vassileo (um reino infernal)
Nefilins *(neff-eh-lim)*

um imortal alado imensamente poderoso de um reino divino que guarda os reinos do inferno. Distinguível de outras raças *seraphi* por seus chifres, cauda e armadura (a placa escura frequentemente encontrada em sua testa, peito, pernas e costas).
Ouvelleet *(ou-veh-leet)*
Uma cidade ao sul de Bastrina, logo depois da Floresta Sentient.
Poa Hanei *(po-uh-hah-nei)*
Kahlohani para 'alma gêmea'
Protus Arquestratim
(proh-tuhs ark-eh-strah-tim)
Arcanjo Chefe
Syfaro Vescor
(see-fah-roh vez-core)
um demônio devorador de almas
Sanguinati *(sang — gweh—nah—tee)* — um ser imortal sustentado pelo sangue semelhante ao tradicional 'vampiro', mas não é prejudicado pela luz solar, não é alérgico à prata e não morrerá por uma simples estaca de madeira no coração
Seraphi Ousia *(seh- raff—ee—Oo—see—uh)*— Fragmentos de espíritos divinos em repouso
Seraphi *(seh-raff-ee)*
um termo mais amplo para seres e divindades originários de um dos reinos superiores, como os *Nephilim*
Syntrifa (visto-treef-fah)
O termo aurealingan para companheiro predestinado
Tessari mú *(tess-ah-ri-moo)*
Um termo carinhoso e aurealingano que significa *meu tesouro*
Portador
qualquer indivíduo ou entidade capaz de exercer magia.
Yatól *(yah-tohll)*
Uma província do norte com um clima severo e extremo que possui montanhas, florestas densas e um deserto extenso
Vassileo
(vass-eh-lay-oh)
Um reino que consiste em múltiplos reinos infernais 'vivos' e 'após a morte'

ConTEÚDo

Capítulo 1
Malekai
Capítulo 2
Nakoa
Capítulo 3
Marinha
Capítulo 4
Nakoa
Capítulo 5
Nakoa
Capítulo 6
Marinha
Capítulo 7
Zurie
Capítulo 8
Nakoa
Capítulo 9
Nakoa
Capítulo 10
Zurie
Capítulo 11
Queres
Capítulo 12
Malekai
Capítulo 13
Marinha
Capítulo 14
Malekai
Capítulo 15
Nakoa
Capítulo 16
Nakoa
Capítulo 17
Malekai
Capítulo 18
Marinha
Capítulo 19
Asterion
Capítulo 20
Nakoa
Capítulo 21
Malekai
Capítulo 22
Nakoa

Capítulo 23
Queres
Capítulo 24
Zurie
Capítulo 25
Marinha
Capítulo 26
Azrael
Capítulo 27
Marinha
Capítulo 28
Marinha
Capítulo 29
Marinha
Capítulo 30
Malekai
Capítulo 31
Nakoa
Capítulo 32
Marinha
Capítulo 33
Zurie
Capítulo 34
Malekai
Capítulo 35
Nakoa
Capítulo 36
Malekai
Capítulo 37
Marinha
Capítulo 38
Marinha
Capítulo 39
Nakoa
Capítulo 40
Nakoa
Capítulo 41
Marinha
Capítulo 42
Malekai
Capítulo 43
Asterion
Capítulo 44
Nakoa
Capítulo 45
Marinha

Capítulo 46
Azrael
Capítulo 47
Nakoa
Capítulo 48
Azrael
Capítulo 49
Marinha
Capítulo 50
Marinha
Capítulo 51
Marinha
Capítulo 52
Marinha
Capítulo 53
Nakoa
Capítulo 54
Marinha
Capítulo 55
Nakoa
Capítulo 56
Marinha
Capítulo 57
Malekai
Capítulo 58
Marinha
Capítulo 59
Nakoa
Capítulo 60
Malekai
Capítulo 61
Malekai
Capítulo 62
Marinha

Eu sei que isso foi um pouco tenso…
Quer ver artes sem censura dos seus personagens favoritos?
Puta merda, obrigado.

CAPÍTULO

Um

MALEKAI

"Obrigado por vir." Eu infundi cada pedaço de gratidão urgente nessas palavras. Miroslav hesitou, seu olhar cautelosamente passando entre Mareina e eu antes de balançar a cabeça em resignação. "Onde é que você gostaria que eu te levasse?"

"Templo de Mors."

Miroslav franziu a testa.

"Para quê? Para implorar para que ele não tire a vida dela? A força vital dela é forte."

Forçando minha expressão a permanecer neutra, silenciosamente deliberei o quanto revelar. De todas as pessoas, eu teria presumido que ele saberia que Mors é seu pai. Pecando por excesso de cautela, eu apenas puxei a manga de Mareina para revelar o sigilo de Mors. A tocha invertida com asas simbolizando a extinção da vida e a libertação da alma.

"Ela carrega a marca dele. Certamente, ele saberá de algo."

As sobrancelhas de Miroslav franziram antes de relaxar em resignação. Sem dizer nada, ele estendeu a mão.

Meu coração pulou de alívio quando me virei, tirando Mareina da cama, para meus braços. Miroslav colocou a palma da mão no meu ombro, e um suspiro depois, estávamos de pé em frente ao templo de Mors.

"Envie um de seus acólitos quando estiver pronto, caso ela ainda não tenha acordado."

Os olhos de Miroslav se voltaram para Mareina, suas feições estoicas brevemente desmentindo sua preocupação.

"Obrigado, mais uma vez."

O homem assentiu com os olhos prateados ardendo com aquele conhecimento penetrante enquanto hesitava em sair.

"A convidada de Zurie… Thalia. Eu não confio nela. Não posso lê-la como faço com os outros. Ela é algo… *Outro*… E ainda mais perturbador, ela não estava em nenhuma das minhas visões. Não acredito que ela seja o que ou quem ela diz ser. "

A cautela se instalou, mas só consolidou ainda mais minha decisão de trazer Mareina de volta para Avernus. "Eu falarei com ela."

A expressão de Miroslav escureceu. "Não interrogue a fêmea. Não precisamos fazer mais inimigos. Especialmente aqueles tão poderosos quanto ela."

A impaciência estava fazendo minha pele arrepiar. "Não tenho intenção de fazer inimigos. Acredite ou não, na verdade sou muito bom em fazer *amigos.* "

Miroslav dificilmente parecia tranquilo, mas Mareina não tinha tempo para isso. Se eu determinasse que Thalia era de alguma forma uma ameaça

para Mareina, eu faria minha besta devorá-la inteira.

Virei-me nos calcanhares apenas para que a mão de Miroslav disparasse e agarrasse meu braço. “Malekai, o caminho que todos vocês escolheram não garante—

Balancei a cabeça, não querendo ser lembrado de suas *previsões.*

“Não importa. Eu sempre farei o que for melhor para Mareina.”

A compreensão encheu seu olhar antes que ele se dobrasse. “Espero que seja o suficiente.”

Com Mareina ainda em meus braços, uma das grandes portas do templo se abriu. Entrei, o espaço fresco e fracamente iluminado com as mesmas tochas de fogo tremeluzentes de quando Mareina e eu estivemos aqui, pouco mais de um dia atrás.

Pharalaki sombrios e encapuzados de Mors pairava a alguns metros de distância. Ele se virou e deslizou pelo corredor que levava à porta oculta do reino de Mors. Avernus.

Parecia estar com pressa porque eu praticamente tive que correr para acompanhá-lo. Quando ele revelou a porta, desci os degraus sozinho.

A única luz que iluminava a escadaria de pedra era o brilho distante da soleira de Avernus. Quando a atravessei, três sóis brilharam intensamente no céu — um grande, dois pequenos. Gramíneas sedosas de verde vibrante ondulavam contra uma brisa de verão. À primeira vista, a casa de Mors parecia exatamente a mesma de antes.

Conforme nos aproximamos, um macho alado desconhecido saiu da casa de Mors, ficando ainda maior do que meus seis pés e oito polegadas. Ele tinha asas cinza-escuras firmemente dobradas contra suas costas e um conjunto ainda mais escuro de olhos cinza-tempestades. Cabelos longos de alabastro alcançavam seus ombros escuros e largos.

“Tem um quarto extra onde você pode ficar. Cuidado com as panelas quebradas e lascas de porta. Vou cuidar disso em breve.”

O medo apertou meu peito enquanto eu observava a porta destruída e minhas botas esmagavam cacos de potes de barro. "O que diabos aconteceu?"

“Keres aconteceu”, ele gritou de volta enquanto virava em um corredor.

Irmã do Mors?

A luz do sol se derramava do chão ao teto, janelas com molduras de madeira escura alinhando a parede esquerda do corredor para revelar uma vista espetacular dos campos e montanhas à distância. Tapeçarias e pinturas elaboradas pendiam da parede oposta entre as portas. O homem desapareceu, entrando em uma sala em o fim do corredor. Quando entrei, ele se virou para mim do centro do grande quarto de hóspedes decorado em tons neutros de linho e terracota.

Havia um silêncio na casa e uma nítida falta de energia que me diziam que algo estava errado.

“Onde está Mors?”

O rosto do homem ficou tomado pela emoção enquanto ele gesticulava vagamente para a cama, as cobertas já puxadas para trás. “Foi embora.”

Meu coração parou no peito enquanto eu cuidadosamente deitava Mareina na cama. “Foi embora como em… Ocupado com o trabalho? De férias? Ou…”

“Como em Keres assassinou Soteira, de alguma forma persuadiu Mors a beber do The River Oblivion e o jogou em alguma praia no reino de Bellorum. *Nippies Piss Thilis* ou algo assim.”

Que porra é essa?

“Você quer dizer *Nissi Tis Pillis?”*

O homem acenou com a mão despreocupadamente novamente enquanto esfregava a outra no rosto, a emoção transparecendo em seus olhos.

"Que."

“E quem é você, exatamente?”

O homem respirou fundo, trêmulo, a palma da mão ainda cobrindo o rosto, a voz embargada pela emoção mal contida.

“Latrimos.”

Coloquei Mareina debaixo das cobertas enquanto ele se aproximava de mim para encará-la. "Somnus já me disse que você poderia vir."

“…Irmão de Mors?”

Os lábios de Lathrimos tremeram enquanto ele assentia em afirmação.

“Ele está aqui?”

Lathrimos balançou a cabeça, respirando fundo para se acalmar.

Foda-me.

Eu não era muito bom em lidar com perturbações emocionais. A menos que fosse por Mareina. Eu tive minha cota de colapsos mentais, mas sempre, felizmente, foi em privado. *Ou com Mareina.*

A tensão se formou em meu peito enquanto eu deliberava se deveria ou não tentar acalmar o macho. Eu me contentei em dar um tapinha em suas costas.

“Bem, pelo menos ele não está morto.”

Um soluço sufocado escapou, e Lathrimos jogou os braços em volta de mim, me esmagando contra seu peito. Foi uma sensação bizarra e altamente emasculante.

“Calma, calma…”, consegui dizer sem jeito, enquanto dava tapinhas em suas costas enquanto me acomodava para abraçá-lo.

“Ele era meu melhor amigo”, Lathrimos soluçou.

“… Ele vai voltar. Nissi Tis Pillis não está tão longe de Atratus. Talvez eu possa encontrá-lo e trazê-lo de volta.”

Lathrimos soltou um suspiro trêmulo enquanto finalmente se endireitava, afastando as evidências de sua emoção.

“Ele não está lá. Somnus foi e o pegou. E seria inútil de qualquer maneira. O Rio Oblivion apagou sua memória completamente. Ele não vai se lembrar de mim ou de nossos milhares de anos de memórias, muito

menos de todo o seu reino. Felizmente, o efeito não é permanente para um deus. Só temos que esperar que suas memórias retornem.”

"Quanto tempo vai levar?"

Lathrimos deu de ombros, o queixo balançando como se fosse a pedra fundamental de sua fundação emocional em ruínas.

“Anos. Talvez até décadas. Quem sabe? Isso nunca aconteceu antes, até onde eu sei.”

Meus olhos se voltaram para Mareina.

“Você sabe o que ela precisa? Como curá-la? Fazê-la acordar?”

Lathrimos apenas lançou-lhe um olhar superficial, fazendo-me arrepiar. “Ela vai ficar bem. Ela só… A alma dela está ligada a este reino. Estar fora dele é exaustivo.”

“Ela viveu a vida inteira fora deste reino.”

“Ela é uma deusa. Não uma mortal. Não vai matá-la não estar aqui, mas ela certamente não estará em poder total se não passar um tempo significativo aqui.”

Mareina já era, indiscutivelmente, um dos seres mais poderosos de Atratus. Nós lutamos em uma guerra juntos. Eu testemunhei seu poder e fúria em toda sua glória de cair o queixo.

Quão mais poderosa ela poderia ficar?

O pensamento fez meu animal rosnar de excitação.

“Sem mencionar que ela precisa estar aqui. Especialmente com Mors… *indisposto.* O reino inteiro se desintegrará sem pelo menos um deles aqui.”

Suas palavras fizeram com que meu olhar voltasse para o dele.

" *O que?"*

O macho olhou para mim como se eu tivesse acabado de ganhar algumas cabeças extras.

“Assim como acontece com qualquer outro deus, o reino está ligado à sua força vital. Eles a sustentam. Assim como uma árvore requer solo e chuva. Sem essas coisas, a árvore gradualmente murchará e morrerá.”

“Por quanto tempo ela ou Mors podem ficar fora antes que isso comece a acontecer?”

Lathrimos franziu a testa pensativamente, coçando a barba eriçada. “Não aconteceria da noite para o dia. Levaria talvez anos, mas seria inevitável sem eles.”

Como diabos Mareina pode governar um reino e *um reino inteiro?*

“Quero dizer, você não planejou ir a lugar nenhum, não é?”

Soltei uma risada. “Você literalmente teria que me matar.”

Lathrimos me deu um sorriso apreciativo. “Isso não seria pouca coisa, matar uma criatura como você.”

Fiquei paralisado de apreensão. Em meus mais de 200 anos de existência, não revelei minha verdadeira natureza a uma única alma. Eu tinha só me permitia mudar quando minha besta ficava mais desesperada e bem longe de qualquer olhar curioso. Era um risco muito grande de ser

potencialmente vista. Minha espécie era uma memória distante e trágica neste reino.

“Presente de um Archestratim. Discernimento. Você não pode mentir, esconder ou glamourizar nada de nós. Às vezes é uma maldição. A verdade é frequentemente um fardo.”

CAPÍTULO

DOIS

NAKOA

Os lábios de Urie se curvaram em um sorriso presunçoso. Como se ela *não estivesse* coberta de sujeira de masmorra e usando uma coleira de paládio. “Eu farei um acordo com você. Jure não me causar mal, permita-me continuar vivendo em meu palácio e manter acesso aos meus cofres, e em troca, eu o ajudarei a governar Atratus, fornecerei uma transição suave para você se tornar rei, *e* eu o apresentarei ao seu pai.”

Quão delirante uma pessoa pode ser?

Girando nos calcanhares, caminhei em direção à saída. Zurie gritou em protesto atrás de mim.

“Espere! Você não pode me manter aqui!”

Olhando por cima do ombro, parei na porta, onde minha amada e leal *olana kah'hei* esperava por mim. Thalia permaneceu notavelmente fora de vista. “Eu posso. Você não é mais uma rainha, e quanto mais cedo você aceitar isso, mais fácil será sua vida lamentável *se* eu decidir deixá-la viver.”

A pesada porta da masmorra fechou-se com uma finalidade sinistra. Thalia caminhou bem perto de mim enquanto voltávamos para a ala norte do palácio. Embora ela não tenha dito nada, algo dentro de mim formigava de desconforto com sua proximidade. Eu não confiava nela. Quanto mais tempo eu passava em sua presença, mais mais certo fiquei disso. Mesmo que meu Saber tivesse ficado em silêncio novamente. Provavelmente para me irritar depois da minha *altercação* com Mareina.

Você tentou matá-la, ela sibilou.

Culpa e raiva guerreavam dentro de mim. A traição dela era algo que eu não tinha certeza se conseguiria esquecer. Perdoar um dia, sim. Tínhamos um reino para governar juntos, afinal. Mas esquecer? Não.

Sem mencionar que não pude deixar de ficar ressentido pelo fato de ela estar com aquele filho da puta loiro.

Uma queimadura penetrante queimou meus dedos, arrastando meu olhar para minhas mãos. Minhas garras recém-crescidas se alongaram para proporções bestiais. Sangue escorria para o chão, deixando um rastro atrás de nós enquanto caminhávamos de volta para meus aposentos.

Porra.

Como o povo de Atratus me aceitaria como um monstro?

Eu passei a vida inteira enfeitando minhas asas, cauda e olhos pretos sólidos. Eu sonhava em um dia poder viver livremente sem ter que esconder minha verdadeira forma. Assim como meus pesadelos previram, eu me tornei algo ainda mais assustador de se ver. As penas das minhas asas desapareceram e se tornaram membranosas como as de um morcego. Uma camada preta e dura como pedra havia se erguido do osso e perfurado a pele

de cada lado da minha testa como uma coroa escura adornando meus chifres pretos como os de uma gazela.

Eu parecia um demônio.

Mas eu estava cansado de me esconder.

Monstro ou não, Mareina e Atratus me aceitarão .

Val e Lokus caminharam ao meu lado, lançando-me olhares preocupados antes de cruzarem brevemente os olhos com o resto dos meus *olana kah'hei.*

Val silenciosamente *colocou* um lenço em sua mão e o passou para mim.

“Foda-me, companheiro. Você está bem?” Lokus perguntou.

Pomona deu-lhe um tapa na nuca.

“Sim… Ótimo.”

Lokus me lançou um olhar entediado. “Bem?”

"Pare com isso, seu idiota", Val rosnou em advertência.

“Vai se foder. Ele precisa falar sobre isso. O macho passou por—

“Sim. *Tudo bem,”* eu retruquei, minha paciência para brigas inexistente, “ Estou apenas me ajustando.”

Lokus suspirou. “Certo. Bem, falando nisso, vou encontrar um bordel, ver se alguém está se sentindo aventureiro—

Estreitei os olhos para ele. “Você percebe que há cerca de cem razões pelas quais você não pode fazer isso?”

“Não pode ou não deveria?”

“ *Não posso.* Não é como se você pudesse *sair* do palácio. Que porra você vai fazer? Sair pela porta da frente? Nós nem deveríamos estar aqui. O que os guardas dela vão fazer—

“Vou levá-lo ao harém de Zurie.”

Virei-me para olhar para Thalia, que sorriu quando levantei uma sobrancelha.

“O quê? Uma garota tem necessidades. E os guardas não vão piscar para mim... ou para sua linda amiga.” O olhar de Thalia se voltou para Lokus, examinando-o. “Zurie e eu já passamos muito tempo lá juntos.”

Meus olhos se estreitaram. *Essa mulher fodeu minha mãe biológica?*

Eu não tinha muita certeza do que sentia sobre isso.

“E Zurie tem o hábito de compartilhar seu harém?”

Thalia deu de ombros. “Não vou negar que ela é uma reclusa e não recebeu muitas visitas desde seu pai, mas, como eu disse, seus guardas me viram muitas vezes. Se um de seus guardas disser alguma coisa, direi apenas que o trouxe do meu próprio harém.”

Meus olhos dispararam para Lokus para encontrá-lo sorrindo. “Vou enlouquecer se tiver que ficar em quarentena nesta ala empoeirada do palácio, irmão.”

Rosnando, continuei a longa caminhada até meu quarto. “Thalia pode *dobrar* alguns deles para o seu quarto. Ofereça a eles um voto de silêncio em troca de sua liberdade. Pague-os generosamente o suficiente para

começar uma nova vida. E se isso nos causar algum problema, eu vou castrar você, porra.”

Os pelos dos meus braços se arrepiaram quando uma magia distantemente familiar varreu o quarto, arrastando meus olhos abertos. Eu tinha adormecido na piscina de banho do meu novo quarto.

Miroslava.

“Sua alma está doente.”

A raiva e a tristeza retornaram a mim com um peso implacável.

“Ela vai viver?”

"Sim."

“Malekai está com ela?”

Uma pausa.

"Sim."

Minha mandíbula se apertou com tanta força que um dente quebrou. Ainda bem que ele voltaria a crescer. Não era a primeira vez. Cuspi o caco na água do banho, observando-o afundar abaixo da superfície transparente até o piso de ladrilho azul mais escuro.

“Bem, então ela não precisa de mim.”

"Errado."

O silêncio se instalou pesadamente entre nós, sua presença atrás de mim parecia uma nuvem sinistra. Eu só queria me banhar em paz. Finalmente, me virei para olhar para ele. Seu olhar branco-prateado era inquietante como sempre.

Minha mãe não está esperando você voltar ou algo assim?”

Minha mãe.

Outra lança de traição me atravessou.

Ela ainda tinha meus preciosos bebês, Peanut e Bellona. A ausência deles, especialmente agora, era o suficiente para me sufocar. Estava quase na ponta da minha língua pedir a Miroslav para dobrá-los aqui, mas não seria justo mantê-los presos dentro de casa, e o barulho dos caninos chamaria muita atenção. Felizmente, Pumpkin estava seguramente escondida nos estábulos devido ao macho atencioso diante de mim.

O olhar de Miroslav tornou-se desdenhoso. Ou seria pena em seus olhos? De qualquer forma, havia alguma emoção estranha de repente entupindo minha garganta.

“A primeira vez que te vi, você não era maior que as palmas das minhas mãos.”

Ah, merda.

Minha mente pode não ter sabido aonde ele queria chegar com isso, mas algo em minha alma sabia. A emoção apertou minha garganta com um aperto implacável.

“Logo depois que Zurie deu à luz você…”

“Você sabe quem é meu pai?”

“Sim. E não, eu não posso levar você até ele. Só Zurie tem o poder de fazer isso.”

“Como Leilani se tornou minha mãe?”

“Eu te levei até ela.”

“Por que ela se livrou de mim?”

O olhar de Miroslav suavizou. Aquilo era *definitivamente* pena em seus olhos.

“Essa é uma discussão que você precisa ter com Zurie.”

O medo afundou como uma bigorna em meu intestino. Mesmo com meu petulante Sabedoria me ignorando, eu sabia que a verdade que eu precisava aprender não seria bem-vinda.

“Sua mãe, Leilani, ama você da mesma forma como se você tivesse nascido do sangue dela, Nakoa. Que *nada* a desanime desse fato.”

Virei-me para longe dele quando uma sensação estranha começou a queimar meus olhos.

“Você faria bem em lembrar que é por causa dela que você é pelo menos metade do homem que é. Um dia, você aprenderá o quanto você realmente deve a ela.”

A ardência nos meus olhos aumentou até que o soro escorreu pelas minhas bochechas. Limpando-os rapidamente, respirei fundo para acalmar a maré avassaladora de emoção.

“Por que exatamente você veio?”

“Duas razões. Uma, Thalia não é confiável. Ela esconde seu poder, e eu não posso entrar em sua mente, nem sou capaz de contemplar suas potencialidades passadas, presentes ou futuras. Quando tento espionar até mesmo seu pai, há um bloqueio. Os únicos seres poderosos o suficiente para escapar da minha magia e da minha visão são *os deuses.* ”

“Isso não inclui os descendentes dos demiurgos?”

Miroslav franziu a testa. “Eu certamente não pensaria assim, não depois de tantas gerações… mas não posso ter certeza.”

Dei um suspiro e afundei ainda mais na piscina.

“E qual é a outra questão urgente?”

“Sua *alma* precisa de você”, ele insistiu.

Enquanto suas palavras se acomodavam, um peso esmagador se instalou em meu peito. *"Errado."*

Passos soaram atrás de mim até que Miroslav parou na minha frente, o olhar fixo no meu como brasas brancas, enquanto eu não conseguia impedir que *meus* olhos de ébano parassem de vazar água.

“Quer você esteja disposto a admitir ou não, isso não muda o fato de que suas almas estão entrelaçadas. Vocês estão enfraquecidos um sem o outro. Vocês precisarão *um* do outro se qualquer um de vocês planeja sobreviver ao que está por vir.”

Não tendo argumentos, eu sabia quando ficar em silêncio.

“Sugiro que você aprenda a ver as coisas além de sua perspectiva estreita e encontre o perdão em algum lugar do seu coração antes que seja

tarde demais. Karma e destino não são entidades sinônimas, Nakoa. Se você não preza o *a alma atada que Akash* lhe presenteou, você não deveria se surpreender quando ela for roubada de você .

CAPÍTULO

TRÊS

MARINHA

Caking ao lado de Malekai foi a segunda melhor coisa que já me aconteceu. Traços bonitos frouxos, sua expressão pacífica emprestava uma certa leveza que eu nunca tinha testemunhado nele. Deitar ao lado de Malekai assim, vestido apenas com uma de suas camisas, com seu calor delicioso derramando em mim e seu peito nu, largo e musculoso piscando para mim no rosto me deixou escorregadia de desejo.

Até minha magia estava se contorcendo — tanto dentro de mim quanto ao meu redor. Ao nosso redor. Gavinhas vermelho-escuras sussurravam sobre sua pele como se estivessem tentando lambê-lo. Prová-lo.

Afastando intencionalmente todos os pensamentos de violência e tumulto recentes, eu estava escolhendo focar no presente em mãos. Depois de todo esse tempo, eu estava finalmente deitada ao lado do homem que eu amava, deleitando-me com sua presença gloriosa. Talvez isso me tornasse imperdoavelmente egoísta, mas não apenas eu estava insensível à morte, eu tinha passado minha vida inteira abandonando os desejos do meu coração e, portanto, minha felicidade. Eu me recusei a deixar isso passar por mim por mais tempo.

Simplesmente encará-lo ao meu lado na cama fez com que essa *coisa* se enrolasse mais forte entre nós, como se fisicamente me puxasse para mais perto dele. Incitando-me a pressionar meus lábios nos dele. Para que minhas mãos acariciassem o comprimento grosso e formidável de seu pau pressionando contra meu abdômen e quadril.

Seu cheiro de sal marinho e brasas parecia engrossar no ar. Meus quadris se contorceram enquanto meu núcleo se apertava com a necessidade dele. Um ronco suave e baixo ronronou de seu peito enquanto seus quadris se moviam para frente para se aproximarem dos meus. Minha respiração parou no mesmo momento em que seus olhos se arregalaram em choque.

Grandes mãos me agarraram com força brutal enquanto ele me virava de costas e me montava, enterrando o rosto no meu pescoço. *"Oh, porra, Mareina."*

A emoção cresceu em meu peito, minhas mãos deslizando pelo plano cicatrizado de suas costas enquanto ele se afastava um pouco, a preocupação franzindo suas sobrancelhas. Uma mecha de cabelo dourado escuro pendia sobre sua testa perfeitamente arqueada.

"Você está bem?"

“Não poderia ser melhor.”

“O que você lembra?”

Minha garganta trabalhou enquanto memórias passavam pela minha mente de Nakoa, aparentemente cego por sua raiva pela minha traição e sua tentativa de me matar. De quase matar minha própria alma presa. Esfaquear Zurie. Do irmão do meu pai, Somnus, me dando a notícia sobre meu pai bebendo do Rio Oblivion e agora não tendo nenhuma lembrança de mim. De algo acontecendo com minha mãe por causa de Keres, a irmã do meu pai. Embora ele não tenha me dado nenhum detalhe.

“Tudo. E nada que eu queira lembrar.”

O calor que irradiava dele parecia quente o suficiente para me marcar. Aquele cheiro de brasas queimando dele se intensificou ainda mais e eu jurei que podia sentir um leve cheiro de fumaça.

Meu coração batia forte quando ele se inclinou para frente em um cotovelo, e sua mão livre agarrou possessivamente meu queixo. "Você não tem a mínima ideia de como eu estava preocupado."

Meu coração apertou enquanto minha excitação queimava mais forte, eliminando qualquer restrição que eu tinha sobre minhas emoções *e* meu corpo. Tirando minhas pernas de entre as dele, eu as enrolei em volta de sua cintura estreita. Instantaneamente meus quadris se levantaram, alisando minha entrada contra seu pau e deixando minhas palavras sem fôlego. "Obrigada por cuidar de mim."

Ele rosnou, o corpo tenso enquanto a mão no meu queixo deslizava sobre meu pescoço antes de agarrar um punhado do meu cabelo. Algo escuro cintilou além das profundezas turquesas de seu olhar, confirmando ainda mais que olhando para mim estava alguém ou algo que eu só tinha visto brevemente antes e tinha ignorado. Sua voz era pouco mais que um rosnado animalesco. *"Você me pertence, Mareina."*

Meu coração disparou quando seus lábios encontraram os meus em um beijo doloroso. Pelo gosto quente, quase de canela dele — estranhamente parecido com meu veneno. Meus dedos passaram por seus cabelos e vagaram por seus ombros musculosos. Minhas unhas cravaram nele com a necessidade de segurá-lo mais perto. "Eu quero que você me marque como sua", murmurei contra seus lábios.

Ele rosnou baixo, o calor de seu corpo se atiçando mais alto junto com o arrepio intensificado de sua magia, fazendo os pelos do meu corpo se arrepiarem. Parecia a maneira como a mudança da forma de alguém era descrita.

“Meu veneno não é como o seu. Vai doer, Mareina.”

“Se é seu, eu quero.”

Antes que eu pudesse pensar mais nisso, Malekai agarrou a bainha inferior da camisa que eu estava usando e a rasgou ao meio. O calor do seu olhar, como uma chama, lambeu cada centímetro de mim. Dos meus seios nus e—

Akash todo poderoso.

Sentei-me sobre os cotovelos para olhar para baixo, para a cobra vermelha como tinta e sangue marcando o espaço entre meus seios e o

abdômen superior. *Ela se moveu*, deslizando em volta de um seio antes de se enrolar em volta do outro e se acomodar novamente entre eles. Observando-me com olhos sencientes e inteligentes. *Todos os três.*

"Arcano."

Eu não sabia exatamente o que era aquilo, mas não conseguia me importar o suficiente no momento para perguntar. Meu único foco, necessidade e desejo estavam atualmente envoltos na gaiola das minhas pernas. *Onde ele pertencia.*

As mãos de Malekai envolveram minha cintura enquanto seus lábios se separavam, e suas presas afundavam na carne macia do meu seio esquerdo. Um calor escaldante *queimou* minhas veias, arrancando um gemido da minha garganta. Uma dor ofuscante explodiu através de mim que fez minhas unhas esculpirem crescentes em sua carne. O calor de seu sangue floresceu nas pontas dos meus dedos, atiçando minha fome.

Suas mãos seguraram meus seios, provocando meus mamilos enquanto seu veneno continuava a vazar em minhas veias. Uma onda deliciosa e afiada de prazer que senti em meu clitóris aliviou a dor de sua mordida e arrancou um gemido suave de meus lábios. Sua garganta trabalhou em um único gole antes que ele se afastasse e afundasse suas presas em meu outro seio. Gradualmente, a dor foi substituída por um calor formigante. Seu pau começou a acariciar firmemente meu clitóris, roubando ruídos agudos de mim. A língua de Malekai lavou as feridas das marcas gêmeas antes de desviar suas ministrações para os picos macios dos meus seios.

Afastei a sensação de culpa e raiva crescendo em meu peito. Culpa por saber que isso machucaria Nakoa. Raiva por ele ter me marcado contra minha vontade. Desesperado para abafar a dor, meus quadris empurraram em conjunto contra o pau de Malekai, já vazando sua semente em meu abdômen. Suas mãos tremeram quando seu aperto retornou à minha cintura, apertando a ponto de machucar.

A visão do meu sangue em sua boca foi quase minha ruína. Lambi uma faixa em seu lábio inferior e roubei-a entre meus dentes. A ação arrancou um rosnado estrondoso de sua garganta. Sua mão deslizou entre minhas pernas antes que ele lambesse minha excitação de seus dedos.

“Eu sempre te deixei assim molhada, *tessari mú?*”

"Sempre."

Malekai sentou-se sobre os calcanhares, me segurando pelos quadris e levantou minha boceta até seu rosto. Soltei um grito de surpresa, agora basicamente de cabeça para baixo. Ele rosnou de satisfação, inalando meu cheiro profundamente mais uma vez antes de sua língua me lamber da entrada ao clitóris, onde ele envolveu seus lábios ao redor do broto dolorido e *chupou.*

“Olhe para essa boceta linda e fodida. Tão apertada, rosa e encharcada para mim.”

Minhas mãos agarraram o músculo sólido de suas coxas enquanto ele prosseguia para se banquetear comigo como uma fera faminta agarrando

sua presa em sua boca faminta. Os ruídos molhados, escorregadios e de sucção enchendo o quarto entre meus gritos suaves e os rosnados de Malekai eram uma doce sinfonia.

Ele me recompensou deslizando dois dedos na minha entrada e os curvando contra aquele ponto sensível e raso dentro de mim. Os dedos de Malekai pressionaram firmemente contra ele — quase a ponto de causar dor — acariciando em conjunto com os cuidados de sua boca. A ação era exigente e implacável — sem se importar com os ruídos que provocava em mim ou com a maneira como fazia meu corpo tremer.

Menos de um minuto se passou quando um calor líquido jorrou de mim. Minhas palavras se tornaram ininteligíveis enquanto eu me contorcia em suas mãos. Malekai continuou a me devorar, gentilmente guiando meu corpo para baixo do meu clímax e lambendo minha bagunça antes de me deitar de volta na cama abaixo dele.

Malekai agarrou seu comprimento tremendo em seu punho, dando-lhe um golpe firme. Era quase do comprimento do meu antebraço, talvez 9 ou 10 polegadas, mais grosso que meu pulso e curvado levemente para cima. Pré-sêmen perolado vazou da fenda de sua coroa grossa e alargada e pingou em meu clitóris onde ele o esfregou, fazendo minha boceta espasmar de necessidade novamente.

“Vou te foder até sangrar, *tessari mú.* Talvez você queira segurar alguma coisa.”

Sua promessa roubou meu fôlego. “Você jura?”

Um sorriso luminoso surgiu em seu rosto quando ele deu uma risada sombria e alinhou seu pênis com minha entrada.

“Desde o dia em que coloquei os olhos em você, Mareina, você me possuiu. Meu coração, minha alma, minha mente — meu pau. É todo seu.”

Apoiei minhas palmas na cabeceira da cama acima de mim enquanto ele pressionava a cabeça larga de seu pau na minha entrada. Meu núcleo teve espasmos com o alongamento exigente. *"Oh, porra... Malekai."*

Malekai gemeu, inclinando a cabeça para trás enquanto sibilava um palavrão, e seus quadris gradualmente deslizaram para frente, centímetro por centímetro.

“Diga-me a quem pertence esta boceta, Mareina.”

“Você. Ela pertence a *você.”*

Apoiando-se em um cotovelo, ele aproximou seus lábios dos meus, roçando-os a cada palavra proferida. “Eu te amo, Mareina Kalini. Nesta vida e em todas as nossas vidas futuras.”

Suas palavras foram pontuadas pelo encontro de nossos quadris enquanto ele se acomodava completamente dentro de mim. A dor e o sofrimento de seu comprimento e circunferência diminuíram gradualmente. Algo intangível, mas não menos visceral, pareceu travar entre nós.

A emoção ardeu em meus olhos, e eu passei meus dedos sobre as maçãs de suas bochechas. “Nesta vida, e em todas as nossas vidas por vir. Quando Akash nos retornar à Fonte, minha alma sempre buscará a sua.”

Os olhos de Malekai brilharam antes que ele capturasse meus lábios enquanto ele recuava até a ponta, apenas para deslizar para dentro.

A energia formigante aumentou, iluminando todo o meu corpo em ondas. Minha cabeça girou e o mundo inteiro se estreitou para apenas nós dois. Lágrimas salgadas deslizaram dos cantos dos meus olhos para perseguir nossos lábios enquanto eu despejava o valor do último século de emoção em nosso beijo.

A voz de Malekai caiu para um rosnado.

“Estou tão puto que você escondeu isso de mim por tanto tempo.”

“Quero passar o resto da minha vida compensando você.”

Ao perceber a gravidade das minhas palavras, a emoção brilhou em seus olhos enquanto seus golpes diminuíam. "Eu faria tudo de novo se fosse preciso, Mareina. Se eu tivesse que pagar com sangue, cada segundo que eu passasse com você, eu deixaria *Akash* me sangrar até secar, e quando eu morresse, eu imploraria para reencarnar para que eu pudesse fazer tudo de novo se isso significasse que eu estaria ao seu lado."

Minha respiração ficou presa com a emoção que fez meus olhos arderem. *“Katadamna kaza.”*

Os golpes de Malekai suavizaram enquanto ele segurava meu olhar, os dedos deslizando entre os meus. *“Katadamna kaza, tessari mú... Ad thanátou kae sora.”*

Até a morte e além.

Malekai sentou-se sobre os calcanhares, agarrando-me pelas coxas enquanto suas carícias se tornavam implacáveis. Chupando suas bochechas, ele deixou uma bola de cuspe pousar diretamente no meu clitóris. Acariciando-o em círculos provocantes enquanto seu olhar semicerrado me observava, mergulhando brevemente de volta para onde estávamos unidos.

Meus gemidos gaguejaram enquanto aquela energia formigante se construía novamente, e comecei a bater meus quadris em contraposição aos dele. *"Oh, porra, Malekai... Vou gozar de novo..."*

Malekai deu um profundo zumbido de prazer, tomando seu tempo enquanto suas estocadas aumentavam o ritmo, a carícia de seu polegar sobre meu clitóris nunca vacilando. "Vou encher essa boceta bonita com meu esperma, e quero que você roube cada gota."

Apenas a imagem que essas palavras me deram inspirou outro orgasmo a surgir. *“Deuses, sim. Por favor.”*

Malekai se inclinou sobre mim novamente, pegando meu maxilar entre o polegar e o indicador. *“Abra.”*

Eu avidamente segui sua direção, abrindo minha boca e estendendo minha língua. Malekai me recompensou com uma bola de cuspe. Eu engoli avidamente, e meu orgasmo explodiu, arrancando um grito ofegante da minha garganta enquanto minha contorção contra ele aumentava. Minhas unhas cravaram na carne de suas coxas. "Eu nunca vi nada mais lindo do que o jeito que você se desfaz para mim. O jeito que sua boceta agarra meu pau com necessidade."

Assim que meu orgasmo diminuiu, Malekai segurou minhas pernas, colocando-as de lado. Seus golpes diminuíram, mas permaneceram profundos.

“De joelhos, Kalini.”

Minha boca ficou seca enquanto minha barriga se contorcia de antecipação enquanto eu me movia para apresentar meu traseiro a ele. Malekai soltou um profundo zumbido de prazer enquanto alternava entre agarrar e acariciar a carne generosa da minha bunda antes de se mover para ficar de pé no pé da cama. Agarrando-me pelos quadris, ele me puxou para a beirada e se ajoelhou atrás de mim, pegando punhados da minha bunda em suas mãos enquanto ele prosseguia devorando cada centímetro de mim.

“Porra, Malekai!”

Ele rosnou atrás de mim, dando um tapa rápido no globo da minha bunda. "Eu perdi a conta de quantas vezes fantasiei sobre reivindicar essa buceta, Mareina. Que tal você ser uma boa menina e me compensar?"

Malekai se levantou, passando seu pau por minhas dobras molhadas e sobre meu clitóris. Passando um braço em volta da minha cintura, ele agarrou meu cabelo para me trazer rente à sua frente antes de abaixar a cabeça para beliscar meu lóbulo da orelha. "Você confia em mim?"

“Com a minha vida.”

Senti suas presas contra a curva do meu pescoço enquanto seus lábios se separavam em um sorriso. “Quero meu nome na sua carne, e o seu na minha. Você gostaria disso, *tessari mú* ?”

Eu assenti, a garganta trabalhando em um engolir. “Mais do que qualquer coisa.”

Malekai rosnou de prazer, cruzando meus braços atrás das costas. Suas presas afundaram na curva do meu pescoço enquanto ele acariciava a dor entre minhas coxas deslizando seu pau por minhas dobras. Mais de seu veneno fluiu para dentro de mim antes que ele retirasse suas presas e pegasse meus braços cruzados em uma de suas mãos grandes, inclinando-se para trás para assistir enquanto ele batia em mim. Quando seu pau começou a endurecer ainda mais, suas estocadas se tornaram lentas e profundas, como se estivesse se afastando do orgasmo.

"Eu quero onde você sempre possa ver", ele murmurou contra meu pescoço antes de me virar para me deitar de volta na cama. "Para que você nunca esqueça a quem você pertence." Ele pontuou as palavras com uma piscadela que eu jurei que senti no meu clitóris. "Vai precisar ser fundo, mas me pare se doer muito, ok, querida?"

Eu assenti ansiosamente. *De jeito nenhum eu o impediria.*

Malekai *enfiou* sua adaga em sua mão. A lâmina cortou a carne do meu pulso como uma faca na manteiga, mas o bater e o inchaço do meu coração abafaram a dor. Meu sangue escorria para minha barriga entre nós.

“Eu te amo”, sussurrei.

“Nesta vida e em todas as vidas vindouras, *tessari mú.”*

Sua magia, como ouro polido, brilhou, tecendo-se na ferida. Meu coração apertou com tanto amor que doeu pra caralho. Ele tinha esculpido seu nome em cursivo. Em instantes, minha pele já estava se recompondo. Tudo o que restou foi uma cicatriz rosa no formato de seu nome.

Ele deu um beijo na marca antes de sacudir a adaga com facilidade praticada para passá-la para mim pelo cabo. “Escolha sua tela.”

Meus olhos percorreram seu corpo de cima a baixo. *Foda-me* . Ele era tão lindo que doía. Já havia uma abundância de cicatrizes, mas agora, parecia óbvio que meu nome era a única coisa que faltava. Pressionando a adaga achatada na cama, eu o dei uma pancada com a perna e o prendi embaixo de mim. O rosto de Malekai se iluminou quando uma risada rouca retumbou em seu peito, e eu pressionei a ponta da lâmina diretamente acima de seu coração. Seu sorriso se alargou. "Perfeição."

Eu levantei meus quadris, deslizando para baixo em seu comprimento ainda duro antes de apertar a lâmina entre meus dedos como uma pena. "Não posso prometer que vai ser tão bonito quanto o seu, Theikos."

Ele me deu um sorriso diabólico, apertando outro punhado da minha bunda. "Desde que seja legível para que todos saibam a quem eu pertenço."

O sangue de Malekai derramou sobre seu peito enquanto eu começava a esculpir meu nome sobre seu coração. Não fiquei nem um pouco surpreso quando senti seu pau endurecer ainda mais dentro de mim.

Quando terminei de esculpir a última letra, os tentáculos carmesins da minha magia se derramaram na ferida. Malekai me agarrou a ponto de machucar enquanto ele levantava os quadris e começava a deslizar para dentro e para fora de mim. A adaga caiu da minha mão na cama enquanto eu sucumbi ao nosso prazer.

Malekai rolou, me prendendo embaixo dele novamente. Lambi uma faixa na lateral do pescoço dele antes de afundar minhas presas em sua carne. O efeito do meu veneno foi imediato. Gritei em êxtase ao redor da minha boca cheia enquanto Malekai rosnava, e suas estocadas se tornaram brutais novamente. Depois de me permitir vários goles, eu o soltei quando outro orgasmo começou a subir, fazendo meu núcleo agarrar seu comprimento como um punho.

Malekai deu uma risada sombria, diminuindo a velocidade de seus golpes. Ele lambeu minha garganta e me beliscou com força antes de murmurar no meu ouvido. “Coisa gananciosa. Você vai ter que ganhar o resto dos seus orgasmos.”

Ele saiu de mim e ficou ao lado da cama. "De joelhos, Kalini." Com um olhar pesado, ele sorriu para mim com satisfação puramente masculina — sangue escorrendo pelo peito, abdômen e pau da marca que eu havia adornado seu peito — enquanto eu me ajoelhava a seus pés, ansiosa para adorar no altar de seu comprimento orgulhoso. Segurando seu olhar, acariciei os picos necessitados de meus seios, beliscando-os enquanto estendia minha língua e lambia uma faixa lenta e vertical em seu

comprimento. Um sorriso escuro abriu meus lábios. "Você vai me deixar gozar se eu for uma boa menina?"

O olhar de Malekai escureceu ainda mais, rosnando profundamente enquanto ele envolvia sua mão em volta de um punhado do meu cabelo, expondo minha garganta para ele. "Você quer ser minha boa menina, Mareina?"

Eu gemi minha afirmação em volta da cabeça do seu pau. Com qualquer outra pessoa, esse tipo de coisa me faria querer estripá-los como um porco, mas com ele, eu estava *vivendo* para isso.

Seu aperto em meu cabelo aumentou. “Eu quero suas palavras.”

Lambi meus lábios em ansiosa antecipação enquanto segurava seu olhar. “Serei uma boa menina. Só para você.”

Ele deu um grunhido de aprovação enquanto o olhar que ele me lançou praticamente prometia violência. “Engula cada gota desse esperma, e vamos ver o quão bom você é em implorar.”

Eu cantarolei meu prazer enquanto pegava o comprimento duro e sedoso dele e comecei a acariciá-lo em conjunto com os cuidados da minha boca. O pré-sêmen floresceu na minha língua, estimulando meus esforços. Minhas mãos o acariciaram em conjunto com os cuidados da minha boca, e os quadris de Malekai começaram a empurrar contra meus movimentos. " *Porra*, *Mareina.* Este é o único lugar onde meu pau pertence. Sua boca linda, bunda voluptuosa e esta boceta linda e carente."

Eu choraminguei concordando, me afastando para respirar. Esbanjando seu pau com beijos de boca aberta da base à cabeça enquanto eu segurava seu olhar. Minhas palavras estavam cheias de adoração. *"Tão fodidamente perfeito."*

Desci por seu comprimento, levando o máximo que pude para o fundo da minha garganta. Não quase todo, mas jurei que um dia seria capaz. Malekai segurou minha cabeça pelos cabelos enquanto bombeava em minha garganta, enchendo o ar com ruídos vulgares e molhados que atiçavam minha excitação. Saliva escorria pelos cantos da minha boca, pingando descendo pelo meu pescoço e peito. Passando as mãos sobre a bagunça, acariciei meus seios e provoquei meus mamilos.

Malekai gemeu com a visão. “Porra, Mareina… Tudo isso é para mim?”

A emoção riscou minhas bochechas, e minha voz ficou ofegante com reverência. “Tudo para você, Malekai.”

Girando minha palma em um movimento suave de torção sobre sua coroa enquanto acariciava o resto dele, Malekai começou a foder minhas mãos, e ele forçou meu olhar de volta para o dele ao agarrar minha garganta. "Implore pelo meu gozo, *tessari mú."*

Eu segurei seu olhar, derramando todo o amor e desejo que eu tinha por esse macho, enquanto lambia, chupava e beijava todo o seu comprimento.

“Por favor, Malekai. Preciso de você inteira. Preciso do seu coração. Da sua alma. Da sua mente. Do seu corpo e do seu pau perfeito, junto com cada

gota de esperma que você tem para dar. Preciso de você como preciso do ar nos meus pulmões.”

Os olhos de Malekai brilharam enquanto sua mandíbula flexionava. Ele soltou meu cabelo e me levantou do chão em um movimento rápido para me espalhar debaixo dele na cama. Minhas pernas se separaram e, enquanto eu olhava entre nós, vi o sangue cobrindo minhas coxas. Um gemido ofegante saiu de mim enquanto ele deslizava de volta para dentro de mim.

“Meu,” Malekai rosnou enquanto ele estocava com golpes profundos e firmes. Meus olhos seguraram os dele enquanto eu respirava minha resposta. *“Seu.”*

Seu polegar retornou ao meu clitóris, já encharcado com minha excitação e sangue, fazendo outro orgasmo surgir, suave e formigante. Minhas costas arquearam, e minhas unhas cravaram em suas coxas poderosas. Os quadris de Malekai gaguejaram enquanto ele me enchia com calor líquido. *"Li Saro, Mareina." Eu te amo. "Nesta vida e na próxima."*

“Eu te amo em todas as vidas, Malekai.”

Seus golpes suavizaram, e seus olhos mergulharam para onde estávamos unidos. Eu podia sentir seu esperma escorrendo de mim. "Olha como você é perfeita, cheia do meu pau, meu esperma e meu sangue."

Ele se afastou de mim brevemente para empurrar seu esperma vazando de volta para dentro. Satisfeito que sua semente estava onde deveria estar, ele se inclinou para perto, roçando seus lábios contra os meus. "Case comigo, Mareina."

Minha respiração ficou presa, e o movimento de varredura das pontas dos meus dedos ao longo de suas costas parou. Quando hesitei, a vulnerabilidade brilhou em seu rosto. “… Considerando tudo o que aconteceu nos últimos dias, este pode não ser o melhor momento, mas—

"Sim."

Meus olhos queimaram com doce alívio, a ameaça da minha emoção escapando. Malekai se afastou um pouco para pegar minha expressão. Um sorriso aguado surgiu em meus lábios. *"Sim."*

A expressão de Malekai endureceu como se tentasse reprimir sua própria emoção. “Sim, você vai se casar comigo?”

Eu assenti, com muita emoção obstruindo minha garganta para falar.

Os olhos de Malekai brilharam enquanto procuravam os meus antes que sua boca capturasse a minha, e seus braços me envolveram para me pegar em seu colo. *"Minha esposa."*

CAPÍTULO

QUATRO

NAKOA

Meu sono tinha sido irregular e quando finalmente acordei, foi com uma dor aguda no meu peito. *Na minha e na de Mareina.* Algo tinha mudado, e intuitivamente, mesmo sem meu Saber, eu sabia o que era. A raiva queimou minhas veias. Por seu número crescente de traições. Dele *porque* ele ousou reivindicar o que por direito me pertencia. A outra metade da minha alma.

Acima de tudo, eu estava furioso comigo mesmo porque sabia que não importava o quanto eu tentasse ignorar o fato, eu sabia que ela tinha se ligado a outro homem por causa de como eu a havia tratado. As palavras de Miroslav ecoaram em minha mente.

"Se você não valoriza a alma ligada que Akash lhe deu, não deveria se surpreender quando ela for roubada de você."

Antes que o ciúme e o desespero pudessem me consumir, forcei-me a sair da cama, vestindo calças e uma camisa. Os corredores da ala norte, quase abandonada, do palácio estavam abençoadamente vazios enquanto eu me dirigia para a cela da masmorra da minha *mãe* .

Uma visão tomou conta de mim, me fazendo tropeçar e o mundo tombou.

Peanut e Bellona passaram correndo por mim, latindo alegremente e abanando o rabo enquanto corriam para os braços abertos de uma Mareina ajoelhada e sorridente.

A visão roubou meu fôlego como um soco, esmagando meus pulmões.

Eu podia sentir tanto a alegria e o amor do meu futuro quanto a angústia do meu eu presente, envenenando-o.

Os olhos de Mareina se ergueram para os meus, sua expressão gaguejando por um momento. Sua boca formou palavras que desapareceram como fumaça no vento —

A visão desapareceu, e percebi que tinha parado no meio do corredor. A cabeça de Thalia se inclinou enquanto ela me estudava com grande interesse. "Isso acontece com frequência?"

Soltei um grunhido evasivo e continuei nossa caminhada pelo corredor.

"Você está tendo visões, não?"

Diante do meu silêncio, ela continuou, imperturbável com minha grosseria. "Eu conhecia alguém que tinha."

Meus olhos finalmente deslizaram para os dela por um momento. Sua expressão assumiu uma dureza repentina, como se estivesse sofrendo com uma lembrança. "E?"

Sua carranca se aprofunda. "E eles estão mortos."

"… Não foi isso que eu quis dizer."

Os olhos dela se voltaram para os meus, irritados. "Você realmente não facilita para alguém gostar de você, sabe. Pensei que estávamos tentando ser aliados."

Uma pequena pontada de culpa se acumulou em meu peito. “Acho que não sou muito bom em… *isso.”*

Thalia me deu um sorriso perscrutador antes de me dar um tapinha nas costas com a força de um ogro. “Nem eu… Agora, vamos levá-lo até sua mãe, *príncipe petulante.”*

Meus olhos se estreitaram, mesmo que um canto da minha boca se curvasse. “Eu não sou petulante.”

Ela bufou uma risada. “Espinhoso? Ah, sim. Isso combina. *Pequeno* …” Os olhos de Thalia me deram um olhar superficial de lado “… O *gigante príncipe espinhoso…”*

Eu cantarolei em consideração. “Hmmm… não tem o mesmo som.”

Thalia revirou os olhos, sorrindo. “Devo acrescentar mesquinho? Perspicaz? *Pontual?”*

Eu bufei. “Você acabou de me ensinar uma palavra nova.”

Thalia riu, balançando a cabeça enquanto chegávamos nas masmorras. Diante da minha hesitação, Thalia arqueou uma sobrancelha. "Então o que aconteceu com sua amiga, se não se importa que eu pergunte?"

Tristeza brilhou em seu rosto. “Ela disse que os resultados às vezes mudavam. Nada era garantido. Tudo dependia de nossas decisões e escolhas. Algo sobre lições e repeti-las infinitamente até que realmente as aprendêssemos.”

A ansiedade apertou meu peito. Eu só podia rezar para que, de alguma forma, Mareina e eu aprendêssemos *rapidamente* quaisquer lições necessárias para que pudéssemos ter amor entre nós um dia, como tinha aparecido em minha visão.

Thalia se virou, continuando a descer os degraus da masmorra. “Vamos lá… Esse lugar me dá arrepios.”

É verdade que a mulher era encantadora, mas mesmo sem o aviso de Miroslav sobre Thalia, que aos poucos foi se aprofundando em minha mente, ela foi muito prestativa quando se tratou de abrir a porta da masmorra da minha mãe, e isso só me deixou ainda mais desconfiado dela.

Como diabos ela sabia como abrir essas portas escondidas e seladas por magia?

Como se lesse minha mente, ela balançou seus dedos delicados para mim para mostrar um anel simples e desavisado. “É uma herança de família; corta proteções.” Ela pressionou uma mão contra a parede que enfeitava a porta da cela de Zurie, e aquela estranha barreira efêmera apareceu com runas brilhantes. Thalia abriu a porta uma fresta antes de piscar para mim e se virar para sair.

“O que aconteceu com o harém?”

Thalia hesitou por um momento, se virando para olhar para mim. “Eles estavam ansiosos para agradar e ainda mais ansiosos para serem livres. A

maioria deles, pelo menos. Alguns deles pediram para ficar, mas ainda assim juraram silêncio.”

“Ficar para quê? Lealdade a Zurie?”

Thalia balançou a cabeça. “Eu não acho, não. Acho que eles estavam apenas com medo de voltar para onde quer que tenham vindo.”

“Mesmo depois de você ter se oferecido para dar a eles a moeda que precisavam para recomeçar?”

As sobrancelhas de Thalia franziram, franzindo a testa. “Dinheiro nem sempre resolve o problema.”

Eu resmunguei, nem em concordância nem em decência. “Talvez. Mas isso soa muito como algo que só alguém que nunca conheceu a pobreza diria, princesa.”

Algo escuro brilhou atrás dos olhos de Thalia. No momento seguinte, desapareceu, rapidamente substituído por um sorriso condescendente que me fez vê-la com novos olhos. Puxei meu Saber, mas ele permaneceu em silêncio.

“Bem, então, por todos os meios, oh grande e poderoso Rei, por que você não tenta e vê se todo o dinheiro que você acabou de roubar irá curá-los de uma vida inteira de—

“Calem suas bocas de merda. Isso está me irritando, e eu estou com uma maldita enxaqueca”, Zurie gritou de dentro do calabouço. Sua voz estava estranhamente rouca, como se estivesse áspera de tanto gritar e chorar.

Empurrei a porta completamente para descobrir que ela tinha permanecido exatamente onde eu a tinha deixado, esparramada no chão do calabouço. Só que agora...

Puta merda, ela está morrendo?

Zurie conseguiu revirar os olhos vermelhos que ela se esforçou para recuperar da parte de trás da cabeça. Sua voz era pouco mais que um coaxar. *“Aetra.”*

A realização tomou conta de mim. Claro, ela teria abstinência depois de meia vida inteira usando essa droga.

Thalia deu um passo à frente para dar uma olhada mais de perto, algo como preocupação real distorcendo suas feições. *“Oh, Zurie…”*

O rosto de Zurie endureceu em um olhar rancoroso. “Por que você se incomodaria em fingir que se importa?”

Thalia franziu a testa, sustentando o olhar de Zurie por tempo demais para ser insignificante antes de se virar silenciosamente e ir embora.

Dei um aceno de cabeça com pena para Zurie. Seus olhos se fecharam com força como se estivesse engolindo uma dor nas costas antes que ela conseguisse falar novamente. "Você veio fazer seu voto?"

Não pude deixar de soltar uma risada sarcástica. “Vim para que você me apresente ao meu pai.”

“Assim que você prometer o que concordamos, mais um suprimento de aetra.”

“Verdadeiramente, sua ilusão não conhece limites.”

Suas feições de boneca afrouxaram com dormência. “Prefiro o termo *otimismo,* Vossa Majestade.”

A resposta dela *quase* me fez rir. “Levante-se.”

Ela franziu os lábios, altiva, apesar de estar coberta de sangue e sujeira e *morrendo* . "E por que exatamente eu faria isso sem o seu voto?"

“Porque, por algum motivo, você escolheu me entregar no momento em que me deu à luz.”

Sua expressão vacilou com minhas palavras. “Só se você me der aetra. Você não precisa me dar mais nada. Só o aetra.”

Puta merda. Essa mulher estava disposta a sacrificar tudo só por aetra. Eu me agachei ao lado dela, estudando suas feições... Nossas semelhanças. Algo como compaixão se contorceu em meu peito enquanto eu observava seu estado desesperado, suavizando minha palavras, infundindo uma calma em minha voz que eu não sentia. Baseado apenas no tom, alguém poderia pensar que eu estava murmurando chavões e garantias para ela.

“Vou arrasar e queimar os campos de aetra em cada Ilha Kahlohani. Vou proibi-lo em Atratus. Você nunca toque aetra novamente.”

O silêncio se estendeu entre nós enquanto ela segurava meu olhar e assimilava a verdade das minhas palavras. A resignação se instalou em sua expressão.

“Eu não quero mais ficar aqui.”

“… A masmorra?”

“Aqui como em… Vivo. Neste reino.”

“Então, porque você não pode mais ter aetra, você prefere morrer e ir para um reino infernal?”

Ela deu uma risada amarga. “Querido, isso *é* o inferno.”

Olhei ao redor do calabouço. No que diz respeito a calabouços, não era tão ruim assim. Eu já tinha passado por coisas muito piores. Primeiro, não havia nem ratos. Eu *odiava* ratos, graças ao punhado de prisões em que passei um tempo.

E ela nem tinha sido torturada ainda.

“Se você acha que retiradas de aetra e um pouco de solidão em uma masmorra são a pior forma de sofrimento imaginável, então você levou uma vida muito privilegiada.”

Zurie rolou, me dando as costas. “Oh, eu estou bem ciente. Se você acha que esta é minha primeira vez nesta masmorra, você também está errado.”

Meu Saber sussurrou as mesmas palavras que eu havia falado para Mareina há apenas uma semana. *Verdadeiramente, monstros são feitos, não nascem.*

Não pude deixar de me perguntar o que esse mundo fez com essa criatura distorcida que a tornou tão grotescamente desumana.

No entanto, naquele momento em particular, não tive tempo nem paciência para refletir sobre isso.

Permiti que um minúsculo fio da minha magia deslizasse através das barreiras de carne e osso, apoderando-se dos seus pulmões e atraindo-a o ar deles. Uma pontada de culpa percorreu meu corpo enquanto eu observava suas costelas se contraírem, tentando e falhando em respirar. Depois de alguns momentos, ela rolou, arranhando seu peito e garganta. Sua testa endureceu com raiva e angústia enquanto ela segurava meu olhar.

"Se você acha que vou deixar você morrer tão facilmente, você está gravemente enganado. Vou passar cada maldito momento aqui ao seu lado neste *inferno*, torturando você até que você me leve para o meu pai. O fato de que *isso* é um inferno para você me mostra o quão privilegiado e protegido você é."

Sua luta diminuiu, seus olhos reviraram na parte de trás da cabeça.

Ahhhh, não, você não precisa.

Zurie ofegou, tossindo e respirando com dificuldade para recuperar o fôlego.

"Como estamos nos sentindo agora? Agradáveis?"

Zurie olhou para mim, mas eu já havia infligido tortura suficiente ao longo dos anos para reconhecer a amarga submissão dos meus inimigos.

"Eu quero sair desta masmorra. Eu quero meu quarto de volta. E eu quero sua palavra de que nenhum mal me acontecerá."

Inclinei a cabeça, sustentando seu olhar penetrante e cristalino.

"Não te devo nada, Zurie. Ou você faz o que te mandaram, ou vai descobrir métodos de tortura que vão fazer você implorar para que Mors te resgate."

Virei-me, caminhando de volta para a porta. O som de farfalhar atrás de mim era a evidência de sua persuasão. Em vez de viajar pelo corredor que levava *para fora* da masmorra, ela nos levou mais para dentro, em direção a uma sala circular com uma porta em arco. Um raio de sol se derramava no centro da sala onde havia um estrado. Runas estavam esculpidas no chão, e quanto mais nos aproximávamos, mais poderoso o zumbido da magia se tornava. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

"Você me lembra muito ele", Zurie murmurou com surpreendente suavidade.

Meu coração começou a bater com força nervosa. Sonhei a vida inteira em conhecer meu pai. E pensar que ele estava no calabouço de Zurie esse tempo todo.

Ela subiu até o centro do estrado e *arrancou* um pedaço de carne do pulso com as presas. Sangue derramou, e ela começou a murmurar palavras em uma língua desconhecida. As runas cruzando a plataforma circular de pedra sobre a qual ela estava brilhavam com uma luz sobrenatural.

Mas como? Ela estava usando uma porra de uma coleira de paládio.

Naquele mesmo momento, seus olhos, iluminados pela satisfação, ergueram-se para os meus. "Não há poder neste mundo que possa sufocar a magia das palavras ou a magia em seu sangue."

O chão sob nossos pés começou a tremer e o olhar de Zurie voltou-se para o meu enquanto ela gritava para ser ouvida, seus olhos brilhando com excitação sombria. "Ele pode me matar, sabia?"

Quando meus olhos se ergueram das runas para os dela, seu sorriso se alargou. “Só você tem força para impedi-lo de me matar se eu estiver usando esta coleira de paládio.”

Ela parecia inteiramente satisfeita em deixar seu destino nas mãos da rede esfarrapada da minha compaixão.

“E se eu pudesse trazer Mareina de volta para você?”

Suas presas de alguma forma brilharam na sombra enquanto seu sorriso se tornava impossivelmente largo. *Puta manipuladora do caralho.*

“É possível que você tenha sido tão cercado por bajuladores chupadores de cu que perdeu seu talento para manipulação?”

Zurie gargalhou enquanto o chão sob nossos pés se estilhaçava antes de parar, e prendemos a respiração por vários momentos.

"E tenho certeza de que a única pessoa que odeia você mais do que eu é ela. Você terá que me perdoar se eu não tiver fé em suas capacidades de realizar tal façanha."

Pelo sorriso no rosto de Zurie, você pensaria que eu disse algo encantador. “Por vontade própria, minha querida. E se eu poderia fazê-la voltar para você? Para lhe dar uma chance real… E *eliminar* a competição.”

Desgosto e algo mais sombrio me inundaram. “A única coisa que coloco acima do meu próprio bem-estar é o dela. E por mais que eu o ressinta, se há mais alguém que irá protegê-la neste mundo, é ele. Não vou tirar isso dela, mesmo que seja às minhas próprias custas.”

A expressão de Zurie estava marcada pela decepção. “Você realmente é filho do seu pai.”

CAPÍTULO

CInco

NAKOA

NÃot que a tentação não estivesse lá, mas eu não tiraria dela a única pessoa em quem ela confiava. Isso além do fato de que minhas numerosas e irreprimíveis visões me mostraram exatamente o que aconteceria se eu tentasse roubar Mareina dele. Ela me odiaria, e isso não me daria nenhum destino que eu desejasse para nenhum de nós.

Dominá-la, forçá-la como eu fiz era uma coisa, mas tirar a única pessoa neste mundo que ela amava...

Meu pau doía de necessidade enquanto imagens de Mareina tão lindamente nua, amarrada e amordaçada sob mim vinham à mente. Minha mente chegou a conjurar o gosto dela na minha língua enquanto eu a devorava. Até meu rabo se enrolou em volta da minha perna, apertando forte com desespero.

De alguma forma, por mais horas que eu tenha passado perto de Malekai, eu tinha sido capaz de discernir muito pouco sobre ele. Meu Saber só tinha inflamado ainda mais minhas inseguranças e me lembrado de todas as minhas deficiências. *E de seus pontos fortes.*

Justo quando comecei a duvidar do feitiço de Zurie, a pedra ao nosso redor estremeceu como se estivesse prestes a desabar sobre nós. Um canto da boca de Zurie se inclinou lentamente para cima, e o sangue começou a escorrer de seu nariz para sua boca enquanto um sorriso dividia seu rosto. Apesar quão louca ela parecia, eu podia ver uma fração da nossa semelhança, mesmo que fosse apenas pelo brilho enlouquecido e determinação em seus olhos.

O centro do estrado de pedra rachou e se estilhaçou antes que um *estrondo* de impacto causasse uma explosão de pedra e solo que me fez cambalear para trás. Poeira cobria o ar e quando me endireitei, foi para encontrar um macho enorme, alado, com chifres e cauda, curvado sobre a forma de Zurie. Seu pescoço estava dobrado em um ângulo não natural, e se não fosse pela maneira como seus dedos cravaram em suas costas, eu pensaria que ela estava morta.

Meu coração parou no peito. *Este é meu pai.*

Como se eu tivesse falado as palavras em voz alta, sua cabeça se levantou da garganta sangrenta e despedaçada de Zurie e virou a cabeça para encontrar meu olhar. Era quase como olhar em um espelho, embora ele parecesse uma fera selvagem libertada de sua gaiola. Ele até *parecia* ter a minha idade. Olhos negros vagaram por mim e, por um momento, a raiva contorcendo suas feições suavizou antes que ele olhasse de volta para Zurie. Os olhos dela brilharam enquanto ela encarava o ricto de sua fúria. "Não houve um dia que passou em que eu não sentisse saudades de você."

Com um rosnado, meu pai a largou como se ela fosse uma cobra venenosa e se virou para mim. Sangue escorria por seu pescoço e peito nus, angústia centenária contorcendo suas feições. Sua voz com sotaque soava como cascalho raspando pedra devido ao desuso. "Ela machucou você?"

“Eu… Não.”

Não diretamente.

Ele puxou o colar de paládio em volta do pescoço em futilidade, e eu prontamente o afastei. Ele abaixou a cabeça em gratidão enquanto garras longas e afiadas se fechavam em punhos, sangue escorrendo em poças de cada lado dele. *“Preciso me alimentar. Já volto.”*

Ele hesitou por um momento, aproximando-se de mim; seu olhar me examinou com uma intensidade que fez meus músculos ficarem tensos.

Muito surreal.

Apesar de todos os anos em que desejei ter tido um pai, a necessidade repentina de escapar dessa reunião bizarra era avassaladora.

Sem mais uma palavra e com um poderoso bater de asas, ele se lançou para fora da masmorra através da claraboia e desapareceu.

CAPÍTULO

SEIS

MARINHA

EU athrimos provou ser um homem propenso a explosões emocionais. Era cativante e, pessoalmente, um pouco perturbador. Nós dois estávamos voando há apenas uma hora enquanto ele me dava um passeio parcial pelo reino do meu pai, e ele já estava com lágrimas nos olhos. *Duas vezes.* Não que eu pudesse culpá-lo. Se algo acontecesse com Malekai, eu certamente não conseguiria manter uma conversa. Lathrimos prometeu que encontraria alguém para me ensinar a *dobrar* , mas insistiu que eu fortalecesse e me acostumasse com minhas asas.

Era fácil para ele falar, já que ele só tinha dois para carregar, enquanto eu tinha quatro.

"Pare de tentar voar *contra* a corrente. Você tem que deixar que ela o carregue."

Meu coração apertou dolorosamente quando as palavras de Nakoa retornaram à minha mente.

"Eu te peguei. Eu posso carregar nós dois - eu só preciso que você deixe."

Você é um hipócrita, eu disse a mim mesmo internamente.

A emoção queimou meus olhos, e não importa o quanto eu tentasse culpar nossa ligação, no fundo das partes mais escuras da minha alma que eu nunca permiti ver a luz do dia, eu sabia que meu desejo por ele era muito maior. Nakoa tinha basicamente pegado um cutelo para meu peito e inspecionei cada parte escura e distorcida de mim com uma porra de uma lupa. As partes de mim que eu sempre escondi de Malekai. Ou pelo menos tentei.

Como se para pontuar esses pensamentos, outra corrente de ar nos atingiu, nos varrendo 30 pés mais alto antes de desaparecer abruptamente, e de repente me vi mergulhando em direção a picos de montanhas geladas e afiadas como foices, com a intenção de me espetar. Caindo pelo ar, eu me debatia, gritando enquanto implorava para minhas asas pegarem as correntes de ar em constante mudança.

Akash todo poderoso, por que não estamos em uma praia quentinha?!

Um muro de pedra se chocou contra mim, forçando uma *lufada* de ar para fora dos meus pulmões, enquanto Lathrimos me agarrava em braços do tamanho de troncos de árvores.

No mesmo momento, a escuridão nos envolveu como um capuz antes de ser retirada, e fomos repentinamente atirados sem cerimônia na areia molhada.

"Puta merda", Lathrimos ofegou.

Minhas mãos tremiam enquanto eu gradualmente tentava retrair as unhas que eu tinha cravado na carne de seus bíceps. " *Por favor* … Não me

faça fazer isso de novo.”

Meu olhar saltou ao redor de nossos arredores tropicais e sonhadores. “Achei que você tinha dito que não conseguia *dobrar?*”

“Não posso. Isso foi tudo você.”

“Eu nunca fiz fold antes.”

Lathrimos deu de ombros como se não fosse nada fora do comum. “Seu poder aumentará exponencialmente aqui. Esta é sua casa. É espantoso para mim que você tenha vivido sua vida inteira com apenas uma pequena porcentagem dela... Como você sabia sobre este lugar, afinal?”

Minha adrenalina ainda estava alta por voar sobre aquelas montanhas malditas. Antes de nos dobrarmos, meu desejo de estar em uma praia agradável e quente havia apertado meu coração e produzido uma imagem em minha mente. Uma imagem idêntica à praia em que estávamos agora.

“Eu não. Eu vi isso na minha mente quando eu estava desesperado para sair do céu.”

Lathrimos franziu a testa, observando a praia isolada de Kailuma que nos cercava com um desejo palpável. “Este era— *é* o lugar favorito do seu pai em todo o Avernus.”

Outra sensação irritante de queimação tomou conta dos meus olhos, que eu prontamente afastei. “Gostaria de ter tido mais tempo para conhecê-lo.”

A voz de Lathirmos elevou-se pouco acima de um sussurro áspero enquanto ele olhava para o mar, que notei ter vários pares de olhos, alguns escuros, alguns luminosos, espreitando acima de sua superfície. Todos monocromáticos em cores. Um dos quais era um preto insondável.

Como o de Nakoa.

Meu coração deu outro golpe doloroso.

“Ele vai voltar… Pelo menos é o que eu continuo dizendo a mim mesmo.”

Tive que me lembrar que Lathrimos falou do meu pai.

A culpa se retorceu dentro de mim com a sensação. Malekai e eu tínhamos acabado de reivindicar um ao outro. *Estávamos noivos.* Eu *detestava* esse vínculo com Nakoa. E não importava o quanto eu tentasse resistir, negar e ignorar... Eu sentia muita *falta* dele. Eu doía e ansiava por ele. Havia um buraco enorme no meu coração que nem Malekai conseguia preencher, mesmo que ele permeasse todas as outras partes de mim.

Lathrimos *tirou* suas botas e deu vários passos para frente, ondas suaves chapinhando em volta de seus pés descalços e panturrilhas, enormes pontas de asas acinzentadas esculpindo as ondas rasas. Ele estava vestido apenas com armadura de couro e algum tipo estranho de saia feita de tiras largas do mesmo tecido. Eu só tinha visto ilustrações desse traje de batalha impraticável em livros de Terrenea.

Incapaz de resistir à água por mais um segundo, tirei *minhas* roupas e atravessei as ondas, gritando minha alegria antes de mergulhar na água a alguns metros de distância dele. Quando emergi, foi para encontrar um sorriso tomando conta de sua expressão antes triste. "Assim como seu pai."

A emoção apertou meu peito, e o sorriso de Lathrimos diminuiu um pouco. “Ele *vai* voltar. Não se preocupe.”

Percebi que as palavras foram ditas em voz alta tanto para ele quanto para mim, e de repente fiquei desesperado para mudar de assunto.

E por algum motivo, a primeira coisa que saiu da minha boca foi síndrome do impostor.

“Estou apavorado de não conseguir cuidar de Avernus do jeito que ele merece. Eu me apaixonei perdidamente por esse lugar em questão de dias, mas não tenho ideia de como governar um reino e tudo o que sempre fui bom foi em matar. Eu odeio *isso* .”

Lathrimos estava franzindo a testa novamente.

Porra.

Mantendo-me na água, tentei voltar minha atenção para o mar magnífico que nos cercava.

Lathrimos nadou ao meu lado, tendo se libertado de seu estranho traje de guerreiro. “Bem, para sua sorte, quase todo mundo aqui já está morto.”

Pisquei para ele, surpreso por ele ter feito uma piada de verdade antes que minha cabeça tombasse para trás com uma risada. Lathrimos riu, parecendo um pouco aliviado por eu ter sido agradado. Quando nossa risada morreu, ele ficou sério novamente. “Governar um reino no mundo dos vivos não é nada parecido com o que é aqui. Acho que você está sob a suposição muito *humana* de que governar este lugar terá as mesmas tribulações e obrigações que aqueles no mundo dos vivos têm.”

“Não?”

“Nem remotamente. Deixe-me lembrá-lo de que este lugar é eterno. Não há pobreza. Não há morte da maneira que você pensa. É um lugar de descanso para a alma entre as reencarnações e o retorno à Fonte *de Akash* . O que quer que uma alma deseje, ela pode conceder a si mesma. Aqueles que permanecem sem ou estão sofrendo, é autoinfligido — de dívidas cármicas e suas delitos costurados no mundo vivo — até que se curem e cresçam de dentro. E isso é algo que seu poder inato ajuda a sustentar.”

Fora do suave sussurro das ondas suaves beijando a costa, o silêncio pairava entre nós enquanto meu peito se apertava e a sensação de indignidade se aprofundava.

“Fora da morte, não sei nada sobre meu poder, Lathrimos.”

A testa de Lathrimos franziu-se de preocupação, balançando a cabeça enquanto ele examinava meu rosto em descrença. “A morte é apenas o começo do seu poder, Mareina.”

CAPÍTULO

SETE

ZURIE

"My, meu, como as marés mudaram…" Verdadeiramente, o som da voz de Azrael era o mais presunçoso em todos os reinos, apesar de sua ressonância sobrenatural. Ainda assim, a esperança tremulava em meu peito.

"Áetra."

O som do suspiro dele fez meu desespero retornar tão rápido quanto tinha ido embora. "Nós dois sabemos que isso não é uma boa ideia, Zurie."

Apesar do meu desespero, eu não conseguia reunir nenhum sentimento além de *dor* , deitado em uma poça do meu próprio suor e vômito enquanto as retiradas de aetra me alcançavam. Eu não conseguia nem me virar e encará-lo. Quando eu não me movia, além do meu tremor, o som das botas de Azrael esmagando as pequenas pedras no chão frio e duro que era minha nova cama parecia lâminas de merda em meus tímpanos.

"Seja legal, Az", uma voz rica e feminina murmurou da porta.

Thalia. Vadia intrigante.

Alguém poderia pensar que as traições e manipulações de toda a minha família ao longo da minha vida teriam sido uma lição suficiente para durar a vida inteira.

Ai, corações são feitos para perdoar. Até corações tão murchos quanto o meu.

Só houve duas pessoas na minha vida em quem eu realmente confiei. A primeira foi minha serva, Beatrice, quando eu era uma jovem mulher. Embora agora eu não fosse ingênua o suficiente para realmente acreditar que ela não teria me traído também no momento em que teve a oportunidade.

Uma das minhas irmãs mandou matá-la quando percebeu o quão próximas nos tornamos.

Muito perto.

Quando uma das minhas irmãs nos descobriu na cama juntas, ela imediatamente contou para minha mãe e meu pai. Ela mentiu e disse que Beatrice tinha me compelido com sua magia sanguinati e veneno. *Ela não tinha.* Se alguma coisa, *eu* tinha sido a pessoa que a compeliu.

Meus pais executaram Beatrice na minha frente. Isso foi seguido por uma surra cruel antes de me deixarem apodrecendo na masmorra por meses, sem ninguém além dos *ratos* para me fazer companhia.

Era por isso que agora eu sempre mantinha as masmorras quase sempre vazias e livres de roedores. Uma pequena misericórdia para quem quer que encontrasse minha ira ou meu *Irae.*

A última pessoa em quem eu confiava era Rumiel. O pai de Nakoa. Ele era a única pessoa com quem eu pensava que meu coração poderia estar

seguro. Ele era um Nephilim, afinal. Eles foram *feitos* para confiar e proteger. Para contar. Para ser obedientes e *bons.*

Quando percebi que ele só tinha entrado na minha vida, *no meu coração,* simplesmente para abrir um dos portais para os reinos de Azrael, só para poder me *deixar* ... Isso quase me matou.

Eu queria ser tudo para ele. Eu o *amava* . Verdadeiramente amado. Naquela época, eu teria dado minha vida para protegê-lo.

Por isso, eu não era muito para este mundo. Eles eram as únicas duas pessoas que emprestavam alegria à minha vida. Euforia, até.

E veja como terminou.

Quando descobri a manipulação de Rumiel, jurei que ele *nunca* seria capaz de me deixar, e o coloquei em uma tumba sob as masmorras. Descobri que estava grávida algumas semanas depois.

Que incrível coincidência que, assim que eu libertasse Rumiel, a única pessoa que poderia devolvê-lo ao seu lar, o próprio guardião de sua alma, retornaria ao meu lar pela primeira vez desde que o trouxera aqui.

Eu choraminguei entre o ranger dos meus dentes, me enrolando em mim mesma enquanto Azrael se agachava ao meu lado. Para minha surpresa, ele não comentou sobre o fedor nem sobre meu lixo. Ele simplesmente olhou para mim com pena. O homem amaldiçoado estava tão miseravelmente bonito quanto da última vez que o vi, algumas centenas de anos atrás. Suas feições não eram classicamente bonitas, mas sim algo marcante e inteiramente deles: pele pálida, cabelo preto azeviche perfeitamente penteado e olhos tão âmbar que eram dourados em meio a feições que eram de alguma forma afiadas e sensuais. E assim como havia sido há séculos, o terno que ele usava era feito sob medida para a moda estranha e justa de algum outro reino.

“O quê?” Eu resmunguei.

“Eu *esperava* que pudéssemos ajudar um ao outro.”

Típico.

Era tudo o que ele sempre quis. Mais favores. Pegar, pegar, pegar, assim como todo mundo.

Passos leves se aproximaram por trás até que Thalia ficou ao lado dele. Ou quem eu pensava que era Thalia. A mulher se moveu para revelar a irmã de Mors, a Deusa da Violência. Eu nunca a tinha conhecido antes, mas eu tinha visto sua efígie e ilustrações em livros didáticos. Eu poderia ter ficado surpreso se traição, mentiras e manipulação não tivessem sido a pedra angular de toda a minha vida.

Mais uma vez, só consegui dizer uma palavra.

“Áetra.”

Azrael e Keres trocaram um olhar de pena.

“Não cometerei o mesmo erro duas vezes, querida”, Azrael respondeu friamente, “mas se você estiver disposta, talvez eu possa conseguir algo para ajudar a aliviar momentaneamente a dor.”

A compaixão no rosto de Keres quase parecia genuína enquanto ela acariciava minha bochecha imunda com as costas de um dedo, deslizando até minha garganta. "Que tal tirarmos essa linda coleira, hm?"

CAPÍTULO

OITO

NAKOA

Minha paciência se esgotou tanto quanto a pedra da sacada do quarto em que eu estava entrando em um buraco. A agonia roedora da corda que me prendia a Mareina havia desaparecido para uma pulsação surda e, em vez de ser aliviada, havia aumentado minha ansiedade.

Você está perdendo ela.

Minha ansiedade abafou meu Conhecimento, e agora eu não conseguia nem distinguir entre ela e minha paranoia.

Uma noite sem lua havia caído e todos, até onde eu sabia, estavam dormindo profundamente. Ainda não havia sinal de meu pai retornando, o que só serviu para aumentar a tensão que me envolvia.

Em todos os meus anos, nunca pensei que ficaria tão desesperado pela presença de Miroslav. Projetei meus pensamentos e minha intenção no éter, *esperando* que eu pudesse ser ouvido.

Miroslava…

Silêncio.

Miroslav. Miroslav. Miroslav. Miroslav. Miroslav. Miroslav.

Mais silêncio.

"Ele está te ignorando."

Eu congelei no meio do passo ao som da voz grave e varri meu olhar para o lado do muro do palácio. Acima da sacada, encontrei meu pai empoleirado na sacada acima como uma gárgula. Pontas de asas musculosas e chifres apontavam como torres acima dele. Ele parecia mais animal do que fae. Ou o que quer que ele fosse. Uma pergunta que estava esculpindo minha sanidade desgastada porque eu nunca tinha visto um fae que exibisse meus traços físicos nem meus mágicos.

Caindo 20 pés de cima, ele levantou suas asas no último segundo para aliviar sua descida, enviando uma rajada de ar que soprou meu cabelo para trás. Meu pai pousou na minha frente com a furtividade de um felino. Seu cheiro, um que me lembrava madeira queimada e algo levemente doce como âmbar, estava misturado com vários outros, pontuado pelo cheiro metálico de sangue. Muito sangue.

Meus olhos se voltaram para as garras pretas, semelhantes a lâminas, apontando seus dedos.

Elas precisavam de um corte.

Os fae não precisavam de sangue para sobreviver, e eu certamente também não, mas talvez isso fosse *graças* a Zurie.

"Você consegue ler pensamentos?"

Ele balançou a cabeça, fazendo a longa e crescida camada de seu cabelo balançar, captando um brilho de luar que revelou uma faixa branca. "Emoção. Intenção. Desejo. Necessidades."

“Como você sabia para quem eu estava direcionando meus pensamentos?”

“Você estava projetando seus pensamentos deliberadamente. Alto. Minha mente já está aberta para a sua. Conectados porque somos do mesmo sangue e espécie.”

Meu coração pulou na garganta quando a pergunta finalmente chegou aos meus lábios.

“O que somos… *nós?”*

“Sua mãe não te contou?”

“Eu a conheci ontem.”

“Quero dizer, Leilani. Ela nunca te contou quem eu era?”

"Não."

As feições do meu pai se contraíram, iluminadas apenas vagamente pela luz fae que tocava a sacada. “Talvez tenha sido melhor assim. Teria tornado as coisas muito óbvias se você tivesse contado a alguém. Nós somos Nephilim.”

A palavra se estabeleceu em mim como uma afirmação, como se isso fosse algo que eu já sabia distantemente, mas nunca me dignara a reconhecer porque não tinha recursos para juntar as peças do quebra-cabeça. Eu só os tinha visto ilustrados em tomos históricos.

O fato de eu sempre ter acreditado que ele era um fada, com base apenas nas palavras da minha mãe, me fez pensar se eu sequer sabia seu nome verdadeiro.

“Minha mãe me disse que seu nome era Tavian.”

As sobrancelhas do homem franziram em descrença antes de sua cabeça inclinar para trás com uma risada que soou como pedras caindo.

“Taviano?”

Foi um alívio ouvir e *sentir* a risada do meu pai. Até um sorriso surgiu no meu rosto pela primeira vez em muitos dias desde que todos nós estivemos na casa de Val perseguindo pixies. A ausência de Mareina fez a lembrança parecer um vício em volta do meu coração.

“Você conhece um Tavian ou algo assim?”

A mão com ponta de garra do meu pai aperta seu peito largo enquanto ele continua a roncar de tanto rir. “Sim. Embora eu imagine que o macho já esteja morto agora. Ele era o Irae de Zurie e um idiota afetado. Miroslav e eu tínhamos um jogo contínuo que envolvia ele tentando cortejar Zurie com tudo o que ela odiava. Leilani sabia que o macho me irritava.”

Irae de Zurie.

A surpresa de que ele era aparentemente próximo da minha mãe *adotiva* e de Miroslav foi abafada pela queimadura da minha corda e da Mareina. Meu pai estremeceu como se isso *lhe causasse* dor. Felizmente, ele não pergunta sobre isso porque a última coisa que sinto como explicar a ele o estado absolutamente *fodido* do meu relacionamento com Mareina. Ou o fato de que ela me deixou por outro homem.

No momento em que o pensamento passou, sua expressão ficou dolorida, e isso realmente me fez pensar se ele também tinha um Conhecimento.

“Meu nome é Rumiel. Miroslav me falou muito sobre você ao longo dos anos… Eu até escolhi seu nome.”

“*Meu nome?* Você sabia sobre mim? Esse tempo todo?”

Ele assentiu, com uma emoção indecifrável brilhando nas duas poças negras do seu rosto.

“Mas… Se Miroslav sabia que você estava lá embaixo, por que ele não poderia ter te libertado?”

Um canto da boca de Rumiel se ergueu gentilmente em um sorriso triste. “Você quer dizer outra coisa além de enfrentar a ira de Zurie e, portanto, a morte certa porque ele jurou em sangue não machucá-la?”

Diante do meu silêncio, ele continuou.

“Zurie era a única capaz de abrir meu túmulo. Ela se certificou disso.”

Balancei a cabeça em descrença. “Mas certamente, havia alguma maneira de negociar com ela… *Alguma coisa.* Você acabou de passar 120 anos em uma porra de tumba! Esse tempo todo, você estava bem aqui! Eu poderia ter—

A emoção subiu pela minha garganta e tive que respirar fundo para aliviá-la. Os olhos do meu pai começaram a brilhar, e ele estendeu a mão para agarrar meu ombro.

“Você e sua *alma ligada* estão destinados a salvar Bellorum. Para que vocês dois se tornassem as únicas duas pessoas neste reino capazes de fazer isso, havia certas coisas que precisavam ocorrer para que vocês pudessem se tornar quem são hoje... Assim como um escultor martela e cinzela placas de mármore para criar suas obras divinamente inspiradas, todos nós somos esculpidos pelo destino...”

Indignação e raiva eram uma lâmina enterrada em meu peito.

Certamente, todo *esse sofrimento não era necessário.*

“… Mesmo que Miroslav *tivesse* conseguido me libertar, Zurie teria matado nós dois, e ele nunca estaria lá para te salvar quando você nasceu, ou no futuro. E chegará *um* momento em que você precisará dele.”

“… Ele me tirou dela quando eu nasci?”

A expressão de Rumiel escureceu. “Zurie ordenou sua morte quando ele disse a ela que você estava destinado a usurpar seu trono. E seu destino, deixado em suas mãos, se você tivesse crescido com ela...” A garganta de Rumiel afundou enquanto suas feições se contraíam ainda mais. “Teria destruído.”

Meus lábios se separaram em choque... Mas eu estou muito familiarizado com dor e traição. Não importa o quão terrível. Endurecer meu coração para isso é uma segunda natureza. Algo brilhou no olhar de Rumiel enquanto ele observava.

“Eu percebo que tecnicamente ela é sua mãe biológica, mas… talvez você não ficaria tão incomodado se algum acidente hediondo acontecesse

com ela? A menos que você… gostaria de conhecê-la, é claro.”

Risadas irrompem de mim, e nós dois compartilhamos um sorriso sombrio.

Nada como um pequeno assassinato e vingança para estreitar os laços entre pai e filho.

Minha risada morreu quando a compreensão tomou conta de mim.

“Você sabia que isso aconteceria? Miroslav sabia?”

Um canto da boca de Rumiel se levantou levemente em um canto. “Eu vivi por milênios, Nakoa. E viverei por muitos milênios mais. O que são cento e vinte anos nesse período de tempo se isso significa que eu vou poder compartilhar o resto da minha vida com meu filho?”

Ahhhhh, porra.

Endurecer meu coração à dor e à traição foi uma coisa...

Mas amor?

Porra, porra, porra, porra.

Minha mandíbula se apertou furiosamente enquanto eu *desejava que* meus canais lacrimais parassem de produzir solução salina. Parecia que eles eram o único órgão insuscetível à minha magia. *Akash, droga.*

De todas as revelações que Rumiel havia falado, a mais poderosa foi o fato de que esse homem havia vivido *voluntariamente* em uma tumba pelos últimos 120 anos para que eu pudesse me tornar quem sou hoje.

Incapaz de reprimir minha emoção, me afastei dele para encarar as montanhas que se avultavam à distância. Apertei meus olhos, respirando fundo.

Akash, por favor, por favor, por favor.

O que eu queria ainda mais do que seu abraço reconfortante era que ele não me desse, porque se ele desse, eu não seria capaz de lutar contra o soluço desesperado para escapar de mim. O fato de eu também poder *sentir* seu desejo de me abraçar, de me fazer sentir seu *amor,* só piorava tudo.

Ele se aproximou de mim para compartilhar a vista e um grande suspiro de alívio escapou de mim quando ele mudou de assunto, Deus o abençoe.

“Eu sou de um reino chamado Ouranissa. Você está familiarizado com ele?”

Eu só tinha lido sobre isso em textos históricos onde mencionava primatas, deuses, titãs, arquéstratos e nefilins que residiam para governar os reinos divinos e proteger os reinos do inferno.

Minha voz era um coaxar de emoção mal contida. *“Vagamente.”*

“Além de proteger Ouranissa, o reino divino de onde eu sou, eu servi Azrael, o Deus da Morte do reino Vassileon, como cortesão, ou ligação, de certa forma. Vassileo consiste em um reino divino vivo e múltiplos reinos infernais 'vivos' e 'após a morte'. Eu originalmente vim para Bellorum para negociar em nome de Azrael porque os reinos infernais estavam ficando inquietos e descontentes. Tanto os mortos quanto os vivos em Vassileo ansiavam pela liberdade do inferno. Eles começaram a se revoltar. E Bellorum e Avernus ficam do outro lado da barreira, mergulhando em

nossos próprios reinos vivos e posteriores. reinos da morte. Fui enviado aqui para pavimentar o caminho para o exílio deles, essencialmente… Foi assim que conheci Zurie."

Meu cérebro parecia estar agarrado a um barco a remo frágil em meio a um mar turbulento no meio de uma tempestade, considerando todas as revelações que Rumiel continuou a me inundar. Imaginar que se um reino não tivesse começado uma revolta, Azrael nunca teria enviado meu pai para cá, e eu nunca teria nascido, junto com todas as outras coisas infinitas que tiveram que ocorrer levando a isso... O fato de eu ter sido o líder da Revolta, uma revolta contra Zurie, fez tudo isso parecer bizarramente orquestrado demais para ser uma mera coincidência.

"Havia apenas um governante em Bellorum receptivo aos *avanços de Azrael.* "

Ah, deixa-me adivinhar.

Rumiel me deu um sorriso sem alegria. "Surpreendentemente, Zurie recusou."

Oh.

"Foi somente quando o Rei Hadriel tentou exterminá-los que Zurie abriu Atratus para eles."

Isso parece inconcebivelmente benevolente da parte dela.

Minhas lágrimas pararam de fluir, então finalmente consegui encontrar o olhar do meu pai. "Rei Hadriel? O velho rei sanguinati que começou o genocídio drakonati?"

Rumiel franziu a testa diante disso, o olhar apontando na direção de Hades, o continente além das montanhas que agora olhávamos. "O único... Ele permitiu que apenas os drakonati de Azrael buscassem o exílio."

Não consegui lembrar o que eu tinha lido apenas em livros de história sobre o que tinha acontecido tantos anos antes de eu nascer, mas até mesmo meu Saber permaneceu em silêncio. Esperei Rumiel explicar, mas, em vez disso, ele me pegou de surpresa novamente .

"Onde está Mareina?"

O som do nome dela sozinho é como um ferro de solda em chamas para o meu coração. "Não tenho certeza."

Na verdade, não é mentira. Não tenho ideia de onde Malekai mora, *se é que é lá que eles estão.*

As sobrancelhas de Rumiel se franziram fortemente enquanto seu olhar retornava aos picos distantes das montanhas. Suas palavras eram gentis. Ou pelo menos tão gentis quanto suas cordas vocais cicatrizadas podiam produzir.

"Ela foi embora?"

A aspereza da minha voz desmentia quanta dor eu estava enterrando. "Algo assim."

"Talvez ela esteja com o pai?"

Soltei uma risada sarcástica. O último lugar onde ela buscaria refúgio é com seu pai na casa dos pesadelos que é o Templo Erosyan.

“Você não poderia *pagar* Mareina para voltar ao Templo Erosyan.”

A descrença na expressão de Rumiel me deu um nó no estômago.

“Mors está hospedado no Templo Erosyan?”

Eu recuei. “Quem disse alguma coisa sobre—

Memórias me inundam, todas se entrelaçando para formar uma tapeçaria, e ainda outra percepção me invade quando meu Conhecimento se digna a falar comigo.

Seu pai é o Deus da Morte.

CAPÍTULO

NOVE

NAKOA

EU fechei os olhos contra o vento frio enquanto voávamos alto acima de Atratus, permitindo-me beber neste momento fugaz de paz. Voar ao lado do meu pai encheu meu peito com uma sensação que eu nunca tinha percebido que existia no espectro emocional, e eu não conseguia definir bem o que era.

Estava além da unidade porque isso se referiria a um coletivo se unindo para um propósito comum. Eu tinha sido abençoado por experimentar a unidade não por toda, mas pelo menos por uma parte significativa da minha vida: lutando e vivendo ao lado da minha *olana kah'hei* , indo para a guerra ao lado dos meus companheiros Kahlohani, a conexão que eu tinha com a mulher que me criou...

Mas minha euforia pacífica durou pouco. Ansiedade — medo — agarrou meu coração em suas mãos com garras. A vida me ensinou muitas vezes que esse sentimento lindo que eu nunca ousei imaginar experimentar nunca duraria.

O homem estava muito em sintonia com minha mente e emoções porque, enquanto cortávamos o céu como lâminas gêmeas, ele virou a cabeça para gritar por cima do vento.

“Quando você está tão perto, eu posso sentir suas emoções como se fossem minhas, Nakoa. Sua mente é como uma vela sem mastro o vento. Não permita que o medo o governe ou roube sua felicidade como Zurie fez.”

Suas palavras, apesar de sábias, inflamaram ainda mais meus medos.

Pelo canto do olho, pude ver que ele estava me observando enquanto voávamos. Depois de vários momentos, finalmente encontrei seu olhar.

“Mas *como?”*

Um canto dos lábios de Rumiel se ergueu em um canto da boca para revelar aquele leve sorriso que eu estava começando a conhecer.

“Há apenas um mastro que não se curvará ou quebrará sob os ventos sempre mutáveis de sua emoção, e você deve permitir que todas as outras emoções passem por você como a correnteza em suas asas.”

Prendi a respiração enquanto seu sorriso se esticava até se abrir e revelar as presas emoldurando um sorriso radiante.

"Amor."

O resto da nossa jornada foi silenciosa enquanto a semente das palavras do meu pai criava raízes na minha alma e virava meu mundo já em colapso de cabeça para baixo. Eu tinha vivido minha vida inteira governada pelas minhas emoções. Isso destruiu meu relacionamento com minha *alma* por causa disso, e eu podia sentir na minha alma que algo havia mudado.

Qualquer surpresa que eu pudesse ter sentido com nossa chegada ao templo do Deus da Morte foi grandemente amenizada pelas palavras do meu Conhecimento.

Eles nunca serão dois. Seu destino está ligado ao dele tanto quanto está ao dela agora.

Em vez de raiva, senti apenas tristeza e remorso. Minha mente brevemente voltou ao Sigilo de Mors que apareceu em seu braço quando tentamos fazer nossos votos *de alma* . visão que eu tive de Mareina parada em frente ao Rio Oblivion. O *Pharalaki* que sempre parecia segui-la onde quer que ela fosse. Tudo parecia tão óbvio agora.

Lembrando da sabedoria do meu pai, tentei liberar o medo e a tensão que se contorciam em meu estômago ao encarar Mareina pela primeira vez desde que quase nos matamos.

Antes que eu pudesse pensar mais nisso, meu pai colocou uma mão pesada sobre meu ombro e me lançou um olhar compassivo logo antes de uma das enormes portas de bronze com a efígie de Mors se abrir. Cada pelo do meu corpo se arrepiou quando um *Pharalaki* apareceu. Ele pareceu nos examinar brevemente antes de se virar para nos guiar pelo cavernoso saguão iluminado por tochas e por um corredor. As sombras pareciam ter olhos, fazendo meus pelos se arrepiarem.

“Cecil! Que bom ver você de novo depois de todos esses anos.”

Meu pai e o *Pharalaki* pareciam ter tido uma conversa silenciosa que terminou com meu pai jogando sua cabeça de cabelos longos para trás e rindo, como se *Cecil* tivesse dito algo muito inteligente.

Cecil se virou, desaparecendo na escuridão inquietante e sobrenatural do Templo de Mors.

“Mors é um sujeito adorável. Muito mais legal que Azrael. *Na maioria das vezes.* ”

Antes que eu pudesse responder a Rumiel, o *Pharalaki* parou abruptamente na nossa frente e abriu uma porta escondida que revelou um conjunto de escadas de pedra em espiral descendentes. Ele se afastou para nos deixar passar e, no momento em que o fizemos, ele voltou pelo corredor.

“Como você faz isso?”

Rumiel me lançou um olhar engraçado. “Falar com eles?” Ele deu de ombros pensativamente. “Você só precisa se libertar da prisão dos seus pensamentos, eu acho. Se você está apenas ouvindo o que está acontecendo dentro da sua cabeça,” ele explicou com um toque suave na minha cabeça antes de gesticular vagamente para o mundo ao nosso redor: “Você não consegue ouvir o que está acontecendo lá fora…”

Meu pai se virou e me deixou em pé no topo da escada enquanto descia os degraus escuros e em espiral. Uma brisa passou por mim, cheirando a campos florais, assim como um aroma mais distante fez uma pulsação dolorosa ecoar através de mim. *Rosas florescendo à noite.*

Foi tudo o que foi preciso para me incitar à ação. Desci correndo as escadas, de queixo caído quando elas se abriram para um campo de flores e gramas altas ondulando em uma brisa suave. Uma cadeia de montanhas distante a cercava e à minha direita corria o Rio Oblivion brilhando em um azul etéreo. Meu coração pulou e gaguejou ao ver a casa pitoresca a apenas cem metros de distância. Já *sabendo* que Mareina estava atrás daqueles muros.

Eu não dei a mínima se Malekai estava lá com ela.

Minhas asas se abriram, batendo pesadamente e me lançando no ar com meu pai logo atrás de mim. Voar em direção a Mareina foi como nadar das profundezas do mar, correndo em direção à superfície para respirar o ar que dá vida.

Como se um meteoro tivesse caído recentemente, uma grande cratera escureceu o chão onde eu caí. Ainda mais estranho, não havia porta da frente. Apenas a ausência de uma. Meus olhos se fixaram nas lascas de madeira salpicadas no chão, enviando uma lança gelada de medo através de minhas veias até que um momento depois, Mareina, de alguma forma parecendo ainda mais bonita do que eu a tinha visto pela última vez, apareceu na porta. Colocar meus olhos nela cortou minha respiração como um punho apertando minha garganta.

A tensão franziu suas sobrancelhas enquanto seus olhos iam de mim para Rumiel.

“Não tenho vontade nem energia para lutar com você, Nakoa.”

“Eu não vim aqui para lutar. Eu vim para ter certeza de que você estava bem. Miroslav me disse que você estava... indisposta.” *E porque eu sinto muito. Eu sinto muito pra caralho.*

As palavras estavam na ponta da minha língua, mas seu olhar estava fixo em meu pai, certamente reconhecendo quem ele era com base apenas em nossa semelhança.

“Você encontrou seu pai…”

Rumiel deu um passo à frente, curvando-se. “Vossa Majestade.”

Mareina pareceu levemente incomodada com o título, e não se incomodou em fingir um sorriso. “Estou aliviada em ver que vocês dois se reencontraram. É uma honra conhecê-los.”

“A honra é minha, Deusa da Morte.”

Mareina franziu a testa, balançando a cabeça sutilmente. “Sei muito pouco sobre meu poder, mas certamente espero que ele esteja em algo mais do que a morte.”

As sobrancelhas de Rumiel franziram. “Viver em Bellorum lhe deu uma percepção tão humana. Você esquece que a morte não significa apenas um fim, mas novos começos. Reencarnação. Nascimento. Alívio para os cansados. A limpeza de dívidas cármicas. Libertação para a alma... Sem essas coisas, os reinos cairiam no caos. É por causa da morte que somos salvos. A morte traz paz. Cura. Transformação.”

A expressão de Mareina gradualmente ficou tensa enquanto ela assimilava as palavras do meu pai. “E quanto ao sofrimento? Eu causei mais mortes do que qualquer ser deveria ser permitido e testemunhei em primeira mão a dor que a morte pode trazer.”

“Violência e morte são mutuamente exclusivas, e uma não precisa preceder a outra, Minha Rainha. Se você fala de tristeza, há muito a aprender com isso, assim como acontece com todo sofrimento. É uma parte necessária do crescimento dentro dos reinos físicos.”

O olhar de Mareina suavizou-se, mesmo que parecesse que o peso do mundo estava sobre seus ombros. Seus olhos verdes profundos se voltaram para os meus, fazendo minha respiração ficar presa novamente.

“E quanto a Zurie?”

“Vivo… Por enquanto.”

As feições de Mareina se contraíram enquanto ela assentia. “Sinto muito, Nakoa… Sinto muito por nunca ter lhe contado a verdade. Eu—

Meu peito apertou com culpa. Embora eu ainda sentisse um pouco de traição, eu entendia o raciocínio dela. Eu também reconheci que não tinha dado a ela um motivo para confiar ou ser leal a mim. E tendo ela parada aqui na minha frente, de repente eu não dei a mínima para nada disso.

Eu só *a queria.* Eu queria minha *alma ligada.* Minha rainha. A mulher destinada a ser *esposa* , eu rezei.

“Não sinta. Palavras não são suficientes para expressar o remorso e a vergonha que sinto por minhas ações passadas.”

Mareina limpou a garganta, concordando gradualmente. Minha mente buscou palavras que não vinham, e, felizmente, meu pai quebrou o breve silêncio.

“Onde está seu pai?”

A expressão de Mareina se contraiu quase imperceptivelmente. “Visitando outro reino.”

Olhei para meu pai. Não pude deixar de me perguntar o quanto ele conseguia detectar por trás das palavras de Mareina. O aperto de desconfiança e cautela através da minha corda e da de Mareina me disse que ela estava escondendo algo. Se Rumiel percebeu, ele não disse nada e apenas assentiu em aceitação.

Mareina respirou fundo enquanto segurava meu olhar, algo como culpa estremecendo em sua expressão. “Tem algo que preciso te contar.”

CAPÍTULO

DEZ

ZURIE

"Meu filho não ficará satisfeito em descobrir que você está me permitindo tais luxos," murmurei enquanto olhava ansiosamente para minha piscina de banho. Azrael cantarolou. "O que ele vai fazer? *Me matar?"*

Meus olhos se voltaram para os dele assim que ele se virou para sair. Algo molhado começou a vazar dos meus olhos quando me vi olhando para minha piscina, enquanto ela se enchia de água fumegante e perfumada. Eu já tinha esfregado meus dentes e lavado a camada de sujeira que me cobria quando estava no chuveiro, e agora eu queria um banho de verdade. Limpando a água desperdiçada que escorria pelas minhas bochechas, dei as costas para Keres, para que a infeliz fêmea não testemunhasse. Sabiamente, Keres e Azrael se recusaram a me deixar tomar banho em paz, embora este último tivesse se resignado a caçar Miroslav. Por que eles achavam que eu teria alguma ideia de seu paradeiro estava além da minha compreensão. O macho estava conspirando contra mim desde antes mesmo de nos conhecermos.

Tanto Azrael quanto Keres estavam procurando pela Deusa da Vida, Perséfone. Não fiquei surpreso quando eles escolheram *não* revelar o porquê.

Os olhos de Kere em meu corpo nu pareciam o raspar de uma lâmina quando entrei no banho. Cada pelo do meu corpo se arrepiou com o calor delicioso, e não me incomodei em abafar meu gemido.

Azrael manteve sua promessa e conseguiu algo para ajudar com a dor. Era um pequeno comprimido cor de argila que ele disse que ajudaria a bloquear os receptores de dor no meu cérebro. Aparentemente, era uma droga do reino amplamente humano, Terrenea. Os efeitos pareciam colocar um pequeno curativo sobre uma ferida aberta de faca, *mas* reduziu minha febre e diminuiu a dor lancinante na minha cabeça o suficiente para ficar de pé.

Afundar-se sob a água quente da piscina foi melhor do que qualquer orgasmo que qualquer homem, fora Rumiel, já me deu. Meus olhos se fecharam enquanto eu me inclinava para trás e pensei que eu poderia até mesmo tirar um cochilo como este. Com alguma sorte, talvez eu me afogasse, e eu não teria que lidar com nada disso mais. Menos pelas abstinências ou pelo tempo que passei na masmorra e mais devido à traiçoeira falta de amor deste mundo.

Você não fez nada para merecer amor, a voz tênue e quase imperceptível da minha consciência sussurrou. Claramente, eu não tinha argumento. O abismo no meu peito aumentou.

"Há outra coisa sobre a qual gostaria de falar com você."

Minha irritação aumentou. “Ah? É para se desculpar por sua decepção em me fazer acreditar que você era outra pessoa?”

“Não pensei que você me entreteria de outra forma.”

O som de pés descalços pisando contra os ladrilhos fez meus olhos se abrirem. Minha respiração ficou presa no local de sua nudez. Embora eu tivesse visto a forma nua de Thalia, graças ao glamour, esta foi a primeira vez que vi o corpo nu de Keres. Músculos flexíveis, a pequena palma cheia de seus seios empinados e com pontas rosadas. Suas pernas longas, magras e musculosas. E o rosto sem pelos de sua boceta bonita.

Minha voz continha muito menos veneno do que eu pretendia. *“O que você está fazendo?”*

De repente, fiquei com ciúmes da água na altura da cintura lambendo seu corpo enquanto ela silenciosamente caminhava até mim, segurando meu olhar com olhos escuros e prateados. Seus olhos caíram para meus seios e depois mais *para baixo* , todos visíveis sob a água límpida. Um sorriso tímido inclinou seus lábios quando ela me pegou olhando para os picos tensos de seus seios.

“Se você quer saber, *estou propondo.”*

CAPÍTULO

ONZE

QUERES

Fou por algum motivo, eu estava nervoso. Eu nem conhecia essa mulher. Os deuses sabiam por que meu coração estava batendo como um pássaro pego nos ventos de uma tempestade. Os lábios de Zurie se separaram em choque quando me aproximei dela. Ela ficou sentada olhando para mim com grandes, lindos, azuis, olhos de corça.

"Propondo?"

"Em breve, assumirei o trono de Ishra e adoraria fazer de você uma rainha."

A boca de Zurie se fechou bruscamente, o olhar se deslocando para algum ponto distante na parede atrás de mim. "Não tenho desejo de ser uma rainha."

Porra.

Que porra de moeda de troca eu tinha se ela não queria nada do que eu tinha a oferecer? O que mais eu tenho a oferecer além de... Poder?

"Estou cansado de ser manipulado. Cansado de usar máscaras. De lidar com pessoas que não querem fazer nada além de me explorar. E embora eu possa não merecer, tudo o que eu quero agora é paz."

Meu coração apertou quando seus olhos se ergueram para os meus, brilhantes e cheios de lágrimas. "Leve-me deste lugar. Dê-me liberdade e conforto para fazer o que eu quiser, e eu o aconselharei da melhor forma possível. É tudo o que tenho a oferecer."

Três objetivos me levaram a Atratus. O primeiro, eu já havia cumprido matando minha antiga *alma presa* para que ela reencarnasse e esquecesse tudo sobre meu irmão, Mors, que a roubou de mim.

A segunda era me aliar a Zurie quando eu assumisse o trono de Ishra quando o pai de Thalia faleceu. No entanto, quando minha sobrinha e sua *alma ligada* de repente derrubaram Zurie, fui forçado a repensar meu plano.

Inicialmente, pensei em me insinuar com Nakoa, o futuro rei, mas nunca fui particularmente parcial com homens, *e* ele parecia irreversivelmente obcecado pela minha sobrinha. Sem mencionar que a ideia de roubar *a alma de alguém* era algo que eu estava tendo dificuldade em engolir, considerando que eu sabia o quão horrível era. Eu era um monstro de muitas maneiras, mas havia pelo menos *algumas* coisas que nem minha consciência conseguia suportar.

E então percebi que Zurie seria perfeita para governar ao meu lado. Eu não sabia nada sobre governar um reino. Ela poderia me aconselhar. Claro, eu aceitaria o conselho dela com um grão de sal porque eu queria ser amada e adorada por um reino — não odiada — como ela.

Meu objetivo final e terceiro em vir aqui era encontrar Miroslav para que ele pudesse me dizer onde Perséfone, a Deusa da Vida, estava se

escondendo no exílio para que ela pudesse me dizer onde e quando Soteira, minha *antiga alma ligada,* reencarnaria. Talvez até mesmo convencê-la a acelerar o processo se tal coisa fosse possível. No entanto, eu ainda seria forçado a esperar pelo menos trinta anos ou mais para que ela se tornasse uma mulher relativamente madura que fosse mental e emocionalmente compatível comigo.

E agora, essa mulher perversa na minha frente estava mexendo com as cordas do meu coração.

Bagunçado. Isso vai ficar muito, muito bagunçado, Keres, uma voz distante na minha cabeça murmurou, em um tom entediado, se eu tivesse interpretado corretamente.

As emoções eram coisas tão inconstantes, e eu já era tão propensa à impulsividade. E daí se compartilhássemos um flerte? Poderia durar um dia ou uma década. Não havia muita vantagem em se preocupar com o que o futuro traria quando se tratava de tais assuntos. Eu tinha sido traída muitas vezes pelas pessoas que mais amava em todos os reinos. Se compartilhássemos uma conexão profunda e o prazer mútuo pudesse ser obtido, eu levaria minha alegria onde pudesse encontrá-la.

Na minha hesitação em responder, algo como exaustão e decepção se instalou no rosto de Zurie enquanto seus olhos se moviam em direção a um ponto distante na parede atrás de mim. Ousei dar um passo mais perto, entre suas coxas separadas. Com as costas do meu dedo, limpei uma lágrima presa em seus cílios longos e claros e a levei à minha língua. O leve cheiro da doce excitação de Zurie ondulando pelo ar fez meu coração se revoltar em sua gaiola.

"Eu lhe darei tudo o que você possa precisar e desejar, contanto que você permaneça *leal* a mim. Lealdade, acima de tudo, é o que eu valorizo."

Os olhos de Zurie se ergueram para os meus, arregalados com uma emoção indecifrável.

"Por que você deseja ser uma rainha?"

Meu coração gaguejou outra vez quando a verdade escapou dos meus lábios antes que eu pudesse impedi-los. "Eu desejo ser amado."

A expressão de Zurie endureceu, fazendo meu estômago revirar com a necessidade de ganhar sua aprovação. "Quero fazer o bem no mundo e ser apreciada por isso…"

Prendi a respiração enquanto Zurie me estudava abertamente por vários momentos. "Governar um Reino é um trabalho ingrato. Mesmo quando tentei governar com mão gentil, fui recebido com ódio e oposição."

A mão de Zurie se levantou para entrelaçar seus dedos com os meus sob a água e me puxou gentilmente para seu colo. Meu coração pulou na minha garganta enquanto eu montava nela, e algo dolorosamente familiar apertou meu peito como se tentasse diminuir a distância entre nós. A cada respiração, meus seios roçavam os dela, atiçando ainda mais nossa excitação enquanto borboletas pesadas giravam em minha barriga.

“E se você deseja ser amado por um Reino, eu sou o pior de todos para aconselhá-lo. Temo não ter nada a lhe oferecer verdadeiramente além de companheirismo, mas se você estiver disposto a jurar sua lealdade a mim, eu lhe oferecerei o mesmo.”

Algo feroz e possessivo surgiu dentro de mim enquanto minha esperança florescia. Minha mão livre se enrolou em volta de sua garganta, e minhas presas se alongaram em antecipação. Com o desejo de reivindicá-la. Algo que eu não sentia desde Soteira, minha *alma atada.*

“Onde está sua *alma presa?”*

Suas sobrancelhas franziram como se eu tivesse arruinado nosso momento, mas não pude deixar de perguntar. “Se eu tenho um, não vi sinal deles. Onde está o seu?”

A dormência abafou minhas emoções ao pensar nela. Soteira.

"Morto."

As sobrancelhas de Zurie se franziram ainda mais. “Oh… desculpe.”

“Não sinta. Eu a matei.”

Zurie prendeu a respiração, os olhos se erguendo para os meus. Fechei a pequena distância entre nós e, pela primeira vez em quase um milênio, meu coração disparou. Seus lábios eram macios e macios. Um doce alívio do mundo duro ao nosso redor que parecia desaparecer de uma vez. A realidade se estreitou para apenas ela. A sensação de nossos corações batendo como um, o doce deslizar de nossos lábios e a carícia de nossas línguas, a excitação formigante pulsando entre minhas coxas.

Eu gemi enquanto me forçava a interromper nosso beijo. Havia uma série de questões a serem cuidadas antes que eu me entregasse a essa fêmea, corpo, alma e voto.

“Vamos nos vestir. Azrael retornará a qualquer momento.”

A decepção em seu olhar era flagrante. Não pude deixar de sorrir e a recompensei mordendo seu lábio inferior com força suficiente para romper a pele. Seu sangue floresceu em minha língua para conferir uma doçura como mel âmbar cru e escuro. Zurie gemeu um suspiro de prazer enquanto eu chupava seu lábio inferior em minha boca para roubar mais algumas gotas, liberando-o com um *estalo alto* e lambendo meus lábios. *"Delicioso."*

Zurie se arqueou em minha direção para capturar minha boca novamente, mordendo violentamente meu lábio inferior. A surpresa foi rapidamente substituída pelo desejo enquanto o sangue escorria livremente por nossos peitos. Meu aperto em sua garganta aumentou enquanto minha outra mão alcançava entre suas coxas e possessivamente segurava sua boceta.

"Limpe isso", ronronei em seu ouvido. Afastei-me para ver sua reação e encontrei um sorriso que combinava com o meu. Ela se inclinou para frente, lambendo listras grossas no meu peito, garganta e boca. Quando sua língua alcançou os picos rígidos dos meus seios, ela segurou meu olhar enquanto continuava a lamber nosso sangue.

Oh meu Deus.

Recompensei sua obediência circulando firmemente seu clitóris e mergulhando dois dedos em sua boceta apertada. Ela choramingou contra minha garganta enquanto seus quadris empurravam contra minha mão no ritmo de meus golpes. Não demorou nada mais do que uma única palavra sussurrada para eu perceber que eu mataria por essa fêmea.

“Queres.”

Sua língua passou rapidamente pelo pico do meu seio antes de sugá-lo para dentro de sua boca quente e úmida. Seus dedos alcançaram o centro pulsante de mim em uma carícia suave e provocante que me deixou desesperado por mais. Obedientemente, ela continuou lambendo o restante do meu sangue. "Eu quero mais", ela murmurou contra minha garganta. Meu coração apertou.

“Desculpe interromper, mas você sabe que estou esperando há mais de uma hora.”

Azrael.

Nenhum de nós vacilou em nossos cuidados um com o outro, embora eu não pudesse deixar de cantarolar meu prazer enquanto Zurie rosnava. *"Deixe-nos."*

“Bom, essa é uma maneira de falar com as pessoas”, Azrael comentou em um tom entediado. Virei a cabeça para encará-lo parado ao lado da piscina. “Preciso encontrar sua sobrinha.”

“Como eu saberia onde ela está? Eu mal a conheço.”

O olhar de Azrael pousou em Zurie. “E você por acaso sabe o paradeiro da sua nora?”

Zurie franziu os lábios, estreitando os olhos. “Não me diga que seu povo ainda está se revoltando.”

Soltando um suspiro, Azrael enfiou as mãos nos bolsos de suas calças pretas estranhamente modeladas. “Bem, se você aprender a tirar o livre arbítrio de alguém, me avise.”

Os lábios de Zurie se curvaram em um sorriso que parecia nada menos que vil. “Parece-me que você precisa de um favor bem grande, não é?”

A expressão de Azrael endureceu. “Assim como libertá-lo de provavelmente passar o resto da vida apodrecendo em uma masmorra *e* dar-lhe alívio de suas abstinências.”

Zurie cantarolou pensativamente para si mesma antes de retornar à sua tarefa de sugar meus seios e provocar meu clitóris. Eu nunca seria capaz de gozar se Azrael não fosse embora. Ele me contou algo sobre sua situação, embora eu não soubesse os detalhes ou a gravidade. Ainda assim, ele foi gentil comigo quando poucos outros o foram. Eu parei os movimentos de Zurie inclinando seu queixo para cima com um dedo indicador curvado. "Diga-nos onde ela está, minha querida."

A vulnerabilidade que passou pela expressão de Zurie fez meu coração apertar. Sua garganta se esforçou para engolir, hesitando. Inclinei-me para sussurrar minhas garantias contra sua bochecha. "Lembra do que eu disse? Contanto que você seja leal a mim, eu lhe darei tudo o que você precisa.

Você não precisa usar uma máscara ou manipular qualquer um para conseguir o que você precisa ou quer.” Eu pontuei minha promessa pressionando um beijo demorado no canto de seus lábios.

Zurie estudou meu olhar por um momento como se estivesse tendo algum debate interno antes de finalmente falar. “Não tenho como rastreá-la, mas tenho certeza de que se você encontrar minha antiga general, Malekai Theikos, ela não estará muito atrás.”

Enquanto ela dava a Azrael instruções para a casa do General Theikos, meu coração se encheu de afeição por dar esse salto de fé. *Em mim.*

Eu prometi internamente provar a ela que não estava fora do lugar.

“Ele é um dos seus de qualquer maneira”, ela acrescentou.

As sobrancelhas de Azrael saltaram de surpresa. “Ah?”

“Os pais dele se mudaram do Hades para cá… Acredito que você também o reconhecerá.”

Os lábios de Azrael se separaram como se percebesse. Meu olhar dançou entre os dois em uma pergunta silenciosa e Zuried respondeu. “A última vez que Azrael esteve aqui, ele negociou comigo que eu permitisse que alguns de seu povo de Vassileo buscassem exílio aqui. Para proteger suas identidades, fizemos com que toda a documentação declarasse que eles eram originalmente de Hades... E em troca, ele me deu *aetra.”*

Azrael bufou. “Você pensou que eu tinha te dado uma erva.”

Zurie franziu a testa. Azrael colocou uma garrafa de alguma coisa no chão ao lado da piscina. “Tente racionar, ou não vai durar o resto das suas abstinências.”

Com isso, Azrael *se* afastou, deixando Zurie e eu sozinhos. Seu olhar permaneceu na garrafa ao lado da piscina. Tracei a ponta do meu nariz contra a coluna de sua garganta.

“Venha para Ishra comigo.”

CAPÍTULO

DOZE

MALEKAI

"*Não foi isso que combinamos.*" O couro rangeu quando agarrei a tachinha de Ceres com tanta força que o couro rangeu ao som inesperado da voz de Miroslav.

Porra.

Eu já tinha culpa suficiente me percorrendo por ter reivindicado Mareina sem tentar falar com Nakoa primeiro. Não que ele teria sido remotamente receptivo. Nossa discussão provavelmente teria terminado em derramamento de sangue, mas pelo menos eu teria *tentado.*

Se não fosse por outra razão, pelo menos para garantir seu bem-estar, porque eu sabia que não importava o quanto ela me amasse, eu nunca seria capaz de substituir seu *vínculo de alma* com Nakoa.

Miroslav me rodeou para bloquear a porta do estábulo de Ceres. Minha raiva explodiu com seu tom de advertência, mas diminuiu tão rápido quanto veio. E enquanto eu estava cheio de mais alegria do que eu já tinha conhecido, ela estava contaminada pela culpa e vergonha.

Dito isso, Miroslav era um homem intrometido, testando minha paciência.

"Não *concordamos* em *nada* ."

A expressão de Miroslav aguçou suas feições já severas. "Você não tem ideia de quais perigos, quais *entidades,* nos aguardam do outro lado do véu metafórico que separa nosso mundo do deles! Eu posso *sentir* isso enfraquecendo! Ela *precisa* de sua *alma ligada* para alcançar seu maior poder! Para o bem de todos nós! Você não tem bússola moral? Quem é você para interferir?"

Eu nunca, nas muitas décadas em que o conheci, o ouvi levantar a voz fora de agitar a multidão no anfiteatro de Zurie. O que tornou sua mensagem ainda mais preocupante e fez minha culpa se contorcer dentro de mim como uma lâmina de merda.

"A única bússola moral que tenho infalivelmente me aponta na direção do que é do melhor interesse de Mareina. Se você realmente se importasse com ela, você seria um pouco mais hesitante em forçá-la nas mãos de um homem que tentou *assassiná* -la em um acesso de raiva."

As palavras tinham gosto de cinzas na minha língua porque, embora o que eu dissesse fosse verdade, eu sabia que Miroslav estava certo, e eu estava com vergonha e medo de admitir isso. Mesmo que a única razão pela qual Nakoa não estivesse morto fosse o fato de que ele era *a alma de Mareina,* e apesar dos meus próprios desejos egoístas, eu não tinha desejo de causar a ela nenhum sofrimento desnecessário.

A voz de Miroslav saiu pouco mais que um silvo enquanto seu poder pressionava sobre mim. Parei meus passos, os pelos se arrepiando. A besta

dentro de mim jogou a cabeça para trás e rosnou. Minhas presas se alongaram, e as pontas dos meus dedos latejaram com a necessidade de soltar minhas garras. Tentando respirar um pouco de calma, lentamente me virei para encará-lo enquanto um largo sorriso se estendia pelo meu rosto.

“Você se tornou *muito* confiante em exercer seu poder sobre seres mais fracos, *orixá*. Você sabe o que eu sou. Onde está sua bússola moral para tentar minha besta a causar morte e destruição em todos nas proximidades deste palácio?”

A magia de Miroslav recuou, mas foi seu olhar de decepção que fez minha raiva vacilar. “Seus pais eram *ligados à alma.* Imagino o que eles teriam a dizer.”

Miroslav se dobrou antes que eu pudesse reunir uma resposta para aquela pequena escavação passivo-agressiva. Rosnei, voltando-me para o estábulo de Ceres. Observando-me com olhos escuros, arregalados e *sem julgamentos* , ela bufou enquanto eu acariciava sua bochecha e colocava sua tachinha sobre a porta do estábulo. "Pronta para sair daqui, doce menina?"

Eu coloquei uma maçã na minha mão, e o focinho macio de Ceres avidamente a devorou da minha palma. Nem um segundo inteiro se passou antes que o baque de um casco contra a porta de uma baia soasse atrás de mim. Um sorriso torceu meus lábios, aliviando minha tensão, enquanto eu me virava para encontrar Chihiro jogando sua crina preta indignado na baia em frente a Ceres. "Não se preocupe. Eu trouxe lanches para você também, 'Hiro."

Meu coração batia asas jubilosas ao som musical de dentes tilintando enquanto eu sacudia a caixa de bronze esculpida. Por quase um século, eu escondi meu pequeno tesouro de presas, molares e incisivos que antes pertenciam aos machos que violaram Mareina. *Antes,* ela havia se tornado a guerreira temível que era agora. Parecia surreal que a hora de presenteá-la finalmente tivesse chegado.

Terminei de reunir algumas das minhas coisas e as ferramentas necessárias para criar a aliança de casamento que sempre sonhei em fazer para ela — uma forjada pela minha fera.

Meu coração batia forte junto com as batidas dos cascos de Ceres enquanto uma alegria como eu nunca havia conhecido enchia meu peito até explodir.

E como é bizarro que essa alegria possa ser roubada de mim em apenas alguns segundos.

Tão consumido pela minha euforia, eu só vagamente notei que a rua normalmente movimentada da minha casa estava estranhamente vazia. Uma aura dourada apareceu à distância, crescendo constantemente em tamanho enquanto um poder desconhecido caía em cascata sobre mim como uma cachoeira forte.

Minha alegria foi cortada como uma guilhotina na cabeça de sua vítima quando uma estrutura larga com olhos dourados se manifestou. A boca do macho era um flash sinistro de branco sorridente. “Meu, meu… Sua semelhança com ele é impressionante. Quantos anos você tem?”

O que?

Minha besta rosnou baixo enquanto o fogo drakonati lambia as palmas das minhas mãos. Antes que eu pudesse empunhá-lo, uma picada como a de uma vespa atingiu a parte de trás do meu pescoço. Levei minha mão ao pequeno ferimento, e meus dedos roçaram um dardo de metal. Minha visão já estava embaçando quando o arranquei.

Meu corpo ficou frio e entorpecido enquanto afrouxava e cedeu antes de deslizar para fora da lateral de Ceres. Eu não conseguia nem me preparar para o impacto antes de atingir o chão. O som de osso estalando alto em meus ouvidos com o impacto. Lutando para manter a consciência, o único fio de pensamento que me mantinha acordado era o de Mareina. O alívio me inundou quando me lembrei de que ela estava segura em seu reino, Avernus.

Eu quis que meus olhos permanecessem abertos enquanto o macho na minha frente tomava forma e caminhava em minha direção, vestido inteiramente de preto. Ele se ajoelhou a centímetros do meu rosto e roçou os dedos nas marcas reivindicadoras de Mareina no meu pescoço. O toque irradiava tanto poder que os pelos do meu corpo se arrepiaram e se esticaram em direção a ele como se fossem chamados por alguém ou *algo* familiar.

“Agora, tudo o que temos a fazer é esperar.”

CAPÍTULO

TREZE

MARINHA

BA julgar pela expressão no rosto de Nakoa, você pensaria que eu o informei que ele havia perdido um talher, e não sua *alma atada* — apesar do vínculo entre nós queimar tanto que fiquei surpreso por não estar cuspindo bile. A culpa deu um nó em meu estômago, e meu coração se partiu ainda mais com a nossa realidade. Enquanto eu amava Malekai mais do que a própria vida, a necessidade profunda da alma por Nakoa era inegável.

"Eu ainda governarei ao seu lado em Atratus, mas também tenho responsabilidades aqui que exigem minha presença."

O olhar negro de Nakoa não revelou nada, pois permaneceu preso ao meu. "Parabéns, Mareina."

A dor contida em suas palavras foi o suficiente para esmagar meu peito.

"Obrigada", consegui dizer fracamente.

"Quando posso esperar que você se junte a mim em Atratus?"

"Quando você precisa de mim?"

As mãos de Nakoa se fecharam em punhos ao lado do corpo. "O mais rápido possível. Estou apenas esperando você ao meu lado para que Zurie me declare Rei, para que possamos agendar uma coroação dupla o mais rápido possível. Quanto mais esperarmos, mais tempo meu povo permanecerá escravizado. Eu também solicitaria que sua consorte o acompanhasse. Ele é meu general, afinal, e tenho toda a intenção de mantê-lo a meu serviço. Espero que ele não tenha planejado abandonar seus deveres."

Minha cautela retornou, os olhos se estreitando. "Se você pensa em me manipular através dele, posso prometer que não hesitarei em lhe dar muito mais motivos para me odiar."

Um canto da boca de Nakoa se ergueu em um sorriso sem alegria. "Essa é a última coisa que eu quero, Mareina."

A tensão se enrolou firmemente entre nosso silêncio. Incapaz de suportar, meus olhos pousaram em Rumiel. Fora seu longo cabelo preto ostentando uma única mecha branca, a maior diferença em sua aparência estava principalmente na aparência mais robusta e marcada de Nakoa. Fora a massa de músculos que eu não pude deixar de notar, com ele estando sem camisa e tudo, ele parecia não ter uma única cicatriz ou mancha.

A magia poderosa, porém silenciosa e inquisitiva de Rumiel explorou a minha como se ele estivesse procurando por algo. Assim que abri minha boca para falar, senti o toque visceral de alguém roçando os dedos contra a nova marca reivindicadora em meu pescoço. Um tremor poderoso percorreu meu corpo inteiro enquanto um pânico tão intenso crescia em meu peito que achei difícil respirar.

“Algo está errado.”

Sem pensar mais, me vi passando por eles e saindo da casa. No momento em que passei pela soleira, minhas asas se abriram, dando batidas poderosas antes de me lançar em direção à entrada do templo do meu pai.

Porra, como eu desisti *antes?*

“Mareina, deixe-me ajudá-la.”

Virei a cabeça e vi Nakoa e Rumiel voando rapidamente ao meu lado.

“Segure minhas mãos”, gritei para os dois por cima do vento.

Antes que eles tivessem a chance de perguntar o porquê, eu dobrei minhas asas com força e estendi meus braços. No momento sem fôlego que comecei a cair, Nakoa e seu pai se lançaram para agarrar meus braços.

Concentrei-me no espírito de Malekai, em sua presença, enquanto silenciosamente cantava seu nome.

O espaço e a ausência de luz nos engoliram por inteiro. Um momento depois, um buraco no tecido do universo se abriu, e nós estávamos na sala de estar de Malekai.

O nome de Malekai saiu da minha garganta ao ver sua forma enorme e prostrada no chão como uma árvore derrubada. Caí de joelhos, agarrando sua carne abençoadamente quente com minhas mãos e sacudindo-o para acordar.

“Devo dizer que estou bastante impressionado com seu timing.”

O som da voz profunda e cadenciada de um homem desconhecido fez minha magia transbordar em tentáculos vermelhos e retorcidos enquanto me virava para encará-lo.

Antes que eu pudesse falar, Rumiel deu um passo à frente, e não perdi a corrente oculta de presságio na rouquidão de sua voz grave e quebrada. *“Azrael.”*

"Rumiel", Azrael sorriu, os olhos deslizando para Nakoa e estudando-o de uma forma que fez meus pelos se arrepiarem, "vejo que você produziu descendentes durante seu tempo sem coleira."

“Se Malekai foi ferido de alguma forma—

“Ele vai acordar logo, não se preocupe... Peço desculpas por empregar um método tão bruto, mas eu tinha que encontrar uma maneira de tirá-lo de Avernus e afastá-lo dos olhos curiosos do palácio de Zurie.” O olhar de Azrael voltou para Nakoa e Rumiel brevemente. “Embora eu veja que foi um exercício de futilidade.”

Minha voz caiu para um rosnado. *“Diga-me por que você está aqui.”*

Por um momento, Azrael hesitou enquanto algo parecido com nervosismo estremecia sua expressão.

“Tenho dois favores que imploro que me conceda: preciso que você abra seus reinos, Avernus e Bellorum, para alguns dos meus cidadãos que ficaram inquietos dentro dos limites dos meus reinos… *E* preciso que você me ajude a encontrar alguém.”

Balancei a cabeça em descrença. “Por que eu faria qualquer coisa disso?”

“Receio que você não tenha escolha, *mas* se decidir ser receptivo, ganhará um aliado poderoso.”

Nakoa, Rumiel e eu respondemos ao mesmo tempo.

"Não."

Azrael franziu a testa. “*É uma inevitabilidade.* ”

“Então a sua morte também.”

Azrael bufou sarcasticamente. “Por mais que eu quisesse que a solução fosse tão simples assim, não é. Meu poder é a única coisa que protege meus reinos dos seus. Então, por mais tentadora que a morte seja, ela só inflamaria ainda mais a situação.”

“Bem, então, se for esse o caso, que diferença faz?”

“Quando os cidadãos dos meus reinos infernais chegarem, vocês *vão* me querer como aliado. E eu posso garantir, não sou fácil de matar. *Acredite em mim, eu tentei.* ”

Meu *arcano* , como Malekai o havia chamado, *queimava* enquanto minha magia se contorcia sob a superfície, desesperada para ser liberada. Embora eu possa ter sido poderoso comparado a alguns, contra alguém como Azrael, seria pura ilusão pensar que eu poderia vencê-lo. Ele vinha fortalecendo e exercendo seu poder por tempos imemoriais. Eu tinha apenas 120 anos e havia desenvolvido apenas um fragmento do meu poder.

“Acho que você terá uma melhor compreensão das coisas se eu simplesmente lhe *mostrar* . Se quiser, juro com sangue que te devolverei.”

Se fosse uma escolha entre ir com Azrael e potencialmente salvar minha alma presa, e todo o reino, de uma morte lenta e sangrenta, ou não ir e ser forçado a permitir que Azrael abrisse um buraco entre nossos mundos... Então, não havia decisão a ser tomada.

Nakoa se colocou entre nós. “Mareina não vai a lugar nenhum com você.”

Tocar em Nakoa pela primeira vez desde que ele me resgatou enviou uma onda de emoção através de mim quando coloquei minha mão em seu peito.

“Está tudo bem. Esta é uma das nossas muitas obrigações como governantes, visitar outros reinos e reinos vizinhos e distantes. Se o que ele diz for verdade, este problema é tanto nosso quanto dele.”

A expressão de Nakoa ficou abalada enquanto ele balançava a cabeça veementemente. “Então eu irei em seu lugar.”

Balancei a cabeça enquanto Azrael falava. “Temo que isso não seja uma opção, *Vossa Majestade.* ”

Azrael estendeu uma mão longa e elegante que incitou o rosnado de Nakoa. “*Toque nela, e você vai perder uma porra de uma mão.* ”

Aquela pequena e desnutrida flor de amor que Nakoa plantou nas profundezas do meu coração floresceu sob sua proteção.

Ele nunca me daria permissão, e eu não permitiria que ele sofresse algum mal enquanto eu estivesse vivo para evitar isso. Meu olhar se voltou para Azrael, que segurou meu olhar com conhecimento de causa enquanto

falava com Nakoa. "Diga ao seu amigo que eu *doei* o cavalo dele para o cavalariço de Zurie."

Os olhos de Azrael ficaram da cor de chamas rugindo para a vida enquanto eu *me dobrava* na frente dele e pegava sua mão. O rugido de Nakoa ecoou em minha mente enquanto a escuridão, juntamente com a gravidade tão poderosa, tirava o ar dos meus pulmões e levava o conteúdo do meu estômago em direção ao meu esôfago. No momento seguinte, meus pés atingiram um piso de mármore com tanta força que o impacto reverberou pelos meus ossos e nos meus dentes. Azrael me agarrou pelos ombros para me firmar enquanto a culpa afundava na boca do meu estômago.

Engolindo a bile, me movi para observar o ambiente. Meus lábios se separaram enquanto meu pescoço se esticava para cima para alcançar a altura dos edifícios imponentes cujas torres e picos estavam escondidos por nuvens bem acima. Navios e outras... *coisas* ... voavam pelo ar na nossa frente. Minha respiração ficou presa em um suspiro quando o forma inconfundível de um enorme *drakonati* voou acima de nós, bloqueando o sol e nos lançando em sua sombra. Seu corpo tinha pelo menos o comprimento de uma dúzia de homens, com uma envergadura de mais que o dobro disso.

“Às vezes esqueço o quão lindo e inspirador é Ouranissa até testemunhar a expressão de um recém-chegado.”

Fiquei boquiaberto enquanto observava suas escamas vermelhas, creme e douradas, todas em tons variados, brilhando e cintilando sob o sol como se fossem feitas de metal, embora ondulassem nas correntes de ar como um fluido desafiando a gravidade.

“Eles ainda estão vivos…”

“Oh sim, temos muitos deles. Embora seja provavelmente melhor você evitar chegar perto deles.”

Meus olhos finalmente deslizaram de volta para os dele enquanto os drakonati desapareciam ao redor de uma das torres altas. "Por que isso?"

As sobrancelhas de Azrael franziram como se eu tivesse acabado de fazer uma pergunta com uma resposta muito óbvia até que algo como realização se instalou em seu rosto, e ele me presenteou com um sorriso presunçoso. "Eles podem ser bem... possessivos."

Ele girou nos calcanhares e desapareceu através de um conjunto de portas de sacada de vidro peculiares que deslizavam abertas paralelamente à parede externa. “Venha… Deixe-me mostrar Ouranissa.”

CAPÍTULO

CATORZE

MALEKAI

E O som de vozes distorcidas me tirou de um sono tão profundo que nem mesmo os sonhos conseguiam entrar. Meu corpo parecia uma âncora afundando na fossa mais profunda do mar. E parecia... *bom.* Pacífico. Nessa escuridão, sem pensamento, apenas ser, não havia nada a temer ou lutar. *Finalmente.*

Vozes distantes e raivosas gotejavam em minha consciência, agitando ainda mais meu estado de vigília. Ao rosnado áspero da voz de Nakoa, memórias retornaram, e a realidade se instalou, dando lugar a um profundo conhecimento interior de que algo tinha dado terrivelmente errado.

"Onde ela está?" Eu rosnei.

O silêncio que me foi apresentado fez com que o medo gelado aumentasse ainda mais minhas veias. Virei-me para encontrar Nakoa parado ao lado de quem eu só podia presumir que era seu pai. A magia do macho era inquisitiva e gentil quando se apresentou à minha. Isso me lembrou do jeito da minha espécie. As apresentações eram feitas não apenas com breves saudações verbais, mas com aromas e toques mágicos. Seus olhos seguraram os meus com um certo conhecimento que me disse que ele sabia o que eu era.

As palavras de Nakoa eram um rosnado cortado enquanto ele me explicava o que ocorreu durante meu lapso de consciência. O homem parecia estar mal se contendo para não rasgar meu cabeça fora. Não que eu pudesse culpá-lo. Eu também iria querer me matar se estivesse no lugar dele.

Embora naquele momento nós dois reconhecêssemos tudo, exceto a questão de trazer Mareina de volta, tivemos que ficar em segundo plano.

"Ela foi de livre vontade? Com… *Azrael?"*

As feições de Nakoa se contraem com o que só posso presumir ser sua culpa e vergonha. Soltei uma risada sem alegria, balançando a cabeça enquanto dava a ele meu olhar mais enojado.

"Eu nunca vou entender como você a trata de forma tão descuidada. Constantemente a colocando em perigo. Você não tem ideia do que ela passou. Ela precisa ser... *Protegida* pelo menos uma vez na vida."

Nakoa parecia querer arrancar minha cabeça, e minha raiva queimava tão intensamente que eu *queria* que ele tentasse. Em vez disso, sua culpa era desmentida pela leve curvatura de seus ombros.

"Eu aceito a responsabilidade pelos erros dos meus caminhos."

Sua admissão desinflou muito da minha raiva. Meus dedos encontraram o caminho até o presente de Mareina, a caixinha de dentes no bolso interno da minha jaqueta, como se isso fosse me acalmar. Aliviada por encontrá-la ainda lá, eu a *mandei* embora em segurança.

“Então, como chegamos a Vassileo?”

A expressão do pai de Nakoa, de alguma forma, conseguiu ficar ainda mais sombria. “Era uma vez portais. Um punhado deles está localizado em Bellorum, mas apenas uma pessoa pode abri-los além de Azrael.”

Não fiquei surpreso ao ouvir o nome de Zurie sair dos lábios do pai de Nakoa. O medo afundou em meu intestino, como uma bigorna afundando no fundo de um mar turbulento.

"Zurie? Por que diabos Azrael—Esquece. Tem que haver outro jeito. Onde está Miroslav?"

“Provavelmente com minha mãe.”

Eu olho rapidamente para Rumiel. “Você sabe dobrar?”

“Somente os próprios deuses e demiurgos, e seus descendentes, têm esse poder.”

Sangue de deuses e demiurgos?

Eu nunca tinha ouvido falar ou lido algo assim... Eu tinha visto Zurie *desistir* inúmeras vezes.

Não que isso importasse agora.

Minha magia começou a vazar de mim enquanto meu controle escorregava. Chamas lambiam meus pés, pernas e mãos, carbonizando o tapete sob meus pés enquanto eu cantava o nome do orixá.

“Miroslav… Miroslav. Miroslav. Miroslav. Miroslav. Miroslav. Miroslav.”

Um silêncio espesso e pesado pesava sobre nós enquanto esperávamos, com os corações batendo forte, que Miroslav aparecesse. *Qualquer coisa* poderia estar acontecendo com Mareina agora. A ideia me deixou pronta para explodir da minha pele em pânico. Com volume e ferocidade cada vez maiores, minha voz se tornou um rugido sobrenatural.

"Miroslav. Miroslav. MIROSLAV. MIROSLAAAAV! MIRO-MERDA-ESLAV! RESPONDA-ME, SEU CONÍVIO, DUPLICITO, FILHOTE DE MERDA!"

Com o peito arfando, uma onda de poder tomou conta de mim como um maremoto.

“Eu disse que essa linha do tempo que você escolheu não terminaria bem.”

Virei-me para encarar o bastardo estoico e imperturbável que eu havia acenado com raiva e alívio.

“Você pode nos levar até Vassileo? Você sabe como abrir os portais?”

Uma carranca quase imperceptível curvou seus lábios, algo como resignação tornando sua voz suave. Meu pânico subiu a novas alturas, de fechar a garganta e esmagar o peito.

“Zurie é sua única esperança.”

CAPÍTULO

QUINZE

NAKOA

“ *Zurie é sua única esperança."* De todas as palavras hediondas proferidas na história do tempo, essa tinha que estar entre as piores.

Assim que Mareina partiu com Azrael, pude sentir profundamente em meus ossos que ele não a traria de volta. Meu Saber era apenas uma confirmação. Medo e determinação apertaram meu coração enquanto Miroslav nos *levava* para a casa da minha mãe em vez do palácio. Para Zurie. "Por que estamos aqui?"

“Porque Zurie se foi.”

Minhas mãos tremeram quando as relíquias inestimáveis ao nosso redor começaram a tremer, junto com a montanha que abrigava a caverna. Manter minha magia controlada roubou cada grama da minha energia. E se as chamas acendendo e gotejando ao redor de Malekai fossem alguma indicação, ele estava se sentindo muito parecido.

"O que você quer dizer com " *ido embora?"*

Com uma expressão vazia, Miroslav *colocou* um rolo de pergaminho em sua mão e o passou para mim. Sem querer, eu o arrebatei.

Nakoa,

Percebo que não ganhei o direito de chamá-lo de meu filho, e não o culparia se você nunca me permitisse. Embora eu não mereça tal oportunidade de graça, espero que você entenda por que devo tomar as coisas em minhas próprias mãos. Isso, e eu encontrei uma alternativa favorável a viver em uma masmorra. Talvez até mesmo um espírito semelhante para compartilhar a vida.

Apesar das minhas ações anteriores, eu só quero o melhor para você.

Dito isso, tomei a liberdade de notificar sua equipe militar e palaciana. Além disso, enviei os mensageiros a todos os

Lordes e Damas de Atratus para notificá-los de seu direito de nascença e ascensão ao trono. Sua coroação e inauguração serão realizadas daqui a quatro dias, conforme os convites já enviados. A equipe já começou a se preparar.

Isso foi feito no melhor interesse de ambos . Não me traz pouca alegria que os dois se alinhem.

Seu aliado,
Z

PS Alguém tentou me assassinar na minha posse. Eu ficaria extremamente grato se você não morresse. Para garantir que você permaneça ileso, eu vou esteja lá para assassinar alegremente qualquer um que sofra de idiotice fatal.

… Por vários longos momentos, encarei em choque flagrante o pergaminho. Onde alguém começa a decifrar aquela mensagem e o que aconteceu para que qualquer coisa dela fosse possível?

Finalmente, levantei meu olhar do papel enquanto o olhar de Rumiel e Malekai pesava sobre mim, expectante e cada vez mais impaciente. Tentei endurecer meu coração para aço de ferro forjado, mas se alguma vez tive uma linguagem de amor, era a violência sendo exercida em defesa e honra de um ente querido.

Engolindo minha emoção, enrolei o pergaminho com mais cuidado do que ele merecia, dizendo a mim mesmo que era apenas para o caso de eu precisar retornar a ele para procurar mais pistas sobre para onde aquela mulher miserável tinha ido.

Passei-o para Rumiel, que o desenrolou, e Malekai ficou de pé sobre seu ombro, ambos murmurando maldições.

Azrael sem dúvida tinha algo a ver com isso. Foi ele quem lhe ofereceu o exílio? *Eles formariam um belo par.*

Meu Saber sussurrou um nome com o qual eu estava apenas vagamente familiarizado.

Queres.

“Quem é Keres?”

Miroslav não parecia frequentemente perplexo. Na verdade, no pouco tempo em que o conheci, não conseguia imaginá-lo confuso sobre nada.

“A Deusa da Violência?”

Meu Conhecimento me encheu de certeza em resposta.

Agora eu estava duplamente confuso. *Foda-me.*

Keres é irmã de Mors, meu Conhecimento forneceu.

“O que em nome *de Akash* ela iria querer com Zurie?”

Miroslav me lançou um olhar cansado. "Não sei." Não deixei de notar a maneira como as sobrancelhas de Malekai se ergueram em surpresa. "Descobri que os deuses tendem a proibir qualquer um de bisbilhotar suas linhas do tempo, vidas, paradeiros e assuntos. Não é um dom que muitos possuem, mas os mais poderosos e bem treinados deles, como Mors e sua irmã, estão entre eles. Já tentei espiar Zurie e só consigo ver suas linhas do tempo antes de Keres aparecer. Aparentemente, a deusa estendeu sua proteção a ela.

“Quanto ao seu cronograma, minhas visões me mostraram poucas opções. A menos prejudicial delas é que você tome a coroa. Tenho certeza de que The Well revelará isso a você. Esse tem sido seu destino desde antes de você nascer.”

Eu só podia *rezar* para que The Well realmente me mostrasse como trazer Mareina de volta.

Minhas visões anteriores da minha coroação como Rei de repente fizeram sentido doloroso. *Foi por isso que ela não estava nelas.*

Talvez The Well nem revelasse como resgatar Mareina ou consertar os portais.

Eu cresci entrando furtivamente nesta caverna antiga que minha mãe *adotiva* havia escavado na encosta desta montanha para esconder relíquias e artefatos perigosos que seriam catastróficos se estivessem nas mãos de alguém mal-intencionado.

Sentei-me na almofada em frente ao The Well, sem me preocupar em esperar pelos três homens atrás de mim. No momento em que meus olhos focaram na superfície de água assustadoramente parada e negra diante de mim, o mundo ao meu redor mudou para um de mármore branco e elegante. Eu me vi em pé em um saguão com arcos e escadas ornamentados e fluidos de ouro e bronze.

Esculturas naturalistas, todas da mesma mulher em vários estados de despir, seguravam lanternas brilhantes, empunhavam videiras e água em movimento. O espaço era ao mesmo tempo incrivelmente belo e inteiramente estranho, como se fosse de uma era, dimensão e reino diferentes... Virei-me lentamente, os lábios se abrindo em admiração enquanto esticava o pescoço para olhe para o teto cavernoso e pintado de uma beleza impressionante, com representações da mesma mulher.

Minha boca se fechou quando as enormes portas duplas da frente *se* abriram. Azrael entrou, seguido logo por Mareina. Exatamente como estavam há apenas alguns minutos antes de ele *dobrá* -la. Minha respiração

ficou presa ao perceber que este era o presente. O nome dela era um sussurro abafado em meus lábios enquanto meu coração saltava na garganta.

“Nunca testemunhei tanta paz e prosperidade em um lugar onde *todos* prosperam…”, Mareina murmurou pensativamente.

“Tudo isso, junto com Avernus e Bellorum, será destruído se os seres de Vassileo romperem sua barreira.” O olhar de Azrael mudou da beleza de sua cidade para o dela. “Então você vê por que devo protegê-la.”

“Os seres dos quais falo estão nos onze reinos infernais que eu governo, dos quais apenas dois são reservados exclusivamente para os mortos.”

Azrael deu um sutil aceno de mão e vapores negros saíram do ar, aumentando de tamanho até que um portal preto opaco se formou na nossa frente. Mareina hesitou antes de Azrael abrir a mão para Mareina como um pai faria com seu filho. Mareina não aceitou sua mão, em vez disso, deu um passo além do portal à sua frente. Meus olhos se estreitaram enquanto eu observava Azrael dar um pequeno sorriso apreciativo para seu traseiro.

O mundo mudou, substituindo Ouranissa por edifícios de pedra desolados e montanhas geladas cercadas por nuvens cumulonimbus tão escuras que eram quase pretas. Cinco sóis *vermelhos* , todos de tamanhos e locais variados, salpicavam o céu enquanto beijavam o horizonte em sua descida preguiçosa. Em segundos, o calor sufocante e opressivo fez o suor escorrer dos meus poros.

O som de batidas estrondosas fez Mareina e eu corrermos, enquanto Azrael demorou. Uma criatura negra, parecida com um lobo, de tamanho gigantesco, com três cabeças, correu direto para nós. Cada um de nós suas presas eram do comprimento do meu antebraço e seus olhos brilhavam na cor de lava.

“Você não tem nada a temer, Mareina. A vontade dela é minha.”

As quatro asas de Mareina se esticaram como se estivessem esperando voar. A fera derrapou até parar na frente de Azrael, encharcando-o de baba e beijos enquanto ela choramingava e lamentava sua ausência, fazendo meu coração apertar por Peanut e Bellona.

Azrael acariciou e agarrou afetuosamente o pelo da criatura enquanto ele arrulhava para ela. “Eu também senti sua falta, meu doce bebê. Olha como você é linda. Uma menina tão boa. Você quer dar a ela um passeio pela cidade de Malovada, hm? Eu trouxe um pouco de *tiramissu* só para você, doce menina.”

Cerebus gritou animadamente antes de se deitar, pressionando seu pescoço contra o chão, e Azrael deslizou sobre seus ombros antes de olhar para Mareina que hesitou. “A menos que você prefira voar? Mas não posso prometer que você seria a única no céu…”

Cerebus inclinou a cabeça quando Mareina se aproximou, cheirando-a em respirações rápidas que enviaram uma rajada de vento através da espessa camada preta de seu cabelo enquanto ela estendia a mão para Cerebus cheirar. A língua da criatura lambeu, cobrindo o braço de Mareina

em baba. Um sorriso se abriu no rosto de Mareina e a expressão de Azrael se iluminou quando ele deu um tapinha forte em seu pescoço musculoso.

“Cerebus é a única luz verdadeira neste lugar. Não é, menina? Ela é meu *acrano.* ”

Mareina parou por um momento, como se estivesse surpresa com a notícia. Eu não tinha ideia do que era um *arcano* , mas eu certamente descobriria. Azrael estendeu a mão para ajudar Mareina a se acomodar na frente dele entre suas coxas. Uma onda de ciúme queimou minhas veias, mas as mãos de Azrael não se moveram nem um pouco. Ele curvou seu peito largo sobre ela em uma tentativa de dar a ela uma quantidade respeitável de distância entre suas costas e sua frente enquanto seus dedos afundavam no pelo de Cerebus.

Sem nenhuma outra direção visível. Cerebus levantou-se, fazendo com que Mareina desse um pequeno grito de surpresa pouco antes de ele sair em um ritmo galopante.

Eu meio que esperava que o próprio The Well me levasse com eles, mas só me vi de pé no rastro de sua poeira. Minhas asas se ergueram, lançando-me no ar para voar ao lado deles.

Enquanto cavalgávamos pela pequena cidade, a depravação que eu só testemunhava ocasionalmente provou ser lugar comum. Todo tipo de violência e indulgência se desenrolava ao nosso redor. Assassinato. Brigas. Roubo. Sexo de consentimento discutível. E ninguém piscou um olho fora de Mareina, cujo rosto estava definido em uma linha sombria.

“O reino posterior do meu pai não é nada parecido com isso. Há angústia e todo tipo de sofrimento, mas apenas no caminho do luto da alma por seus erros em sua vida anterior, que eles purgam até que seu carma seja limpo dela...”

A máscara familiar de culpa cobria as feições de Azrael. “Primeiramente, este é um dos reinos infernais *vivos* . Não vou sobrecarregá-lo com a visita aos reinos infernais dos mortos. Gostaria que fossem tão pacíficos quanto os do seu pai, mas infelizmente, meus reinos infernais são exatamente isso: *inferno.* Não consigo entender como seu pai criou um mundo que cura em vez de destruir. Em Avernus, eles têm esperança. Aqui estamos privados dela. E é por isso que, por muitos séculos, meu povo tem estado inquieto e determinado a se libertar.”

A carranca de Mareina se aprofundou enquanto ela assimilava tudo, tanto o ambiente ao redor quanto as palavras de Azrael. "Você faz parecer que está perdendo o controle."

Cerebus continuou em um ritmo de trote, ziguezagueando entre os pedestres na rua que mantinham distância. Embora fosse impossível não notar os olhares sinistros de muitos deles enquanto observavam Azrael e Mareina passarem. Meus pelos se arrepiaram e minha raiva queimou intensamente como ferro empunhando em meu peito. Eu queria eliminar todos eles.

Azrael respirou fundo, seu olhar fugindo do de Mareina para passar por seu povo, cada um deles observando com expressões que variavam de cautela e medo a um olhar furioso.

Ele soltou um suspiro como se suas próximas palavras lhe custassem falar em voz alta.

“É porque eu sou. Não sei por quanto tempo mais meu poder, já tão tênue entre onze reinos infernais e um reino divino, pode segurá-los. Quando eu ameacei você dizendo que você não tem escolha no assunto, foi porque eu também não tenho escolha. Tal evento é *inevitável* se não os apaziguarmos. Se não lhes dermos *esperança.”*

Mareina balançou a cabeça enquanto o desespero começava a se infiltrar. “Então *dê* -lhes esperança... Não posso permitir que você destrua Avernus e Bellorum—

Antes que Mareina pudesse responder, uma voz profunda ecoou dos céus no momento em que uma sombra se aproximava de nós. "Que consorte linda. Não consigo entender por que você a trouxe aqui."

Inclinando minha cabeça em direção ao céu laranja e vermelho, revelou um drakonati de escamas escuras voando sobre nós antes de mergulhar. Pouco antes de cair no chão, ele mudou para a forma de um macho.

“Infelizmente, esta não é minha consorte. Ela é sua chance de liberdade, se você tiver alguma, e você lhe dará o respeito de uma, Erius.”

Erius se aproximou de Cerebus com uma coragem que só poderia vir de um predador maior. Ainda assim, ela deu um rosnado baixo em advertência. Erius levantou as mãos como se para apaziguá-la, e fez uma reverência dramática. O macho estava vestido com couro de luta esfarrapado. Seu cabelo preto estava tosquiado perto do couro cabeludo, e sua pele, coberta de ainda mais cicatrizes do que a minha, era quase tão escura quanto as escamas pretas de seus drakonati. Seus olhos devoraram Mareina de uma forma que fez meus pelos se arrepiarem. "É mesmo? Você planeja nos libertar? Ou nos oprimir? Meu palpite seria o último... Ele lhe contou o que aconteceu na última vez que nos prometeram liberdade?”

A realização me atingiu como um martelo. *O genocídio drakonati.*

Azrael franziu a testa. “Foi um evento infeliz.”

Isso lhes rendeu a gargalhada de Erius; um som escuro e rouco. A multidão que nos cercava — incluindo todos os seres, de demônios a humanos e de orcs a fadas — começou a se aproximar de nós.

Azrael lhes deu pouca atenção, e o pânico por Mareina cresceu rapidamente em meu peito.

“É isso que você chama de genocídio de milhares de drakonati? Um *evento infeliz?”*

Tanto o meu queixo quanto o de Mareina caíram ao perceber isso.

"E eu montei a porra da cabeça dele numa lança", Azrael fervia.

Erius sorriu. “Muito pouco, muito tarde.”

Meu desespero ameaçou se transformar em pânico, mas de alguma forma o rosto de Mareina permaneceu impassível enquanto ela segurava o

olhar de Erius, arrancando um sorriso dele. "Eu teria cuidado com este, jovem deusa. Duplicitous é o último deste macho—

"Você esqueceu seu lugar, drakonati," Azrael rugiu. Infundida com sua magia, sua voz teceu através do ar de uma forma que penetrou em sua pele e penetrou em sua mente. *"É somente pela minha vontade que você mantém esta forma. Talvez tenha chegado a hora de sua alma retornar ao abismo?"*

Erius sorriu. "E começar uma guerra com os drakonati? Você e eu sabemos que Ataraxus não levaria minha morte levianamente."

"Eu poderia facilmente devolver *todos* vocês ao abismo", Azrael retrucou.

A cabeça de Erius se inclinou para trás com uma risada. "Hmmm, sim. Mande *todos nós* de volta para o abismo apenas para sua própria alma se juntar a nós. Você esqueceu *seu* lugar? Que seu destino é igual ao nosso."

A realização me atingiu como uma onda gigante. *É por isso que ele precisa dela. Se ele os matar, ele se mata. E ele esperava que outro deus ou Deusa da Morte fosse a solução.*

Azrael olhou para baixo, das costas de Cerebus. "Seria um destino melhor do que ter que tolerar o som da sua voz."

Erius apenas riu e fez outra reverência dramática. "Minha senhora. Vossa majestade." O macho se virou e se afastou, mudando abruptamente de volta para sua forma drakonati e esmagando indiferentemente os prédios próximos, junto com qualquer um neles, antes de disparar para os céus.

A multidão nas ruas se reuniu, encarando Azrael e Mareina com nada menos que malevolência. Uma voz na multidão gritou, seguida por outra, e outra.

" *Mortatum ad' Azrael!* "

" *Mortatum ad' Azrael!*"

" *Mortatum ad' Azrael!*"

A multidão abaixo de nós — repleta de demônios, humanos, orcs e fadas — se levantou enquanto o que eu só poderia descrever como um arquéstrato vaporoso e negro parecia empurrá-los para trás enquanto eles gritavam em uníssono: " *Mortatum ad' Azrael"*.

Morte a Azrael.

Azrael não fez nada enquanto a multidão se aproximava deles.

"Por que você não os impede?" Mareina gritou para ele para ser ouvida acima dos cânticos.

"Porque quanto mais deles morrem, mais do meu poder morre com eles. E eles sabem disso."

Sem aviso, o mundo mudou diante de mim enquanto Azrael se dobrava com Mareina e Cerebus a reboque para ficar em um mundo alienígena estéril. Piscinas fumegantes de água preta e turva borbulhavam em uma série de piscinas com crosta de sal que cobriam a terra até onde eu podia ver.

E a apenas alguns metros de distância, um buraco rasgado no tecido deste reino pairava no ar. Em vez do preto opaco do portal que Azrael havia

aberto anteriormente, podíamos ver através dele, diretamente para outro mundo. Um mar cristalino de campos verdes e infinitos de *aetra* ficava logo além de algumas centenas de pés de queda, se uma janela tivesse se aberto no céu. Espirais pretas se curvavam para longe da pequena abertura de três pés.

Uma descarga elétrica percorreu meu corpo em choque.

As Ilhas Kalohani.

As feições de Mareina ficaram relaxadas com o choque. “Você tem certeza de que ninguém encontrou?”

Azrael balançou a cabeça. “Sinceramente, não sei dizer. Eu não *sentiria* se uma ou duas pessoas fossem embora. Seria preciso uma massa delas ir embora antes que eu notasse a perda.”

“O que acontece quando você tenta fechá-lo?”

Azrael levantou as mãos. Magia escura e dourada saiu dele, entrelaçando-se como um cobertor até o buraco desaparecer.

“Outro abre.”

Azrael girou em círculos, procurando, antes de colocar a mão no ombro de Mareina, nos transportando para um deserto.

Foda-me.

O buraco está um pouco maior agora e, em vez de espiar as Ilhas Kahlohani, vejo um deserto arenoso.

Azrael suspira. “Há mais como este espalhados por Vassileo. É uma bênção que eles só tenham aparecido em locais remotos... Talvez porque seja onde há menos magia nas proximidades, mas eventualmente, quando eles crescerem o suficiente, alguém sentirá a atração da magia.”

CAPÍTULO

DEZESSEIS

NAKOA

EU deixando Cerebus para trás, Azrael *dobrou-se* com Mareina de volta ao seu palácio em Ouranissa. Mareina e Azrael se encararam enquanto a realidade da situação se instalava sobre ela.

"Então você vê *nossa* situação."

Mareina balançou a cabeça, sem dúvida em espanto horrorizado. A expressão de Azrael se apertou com culpa e vergonha. "Nem sempre foi assim."

"O que acontece se eles se matarem? Isso ainda te enfraquece?"

Azrael concorda. "Leva uma parte da minha alma para o abismo com eles."

Mareina o estudou por vários momentos. "E por que você não os ajuda? Tente dar a eles o que quer que eles precisem ser…"

As palavras de Mareina já estavam distantes, reconhecendo sua futilidade.

Azrael soltou uma risada triste. "Posso ter o poder de tirar vidas, mas não tenho o poder de mudá-las. Os seres em meus reinos infernais são muitos para qualquer outra pessoa compreender e, com algumas exceções, são as almas mais miseráveis e corruptas que já conheci. E embora eu não desejasse a ira deles sobre quase ninguém, está além do meu controle impedi-la. Se as coisas continuarem como estão, em questão de meses, aqueles nas barreiras entre nossos reinos se desgastarão completamente."

Meu coração batia furiosamente, sabendo que qualquer resposta que Mareina desse, não seria uma que eu quisesse ouvir. Que solução eles poderiam possivelmente—

"E se… De alguma forma, eu pudesse emprestar meu poder a esses reinos."

Um pavor gelado escorreu em minhas veias. Azrael ficou imóvel.

"Você não é feito do éter dos meus reinos. Pode haver alguma esperança de que seu poder seja o suficiente para fortalecer meu lado da barreira que separa meus reinos infernais reservados para os mortos de Avernus, mas para que seu poder fortaleça as barreiras que dividem meus reinos infernais vivos de Bellorum... Teríamos que criar um sifão para *drenar* seu poder. E você teria que ficar em Vassileo. Não é um destino que eu desejaria a uma alma como a sua."

Meu coração parou no meu peito enquanto ele estalava e se despedaçava. Minhas palavras não ouvidas eram ofegantes e frenéticas enquanto eu estendia a mão e tentava agarrá-la pelos ombros, mas minhas mãos apenas passavam por ela. "*Mareina, não. Não, não, não, lohane thili. Por favor, não faça isso.*"

O olhar em seu rosto me disse tudo o que eu temia ouvir. Surda aos meus apelos, Mareina apenas soltou uma risada de coração partido. “Você não tem ideia do horror que eu infligi aos outros. É um destino que eu conquistei.”

Azrael balançou a cabeça enquanto a estudava. “Porque você não é uma das almas em meu domínio, eu não sei muito sobre sua história, mas meu poder ainda me permite sentir e intuir o mérito de cada alma existente. E eu posso lhe assegurar, você não pertence a nenhum inferno.”

Algo como resignação entorpecida se instalou em seu rosto. “Eu mereço pior.”

Não… Não. Isso não poderia estar acontecendo.

Eu tinha que parar com isso. Tinha que haver outro jeito. Certamente, Moirai — a Deusa de muitas faces do Destino — não pretendia isso. Um eco das palavras de Miroslav encheu minha mente.

'Se você não valoriza a alma que Akash lhe deu, não deveria se surpreender quando ela for roubada de você.'

Meus lábios se separaram em horror ao perceber. Malekai não foi quem a roubou de mim. Foi Azrael. O destino. O próprio universo. A culpa de Mareina, que eu só tinha inflamado. Eu forçando Mareina a uma posição de poder e obrigação.

Azrael parecia estar deliberando algo antes de falar. “Devo levá-lo de volta para seus… companheiros. Para dizer adeus? Eu confiaria em sua palavra de que você retornará de bom grado comigo se você a der.”

Lágrimas furiosas escorriam pelo meu rosto enquanto eu tentava desesperadamente agarrar Mareina e rugia em protesto.

Mareina respirou fundo, seus lindos olhos verdes de cortar o coração se encheram de desespero líquido enquanto ela se afastava de Azrael para escondê-los.

“Essa seria uma promessa que não tenho certeza se tenho forças para cumprir. E mesmo se tivesse, sei que pelo menos um deles lutaria até a morte para me manter longe de você.”

Pelo menos um deles.

A angústia devorou os escassos restos do meu coração obliterado.

Eu tinha feito isso.

Outro rugido saiu da minha garganta, quebrado e suplicante enquanto arrependimento, vergonha e desespero se derramavam pelas minhas bochechas. Seus olhos se ergueram para os meus, como se alguma parte dela tivesse ouvido e uma respiração trêmula me deixou.

Ela olhou fixamente para os meus olhos como se estivesse olhando diretamente para mim. Talvez ela tenha percebido que pelo menos um de nós, fosse eu, Miroslav ou minha mãe, veria esse momento no tempo.

“Lohane thili, por favor *, não faça isso. Volte para mim. Deixe-me consertar isso. Vamos consertar isso* juntos. ”

Suas palavras eram tão suaves que eram quase imperceptíveis. *“Se você vir isso, saiba que eu sinto muito por tudo que fiz contra você. E apesar das*

nossas diferenças, eu prezo o nosso tempo juntos. Eu estimo você… Para proteger nossos reinos, você precisará encontrar meu pai.”

CAPÍTULO

DEZESSETE

MALEKAI

E A visão que o poço havia mostrado, embora profundamente perturbadora e não inteiramente clara, não era nada que eu não tivesse antecipado. Miroslav já havia previsto meu destino, mesmo que isso fosse um pouco diferente do que ele havia descrito.

O que eu não esperava era testemunhar o futuro rei tremendo de fúria e desespero enquanto uma emoção aquosa cortava sua angústia, e ele se virou para Miroslav.

“Leve-me para Zurie,” Nakoa rosnou em uma voz que fez os pelos da minha nuca se arrepiarem. Miroslav lançou-lhe um olhar de pena. “Eles estão em Ishra. Ninguém entra em Ishra a menos que seja convidado.”

Um rosnado saiu da minha garganta. “ *Dobre*- me perto da fronteira deles.”

Um manto de névoa violenta e indutora de loucura envolvia suas fronteiras e suas praias, impedindo que qualquer um entrasse sem ser convidado. Envolto em mistério, era supostamente o continente mais pacífico de todo Bellorum.

Compaixão puxou a carranca de Miroslav. “Você sabe que isso não é possível. Você não vai conseguir passar 100 pés depois que a loucura se infiltrar, então como você vai trazer Mareina de volta?”

Uma veia na testa de Nakoa saltou. “Então preciso que você me leve até Mors.”

Miroslav franziu a testa, os olhos estreitando-se em confusão pela primeira vez no quase século em que o conheço. *“Mors?”*

Se não estivéssemos em circunstâncias tão terríveis, eu poderia ter rido.

“Mors é o pai dela.”

Os lábios de Miroslav se separaram enquanto várias emoções passavam por seu rosto: choque, compreensão e *constrangimento.*

“Bem, como eu já disse antes, não é uma façanha simples localizar um deus sem a permissão deles. Especialmente um tão poderoso quanto Mors.”

A julgar pelo olhar no rosto de Nakoa, ele queria rasgar Miroslav membro por membro. Antes que pudesse tentar, Miroslav soltou um suspiro.

“… Mas continuarei a dar o meu melhor.”

Meus olhos ardiam, inchados de lágrimas rebeldes — um espelho dos de Nakoa — enquanto eu o observava desmoronar.

“Não consigo imaginar esperar mais um momento.”

Miroslav balançou a cabeça severamente. “Você não tem outra escolha.”

CAPÍTULO

DEZOITO

MARINHA

NÃO os primeiros três meses já tinham se passado, e eu só consegui cair ainda mais na depressão. Eu ainda não tinha conseguido descobrir uma maneira de discernir quanto tempo teria passado em Bellorum. Meus dias consistiam em rastejar para fora da cama para atender às necessidades do meu corpo e me alimentar no número crescente de tumultos. Felizmente, minha presença aqui conseguiu selar os buracos nas barreiras que continham os reinos infernais de Azrael. A pedido de Azrael, fui aconselhado apenas a conter e deter seus cidadãos que moravam no inferno para que isso não o enfraquecesse ainda mais. Naturalmente, isso só enfureceu ainda mais seu povo e inspirou mais matança. Eu não tinha visto muitas crianças neste reino, mas eu tinha que imaginar que havia um número imperdoável de órfãos por aí em algum lugar. Ele me garantiu que seus nefilins e arquéstratim os trouxeram para um orfanato em Ouranissa.

Uma batida na porta me tirou dos meus pensamentos. Meus sentidos me disseram que era um dos funcionários do palácio. Eu *forcei* a porta a abrir, e como de costume, alguém em um capuz disforme passou pela sala carregando uma bandeja de comida, colocando-a na pequena mesa de jantar antes de sair da sala tão silenciosamente quanto veio.

O tempo, se é que existe tal coisa, passava num ritmo tão lento que parecia nem passar. Se não fossem os cinco sóis vermelhos ansiando por beijar o horizonte escuro além da minha sacada, eu não teria noção alguma de tempo.

Por fim, houve outra batida na porta, e meu coração pulou de alívio quando senti a magia poderosa de Asterion do outro lado da porta. “Entre!”

Cada osso do meu corpo doía enquanto eu me forçava a sentar, a cabeça girando, e então pensei melhor. O *rhyton*, um receptáculo de bronze em forma de animal com chifres que tinha sido magicamente embutido no centro do meu esterno para alimentá-lo continuamente com um fio do meu sangue e magia zumbia através de mim enquanto ele sugava mais da minha *força vital*. Minha necessidade de me alimentar tinha se tornado nada menos que insaciável desde que ele tinha sido colocado, e não importava quantos cidadãos de Vassileo eu me alimentasse, nunca parecia ser o suficiente.

Asterion caminhou até minha cabeceira parecendo severo como sempre. O homem havia se tornado meu guarda-costas pessoal e estava rapidamente se tornando um amigo querido — meu único amigo neste lugar. Depois de abrir meu coração para ele sobre Nakoa e Malekai, e sua história, descobri que Asterion realmente conheceu Rumiel antes de ele partir para Bellorum, centenas de anos atrás. *Milhares* no tempo de Vassileon.

A expressão de Asterion ficou tensa enquanto ele olhava para mim, balançando a cabeça. Seu comportamento normalmente estóico raramente desmentia suas emoções, então ver a preocupação estampada em seu rosto fez meu estômago revirar. "Tão ruim, hein?"

Sem dizer nada, ele me ofereceu seu pulso descoberto. Balancei minha cabeça fracamente. "Vou esperar por outro motim." Era apenas uma questão de tempo. Azrael ficaria completamente descontente, mas durante os motins, muitos de seus cidadãos se matariam de qualquer maneira. Fiz o meu melhor para detê-los, conforme seu pedido, e deixá-los apodrecer nas celas já lotadas do calabouço bem abaixo de seu palácio. Não importa sua depravação, eu não conseguia evitar a náusea que enjaular outro ser me dava. Pessoalmente, eu preferiria a morte do que ser trancado para o resto da minha vida. Eu empurrei para longe o fato de que este palácio, este reino, era exatamente isso.

“Teimosa, mulher. Olhe para você. Você seria inútil em uma revolta agora. Você mal consegue sair da cama.”

Ele não estava errado, mas eu já sabia o que acontecia quando meu veneno estava envolvido. E apesar do fato de que eu provavelmente nunca mais veria minha *alma ligada* , eu não conseguia imaginar me entregar a outro homem. Como se estivesse lendo minha mente, ele franziu o cenho. "E se sua única razão para hesitar é que você tem medo de ceder ao veneno, então estou oficialmente insultado. Você honestamente acha que eu trairia sua confiança dessa forma?"

Soltei um suspiro, tentando engolir minha culpa enquanto finalmente segurava seu olhar dourado. Ao contrário do resto dos Nephilim, cujos olhos são uma esclera preta sólida, os de Asterion são bronze escuro. Quase dourados, mas não. Ele era um homem notavelmente bonito, tão grande quanto Nakoa, com pele bronze similar. No entanto, as semelhanças terminam em sua altura, constituição muscular e tom de pele. As feições de Asterion eram cortadas em granito, cada curva e ângulo afiado e duro de uma forma que pintava uma imagem brutal e masculina que complementava a beleza aterrorizante e assombrada nos olhos de Asterion. Eu não conseguia nem começar a imaginar o que ele havia sobrevivido vivendo aqui a vida inteira.

Eu também ainda não tinha visto sua verdadeira forma — aquela que incluía os chifres, a cauda e a blindagem que eu tinha adorado em Nakoa. Meu coração apertou só de pensar nele.

Na minha falta de resposta, Asterion soltou um rosnado animalesco e mordeu a carne do pulso um pouco violentamente demais. Sangue jorrou de sua boca e escorreu pelo chão entre nós enquanto ele forçava seu pulso na minha boca mais rápido do que eu conseguia superar meu choque e resistir a ele.

Rico e suave, seu sangue possuía uma pitada de algo que me lembrava cardamomo. Eu era incapaz de resistir apenas ao cheiro, muito menos ao gosto. Havia também algo muito *diferente* em seu sangue. Eu me

banqueteei com os nefilins de Nakoa sangue e em inúmeros outros seres aqui em Vassileo. *Nada* tinha gosto ou cheiro como o sangue de Asterion.

No momento em que tocou meus lábios, fui cercada por uma luz radiante. Todo o senso de tempo e espaço desapareceu quando minhas presas instantaneamente afundaram na carne delicada, tendões e cartilagem de seu pulso. Em algum lugar na minha mente distante, senti uma pontada de culpa porque sabia que era uma sensação nada agradável, mas estava consumida demais pela minha fome para parar.

Asterion não fez nenhum som de desconforto ou protesto, e gradualmente, a luz quase ofuscante diminuiu, e eu pude ver sua carranca sempre presente. O gosto de canela do meu veneno floresceu na minha língua, e um momento depois, minha boceta latejou de necessidade. Meus olhos dispararam para o comprimento impressionante que permaneceu preso contra sua coxa na perna de seu couro de luta. A visão apenas intensificou meu desejo por Malekai e Nakoa. Eu ansiava por explodir da minha pele. A fúria cresceu em meu peito para onde o destino me levou.

Asterion deu um grunhido de dor, me arrancando da minha espiral descendente. Eu o soltei imediatamente, finalmente conseguindo me sentar pela primeira vez naquele dia. Desculpas e remorso jorraram de mim enquanto eu observava a ferida rasgada e irregular, visível até o osso.

“Oh, merda. Asterion,” eu sussurrei horrorizado.

Ele balançou a cabeça. “Foda-se a ferida… Sua emoção. Todos os Nephilim são empáticos até certo ponto. É um dom particularmente forte meu.”

Balancei a cabeça em descrença de que eu tinha machucado a única pessoa que me tratou como um amigo e me protegeu neste lugar abandonado *por Akash* . Toda a dor e desgosto das últimas semanas e talvez até mesmo da vida, em geral, começaram a rachar o túmulo em que eu os enterrei.

A garganta de Asterion se moveu em uma deglutição visível, aumentando ainda mais minha culpa porque eu sabia que ele podia sentir isso emoções como se fossem suas. *“Deuses.*… Perdoe-me, Asterion. Vou pedir a Azrael para livrá-lo de sua obrigação—

Antes que eu pudesse terminar minha frase, Asterion me puxou contra seu peito. Braços como barras de ferro me envolveram.

Sua voz, normalmente estoica e grave, era gentil. “Silêncio, Mareina. Você não fará tal coisa.”

Sua mão gigante, grande o suficiente para envolver toda a largura da parte de trás da minha cabeça, começou a acariciar gentilmente meu cabelo enquanto ele suspirava contra mim, certamente sentindo minhas emoções mudarem de horror, culpa e vergonha para alívio, gratidão avassaladora e até mesmo amor platônico.

Como a pressão crescente de um gêiser, uma catarse de todas as minhas emoções reprimidas surgiu, ameaçando explodir livremente.

Asterion deu um beijo no topo da minha cabeça. *“Shhhh. Está tudo bem. Eu estarei aqui enquanto você precisar de mim, Mareina.”*

Um soluço sufocado se soltou quando enterrei meu rosto na parede de pedra de seu peito largo. Asterion se abaixou para me pegar fisicamente em seus braços e caminhou até um setee na sacada.

Chorei em seus braços e quando ele me ouviu fungando o fluido que insistia em se libertar de mim pelo nariz, ele *colocou* um lenço em suas mãos.

E *Akash* todo poderoso, a maneira como isso renovou minha tristeza e meus soluços deve ter sido desconcertante, se não cômica.

A última vez que eu tinha um lenço, era o de Malekai. A lembrança dele lambendo meu ranho só para me fazer sorrir foi o suficiente para me quebrar.

As luas já tinham atingido o zênite quando acordei, o lado esquerdo do meu corpo estava dormente e rígido por estar pressionado contra o refúgio seguro do corpo duro e musculoso de Asterion.

Espiei por cima do peito dele e o encontrei dormindo profundamente. Seu rosto estava frouxo, a cabeça inclinada para o lado e os lábios entreabertos. Parecia um privilégio ver essa poderosa montanha de macho em um estado tão vulnerável. Ver a perpétua dureza estoica de sua expressão apagada pelo sono.

Meu coração se encheu de afeição por ele. Não apenas por tudo o que ele fez para ganhar minha lealdade como amigo, mas simplesmente pelo fato de que um homem tão nobre quanto ele existia. Enviei uma prece silenciosa a *Akash* para que um dia, de alguma forma, ele encontrasse sua *alma atada.* Se alguém merecia, era ele. Era de partir o coração pensar que, enquanto ele estivesse preso aqui em Vassileo, era altamente improvável que ele a conhecesse. Os nefilins que conheci aqui se afastaram dele; homens, mulheres e *aequili* igualmente.

Deitei minha cabeça novamente em seu peito, saboreando seu calor e segurança, agradecendo *a Akash* por ele antes de rezar para que um dia, mais cedo ou mais tarde, ele encontrasse sua *alma gêmea.*

CAPÍTULO

DEZENOVE

ASTERÍON

EU 'tinha nascido entre minha espécie, mas sempre fui isolado. Mareina foi minha primeira amiga *de verdade* . Vê-la sofrer assim, sentir seu sofrimento como se fosse meu, foi o suficiente para me levar à loucura. Talvez tenha sido por isso que recorri à convocação de Azrael. Muitos anos atrás, eu o considerava um amigo, mas ele me ensinou o contrário.

Como de costume, a porta do escritório de Azrael no palácio estava trancada, mas desprotegida. Ninguém no palácio era tolo o suficiente para tentar arrombar. Exceto eu. Mas eu estava disposto a arriscar sua ira se isso significasse que havia uma pequena chance de convencê-lo a deixar Mareina ir para casa. Mesmo que isso significasse que eu ainda estaria preso aqui.

Sozinho.

De novo.

Fiquei em frente às imponentes portas duplas de bloodwood do escritório de Azrael e dei outra olhada na vizinhança. Não porque eu estava com medo de ser pego, mas porque eu estava com medo de matar alguém acidentalmente.

Dizer que minha magia era *volátil* era pouco, e se alguém estivesse por perto quando eu a liberasse, haveria vítimas desnecessárias.

Após confirmar que estava sozinho, permiti que minhas emoções firmemente seladas escapassem e, com elas, minha magia. Em instantes, pude sentir o próprio tecido da realidade começando a se desfiar, e assim, as proteções trancando a porta do escritório de Azrael.

É uma sensação estonteante e profundamente perturbadora sentir o mundo como você o conhece começar a se desfazer. Mesmo fazendo isso por uma fração de segundo, me permite um vislumbre de todas as multiplicidades do tempo e da existência, e sempre parece muito para meu cérebro singular compreender.

Apesar do desconforto, eu já estava me perdendo. Minha consciência e percepção do meu "eu" desapareceram, escorregando por entre meus dedos como as areias inexistentes do tempo. O som de madeira, metal e pedra rangendo e quebrando tornou-se um ruído de fundo distante e tênue. Tudo em minha vizinhança foi atraído para o meu vazio e reduzido a um sussurro de sua existência anterior, como cinzas ao vento.

“Que porra você está fazendo?”

Azrael rosnando sua fúria dentro da minha mente me trouxe de volta a *essa* realidade. O escritório de Azrael tinha sido reduzido a escombros. As portas e parte das paredes de mármore e pedra que as cercavam tinham sumido; nem mesmo uma lasca permaneceu.

Lancei um olhar culpado para a destruição antes de virar meu olhar para o dele. Como se não bastasse senti-los palpavelmente, eu podia praticamente *ver* as chamas de sua raiva queimando dentro dele. “Preciso falar com você sobre Mareina.”

O maxilar de Azrael se apertou, e eu tive que conscientemente erguer uma barreira contra sua raiva e frustração para evitar que elas vazassem para mim.

“E ela?”

“Ela está miserável. E eu acho que ela está morrendo.”

O corpo de Azrael relaxou visivelmente enquanto ele esfregava uma mão no rosto. Olheiras marcavam seus olhos, barba por fazer marcava seu maxilar normalmente barbeado, e um mal-estar geral nublava sua aura.

“Parece vagamente familiar”, ele murmurou, mais para si mesmo, ao que parecia, do que para mim.

Eu tive que me preparar contra a dor dele. “Esta não é uma solução sustentável, Azrael.”

Seu olhar se ergueu para o meu, indignado por eu me recusar a chamá-lo de qualquer uma das formas *reverentes* de tratamento. Um momento tenso passou entre nós antes que ele sabiamente decidisse deixar o assunto de lado e se virasse para caminhar pelos escombros que levavam à sua mesa e cadeiras, surpreendentemente, ainda intactas.

“Sim, isso estava se tornando gritantemente óbvio,” ele diz, gesticulando vagamente para sua aparência. “Se eu não soubesse melhor, pensaria que o destino a enviou para *apressar* minha morte... Você não falou com ela, falou?”

Eu recuo um pouco. “Você está *me perguntando* se eu falei com Moirai?”

Azrael balança a cabeça, soltando um grande suspiro como se percebesse que pergunta ridícula era.

A tensão irradiava por todo o meu corpo, tentando conter minha magia enquanto eu relutantemente me sentava na cadeira oposta a ele. “Algo precisa ser feito.”

Azrael me deu um sorriso triste. “Deveria saber que você levaria seu trabalho muito a sério.”

Oh, meu Deus, porra. Nunca em todos os meus anos eu conheci alguém que eu quisesse socar na cara tão desesperadamente. *Ou com tanta frequência.*

“Ela é minha amiga.”

Algo que não ousei confundir com compaixão passou pelo seu rosto antes de suspirar pesadamente e chutar os pés para cima da mesa coberta de poeira e entulho. Seu olhar se desviou para a janela quebrada com vista para o deserto árido em que seu mundo havia se tornado enquanto uma brisa quente e sufocante agitava as cortinas.

“Eu cuido disso.”

Minhas sobrancelhas franziram de preocupação. Aquilo tinha sido… fácil *demais* .

“Você vai cuidar *disso* ?”

Azrael acenou com um gesto de desdém no ar. “ *É* como no problema. Eu vou resolver.”

"Como?"

Azrael se levantou bruscamente, tirando os pés da mesa para apoiar os cotovelos e enterrar o rosto nas mãos, abafando a voz. “Isso importa? Contanto que ela esteja feliz?”

“Claro que importa.”

“Deuses, você é exigente.”

“Azrael.”

Azrael se levantou abruptamente, sua energia errática chegando a um ponto de ruptura, e eu tive outro vislumbre do deus. Sua voz ressoou dentro e fora da minha mente.

“Não pense por um segundo que só porque você tem um poder tão raro e formidável significa que você pode me desafiar. Não seria preciso nada mais do que minha mera *vontade* para reduzi-lo a nada mais do que fótons de luz, *garoto.”*

Em vez de medo ou reverência, foi pena que me inundou. Sua angústia subsequente me inundou como lodo ácido. Azrael e eu tínhamos nos espancado em mais ocasiões do que eu conseguia contar, mas sempre deixamos nossa magia de fora, e *geralmente* era durante sessões de sparring *relativamente* amigáveis. Se dependesse da nossa magia... Talvez ele estivesse certo. Não havia como ter certeza sem liberar nossos poderes, e eu realmente não queria que ele morresse.

Apesar do meu ressentimento em relação a ele, eu ainda me importava profundamente com ele. Ele tinha boas intenções na maioria dos casos, mas estava simplesmente fodido e ferido além do reconhecimento.

Meus olhos se voltaram para a estátua meio quebrada de sua *alma ligada* , Perséfone. Sua efígie estava espalhada por todo o palácio. E ainda assim, ela não estava em lugar nenhum. Pelo que eu tinha entendido, ela estava vivendo escondida em algum lugar sem que ele realmente admitisse nada. Onde, exatamente, ninguém sabia, mas quanto mais tempo ela ficava fora, pior Azrael e seus reinos se tornavam.

Não mais capaz de tolerar sua presença ou a miséria e o medo que o consumiam, levantei-me para ir embora. Parando na porta destruída, lancei-lhe um último olhar, sem me preocupar em mascarar minha preocupação.

“Apenas… trate-a como você trataria Perséfone, por favor.”

A dor irradiou dele diretamente para o meu peito enquanto ele dava uma risada sarcástica. “Posso lhe garantir que essa é a última coisa que você desejaria para seu amigo.”

A ansiedade me atingiu. *Porra. Eu nunca deveria tê-lo procurado.*

“Você pode me prometer a felicidade dela? A segurança dela?”

O no meu peito, espelhando o de Azrael, dissipou-se ligeiramente. “ Asterion, se alguma coisa, ela será a mais feliz e *segura* que ela já foi.”

Como diabos isso foi possível?

Virei-me totalmente para ele, agora ainda mais preocupada do que antes, mas ele já tinha *se* afastado.

CApíTULo

VInTE

NAKOA

EU Nos 4 dias excruciantes que levou para o dia da minha coroação e posse, eu estava temendo e ansioso para acabar logo com isso. Nunca eu teria imaginado que chegaria o dia em que eu estaria *morrendo de vontade* de ver Zurie, mas eu já tinha descoberto há muito tempo como o destino tinha um jeito de surpreender você.

Quanto à mãe que me criou, a distância entre nós começou a diminuir. Meu *olana kah'hei* foi o único amortecedor para a solidão que se aproximava de mim. Surpreendentemente, Malekai foi... *prestativo* . Um respeito relutante começou a se desenvolver entre nós, e eu até passei a apreciar sua presença.

No entanto, eu ainda não conseguia evitar a amargura pelo fato de Mareina estar desesperadamente apaixonada por ele. Por mais que eu odiasse isso, eu tinha começado a ver como.

Havia um camarim privado sequestrado bem acima da sala do trono onde a cerimônia estava sendo realizada. Bernard, o alfaiate de Zurie, passou os últimos três dias tentando me convencer a usar algo diferente do meu couro de luta. Minha resposta ainda não havia mudado, mesmo quando ele olhou para mim com olhos suplicantes, segurando um terno preto e dourado deslumbrante no alto.

"Não."

Pomona, Roderick e Lokus riram, atraindo o olhar tanto meu quanto de Bernard. Pomona deu um passo à frente, observando a monstruosidade preta e dourada. A maldita coisa tinha dragonas de metal dourado trançado e adornadas com rubis. Babados pretos esvoaçantes até enfeitavam os punhos.

Primeiro e mais importante… *Por quê?*

“Eu fiz algo que justifica sua ira?”

A pergunta foi totalmente sincera.

O rosto de Bernard relaxou brevemente em choque antes de se contorcer para conter o brilho de seus olhos.

Ah, merda.

Pomona administrou um tapa de repreensão no meu braço. *"Nakoa."* Ela gentilmente pegou a vestimenta de Bernard. "Ignore-o, querido. Ele não passa de um rabugento, embora tenha boas intenções. Acho que o terno é uma obra de arte impressionante. Pomona me lançou outro olhar fulminante. "Mesmo que ele torne difícil dizer às vezes."

Bernard fungou, puxando nervosamente a cauda em forma de rede de pesca de sua vestimenta lilás-clara que parecia um cruzamento entre um terno e um vestido de baile. “Obrigado, minha senhora.”

Pomona se virou e pressionou a coisa horrível contra meu peito com tanta firmeza que quase me empurrou para trás uma polegada. Sem palavras, seu olhar segurou o meu enquanto sua expressão endurecia o suficiente para rachar. *"Se você não colocar, eu coloco em você."*

Aceitando meu destino, suspirei em resignação. Pomona me deu um sorriso forçado antes de se virar para Bernard. " *Muito obrigada* , Bernard. Eu ficaria absolutamente honrada se você pudesse criar algo para mim também, embora eu saiba que é em cima da hora."

O rosto de Bernard se iluminou, enxugando rapidamente os olhos com uma manga pervinca cheia de babados. “Sim, minha senhora! Seria um trabalho de um momento para mim costurar um vestido que lhe servisse.” Pacotes de tecido começaram a voar pelo ar até seus braços.

Aproveitei a oportunidade para ir embora. Uma das servas de Zurie, Ellora, continuava esperando na porta. Não tinha certeza do que. Eu ainda não tinha me acostumado a ser servida de mãos e pés. “Você prefere se trocar em seus quartos, então, Vossa Alteza? Estamos ficando sem tempo…”

Um rosnado escapou de mim e a pele clara de Ellora empalideceu ainda mais, os olhos se arregalando de medo. O hábito me incitou a glamourizar minhas feições nephilim para me fazer parecer mais fae, mas eu o reprimi.

Eu não me esconderia mais.

Eu *quis que* o traje de babados substituísse meus couros de luta e tive um vislumbre de mim mesmo no espelho. Val veio e ficou ao meu lado, nós dois olhando para meu reflexo. O traje de alguma forma se tornou ainda mais chamativo simplesmente por ser usado, mesmo que tenha sido feito sob medida com perfeição.

“Eu pareço ridículo.”

Val deu um grunhido evasivo. “Você parece extravagante.”

Apesar de toda a riqueza que meu *olana kah'hei* e eu roubamos ao longo dos anos, eu não tinha economizado tanto para mim nem era grande em prazeres materiais além de me esforçar para fazer da minha casa o lugar mais aconchegante de Bellorum. Eu raramente usava mais do que simples camisas e calças de linho ou couros de luta.

“Eu me sinto um babaca.”

Val sorriu. “Sim. É isso mesmo.”

“Mareina riria se me visse vestida assim.”

Val riu. "Talvez, mas acho que isso a tornaria querida para ela. Ela apreciaria se você fizesse algo para poupar os sentimentos de alguém de ser magoado, e ela te amaria ainda mais por isso."

Toda a emoção que eu estava tentando desesperadamente manter sob controle de repente entupiu minha garganta. Com meu silêncio, Val se virou para olhar diretamente para mim, sem dúvida vendo o tique-taque do meu maxilar e meus olhos brilhantes.

“Aww, porra…” Val me puxou para seus braços fortes e me apertou contra seu peito. Justo quando uma fração da emoção começou para soltar,

uma batida na porta soou. Murmurando agradecimentos a Val, saí do seu abraço, acenando para Ellora abrir a porta.

Malekai estava do outro lado, vestido com couro de luta marrom escuro com enfeites dourados simples, mas lindos. Isso me fez sentir um pouco menos inseguro sobre minha própria roupa.

Vários dias de barba loira dourada cobriam seu rosto. Seus olhos turquesa e dourados, geralmente anormalmente brilhantes, estavam agora escuros e opacos, como se alguma luz interior tivesse sido apagada desde que Mareina partira com Azrael. Ele me ofereceu um sorriso rígido que se suavizou quando ele percebeu minha aparência emocional, e a compreensão passou entre nós.

Seus olhos percorreram minha roupa vistosa antes de dispararem para Bernard, já na metade do vestido de Pomona. Quando seu olhar retornou ao meu, ele me deu um sorriso compreensivo e compassivo. "Você está ótima."

Val deu um passo à frente antes que eu pudesse responder, puxando Malekai em um abraço de urso. “Bom te ver, companheiro… Já faz um minuto.”

Eu não tinha contado a ninguém sobre a reivindicação de Malekai sobre Mareina. Ninguém, além de mim e provavelmente Miroslav, sabia sobre isso. Meu olhar foi para Rumiel, franzindo a testa para a interação enquanto seus olhos dançavam entre mim e Malekai.

O sorriso de Malekai era caloroso e descontrolado enquanto seus braços se envolviam firmemente em torno de Val, e seu alívio com o pequeno gesto era palpável. Verdadeiramente, Val dava abraços dignos de renome mundial. Quando eles se separaram, Malekai caminhou em minha direção, tensão nervosa marcando suas feições enquanto ele *colocava* um pequeno presente em suas mãos. Ele até tinha um laço.

Pela primeira vez em muitos dias, uma visão tomou conta de mim.

A câmara cheia de meus entes queridos desapareceu para ser substituída por terra árida e cadáveres até onde os olhos podem ver - muitos deles vestidos com armaduras Atratusianas - todos apodrecendo. sob o calor de cinco sóis, fazendo o suor escorrer pelas minhas costas. O som das moscas era um rugido ensurdecedor.

A visão se dissipou e fiquei olhando fixamente para os rostos de Malekai e Val, ambos com as sobrancelhas franzidas.

“Yew, ok, rapaz?”

Assenti, tentando afastar a ansiedade da desgraça iminente.

Malekai hesitou por um momento, ainda segurando o presente.

“Será que seria bom se falássemos em particular?”

A perspectiva de limpar o ar entre nós era um alívio e uma distração bem-vinda. Eu tinha aceitado o fato de que Mareina sempre amaria esse macho, e se eu quisesse ter alguma esperança de tê-la em minha vida, eu precisaria aprender a aceitar isso. Ainda mais, se eu quisesse ter alguma *alegria* em minha vida, eu reconhecia que precisava formar uma amizade com esse macho.

Respirando fundo para acalmar a raiva e o ciúme que surgiram ao vê-lo, assenti e até consegui lhe oferecer um sorriso forçado.

CAPÍTULO

VINTE E UM

MALEKAI

Nossa, eu não ficava tão nervoso desde a primeira vez que tive que matar alguém.

Eu só podia presumir que Nakoa sabia o que tinha acontecido entre Mareina e eu, se não por outra razão que não fosse o cheiro dela. Minha culpa pesava sobre mim como uma bigorna no meu peito. Por ele *e* por ela.

Ele era *a alma dela*. A felicidade dela estava acima de tudo. E eu egoisticamente a reivindiquei como minha, sem nem mesmo tentar trazer harmonia entre nós três.

Pela primeira vez desde que o conheci, o respeito por esse homem floresceu quando algo parecido com um sorriso surgiu nos cantos de sua boca enquanto ele assentia em ascensão, aceitando meu presente. Imaginei que não era preciso uma pequena quantidade de perdão para não arrancar minha cabeça do meu pescoço.

As sobrancelhas de Nakoa se ergueram quando ele o pegou, sem dúvida sentindo o poder que irradiava dele.

"Comprei um presente de coroação para você", acrescentei, falando o óbvio sem jeito.

"Obrigado. Isso é incrivelmente generoso da sua parte."

Você é um homem melhor do que eu, uma pequena voz dentro de mim sussurrou silenciosamente para ele.

Ele se virou, lançando um olhar ao redor da sala. "O único lugar privado aqui perto é o banheiro…"

Eu assenti, já sabendo onde era. A última vez que estive aqui foi quando Mareina ascendeu para o Irae de Zurie. Meu estômago se apertou com a lembrança enquanto Nakoa nos levou para o banheiro, atraindo os olhares de todos para nós.

Fechei a porta silenciosamente atrás de nós, nos trancando no pequeno espaço. O silêncio se apertou entre nós, fazendo o quarto parecer ainda mais apertado do que já era com nossos corpos grandes.

Nós dois falamos ao mesmo tempo, aumentando o constrangimento.

"Eu gostaria de—

"Eu gostaria de—

Nakoa gesticulou para que eu continuasse.

"Olha, eu... eu presumo que você esteja ciente do que ocorreu entre Mareina e eu recentemente?"

As feições de Nakoa se contraíram. "Como eu não poderia?"

Eu assenti, falhando em engolir minha culpa. As palavras explodiram de mim, aliviando de uma vez uma parte da ansiedade dos últimos dias. *"Sinto muito."*

Nakoa permaneceu em silêncio, sua expressão ilegível.

“Eu deveria ter ido até você primeiro.”

Nakoa assentiu gradualmente. “Eu entendo por que você não... Eu reconheci, tarde demais, que permiti que o preconceito me influenciasse em relação à minha própria *alma.* Eu falhei como companheira. Eu falhei em tratá-la com a reverência e o amor que ela merece, e isso não é culpa de ninguém além da minha. E considerando como as coisas terminaram aqui quando superamos Zurie...”

Nakoa balançou a cabeça, o olhar mergulhando no chão enquanto seus olhos começavam a brilhar. “Não tenho certeza se algum dia serei capaz de me perdoar.”

A vergonha de Nakoa era palpável enquanto suas mãos se fechavam em punhos ao lado do corpo como se para sufocar o inchaço salino em seus olhos. Dei um passo à frente, colocando uma mão cautelosa em seu ombro.

“É preciso força e resiliência para perdoar, e Mareina é a pessoa mais forte e resiliente que já conheci. Não tenho dúvidas de que o amor dela por você não será sobrecarregado pelo ressentimento. Tudo o que precisamos fazer é trazê-la de volta.”

O olhar aquoso de Nakoa segurou o meu, o maxilar flexionando. “Você está certo. Em todos os aspectos.”

Minha mão permaneceu em seu ombro, apertando, enquanto uma pontada no meu peito se instalou, como se eu estivesse sendo puxada em sua direção com a compulsão de *abraçá* -lo.

Nakoa exalou um suspiro profundo, esfregando os olhos com o polegar e o indicador. “Você prefere que eu abra seu presente agora ou depois?”

Minha mão o soltou quando a janela momentânea para abraçá-lo se fechou. “Agora, se você quiser.”

Nakoa puxou o laço, desenrolando o embrulho de linho para revelar meu presente. Seu queixo caiu. Não pude deixar de sentir uma leve onda de orgulho com sua reação. Minha besta bufou. Sendo tão possessivo com Mareina, ele não estava totalmente a bordo da minha ideia.

Nakoa me estudou com olhos penetrantes, como se de alguma forma conseguisse enxergar *através de* mim. Eu pude ver a pergunta se formando em seus lábios no momento em que alguém bateu na porta do banheiro, seguida pelo som da voz de Lokus.

“Estamos transando ou brigando porque de qualquer forma, eu quero entrar.”

Meus olhos e os de Nakoa se encontraram enquanto compartilhávamos uma risada bufante.

Um sorriso abriu o rosto de Nakoa enquanto ele gritava sua resposta. “Desculpe, companheiro. Já ficamos sem lubrificante.”

Meus deuses…

Meus olhos percorreram o chão em busca do meu queixo, *será que ele tinha acabado de fazer uma piada?*

A surpresa me congelou no lugar enquanto Nakoa virava seu sorriso para mim, suavizado pela sinceridade. “Obrigado, Malekai. Eu precisava

disso.”

Ele me deu um tapinha nas costas enquanto se espremia para passar por mim e abria a porta. Meus olhos se voltaram para seu *olana kah'hei* , todos os quais estavam olhando abertamente. Pomona me deu um pequeno aceno animado de onde ela estava empoleirada no pedestal enquanto Bernard terminava seu vestido. Ela corou levemente quando eu sorri de volta. Famei bufou uma risada, inclinando a cabeça em minha direção em reconhecimento.

Embora eu tivesse desenvolvido uma afeição considerável por seu *olana kah'hei*, eu ainda não havia conquistado a lealdade deles. Nem a de Nakoa, para falar a verdade. A percepção de que eu *queria* parecia um tapa na cara. Do tipo bom.

Nakoa se virou para mim, segurando meu presente. “Você se importaria?”

Uma emoção estranha obstruiu minha garganta, me forçando a limpá-la. “Claro…”

“É para proteção.”

Rumiel apareceu na porta, silencioso, como sempre, olhando para o presente. Seus lábios se separaram em surpresa antes de seu olhar se fixar no meu, e a gratidão que os iluminava era inconfundível.

Amarrei o presente no pulso de Nakoa, fazendo com que meus dedos roçassem sua pele, e jurei que senti uma corrente elétrica passar entre nós, que acho que ambos tentamos fingir que não percebemos.

Quando Nakoa e seu *olana kah'hei* foram conduzidos ao estrado da sala do trono, eu não esperava ser convidado para ficar entre eles. Val e Roderick estavam de pé em cada lado de mim, envolvendo-me em seu pequeno grupo. Rayne, Vesper e Rumiel estavam ao lado de Roderick, e Lokus, Famei e Pomona estavam do outro lado de Val. Não pude deixar de sentir um fio de síndrome de impostor parado ali. Fazia pouco mais de duas semanas que eu tinha cortado parte da cauda de Nakoa. Desejei que ele morresse. Tinha tomado sua *alma presa* como minha.

Se eu estivesse no lugar dele, já teria me matado?

Apesar de toda a sua grosseria, Nakoa parecia ter uma bússola moral e autocontrole que eu, inegavelmente, não tinha. Ele tinha dado quase todas as riquezas que roubou daqueles Lordes com cara de cuzão para seus servos. Eu não precisava me perguntar se eu teria sido tão magnânimo.

Eu não teria feito isso.

Eu teria roubado Mareina para vivermos nossa solidão juntos em paz, e permitido que todos os outros fossem fodidos. Tentei me consolar com a desculpa de que aqueles mesmos servos provavelmente teriam tentado me matar se soubessem o que eu realmente era, mas nenhuma quantidade de raciocínio aliviaria o fato de que, a menos que Mareina estivesse envolvida, eu era um macho imperdoavelmente egoísta.

A vergonha se instalou em algum lugar do meu peito com a realização. Apesar de todos os seus defeitos, *Nakoa era um bom macho.*

Examinei a massa de pessoas e sua magia reunidas para testemunhar a coroação de Nakoa para verificar se havia alguma traição entre nós, como Zurie havia avisado. Eu não deveria ter ficado surpreso que os *minoris* superassem em número os Lordes e as Damas, que pareciam completamente perturbados por terem que dividir espaço com eles.

Não deixei de notar a maneira como alguns deles zombavam de Nakoa em sua verdadeira forma, elevando-se sobre o velho clérigo — o mesmo que havia coroado Zurie, aparentemente. Para o crédito do clérigo, ele não piscou para os chifres pretos retorcidos de Nakoa, suas asas membranosas gigantescas ou a cauda poderosa balançando inquietamente atrás dele.

O clérigo começou seu discurso, mas tudo virou ruído de fundo quando meus olhos pousaram em Zurie e Thalia. Seu novo amante, presumivelmente, que havia libertado Zurie de sua coleira e cela de masmorra. Não pude deixar de achar isso peculiar, considerando que Thalia inicialmente parecia interessada em se aliar a Nakoa. Agir pelas costas dele foi um movimento interessante. Especialmente agora que Zurie não tinha nada. Parecia haver muito pouco para Thalia ganhar roubando Zurie fora da ira de Nakoa.

Como se por nada mais do que o peso do meu olhar, os olhos de Zurie se ergueram para os meus, seus lábios carnudos franzidos. Dei a ela um olhar entediado. Quando seus olhos retornaram para Nakoa, continuei examinando a multidão. Meus soldados estavam alinhados nas paredes, montando guarda em seus melhores uniformes militares. Fiz uma nota mental para falar com eles sobre minha fé em nosso novo rei. Embora o anúncio da coroação de Nakoa tenha sido tão repentino, não tive dúvidas de que muitos deles ficaram aliviados com a mudança. Sempre houve uma corrente oculta de ressentimento em relação a Zurie.

Uma magia muito familiar irradiou de trás da plateia, atraindo meu olhar para um homem vestido com o terno de seda azul mais escuro com uma faixa elegante em volta da cintura. O olhar gelado de Miroslav se voltou para o meu, inexpressivo, como de costume. Admito que fiquei levemente surpreso ao vê-lo aqui, de mãos dadas com uma mulher usando um capuz de seda azul escuro.

Os aplausos repentinos e estrondosos da multidão chamaram minha atenção quando Nakoa se curvou na cintura e o clérigo idoso colocou uma coroa de ouro elaboradamente empunhada, adornada com rubis que combinavam com as dragonas em seu terno. Eu nunca tinha visto a coroa do antigo rei. Parecia... *pesada.*

Nakoa murmurou algo para o clérigo, cujo rosto se iluminou com alegria inconfundível antes de se afastar quando nosso novo Rei se adiantou.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram quando a voz de Nakoa soou como o toque de um sino. A multidão se calou, e algo estalou no ar. Levei

um momento para perceber que não era nem a magia de Nakoa. Era simplesmente sua presença imponente. Não pude deixar de observá-lo com admiração. Por um momento, o tempo pareceu desacelerar quando percebi que tinha sido abençoado por testemunhar algum evento importante e fortuito na história que mudaria todas as nossas vidas.

O aviso do destino.

De mudança.

Porra, se ao menos Mareina estivesse aqui para testemunhar isso.

A saudade e a preocupação por ela apertavam meu peito a ponto de doer.

"Sou imensamente grato por todos vocês terem se reunido aqui para apoiar minha ascensão ao trono. Juro passar todos os dias trabalhando para trazer justiça e prosperidade a todos *e* cada *um de vocês.*

Não mais, você viverá na pobreza, escravizando-se sob os polegares dos majori que se empanturram de poder roubado. Em aetra.

Você não viverá mais com medo e exílio porque tem dons que causam terror nos corações daqueles que buscam explorá-lo ou matá-lo."

Um grande *estrondo* soou quando Nakoa lançou sua magia na sala e suas asas se abriram amplamente, abrangendo mais de seis metros de extensão no estrado.

Vesper deu um passo à frente, enxugando uma lágrima desonesta de seu olho. Rayne, logo atrás dela, deu um passo à frente com sombras contorcidas que se formaram em avatares escuros e monstruosos. O estalar de ossos e tendões soou quando Val e Roderick se moveram ao meu lado e deram um passo à frente em suas gigantescas formas Lykos. Rumiel, ainda mais alto que seu filho, ostentando suas asas, cauda e chifres letais deu um passo à frente. Lokus, Pomona e Famei se juntaram a ele, parecendo não menos formidáveis apesar de não terem formas bestiais que permaneciam envoltas em mistério porque ninguém seria capaz de discernir seus dons.

A besta dentro de mim rugiu em ascensão. Meus ossos doíam e minha pele coçava com a necessidade de mudar. Meu coração batia furiosamente.

Puta merda, eu tinha muito mais em comum com Nakoa e seu *olana kah'hei* do que eu jamais imaginei.

Como eu nunca percebi?

Parecia um pecado que estivéssemos brigando um com o outro, cada um de nós carregando o mesmo fardo em mais de uma maneira.

Minha fera se contorceu dentro de mim para se libertar e, novamente, o tempo pareceu desacelerar quando uma janela fugaz de oportunidade se apresentou.

Nakoa virou a cabeça para me encarar. Embora suas feições permanecessem duras e ilegíveis, sua mensagem era clara: Ele estava me esperando. O medo percorreu minha espinha. Eu *nunca* havia revelado minha besta. Ela havia sido incutida em mim quando criança para permanecer escondida.

Para se misturar.

Eu estava me escondendo em plena vista a minha vida inteira. *Assim como Nakoa.*

A testa de Nakoa ficou tensa como se estivesse me encorajando, e não deixei de ver a decepção que passou pelo seu rosto. Quando sua cabeça começou a se virar para a multidão, meu coração se partiu e minha besta se jogou contra a parede que eu construí ao redor dele enquanto observávamos minha janela de oportunidade começar a se fechar.

Não.

Cada célula do meu corpo se iluminou com minha magia e aquela dor passageira e abrasadora da mudança enquanto eu permitia que meu drakonati assumisse o controle. Gritos e berros ecoaram enquanto a cabeça do meu drakonati se erguia bem acima da multidão. Eu tive que me agachar para não romper o teto da sala do trono. Lordes e Damas gritavam, cadeiras guinchando e tombando enquanto tentavam fugir.

Nakoa e seu *olana kah'hei* esticaram a cabeça para olhar para mim. Com exceção de Nakoa e Rumiel, todos ficaram de queixo caído.

Nakoa rapidamente dobrou suas asas para perto para revelar seu monstruoso e formidável *olana kah'hei* parado bem atrás dele. Os Lordes e Ladies entre a multidão começaram a gritar com raiva sua discordância enquanto meus soldados rugiam sua aprovação.

Claramente infundida com magia, a voz de Nakoa ressoou por toda a sala do trono. *“Silêncio.”*

A sala ficou tão silenciosa que você ouviria uma moeda cair.

“Eu dou boas-vindas àqueles que me consideram inapto para governar para me desafiarem.”

Nakoa levantou uma mão com garras negras. *“ Eu até te farei um favor e glamorizarei minha forma nephilim para reforçar sua coragem,”* ele gritou enquanto suas feições se tornavam fae, *“ mas eu imploro que você se pergunte uma coisa: você está pronto para cumprimentar Mors?”*

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

NAKOA

EU 'decidiu abrir mão do ritual de hospedar um banquete após a coroação. Parecia *errado* celebrar qualquer coisa sem Mareina aqui. Sem ela, não havia razão para celebrar, e tinha se tornado cada vez mais óbvio para mim que eu falharia em me tornar nem metade do rei que sempre sonhei sem ela ao meu lado.

Pela primeira vez desde que eu era um faeling, acordei em uma poça do meu próprio esperma depois que um sonho com Mareina — e compartilhando-a com Malekai — filtrou minha mente ainda acordada. Algo dentro de mim ainda estava poderosamente resistente à ideia, mas eu também não podia ignorar que algo sobre a ideia tinha começado a parecer *certo.*

Eu me limpei, tomando um banho rápido depois de optar por tirar meus próprios lençóis sujos da cama para poupar um dos funcionários do palácio da tarefa. Enquanto me vestia, meus olhos se fixaram na coroa agora sentada em uma caixa de madeira elegantemente entalhada e forrada de veludo. *Esperando.*

Abrace o Rei que você está destinado a ser, sussurrou meu Conhecimento.

Embora minha culpa tenha diminuído muito desde minha conversa com Malekai, uma sombra de vergonha infiltrou-se em minhas veias enquanto minha mente lógica me lembrava do fato de que eu desrespeitei e desonrei minha própria *alma atada. Feri-* a em todos os níveis. Tirei vantagem dela. E agora, porque eu tinha abusado infinitamente de sua confiança, ela se foi, assim como Miroslav havia avisado.

Desesperado para escapar do peso que se acomodava em meu peito, deixei a coroa na caixa enquanto aquela voz em minha cabeça sussurrava minha indignidade. Talvez tenha sido por isso que minhas visões se tornaram tão raras ultimamente.

Suspiro de alívio quando ouço uma batida na porta, uma distração bem-vinda do lembrete gritante dos meus erros.

Tendo desejado evitar que os guardas me escutassem a qualquer hora da noite e do dia, eu mesmo abri a porta para ficar cara a cara com Malekai. Havia uma leve tensão entre nós e eu não pude deixar de me perguntar se ele teve o mesmo sonho que eu.

Fez Mareina compartilhar o sonho?

“Zurie pediu para um dos guardas te buscar, mas ouvi dizer que você os dispensou... Então pensei que seria melhor se eu fosse te buscar.”

Seus olhos vagaram para o quarto atrás de mim, narinas dilatadas antes de um sorriso malicioso aparecer no canto de sua boca. A sensação extremamente desconhecida de constrangimento fez o sangue correr para

minhas bochechas. Ele graciosamente fingiu não notar e apenas me deu um tapinha no ombro antes de ir embora. "Eu também, amigo."

“Olá, Zurie.” As feições de Zurie ficaram tensas, a boca se curvando em uma carranca quase imperceptível. “Nakoa.”

Meus olhos se ergueram para Thalia, que me deu um sorriso sem culpa que fez meus pelos se arrepiarem. “Por mais inexperiente que eu seja nessa merda de postura de tribunal, não consigo imaginar que roubar um prisioneiro seja a melhor maneira de ganhar aliados.”

O olhar entediado de Thalia mudou para uma pessoa completamente diferente, que levei vários minutos para reconhecer.

Queres.

Malekai, que estava ao meu lado, bufou uma risada nada impressionada. A expressão de Rumiel não dava nada para desmentir a raiva que eu sentia saindo dele em ondas. Se era em direção a Keres e Zurie, ou apenas Zurie, eu não tinha ideia.

Só consegui suspirar, exausto além de me importar a essa altura. Tudo o que eu queria era Mareina de volta. “Preciso que você abra o portal para o reino de Azrael. Para Vassileo.”

O rosto de Zurie se contraiu em descrença. “Por que, em nome *de Akash* ? É uma cadeia de reinos infernais.”

Eu estendi a mão com meu Saber para ver se havia alguma nota de engano ou se Zurie estava apenas fingindo não saber que Azrael havia levado Mareina para Vassileo. Para minha total surpresa, não encontrei nenhuma.

Malekai e eu trocamos um olhar antes de eu falar, dando a ele a chance de me impedir de falar a verdade.

“Porque Mareina foi lá com Azrael.”

Os lábios de Zurie se separaram, os olhos se arregalaram ligeiramente enquanto ela abria a boca para falar, mas Keres colocou a mão em seu antebraço para fazê-la parar.

“De bom grado?”

"Sim."

Keres e Zurie trocam um olhar que me diz que eles já estão cientes do problema de Azrael.

Balançando a cabeça em descrença, Keres franze a testa para mim. “Mesmo *que* Zurie tenha aberto um dos portais, como diabos você espera convencer Azrael a deixá-la ir? Ele vai te matar. Ele é um dos deuses mais poderosos que já existiram. Seu poder rivaliza com o de um Primal. Ele *é basicamente* um primal.”

Ao permitir que seus cidadãos esquecidos por Deus entrassem em nosso reino. Isso ia contra tudo em que eu sempre acreditei. Tudo que eu joguei na cara de Mareina e a fiz acreditar.

Mas parecia descuidado dar a Zurie *toda a* verdade. Minha expressão endureceu com a mentira se formando na ponta da minha língua, mas antes que ela pudesse romper meus lábios, o rosto de Zurie empalideceu em realização.

“Você planeja deixar o povo dele entrar…”

Keres bufou uma risada irônica. “ *Akash todo poderoso.* Você foi rei por um dia e já está colocando suas próprias necessidades acima das necessidades de seus cidadãos? Que típico. Eu realmente tinha grandes esperanças para *a alma ligada da minha sobrinha* .”

O rosnado de Malekai era completamente desumano, um espelho da minha própria raiva. Ele se entrelaçou com a culpa que brotou dentro de mim sobre o quão certa ela estava.

Keres revirou os olhos. “ *Abaixo drakonati.* Eu não disse *não.* Só quero garantir que você saiba como isso vai parecer para seu povo. Haverá uma revolta. Você será odiada. Haverá tentativas de assassinato... Ao salvá-la, você está se condenando.”

Suas palavras apenas fortaleceram ainda mais minha resolução. “Se eu não salvá-la, já estou condenado.”

Zurie parecia doente. Talvez suas abstinências estivessem retornando. Não podia ser empatia comendo-a viva enquanto ela olhava para algum canto distante. Quando seus olhos se ergueram para os meus, a determinação neles era inconfundível.

“A culpa é minha.”

O choque me inundou, e eu a vasculhei em busca de sinais de engano. Como isso poderia ser benéfico para ela... A fêmea era uma cobra na grama. Uma moça enganosa, enganosa e nobre da mais alta ordem. Ela estendeu a mão para agarrar meu antebraço, mas então se conteve.

“Eles já me odeiam. Até meus aliados me odeiam. Não faz diferença, mas *você* tem uma chance. O povo já te ama. Você os viu lá fora. Não jogue fora. Diga a eles que Azrael me pagou ou algo assim; não importa. E então, quando os cidadãos de Azrael chegarem, você pode salvá-los. De novo. Como você está destinado a fazer.”

A emoção cresceu em meu peito.

Você não vai chorar. Você não vai chorar. Você não vai *chorar.*

Limpei a garganta, esfregando uma mão no rosto. A gratidão tomou conta de mim quando Malekai colocou uma mão no meu ombro. “Parece bom para mim. Ele concorda, não é, *majestade?”*

Alívio e gratidão me invadiram pelo macho e sua tentativa de chamar a atenção delas. Se eu tivesse que falar, tudo o que teria saído seria um soluço engasgado na palavra *mamãe.*

Limpei a garganta, conseguindo assentir enquanto meus olhos se desviavam.

“Você terá que vir conosco… Caso não consigamos encontrar Azrael. Para abrir o portal novamente,” Malekai acrescentou.

Zurie assentiu em afirmação, apesar de estar branco como papel.

“Por qualquer solução que ele tenha descoberto para trazê-la para lá, ele não a deixará ir. Você sabe disso, certo?”

Enterrei meu pânico crescente. As palavras parecem fracas até para meus próprios ouvidos. “Seu pedido original era que deixássemos seu povo entrar... Foi sugestão de Mareina que ela ficasse lá com ele para reforçar as barreiras entre nossos reinos. Para nos poupar do caos que seu povo causaria.”

O olhar de Zurie vacilou, provavelmente reconhecendo que ela nunca se sacrificou por seu povo como Mareina fez. Suas palavras saíram mais suaves do que eu pensava que ela era capaz.

“Ele é um deus moribundo com um reino moribundo, Nakoa. Se Azrael concordou que ela ficasse lá, é porque é de maior benefício para ele. A única esperança que você tem de trazê-la de volta é por furtividade ou força.”

As palavras de Azrael ecoaram em minha mente.

'… Teríamos que criar um sifão para drenar sua energia…'

“Assim seja.”

Keres suspirou pesadamente, sem falar com ninguém em particular. *“Porra,* isso vai ser terrível. Você percebe isso, não é?”

CAPÍTULO

VINTE E TRÊS

QUERES

Para nossa surpresa, Nakoa convidou Zurie e eu para ficarmos em seus antigos aposentos. Ele escolheu ficar na Ala Norte do palácio, onde seu *olana kah'hei* havia se estabelecido. Zurie parecia um pouco abalada quando retornamos aos seus antigos aposentos. Minha testa franziu enquanto eu observava seus olhos distantes examinando seu quarto, que havia permanecido basicamente intocado. Eu a rodeei, deslizando uma mão reconfortante sobre seu ombro. "Você está bem?"

O rosto de Zurie ficou vermelho, tremendo de emoção. *"Estou com medo."*

Aquela coisa violenta e vingativa em mim despertou, prometendo morte a qualquer um que a ameaçasse. Eu ainda estava me recuperando do fato de que essa fêmea, a primeira em mais de mil anos — desde Soteira — de alguma forma conseguiu roubar meu coração. E em um período tão curto de tempo, nada menos.

Minha resposta foi ridiculamente gentil. Eu mal reconheci minha própria voz.

"De quê, querida?"

Zurie mordeu um lábio carnudo como se pudesse segurar o soluço que eu podia ver que estava decidido a ser libertado. "Você já foi para Vassileo?"

Uma lágrima escorreu por sua bochecha, pontuando a pergunta, e não resisti à oportunidade de pegá-la para mim. Puxei-a contra mim, saboreando a maneira como seu corpo relaxou instantaneamente, e me inclinei para beijá-la.

"Não, mas visitei outros infernos. Não consigo imaginar que sejam muito diferentes."

"Eu fui um idiota tão preguiçoso, egoísta e aterrorizado todos esses anos, e agora sinto como se tudo isso estivesse me alcançando. A última vez que pisei fora deste palácio foi há pelo menos cem anos. Mais, provavelmente. Muito mais. Eu nem consigo me lembrar. E você sabe por quê?"

Seu olhar continha tanto remorso e vergonha enquanto ela me encarava. "Porque eu sou uma covarde. Durante toda a minha vida, minha família conspirou uns contra os outros. Contra mim. Contra todos. Eu sempre presumi inatamente que seria o mesmo com *todos.* Nas raras ocasiões em que a solidão se tornou insuportável, e eu dava um banquete ou baile ocasional, sempre havia uma tentativa de assassinato contra mim... E agora, depois de tudo isso — uma vida inteira de *medo* — eu vou morrer em Vassileo. Eu sei disso."

Coloquei uma mecha perdida do cabelo loiro-acinzentado de Zurie atrás da orelha dela. “Lembre-me, meu amor, o que aconteceu com eles?”

A testa de Zurie franziu, e ela parecia tão linda *e* adorável que eu mal conseguia respirar. "Eles morreram?"

Eu ri baixinho, roçando meu nariz em suas bochechas rosadas para sentir seu cheiro antes de pressionar um beijo em cada uma delas. “*Você os matou.* Não seus guardas ou qualquer outra pessoa. *Você matou.* Cada um deles.”

Mesmo fora do que Zurie me contou nas últimas semanas, eu tinha ouvido inúmeras histórias sobre ela e sua crueldade ao longo dos anos. Admito que a fêmea sempre despertou meu interesse, mas eu estava tão focado em Soteira que a ideia de realmente me conectar com ela nunca tinha passado pela minha cabeça.

Os olhos de Zurie procuraram os meus freneticamente.

“Você é uma sobrevivente, meu amor. E se alguém ousar julgá-la pela maneira como você fez isso, eu alegremente os julgarei com…”

Inclinei-me novamente, roçando meus lábios nos dela enquanto pontuava cada uma das minhas palavras com um beijo carinhoso em seus lábios e mandíbula.

“Meu nu…”

Beijo.

“ Porra…”

Beijo.

"Mãos…"

Beijo.

“Enquanto eu arranco suas gargantas.”

Eu me afastei para ver a reação de Zurie. Suas lágrimas pararam, e suas pupilas se dilataram de desejo. Eu avidamente enchi meu peito com o cheiro de sua excitação enquanto um sorriso curvava meus lábios.

A voz de Zurie era pouco mais que um gemido de necessidade. *“Porra, eu te amo.”*

CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

ZURIE

NÃO nunca na minha vida me senti tão vista. Tão apreciada. Tão compreendida. *Tão amada.* Com minhas palavras, minha boca caiu sobre a de Keres. Peguei seu lábio entre meus dentes, mordendo forte o suficiente para tirar sangue para que eu pudesse sugá-lo. Gemendo de prazer enquanto o chupava em minha boca e o soltava com um *estalo alto.* Ela agarrou a frente do meu vestido, gemendo em nosso beijo antes de se afastar rapidamente. "O quanto você gosta deste vestido?"

Talvez fosse o vestido mais lindo que Bernard já tinha feito para mim. Eu sorri contra seus lábios. *"Queime-o, porra, por mim."*

Keres riu contra mim enquanto rasgava o painel de seda ao meio. Meus seios do tamanho da palma da mão balançaram com o movimento repentino.

"Tão fodidamente perfeito", ela sussurrou reverentemente enquanto se ajoelhava, rasgando a saia. Seus lábios se separaram em admiração quando ela descobriu que eu não estava usando roupas íntimas. Seda se acumulou em volta dos meus pés enquanto as mãos de Keres deslizavam pelas minhas coxas, e ela gentilmente enterrou o rosto entre minhas coxas, sentindo outra lufada do meu cheiro.

"Droga, onde você esteve durante toda a minha vida?" ela rosnou.

Meu coração se apertou com uma emoção que eu não sentia desde Rumiel.

"Escondendo-me", sussurrei.

Keres olhou para cima então, usando mais adoração do que eu já tinha visto direcionada a mim. Adoração que eu não tinha conquistado ou merecido, mas eu era muito incomensuravelmente egoísta e faminto para entreter a ideia de negar ao meu coração o que ele queria.

"Você nunca terá que se esconder de mim."

"Eu sou um monstro, Keres."

"Ah, mas querida, eu não te quereria de outra forma."

Keres se levantou, me pegando como se eu não pesasse nada e me jogou na cama antes de subir em mim. Segurando meu cabelo em sua mão para expor meu pescoço. "Eu quero que você seja minha, Zurie. Só minha. Diga que você quer o mesmo."

Meu coração se encheu de tanto amor por ela que pressionou minha garganta. E não foi nada menos que assustador. Toda vez que eu dava meu coração a alguém, ele só acabava quebrado além do reparo. Minha voz vacilou, e eu falhei em abafar o tremor do meu lábio inferior. Eu nunca me senti tão vulnerável quanto naquele momento.

"Eu já sou."

Keres procurou meus olhos como se esperasse um *mas* para seguir. Eu não tinha nenhum. Irrevogavelmente, essa fêmea havia roubado cada parte miserável de mim, e pela primeira vez em todos os meus anos, algo novo, inocente e lindo começou a florescer.

Seus lábios nos meus pareciam a natureza gloriosa recuperando e infundindo nova vida ao que estava morto e em decomposição.

Keres desejou a roupa de seda vermelha escura e esvoaçante, de uma só peça, que eu tinha mandado Bernard fazer para ela. Era esvoaçante o suficiente para dar a ilusão de ser um vestido, mas na verdade tinha pernas de calça, como era sua preferência. Eu o instruí a fazê-lo sem costas *e* decotado porque eu ansiava por devorá-la a cada momento de cada dia, mesmo que fosse apenas com meus olhos.

A maioria de nossas *uniões* tinha sido rude e apaixonada, mas o que compartilhamos tinha se transformado em outra coisa. Algo terno e indizivelmente lindo. Algo que nós dois sempre desejamos, mas nunca tivemos.

Os lábios e a língua de Keres provocavam meus mamilos já doloridos a pontos carentes enquanto ela trabalhava habilmente meu clitóris com uma carícia provocante de seus dedos. “Meu coração ganancioso quer ouvir você dizer isso, amor…”

Meus quadris se contorciam enquanto aquela energia espiralada e formigante se aproximava do pico sob seus cuidados. *“Eu sou seu, Keres.”*

“Uma menina tão boa,” ela sussurrou contra minha garganta enquanto suas presas se alongavam para pontas afiadas. “Eu vou marcar você agora…”

Meu orgasmo pareceu o nascimento de mil estrelas. *“Deuses, sim.”*

As presas de Keres cravaram-se profundamente na carne delicada do meu pescoço, acendendo algo profundo na minha alma.

Cada gole do meu sangue era refletido no pulso do meu clitóris enquanto meu orgasmo continuava a trabalhar seu caminho através de mim. Ela soltou sua mordida somente quando o último do meu orgasmo passou, e quando sua névoa se dissipou, a necessidade de reivindicá-la em troca *queimou.*

Parecia nada menos que um privilégio empurrar essa deusa de costas, separar suas coxas e olhar para sua perfeição rosa *e molhada* . Testemunhar sua vulnerabilidade. Receber seu amor.

Lambi cada gota de excitação deliciosa pingando de sua entrada antes de chupar gentilmente seu clitóris em minha boca enquanto deslizava dois dedos dentro dela para provocar um ponto que eu conhecia bem. Pressionei a área macia logo acima de sua pélvis enquanto acariciava a parede interna paralela a ela, e minha língua se movia firmemente contra seu clitóris.

Os pequenos gritos e gemidos suaves saindo da garganta de Keres, juntamente com os ruídos molhados dos meus dedos trabalhando em sua boceta, foram o suficiente para fazer meu próprio núcleo apertar de

necessidade novamente. Em menos de dois minutos, seu canal apertado estava em espasmos. Fluido saiu correndo dela, e eu bebi cada gota.

Minhas presas não eram nem de longe tão longas quanto as dela, mas eram igualmente afiadas. Antes que seu orgasmo diminuísse completamente, fiz minha marca contra a carne grossa de sua coxa interna. Keres choramingou enquanto o aperto feroz de seu núcleo se renovava. *"Eu te amo."*

CApíTULo

VInTE E cInco

MARINHA

EU 'tinha sido menos resistente dessa vez quando Asterion me pediu para me alimentar. Os efeitos do sangue dele eram diferentes de tudo que eu já tinha experimentado antes. Eu estava morrendo de vontade de perguntar, mas o macho parecia tão atormentado pelo que quer que já estivesse acontecendo dentro de sua mente que eu não conseguia me forçar a acrescentar algo a isso potencialmente agitando as emoções há muito enterradas ligadas às suas origens.

Dessa vez, consegui me alimentar dele sem arrancar nenhum pedaço de carne, e nós dois suprimimos obedientemente os sintomas que meu veneno induziu. Pela primeira vez desde que cheguei a Vassileo, senti um pouco de paz.

Asterion e eu deitamos no sofá em um dos meus quartos, lendo juntos com minha cabeça em uma ponta e a dele na outra, e nossas pernas confortavelmente entrelaçadas. O conforto, a intimidade — por mais platônica que fosse — e a familiaridade da posição conseguiram reduzir a dor constante no meu peito e a amarra entre mim e meus companheiros a uma dor surda e latejante.

O livro que consegui desenterrar na biblioteca de Azrael era de uma licenciosidade de tirar o fôlego e provou ser uma distração valiosa do meu recente celibato.

A presença de um dos funcionários do palácio de Azrael fez Asterion e eu espiarmos por cima dos nossos livros um para o outro. Ao som da batida, eu os chamei.

Pharalaki do meu pai . Exceto, aparentemente, que estes podiam falar. E com uma voz surpreendentemente feminina.

“Sua Majestade solicita sua presença em seu escritório.”

Bem, essa é a primeira vez.

Desde que cheguei, mal vi o macho.

Meu olhar deslizou de volta para Asterion, cujas sobrancelhas estavam agora abaixadas com preocupação inconfundível, instantaneamente aliviando a tensão em meu peito. "Eu vou com você."

“Acho que nunca vou me acostumar com essas estátuas…”, comentei, olhando para as imponentes efígies de pedra alinhadas em cada — única — parede. Todas representando a mesma mulher. Asterion deu um grunhido evasivo, lançando um olhar superficial para as estátuas antes de seu olhar retornar ao funcionário do palácio que nos levava ao escritório de Azrael.

“Você sabe quem é? São esculturas de alguém real ou…?”

“Eles são ligados à sua *alma.”*

Minhas sobrancelhas saltaram. “Onde ela está?”

Asterion deu de ombros, a coisa maior que minha cabeça real. “Não faço ideia.”

Ai. Esfreguei distraidamente meu peito, logo acima de onde o rhyton estava enterrado, enquanto a dor em meu peito queimava novamente com a lembrança de minha própria alma presa.

Desviei meu olhar das efígies assustadoras para Asterion. O macho era, na melhor das hipóteses, *severo.* Mas isso? A rigidez de seu músculos, a tensão esculpindo cada característica? Definitivamente não era a norma.

"Você está bem?"

O olhar dourado de Asterion se voltou para o meu. “É, por quê?”

“Desde que Azrael me chamou, sua carranca se tornou... significativamente mais *carranca.”*

Um canto da boca de Asterion se curvou, aliviando uma fração da tensão em suas feições. Quando ele estendeu a mão, coloquei a minha na dele, e ele me puxou para seu lado. "Desculpe. Eu só... qualquer coisa que envolva Azrael me deixa nervoso. *Azrael* me deixa nervoso."

Antes que eu pudesse pedir que ele desse mais detalhes, chegamos a um conjunto de portas abertas, e nosso acompanhante gesticulou para que entrássemos antes que eles se virassem e fossem embora.

Asterion e eu entramos no escritório, muito mais aconchegante do que eu esperava, para encontrar o próprio deus sentado em uma chaise longue lendo perto de uma lareira crepitante. Graças à sua magia, a temperatura dentro de seu palácio estava fresca. Um conjunto de chá de cerâmica surpreendentemente delicado, decorado com flores e vinhas, estava na mesa baixa à sua frente. Seu olhar se ergueu do livro em sua mão, com um título que eu não conseguia ler. "Oh, que bom, obrigado por se juntar a mim."

Quando nos sentamos em um sofá em frente a ele, Asterion prontamente me colocou debaixo do braço, e eu não pude deixar de sentir como se ele estivesse me protegendo de algo. De Azrael.

“O que está acontecendo?”

Azrael respondeu com um sorriso enigmático, os olhos se movendo entre nós dois. “Vocês dois se tornaram próximos.”

Diante do meu silêncio cauteloso, Azrael continuou. “Disseram-me que você não estava bem.”

Minha cabeça se virou para Asterion, falhando miseravelmente em esconder o olhar culpado em seu rosto. Gradualmente, meus olhos retornam para Azrael. "Estou bem."

Não convencido, Azrael me estudou por vários momentos. “Bem, isso é um alívio. Sei que você tem sido sobrecarregado com muita coisa desde que chegou… Chá?”

Isso é muito estranho.

Azrael gesticulou para o bule de chá, já servindo uma xícara para si mesmo. Um líquido vermelho-púrpura escuro jorra do bico, ostentando tentáculos de vapor. O cheiro de frutas maduras e picantes encheu meu nariz, e minha boca imediatamente começou a salivar.

“Sim, por favor.”

Azreal arqueia uma sobrancelha. “Asterion?”

Asterion estreitou os olhos por um momento antes de examinar Azrael, antes de finalmente suspirar e relaxar um pouco enquanto se recostava no sofá. Seu braço protetor deslizou dos meus ombros. "Tudo bem."

Azrael passou os chás para nós dois antes de tomar outro gole do seu.

“Como meu povo tem tratado você?”

Por que se incomodar em perguntar? Suspirei em volta de um gole do que talvez fosse o melhor chá que já provei em toda a minha vida enquanto o sabor das frutas vermelhas do verão explodia na minha língua.

“Eles me mantêm bem alimentado.”

Azrael sorriu amargamente, estudando-me enquanto eu tomava outro delicioso gole de chá. “Você enviou mais pessoas para o abismo nos poucos meses em que esteve aqui do que eu em pelo menos um milênio… Existem maneiras mais rápidas de me matar, sabia.”

Dormência deslizou por minhas veias como água gelada enquanto a tontura me dominava. A mão de Asterion disparou para me puxar para trás, me impedindo de cair de cara na mesa de centro. “*Mareina…*”

Os olhos dourados de Asterion brilharam intensamente antes que sua luz começasse a piscar, e seu corpo balançou para frente antes que Azrael se levantasse bem a tempo de inclinar seu corpo para trás, onde ele caiu no sofá ao meu lado.

Abri a boca para perguntar ao meu amigo se ele estava bem, mas seu nome se perdeu na ponta da minha língua. Meus olhos percorreram o ambiente, pousando no homem sentado à nossa frente tomando chá.

“Sinceramente, sinto muito por isso. Você não me deu escolha.”

A ansiedade era um peso esmagador no meu peito quando tentei me sentar e percebi que não conseguia.

“O que está acontecendo?”

“Atualmente, você e seu amigo aqui estão sentindo os sintomas de um pequeno coquetel que fiz só para vocês dois. O primeiro é Mortsbane. Letal para um humano, mas só causa um lapso na função motora por um breve período de tempo e anula a magia em imortais. Mesmo aqueles tão poderosos quanto você,” ele acrescenta, os olhos mergulhando em Asterion, “O segundo, é o River Oblivion.”

Rio Oblivion, Rio Oblivion, Rio Oblivion, Rio Oblivion.

Cantei o nome dentro da minha cabeça como uma prece, esperando que ele me dissesse o que significava.

“Difícil de obter, mas altamente eficaz.”

“Você me *envenenou* ?”

Azrael tsked. “Bobagem. Se eu quisesse você morto, você estaria morto. O que eu quero é que você esqueça. Não tudo, veja bem. Por isso estou lhe dando apenas uma única gota. *Eu não sou um monstro.* Eu só preciso que você seja menos... *volátil.* Eu quero que você seja feliz. E, como eu bem sei,

isso é pedir muito de alguém que está de luto pela ausência de sua *alma ligada* .”

Imagens passaram pela minha mente de Nakoa e Malekai, seus rostos e todas as nossas memórias escorregando como água por uma peneira. Lágrimas brotaram dos meus olhos. A palavra era um sussurro trêmulo.

"Não…"

Azrael franziu a testa. “Mareina, seja razoável. Você será mais feliz passando a eternidade aqui se não tiver eles te segurando.”

Nunca na minha vida eu implorei, mas agora não ousei hesitar.

“Por favor, não…”

Os olhos de Azrael brilharam enquanto ele segurava meu olhar e se levantava, andando ao redor da mesa para se sentar ao meu lado. “Eu invejo você, Mareina. Toda a dor e saudade que pesam sobre você desde que você chegou irão embora. Você será feliz agora. Você está *livre.* ”

Raiva aquosa escorreu pelo meu rosto enquanto eu tentava levantar meus braços para poder envolver minhas mãos em volta do pescoço grosso e fodido de Azrael e assistir aquela luz ardente desaparecer de seus olhos. Em vez disso, eu só consegui o tremor dos meus dedos. Os olhos de Azrael mergulharam em minhas mãos com a ação. "... Você estará bem como a chuva pela manhã."

Azrael se inclinou, cheirando meu pescoço brevemente antes de se sentar novamente.

“Porra. Eu ainda consigo sentir o cheiro daquele *Akash* -drakonati abandonado em você.”

Drakonati? A realização me atingiu como uma marreta, e um novo tipo de dor perfurou meu coração. Era isso que Malekai vinha escondendo todos esses anos. *Por que ele esconderia isso de mim?*

Não que isso importasse agora.

Azrael desejou um frasco brilhante em uma de suas palmas, abrindo-o com mãos invisíveis. Um fluido azul-claro brilhante desafiou a gravidade, fluindo no ar, ondulando até que cada gota tremeu e a luz que a iluminava começou a se *separar* do próprio fluido. Azrael murmurou em uma língua que eu não conseguia entender que parecia guiar a luz em minha direção. Um grito saiu da minha garganta enquanto desaparecia sob minha pele, queimando como fogo incandescente antes de se dissipar.

Minhas respirações ficaram curtas e rápidas enquanto o suor escorria pela minha testa. Algo parecia errado. *Vazio.* E ainda assim, eu não conseguia identificar o que era.

Um homem sentado ao meu lado cheirou meu pescoço, rosnando seu descontentamento. "Vai ter que servir."

Eu forcei meus membros teimosos a se moverem, mas eles permaneceram fixos no lugar.

Seus dedos roçaram minha garganta, franzindo a testa, e um momento depois, senti a distinta sensação de formigamento e coceira de um glamour se estabelecendo. "Não podemos mais ter isso, podemos?"

Minhas palavras eram um insulto, minha língua não cooperava. Eu não tinha ideia de quem era o homem na minha frente, mas algum ódio inato por ele queimava intensamente. Inerentemente senti que essa injustiça se contorcendo dentro de mim era por causa dele.

“Um dia… eu vou… matar… você.”

Azrael me deu um sorriso triste.

“Talvez um dia eu deixe você.”

CAPÍTULO

VINTE E SEIS

AZRAEL

EU Inspire por treze, expire por treze.
Inspire por oito, expire por oito.
Inspire por cinco, expire por cinco.
Inspire por três, expire por três.
Inspire por dois, expire por dois.
Inspire por um, expire por um.

A *respiração do vórtice,* graças ao Hindu Pujari que conheci em Terrenea, aprendi a maneira mais rápida de alcançar Somnus, Deus dos Sonhos, e praticamente todas as coisas relacionadas à mente subconsciente. Foi o trabalho de alguns momentos para minha mente deslizar fundo o suficiente em um estado meditativo para alcançá-lo através do meu subconsciente. Guiei minha mente para permanecer no macho enquanto minha mente deslizava mais para os reinos inconscientes.

Somnus já estava lá me esperando, olhos estrelados e tudo. Embora o cosmos girando em seus olhos negros não fizesse nada para suavizar suas feições endurecidas.

"Nunca, em todos os meus anos, conheci alguém tão conivente—

Porra.

Eu me acalmei. Era difícil manter as barreiras mentais intactas quando você estava meio dormindo. E se eu deixasse minha impaciência ou Se a raiva tomasse conta de mim, eu retornaria rapidamente ao meu corpo físico.

que você comece a julgar, *irmão* —

"Pretenso cunhado —

Revirei os olhos, respirando fundo mentalmente para permanecer calmo. "Batata-tomate."

Os olhos de Somnus se estreitam. "Acredito que você quer dizer, *po-tay-tow, po-tah-tow."*

Inspire fundo, expire fundo. Gooz-frah-bah-e-o-que-não.

"Você sabe exatamente o que eu quero dizer", eu retruquei.

"O que você quer, Azrael? Você não pode ser tolo o suficiente para pedir minha ajuda quando você acabou de—

"Eu sei onde está sua *ligação com a alma* ."

Os olhos de Somnus se estreitaram com suspeita antes que suas feições relaxassem em realização. Algo sinistro tomou conta de sua expressão, e ele deu um passo em minha direção, segurando meu olhar e me atraindo para seu reino através dos portais gêmeos de seus olhos. Sua magia, carregando tanto a calma reconfortante quanto o *peso* de todos os oceanos em todos os reinos, pressionou contra as barreiras da minha mente.

"Você ousaria negar-me minha alma ligada?"

Oh merda. Eu tinha esquecido o quão poderoso ele era. O macho era calmo e, de outra forma, tão benevolente e gentil que poderia ser facilmente subestimado. E se não fosse pelo tendão musculoso e grosso de seu corpo alto, talvez até confundido com fraco. Se eu o deixasse continuar, ele facilmente romperia as barreiras que protegiam minha mente dele e roubaria minha única ferramenta de barganha.

Ou desconcertar minha psique em mingau. Imaginei que seria preciso muito pouco esforço para que ele me fizesse babar em mim mesma e balbuciar como uma criança, se ele assim desejasse.

O suor escorria pelas minhas costas enquanto eu agarrava a corda que prendia sua alma à sua forma corpórea e dei um *puxão firme.* Ele cambaleou para frente, olhando para mim enquanto se segurava.

“Você faria o mesmo se isso significasse encontrar *sua* alma gêmea.”

O maxilar de Somnus se contraiu. Até ele, um dos seres mais moralmente corretos que já conheci, tinha um lado negro que poderia ser facilmente capturado ao usar a isca certa.

O que não *faríamos por aqueles que amamos?*

“Que favor você me pede?”

Dei um suspiro de alívio. Eu não tinha certeza se ele concordaria, sendo tão... justo e tudo.

“Preciso que você altere algumas memórias.”

"Você os administrou com o River Oblivion, eu não sou nenhum milagreiro."

“Só uma gota! Vai ser fácil para você reorganizar as coisas e apagar algumas… *pessoas.”*

Somnus permaneceu em silêncio por vários momentos, abrindo um buraco no meu rosto com seu olhar crítico.

"Você é um doente do caralho, sabia?"

“Mmmm, sim… E você vai fazer o que eu mando para poder se unir com sua própria *alma ligada.* O que isso faz de você?”

"Culpado."

Dei a ele um sorriso açucarado. “Estou *tão* feliz que estamos na mesma página, querido.”

“Você percebe que os efeitos do Rio Oblivion são apenas temporários para um deus, não é?”

"É exatamente por isso que eu te convoquei. *Você* vai fazê-la esquecer tudo sobre sua *alma-ligada* e aquele *drakonati intrometido* que ela escolheu como companheiro para que ela possa viver em paz por uma vez em sua vida *Aka* sh-abandonada."

Somnus levantou uma sobrancelha amarga para mim. “Projetando, não é?”

Dei um suspiro, revirando os olhos. O macho era irritantemente astuto.

“Projetando, não é?”, repeti em tom de zombaria.

Somnus olhou para mim, sem sorrir.

“Como você já sabe, *nossa* sobrinha está dormindo profundamente, assim como Asterion, o que as torna prontas para todos os seus ajustes e alterações mentais para que eu possa voltar a encontrar *minha* alma gêmea.”

O olhar de Somnus endureceu ainda mais.

“Você está colocando-a em risco. Isso pode fraturar sua mente. Há muitas memórias traumáticas embutidas em seu subconsciente e inextricavelmente *ligadas* a outras pessoas. Se ela estivesse vivendo sob uma rocha, então poderia ser uma tarefa simples — mas você está me pedindo para alterar os últimos cem anos de sua história, além de grandes eventos não apenas em sua vida, mas no mundo em geral. *Qualquer um* pode aparecer e revelar a verdade. *Como derrubar Zurie —*

Eu gemi minha frustração, acenando com um desdém no ar. Este macho era um dos deuses mais poderosos que existiam.

“Você não pode simplesmente… removê-la da equação?”

“Como se não fosse ela quem a usurpou?”

“Ninguém aqui sabe nada sobre a política atratusiana. Quando ela chegou aqui, Nakoa nem tinha assumido o trono. Não faria sentido simplesmente... apagar tudo? Alterar suas memórias para que ela se reunisse com seu pai depois de todos esses anos e finalmente pudesse abandonar seus deveres com Zurie, ficasse em Avernus com seu pai e sua mãe depois de conhecê-los?”

Somnus franziu o cenho. “Keres *matou* a mãe dela, lembra?”

“Melhor ainda para que isso nunca acontecesse! Ela não precisa mais lamentar a morte dela!”

“E se ela não tem companheiros para proteger, por que ela concordaria em ir com você?”

“Primeiro, *ela* sugeriu isso. E não foi apenas para proteger seus companheiros, mas todos de Bellorum e Avernus. Ela provou ser uma mártir e tanto.”

Somnus balançou a cabeça para mim, com um olhar de decepção condenatória. “Você honestamente pretende mantê-la no *inferno? Para sempre?* Eu te *conheço* , Azrael. Nem *você* é tão cruel assim. ”

Engulo a culpa queimando em meu peito como bile.

“Você está gravemente enganado se pensa tão bem de mim, porque é exatamente isso que pretendo fazer. Pode ter sido ideia dela inicialmente, mas seu poder é *de tirar o fôlego.* Mesmo *com* ela massacrando meus cidadãos em massa, posso sentir meu reino *se curando.* O próprio tecido que mantém meus reinos unidos fica mais forte a cada dia. Receio não poder deixá-la partir.”

A expressão de Somnus permaneceu tão vazia que não pude deixar de me perguntar se ele ao menos tinha me ouvido. Se sua mente tinha voltado para onde quer que seu corpo físico estivesse.

“Você está cometendo um erro, Azrael.”

“Bem, não é tarde demais para eu despejar uma xícara do Rio Oblivion goela abaixo e fazê-la esquecer *tudo.* Eu estava tentando fazer isso de forma

compassiva . Eu poderia ter feito o que Keres fez com seu irmão e simplesmente jogar o corpo dela em uma praia em algum lugar.”

Somnus franziu a testa, finalmente me dando uma reação. “Você também está esquecendo o fato de que Avernus vai desmoronar sem ela ou Mors lá.”

Massageando minhas têmporas entre o polegar e o indicador, soltei um suspiro sofrido. “ *Então, encontre Mors.* Você está me entediando com essas minúcias, Somnus. Parabéns. *Estou entediado pra caralho.* Agora, você quer sua *alma atada* ou não? Se eu fosse você, eu me apressaria porque a vida dela pode ou não depender disso.”

Somnus *rosnou.* O macho era normalmente tão bem-educado e contido que eu não conseguia me lembrar de tê-lo ouvido rosnar.

"Se você encostar um único de seus dedos imundos, degenerados e fodidos nela, eu juro por Akash que transformarei sua mente em uma sopa de merda *e queimarei todos os seus reinos até o chão."*

Coloquei uma mão amigavelmente em seu ombro. “Você sabe o quanto eu amo sopa, querido. Não me tente.”

O olhar de Somnus deslizou para a mão ofensiva como se eu tivesse jogado merda em seu ombro, virando as costas para mim e caminhando para a escuridão. “Encontre-me aqui esta noite. Quando você for dormir, estará feito. E espero que minha *alma* esteja feliz, saudável e *segura.* ”

Oh meu querido, doce, doce, Somnus. Você está muito atrasado para isso.

Soltei um suspiro desamparado, lembrando-me de suas palavras.

"Eu não sou um fazedor de milagres", gritei para suas costas enquanto sua forma começava a desaparecer. Somnus me lançou um último olhar, cheio de vingança prometida, antes de desaparecer completamente.

CApíTULo

VInTE E SETE

MARINHA

E A sensação de um corpo grande e musculoso pressionando contra o meu registrou-se em minha mente, agitando gentilmente minha consciência.

Dedos calejados roçaram os picos e vales de minhas curvas. Meu coração se encheu de amor e conforto pelos quais eu sempre ansiava. *“Lohane thili,”* uma voz distante, mas familiar, grave e barítona sussurrou contra minha testa.

Ligado à alma.

Minha respiração ficou presa em reconhecimento, e eu abri meus olhos para encontrar o rosto marcado de um homem que minha mente não conseguia identificar, mas sem dúvida, minha alma *sabia.* Meu coração inchou até explodir de amor por esse homem cujo nome eu não conseguia lembrar. Nenhum pedaço de tecido separava meu corpo do dele enquanto ele me rolava de costas e se acomodava entre minhas pernas. Apesar do fato de que seu pau notavelmente longo, grosso e perfeitamente esculpido estava firmemente aninhado contra minha entrada gotejante, o arrependimento marcava cada uma de suas belas feições. "Eu nunca disse que te amo, Mareina."

A emoção cresceu no meu peito, entupindo minha garganta enquanto os olhos de Nakoa brilhavam com uma tristeza que espelhava a minha. *"Eu sinto muito, porra."*

Mãos longas embalaram minha cabeça enquanto ele se curvava para beijar minhas lágrimas. “Eu te amei desde o momento em que coloquei meus olhos em você, *maha loha.* E eu sinto muito por tudo que fiz para fazer você duvidar disso.”

Sem saber como ou por que, minha resposta escapou livre e esse estranho macho que minha alma conhecia pressionou sua testa na minha. “ *Eu te amo nesta vida e em todas as vidas que virão.”*

Meus olhos se fecharam em êxtase enquanto seus dedos deslizavam pelo meu cabelo, agarrando firmemente enquanto seu corpo ficava tenso com emoção contida. Gotas quentes faziam cócegas e deslizavam sobre a curva do meu pescoço onde ele enterrou a cabeça. Movendo seus quadris, seu pau acariciou minhas dobras e contra meu clitóris, iluminando cada molécula do meu corpo.

Minhas mãos deslizaram em seu cabelo — agora de repente mais curto. O amor crescendo em meu peito dobrou quando o homem me segurando contra ele se afastou um pouco, e sua mão agarrou meu cabelo, expondo minha garganta para ele. Abri meus olhos para encontrar o homem com cabelo escuro e feições marcadas agora substituído por um homem com cabelo loiro-dourado e olhos turquesa. Sua respiração saiu dele enquanto ele observava minhas feições; de alguma forma, ele parecia mais chocado

em me ver do que eu em ter esse estranho pressionado entre minhas coxas. *"Tessari mú."*

Meu tesouro.

As palavras e sua tradução encheram minha mente como um farol de luz enquanto minha alma *cantava* ao vê-lo, cantando repetidamente: *"Eu te amo"*, totalmente despreocupada pelo fato de que eu nem sabia seu nome.

A culpa apertou meu coração enquanto a raiva e a mágoa endureciam suas feições. O veludo profundo de sua voz estava cheio de acusação ferida.

“Você nos deixou.”

Minha respiração ficou presa, e um remorso esmagador me inundou, apesar de não ter ideia do porquê. Minha mente parecia estar tentando atravessar uma parede impenetrável de névoa.

Aqueles olhos brilhantes turquesa e dourados mergulharam onde seu enorme pau estava contra meu clitóris. Seus quadris deslizaram para frente, fazendo meus quadris darem uma contração involuntária. Pegando seu pau em sua mão, um gemido ofegante me deixou enquanto ele roçava sua coroa através de minhas dobras molhadas. A ação fez minhas pernas se abrirem mais e minhas costas arquearem. Seus olhos se ergueram de volta para os meus. "Olha a bagunça que você está fazendo, *tessari mú."*

Eu me apoiei nos cotovelos para espiar entre nós. O macho então *deu um tapa* no meu clitóris com seu comprimento duro como aço. A umidade clara e pegajosa da minha excitação se enfiando entre nós. "Viu como você precisa desesperadamente de nós?"

Seu olhar retornou ao meu. “Ou você precisa que eu te lembre?”

Minha respiração ficou presa enquanto eu observava seu comprimento deslizar contra mim, fazendo minha boceta necessitada apertar em volta do nada. "Talvez eu devesse punir você, hm?"

O macho alinhou seu comprimento com minha entrada, empurrando lentamente para dentro, e eu engasguei com a invasão apertada e esticada. Meu núcleo teve espasmos ao redor dele, fazendo-o dar um rosnado baixo. Seus quadris pulsavam em movimentos lentos e superficiais que esfregavam sua coroa grossa contra o centro de prazer superficial dentro de mim. Ele cuspiu um pouco de saliva no meu clitóris e acariciou a bagunça com o polegar, fazendo minha boceta apertar com força de necessidade.

Seus movimentos pararam, um sorriso perverso curvando um canto de sua boca para revelar uma covinha. “Só as boas garotas conseguem gozar quando querem, Mareina. Você sabe melhor.”

As palavras do homem eram como um encantamento que invocava calor líquido para escorrer entre minhas pernas. Saindo da lateral da cama de quatro postes, ele lentamente deslizou para fora de mim, e eu choraminguei com a perda. Seu olhar era implacável quando ele me deu um aceno de encorajamento.

“De joelhos, Kalini.”

Dei seu comando e me ajoelhei na frente dele, apresentando meu traseiro e minha boceta molhada e pingando para ele. Ele deu um rosnado

cruel com a visão, passando o polegar contra minha entrada. Quando olhei para trás, o encontrei lambendo minha excitação do polegar. No meio do movimento, um sorriso felino curvou seus lábios enquanto ele se inclinava para frente para agarrar meu cabelo e murmurar em meu ouvido.

“Engula cada centímetro do seu pau e nos mostre o quão bonito você pode chorar.”

Seu olhar se ergueu mais alto para algo ou *alguém* na minha frente. Olhei para frente para encontrar o homem com as feições marcadas parado na beira da cama, a poucos centímetros de distância. Chifres pretos e retorcidos agora coroavam sua cabeça, e asas membranosas gigantescas pretas e marrons se esticavam amplamente. Meus lábios se separaram em admiração enquanto eles me encaravam com um olhar que prometia retribuição.

Algo quente e grosso roçou minha garganta antes de acariciar meu maxilar desequilibrado. Meus olhos estavam tão fixos no rosto do macho que não notei sua cauda. Embora eu *não tenha* perdido o comprimento quase do tamanho do antebraço que ele estava acariciando.

“Se você for uma boa menina, talvez eu te sufoque. Você gostaria disso, *lohane thili?”*

Deuses, sim.

O rabo do macho com cicatrizes se enrolou em volta da minha garganta, apertando levemente, enquanto o pau do macho loiro lentamente começou a empurrar para dentro da minha entrada. Um gemido suspirado escapou de mim, e quando eu falhei em atender à sua demanda, o macho atrás de mim envolveu seu punho em meu cabelo e me puxou rente ao seu peito enquanto ele continuava a estocar dentro de mim em golpes firmes e constantes. Sua voz era um rosnado com poder mal contido. "Eu quero que você pegue nossos dois paus, Mareina. Mostre-nos o quão arrependido você está. Eu quero que você implore ."

Desculpe pelo quê, minha mente não conseguia lembrar, mas foi então que percebi que o peso esmagador no meu peito era *a culpa.*

Algo dentro de mim queimava com a necessidade e o desejo de fazer exatamente isso. Eu não vi tanto quanto senti os olhos dos dois machos se encontrarem. “Eu a quero assim mesmo, Malekai.”

Malekai… Uma sensação de conhecimento interior tomou conta de mim ao som do nome dele. *Então por que não consigo ligar uma única memória a ele?*

O com cicatrizes dobrou suas asas firmemente antes de pisar em cima da cama, trazendo meu rosto quase paralelo ao comprimento grosso pingando pré-gozo nos lençóis. Ainda agarrando meu cabelo, *Malekai* pegou meus pulsos em uma mão, prendendo-os contra minha parte inferior das costas enquanto o ritmo de suas estocadas diminuía.

Segurando o olhar do marcado, abri minha boca, estendendo minha língua em convite. Ele me pegou de surpresa quando, depois de chupar suas

bochechas, cuspiu um pouco de saliva na parte plana da minha língua. A sensação de *retidão* tomou conta de mim enquanto eu engolia.

"Boa porra de menina", Malekai rosnou no meu ouvido no momento em que o da cicatriz se inclinou para frente, capturando minha garganta com uma de suas mãos grandes, e trouxe seus lábios aos meus em um beijo violento. O ritmo e o fervor de suas estocadas aumentaram, fazendo com que ruídos molhados de tapas enchessem o ar.

O homem na minha frente cortou nosso beijo. Olhos negros sem íris seguraram os meus enquanto ele ficava de pé e alinhava seu pau com minha boca. O que soou como um cruzamento entre um rosnado e um ronronar ressoou em seu peito enquanto ele lentamente começou a empurrar para dentro e para fora da minha boca e garganta.

Gemidos confusos de prazer me deixaram enquanto baba escorria pelos cantos da minha boca. Com as duas mãos agarrando meu cabelo, suas estocadas se tornaram brutais, e *a opressão* começou a vazar dos meus olhos enquanto eu segurava o olhar do marcado.

Um grande espelho apareceu, pairando perpendicularmente a nós e nos dando uma visão de nossa devassidão enquanto a voz de Malekai assumia um tom endurecido e cruel que, apesar de toda sua inexplicável familiaridade, soava completamente estranho.

“Olha que bagunça perfeita você é, Mareina. Veja como nós te arruinamos perfeitamente. Você nos pertence.”

Eu mal conseguia respirar, mas minha boceta ainda tremia com meu orgasmo se aproximando rapidamente. A mão de Malekai soltou meus pulsos e desceu, batendo *forte em meu clitóris.* "Nós dissemos que você podia gozar, porra?"

Suas presas afundam na carne onde meu ombro encontra meu pescoço. Uma dor branca e quente acendeu cada um dos meus sentidos em chamas, apenas diminuindo quando ele começou a beber. Malekai gemeu em volta de sua boca cheia.

Como se em sincronia, os golpes de ambos diminuíram. Senti seu veneno penetrar em mim, doloroso a princípio, antes de se dissipar, substituído por uma excitação desesperada. Sua mão livre viajou pelo meu lado até meu peito, beliscando o pico endurecido e dolorido. Meu núcleo agarrou o comprimento fino de Malekai novamente enquanto eu chorava e choramingava ao redor do pau enterrado em minha garganta. O macho na minha frente se retirou finalmente, me dando a chance de respirar fundo. A saliva penetrou entre minha boca e seu comprimento, pingando em meus seios e lubrificando exatamente onde Malekai estava provocando meus mamilos enquanto bebia meu sangue.

Ambos os machos rosnaram de prazer com minha súplica.

“Por favor… Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor.”

O macho na minha frente trouxe sua cauda para frente para passar por minha saliva e a levou até meu clitóris, curvando-se para lamber minhas

lágrimas e murmurando palavras abençoadas contra meus lábios. *"Venha para nós, lohane thili."*

Quando sua língua buscou a minha em uma carícia sensual, eu já estava gozando tão forte que, se Malekai não estivesse me apertando contra seu peito, eu desmaiaria.

O macho com cicatrizes interrompeu nosso beijo e se levantou para devolver seu comprimento à minha boca. Com um suspiro ofegante de prazer, meus lábios e língua percorreram o comprimento de seu pau. Precisando da minha adoração, murmurei meu louvor antes de tentar forçá-lo a descer pela minha garganta.

Eu engasguei em volta dele, fazendo minha boceta apertar forte. Malekai soltou minha garganta, e seus golpes se tornaram punitivos.

Enrolando cuidadosamente os dedos em volta da minha nuca, o macho na minha frente aumentou o ritmo de suas estocadas para combinar com as de Malekai. Seu pau engrossou ainda mais, novamente em sincronia com Malekai, cuja mão empurrou a cauda para acariciar meu clitóris ele mesmo. Outro orgasmo me rasgou enquanto seus paus pulsavam dentro de mim.

Novas lágrimas brotaram quando o homem na minha frente sustentou meu olhar, e nós três gozamos em uníssono, e eu soube, sem sombra de dúvidas, que meu coração estava mais cheio do que nunca.

“Lembre-se que eu te amo, Mareina.”

CAPÍTULO

VINTE E OITO

MARINHA

"E Você está linda esta manhã." Afastei-me do espelho e encontrei Azrael parado na porta, vestido elegantemente com os ternos modernos populares entre os humanos de Terrenea, como de costume.

E ainda assim, algo está errado.

Voltei meu olhar para o espelho, tentando abafar o desconforto que passava pelo meu corpo, mexendo no espartilho. Embora um tanto sufocante, teve um efeito notável em acentuar minhas curvas. Eu forcei minha voz a ficar casual. Agradável até. Para que Azrael não ficasse ciente da suspeita estranha e infundada com a qual eu tinha acordado uma semana atrás.

"Obrigada… Não me lembro da última vez que usei um vestido."

Olhando para mim mesma no espelho, arrumada da melhor maneira que eu conseguia, eu parecia uma pessoa completamente diferente. Meus olhos mergulharam na cicatriz que descobri no meu antebraço, com o nome do homem loiro do meu sonho, e eu puxei minha manga de volta sobre ela. Algo bem no fundo de mim me disse que eu precisava escondê-la. *Protegê-la.*

Uma semana atrás, depois de ter o sonho erótico mais delicioso de toda a minha vida, eu o encontrei no meu antebraço quando tomei banho para lave a excitação encharcando minhas coxas. Eu estava completamente perturbado e tranquilizado por isso.

Embora eu não tivesse nenhuma lembrança de que ele estivesse *esculpido* ali, havia apenas *uma* maneira de alguém conseguir colocar seu nome em meu corpo em uma escrita de rolagem tão perfeita — e isso exigia minha permissão. Mesmo antes de eu perceber, no momento em que acordei, senti um desejo profundo e inignorável pelos homens do meu sonho.

A lógica me disse que algum tipo de poção de limpeza de memória tinha misturado minha comida ou bebida. Isso também explicaria por que eu ansiava pelos homens do meu sonho com uma necessidade tão profunda na alma. Apesar de não ter memórias deles, eu os *conhecia* . Minha saudade deles não havia diminuído nem um pouco.

Uma sacanagem da mais alta ordem está acontecendo, e Azrael tem algo a ver com isso.

"Você está com fome?" Azrael perguntou.

Por que, sim. Eu sou. Pelo seu *sangue.*

Fingi um suspiro de alívio. "Deuses, sim. Estou morrendo de fome."

"Esplêndido. Venha almoçar comigo?"

Almoço? Desde que cheguei a este reino *meses* atrás, nenhuma vez o macho me convidou para almoçar. Minhas suspeitas aumentaram ainda

mais.

"Parece *delicioso"*, respondi um pouco doce demais.

Azrael me estudou por um momento enquanto um sorriso tenso se abria em seu rosto enquanto ele permanecia na porta.

Sorrir ou não sorrir? Eu me afastei do espelho para olhar para ele, dando-lhe o olhar mais casual que eu consegui.

A suspeita estreitou seus olhos.

Porra, eu não deveria ter sorrido. Eu não dou sorrisos assim. Quem diabos você pensa que é?

Meu sorriso desapareceu. A suspeita de Azrael diminuiu.

"Certo…", ele anunciou sem jeito antes de se virar para sair.

Idiota. Idiota. Idiota.

Instrumentos de cordas faziam cócegas no ar enquanto Azrael se levantava educadamente de seu assento enquanto eu entrava na sala de jantar e eu mal consegui conter meu revirar de olhos.

Somos galantes, seu idiota hipócrita?

O olhar de Azrael permaneceu fixo em mim enquanto eu caminhava em sua direção e comecei a transpirar por baixo da máscara de *indiferença* que eu usava.

Indiferença.

Indiferença.

Indiferença.

Você é a Rainha da Indiferença.

Minha voz ficou aérea e aguda.

"Obrigado por me receber…"

Deuses, você é uma péssima atriz.

Os olhos de Azrael se estreitaram novamente, dessa vez com preocupação.

"Você está se sentindo mal?"

Puta merda, por que estou sorrindo de novo?

Limpei minha garganta enquanto me sentava em frente a ele e fiz contato visual com cerca de uma dúzia de efígies da *alma de Azrael* que pareciam ter sido esculpidas para ostentar a expressão mais crítica possível. Doze deles nos cercaram em um círculo de suas colunas a apenas alguns metros de onde estávamos sentados sob os cinco sóis vermelhos abandonados de *Akash de Vassileo* . Apesar de Azrael manter seu pátio amenos 72 graus graças à sua magia, o suor escorria pelas minhas costas.

Por que estou tão nervoso?

E se ele não tiver feito nada de errado e eu estiver apenas perdendo a cabeça?

O constrangimento se instalou entre nós. A comida, embora indubitavelmente deliciosa, não tinha nenhum apelo para mim, apesar da

minha imensa fome. Minhas presas doíam, e eu não conseguia deixar de me mexer inquietamente.

Por que estamos aqui?

"Há… Algo em particular que você gostaria de discutir comigo?"

Azrael me deu um sorriso educado, mas notavelmente forçado. "Eu percebo que, embora seu desejo em vir aqui seja devido ao seu desejo de proteger Bellorum e Avernus, mas… sinto que lhe devo uma grande gratidão…"

Oh…

A tensão no meu corpo, que vinha aumentando há mais de uma semana, diminuiu um pouco.

Talvez eu seja simplesmente louco.

"… Apesar do número *astronômico* de pessoas que você matou aqui, o que traz suas próprias consequências com as quais não vou aborrecê-lo, seu poder é… de tirar o fôlego em magnitude. As proteções que mantêm o reino unido parecem mais fortes do que em milênios. Tenho trabalhado em estreita colaboração com o alquimista que criou o rhyton, e tenho certeza de que em breve encontraremos uma maneira de você se alimentar o quanto precisar, ao mesmo tempo em que me ajuda a manter unida a estrutura deste reino. Não tenho medo de admitir que tenho uma grande dívida com você e… espero que um dia eu possa retribuí-lo."

Não pude deixar de me sentir um pouco sem palavras. *E completamente desarmado.*

Ninguém nunca havia expressado gratidão tão livremente para mim. Ou pelo menos até onde eu conseguia me lembrar. Internamente, minha mente lutava com sua gentileza aparentemente sincera e minha sanidade rapidamente minguante. De baixo da mesa, meu polegar encontrou seu caminho para a cicatriz em meu braço com o nome de Malekai, e isso instantaneamente me aterrou.

"Obrigado... Embora, não é como se eu tivesse alguém ou algo me ligando a Bellorum, e meu pai tem governado Avernus sozinho desde tempos imemoriais. Se alguma coisa, eu só queria ter conseguido passar mais tempo com ele e minha mãe antes de vir para cá."

Azrael me deu um sorriso triste. "Talvez eles possam vir nos visitar algum dia."

Certo. Você está oficialmente louco.

A magia crepitou no ar momentos antes de um macho com asas gigantes e olhos dourados sem íris passar pelas portas do jardim. Sua boca se abriu para falar, mas suas palavras foram interrompidas quando pousaram em mim. Tanto sua beleza estonteante quanto uma estranha familiaridade com ele que eu não conseguia identificar silenciaram a respiração em meus pulmões.

O corpo de Azrael ficou rígido ao vê-lo. "Asterion. Você deveria estar viajando para Creshmir para conhecer seu novo esquadrão."

“Eu estava, mas há outro tumulto. Eles incendiaram a cidade de Malovada.”

CAPÍTULO

VInTE E novE

MARINHA

EU Se não fosse pelo calor opressivo dos sóis, o voo para Creshmir poderia até ter sido agradável. Em vez disso, o suor dos meus seios foi o suficiente para me tentar a voar nua. Bem quando decidi a favor disso, o som de batidas de asas atrás de mim chamou minha atenção. Tentáculos de magia vermelha já estavam saindo de mim enquanto eu me virava, chocada ao descobrir o homem que abençoadamente interrompeu o almoço com Azrael.

"Você não tem um esquadrão esperando por você?"

Um sorriso triste curvou seus lábios, olhos dourados sobrenaturais brilhando na luz do sol. "Ninguém espera em Vassileo. Nem mesmo os nefilins. E Azrael pode se sentir confortável enviando alguém para reprimir um tumulto feroz em Malovada sozinho, mas eu não."

Uma onda surpreendente de apreciação ardia intensamente em meu coração. Eu sempre lutei sozinho, mesmo que fosse ao lado de uma companhia inteira de soldados. Sobrevivi a uma guerra sozinho. Servi Zurie sozinho. Vivi sozinho. Minha vida em Atratus tinha sido completamente sombria, na melhor das hipóteses.

Então, para esse homem se preocupar *comigo*…

Minha garganta travou de emoção. "Obrigado."

No entanto, desde que vi o nome de Malekai em meu braço, minha mente girou, tentando encontrar memórias que não estavam lá. Ainda assim, toda vez que meus dedos roçavam aquela cicatriz, eu sentia uma sensação de conhecimento interior de que as coisas não eram bem como pareciam ser. O fato de que eu podia *sentir* o amor irradiando daquela marca era uma fonte constante de estabilidade para minha mente em desintegração.

A pergunta surgiu sem que eu tivesse pensado antes.

"Você confia em Azrael?"

O macho voando ao meu lado estalou o olhar para a mente como se estivesse surpreso com a pergunta. "Nem mesmo com uma faca de manteiga."

Mais da minha ansiedade se dissipou enquanto eu ria enquanto seu olhar permanecia em mim. "Meu nome é Asterion."

Encharcados em sangue e cobertos de fuligem, Asterion e eu observamos os restos que nos cercavam. Malovada tinha sido reduzida a escombros, e minha barriga estava cheia a ponto de estourar.

"Acho que bebi demais…" Soltei um suspiro, interrompido por um arroto abrupto. Coloquei as mãos sobre a boca enquanto o constrangimento

lambia minhas bochechas e pescoço como chamas. “Oh, deuses. Sinto muito por isso. Acho que é todo o sangue de demônio… Me dá indigestão.”

A boca de Asterion se contraiu por um breve momento antes de se abrir em um largo sorriso, e ele *riu*. Embora eu mal o conhecesse, tive uma forte sensação de que era uma visão rara. Transformava suas belas, mas proibitivas feições em algo *divino* .

E contagiosa.

Minha própria risada explodiu, relaxando todos os músculos do meu corpo e fazendo afeição por ele florescer em meu peito.

Quando foi a última vez que ri assim?

Nossos olhos se encontraram através de nossas risadas compartilhadas, e eu senti uma semente de amizade plantada firmemente entre nós. Algo dentro da minha alma parecia dizer: ' *Eu conheço essa pessoa.'*

Nossa risada diminuiu, e Asterion abriu a boca para dizer algo, mas a presença de magia estrangeira a interrompeu. Nossos olhares se voltaram para a porta atrás de mim antes de compartilharmos um olhar de cumplicidade. Tive que abafar meu gemido enquanto me virava para cumprimentar nosso inimigo.

Eu queria desesperadamente tomar um banho.

Um homem apareceu na porta do prédio decrépito que acabávamos de invadir. O mesmo que eu tinha visto desafiar Azrael na rua quando cheguei. *Erius.*

Ele sorriu largamente ao me ver, seu sorriso anormalmente brilhante contra sua pele escura. "Olá, *não-consorte."*

Completamente exasperado, dei um tapinha na minha barriga. “Olha. Estou *empanturrado.* Empanturrado, na verdade. Então, a menos que você sinta vontade de passar o resto dos seus dias encoleirado e em uma masmorra já lotada até a borda com os habitantes deste lugar abandonado por *Akash* , sugiro que se preocupe em outro lugar.”

Erius caiu na gargalhada. “Uma coleira?” Outra explosão de risadas escuras e roucas. Sua voz soou como se as chamas de sua barriga tivessem chamuscado permanentemente suas cordas vocais.

O prédio ao nosso redor explodiu como uma explosão enquanto sua forma se transformava na besta épica da tradição espreitando sob sua pele. Olhando para nós e sorrindo com dentes afiados como navalhas do tamanho das minhas pernas, o barítono de sua voz ecoou em nossas mentes. "Eu adoraria *ver* você tentar colocar uma coleira em mim."

Asterion rosnou ao meu lado, e eu não pude deixar de ficar impressionado com sua verdadeira forma. Chifres brilhantes, dourados e retorcidos se erguiam de sua cabeça, me fazendo pensar se eram realmente de metal. Uma blindagem dourada se projetava de sua pele. Seus olhos dourados e sem íris, normalmente escuros, começaram a brilhar como se iluminados por uma estrela em chamas. No entanto, nada disso foi o que fez meu queixo cair no chão. Um vazio negro começou a emanar dele. Pedaços quebrados de gesso, madeira e cimento deslizaram pelo chão em sua

direção para então ser reduzido a cinzas antes de desaparecer completamente.

Eu tropecei para trás contra a força gravitacional que me puxava em sua direção, minha longa trança balançando na minha frente.

Fiquei boquiaberto, o drakonati meio esquecido. Eu nunca tinha testemunhado um presente tão espantoso. Eu só tinha ouvido falar dele existindo em uma ocasião... O primal da luz. Uma entidade tão antiga e há muito esquecida que eu não conseguia nem lembrar seu nome.

“Muito impressionante, Asterion, mas me matar vale a pena matar seu único amigo?”

A carranca de Asterion se aprofundou, e sua falta de resposta fez com que a realização me inundasse. Erius riu, observando enquanto eu cambaleava para trás novamente quando a força de seu presente fez meus pés deslizarem contra o chão, me arrastando em sua direção.

De repente, como se tivesse sido acionado um interruptor, o vazio ao redor de Asterion desapareceu, e suas feições brilhantes e douradas escureceram.

Asterion me lançou um olhar de desculpas de cortar o coração.

“Você não pode controlar isso…” Eu suspirei enquanto minha trança batia de volta contra meu corpo.

Os olhos de Asterion caíram no chão de vergonha.

Erius cantarolou. “Que pena. *Quase me* sinto culpado.”

Meus olhos se voltaram para os drakonati. Minha magia se contorceu, vazando da minha pele em vapores vermelho-sangue, condensando-se em algo corpóreo. Um metal gelado estranhamente familiar deslizou em volta do meu pescoço e, de repente, a conexão com minha magia foi cortada. Parecia perder um membro. O pé com garras do dragão atacou para enrolar suas garras em volta de mim enquanto uma fêmea apareceu ao lado dele, pressionando uma mão na perna da besta.

O rugido de Asterion foi a última coisa que ouvi antes que o mundo ao meu redor desaparecesse em um flash de preto e retornasse na forma de ventos gelados e topos de montanhas áridas. Erius mudou de volta para sua forma fae. Algo como culpa genuína estremeceu sua expressão enquanto ele me olhava de cima a baixo. A fêmea ao lado ele, com a pele da cor da neve que nos cercava e o cabelo da cor de sangue, colocou uma mão em seu ombro. Algo silencioso foi comunicado entre eles antes que ela me lançasse um olhar ilegível e deslizasse por uma fenda alta e estreita na parede de pedra da montanha.

“Azrael contratou você para me sequestrar?”

Erius arqueou uma sobrancelha, sorrindo inocentemente. “Quem é Azrael?”

Eu sabia disso, porra!

“Se você planeja me matar, sinta-se à vontade para tentar, mas *não* me tranque em uma gaiola.”

O macho teve a audácia de demonstrar *indiferença.*

“Não pretendo fazer nenhuma das duas coisas.”

Erius se virou e se espremeu pela fenda de pedra, me deixando parado no frio do caralho. Meu coração apertou dolorosamente enquanto eu puxava em vão a coleira em meu pescoço, observando meus arredores para descobrir que eu tinha, sem minhas asas, zero esperança de escapar. Penhascos afiados caíam em todas as direções, exceto a parede da montanha cambaleante atrás de mim. Dei um passo em direção à borda para ver quão longe seria a queda. Talvez se eu pulasse, eu pudesse correr depois de me curar... mas isso ainda me deixaria sem asas, sem armas e com uma coleira de paládio supressora de magia em volta da minha garganta.

Azrael, miserável, imundo, conivente, viscoso —

Uma sombra apagou os cinco sóis vermelhos, e eu me virei para olhar para cima e encontrar outro dragão com escamas de um verde escuro e preto circulando alto acima do pico, pouco antes de dobrar suas asas com força e mergulhar em minha direção. Ele se moveu no último minuto para revelar uma forma de fada imponente. Meu coração gaguejou ao vê-lo.

Malekai.

O homem dos meus sonhos.

Mas não.

Diferentemente do turquesa e dourado de Malekai, os olhos deste macho eram de um verde tão escuro que eram quase pretos, como seu cabelo. Uma cicatriz que parecia carne derretida subia por um lado de seu pescoço e mandíbula. E embora eu tivesse apenas sonhado com o macho, eu me lembrava com clareza cristalina do fluxo elegante de suas feições perfeitamente esculpidas.

De perto, eu podia ver que as feições do doppelganger de cabelos escuros tinham substituído a elegância e o calor pela brutalidade fria. Suas feições podem muito bem ter sido talhadas na própria pedra desta montanha.

Mesmo assim, ele era tão parecido com o homem do meu sonho que simplesmente encará-lo me deixou sem ar. Tão atordoado, eu dei um passo para trás sem pensar — da porra da beirada do penhasco. Sua mão disparou, agarrando a frente do meu couro de luta, e me puxou fisicamente para longe da beirada e para a parede dura e musculosa do seu peito.

Meu coração pareceu se abrir e *sangrar* ao som da voz dele — uma voz tão parecida com a do homem que eu estava desejando no meu sonho. Seus olhos escuros brilhavam com afeição e alegria. "Não tente morrer quando eu acabei de te encontrar."

Com meu silêncio atônito, o macho esticou o pescoço em minha direção. Meus olhos se fecharam, e eu fiquei parada enquanto ele sentia meu cheiro. Eu jurei que podia ouvir um eco da voz de Malekai, novamente sussurrando palavras Aurealingan cujo significado eu não deveria saber. *'Katadamna kaza, tessari mú.'*

Sua magia roçou em mim como se tentasse se apresentar.

Meus olhos ardiam com aquela sensação quebrada no meu peito aumentada para hemorragia. Minhas mãos gentilmente envolveram o antebraço ainda segurando meus couros de luta.

Deuses, o que é isso?

Não-Malekai se afastou, os olhos se arregalando ligeiramente ao ver minha emoção crescente. Suas sobrancelhas franziram e ele se inclinou para beije para tirar o líquido que vazava de cada canto dos meus olhos, lambendo seus lábios que arrancavam um sorriso.

“Mmmm… Você não é nem um pouco quem eu esperava. Sério, o destino deve nos favorecer.”

Embora houvesse *muitos* argumentos que eu tinha a oferecer em resposta àquela declaração, nunca na minha vida eu tinha ficado tão sem palavras. Quando fiquei boquiaberto como um peixe fora d'água, gaguejando minha resposta, o homem passou o dedo pela gola na minha garganta. A neve estalou quando o metal caiu pesadamente aos nossos pés.

E apesar do fato de o macho ter acabado de me presentear com a liberdade, todos os pensamentos de fuga mergulharam direto da borda do penhasco atrás de mim.

"Quem é você?"

A boca do macho se abriu em um sorriso deslumbrante ostentando dentes brancos, presas letais e um par de covinhas de derreter o coração. *“Ataraxus.”*

CAPÍTULO

TRINTA

MALEKAI

"EU tenho um favor para lhe pedir." O estrondo profundo da voz de Nakoa me trouxe de volta ao momento presente, onde eu estava sentado no momento, lendo sobre os reinos infernais de Vassileo. Todos *os onze* abandonados por *Akash* . Normalmente, eu errei por excesso de otimismo, mas não pude deixar de sentir essa sensação avassaladora de condenação.

Onze.

Porra.

Reinos.

Por onde começaríamos?

Fiquei aliviado pela distração. Qualquer que fosse o favor requerido, ele me distrairia da nossa probabilidade cada vez menor de encontrar Mareina. Desde que Azrael a havia levado, eu estava pesquisando seus reinos implacavelmente, oscilando entre raiva e desespero. Soluços miseráveis e violentos incluídos.

Levantei meu olhar do antigo e amarelado tomo de páginas de pergaminho descascadas para Nakoa. Ele estava vestido com as mesmas calças e camisa bem gastas que eu o conheci, sem nenhuma coroa à vista. Eu quase *tsqueei* alto. Isso não daria certo de jeito nenhum.

"Onde está sua coroa?"

As sobrancelhas de Nakoa abaixaram. "Em uma caixa, no meu armário."

Minha carranca era genuína. Respirando fundo, silenciosamente deliberei por onde começar e como dizer isso de forma leve. Eu não tinha andado na ponta dos pés em minhas palavras. Nunca . Mas talvez porque ele e eu compartilhávamos a mesma ausência excruciante de nosso companheiro, isso inspirou minha compaixão elusiva.

"Eu entendo que você passou grande parte da sua vida se escondendo, certo?"

Tomei o silêncio de Nakoa como uma afirmação.

"E Mareina mencionou que você vem de… origens humildes?"

Mais silêncio, mais testa franzida.

"Olha, eu aprecio seu desejo de permanecer humilde e modesto, mas seu povo *quer* um rei. Eles querem sua liderança. Eles *anseiam* pelo futuro que você prometeu a eles. Mas ver você vestido como…"

Hesitei, não querendo ofender o homem com quem eu tinha uma trégua tão tênue. Um canto da boca de Nakoa se curvou em um quase sorriso. "Um camponês?"

Eu ri com um suspiro de alívio. "Sim. Um camponês."

Nakoa bufou algo que soou quase como uma risada, dissipando ainda mais a tensão na sala. “Sim… Acho que você está certo. Eu só…”

Eu arqueei uma sobrancelha. “Síndrome do impostor?”

Algo vulnerável suavizou seu olhar e sua voz ficou mais áspera. “Em parte, sim. Isso, e parece errado usá-lo sem ela aqui.”

A garganta de Nakoa se moveu bruscamente, e meu coração se apertou a ponto de doer. Antes que eu pudesse pensar melhor, levantei-me da mesa e a contornei. Envolvi meus braços em volta de seu corpo gigante, quase tão gigante quanto o meu, e ele ficou rígido contra mim.

“Não lute contra isso, seu filho da puta. Você precisa disso tanto quanto eu.”

Ouvi Nakoa engolir em seco, tentando engolir sua emoção. Gradualmente, seu corpo relaxou. Eu nunca fui bom em dar apoio emocional, mas, novamente, por envolver Mareina, senti sua dor como se fosse minha.

Os braços de Nakoa envolveram minhas costas.

Embora todo esse cenário parecesse estranho — bizarro até —, também parecia confortável. Ele respirou fundo contra meu peito, e isso inspirou uma gota desonesta a deslizar pela minha bochecha e para a barba que eu tinha recentemente deixado crescer. Não por estética, veja bem. Cada segundo não gasto estudando Vassileo diminuía ainda mais nossa probabilidade de nunca encontrar Mareina se não conseguíssemos encontrar Azrael. O que também dependia de ele ser agradável.

“O que diabos é isso?”

Nakoa e eu nos separamos como se tivéssemos sido queimados. Com pigarros e lágrimas muito sincronizados.

Ao virar as costas de Nakoa, encarei Lokus, Rumiel, Pomona e Val. Todos os quatro ficaram boquiabertos.

“O quê? Machos não podem abraçar?”

As sobrancelhas de Lokus se ergueram ainda mais. “Você quer saber a última vez *que aquele* homem me deu um abraço?”

Eu sorri, já sabendo onde isso ia dar. “Deixa eu adivinhar. Foi a última vez que você *não foi* um babaca?”

Pomona e Val soltaram risadas, e eu até ouvi Nakoa rir atrás de mim enquanto ele finalmente secava os olhos o suficiente para encará-los.

Lokus estreitou os olhos, os lábios se contraindo. “Você tem razão, *drakonati.”*

CAPÍTULO

TRINTA E UM

NAKOA

EU não pude deixar de ficar impressionado quando Keres *dobrou com sucesso* todo o meu *olana kah'hei*, Rumiel, Zurie, Malekai *e* um barco inteiro para as Ilhas Kahlohani. Zurie tinha uma expressão tensa ao se aproximar de mim. “Sua corte vai querer que você seja morto por isso. Os Lordes e as Damas…”

“ *Minha* corte,” eu a lembro, gesticulando para meu *olana kah'hei,* “ não faria tal coisa. *Sua* corte é bem-vinda para tentar, mas duvido que eles já tenham esquecido que fui eu quem *os matou* .”

Zurie assentiu, um pouco da tensão drenando de seu corpo, e deu um passo para trás nos braços de Keres. Meu olhar foi para minha *olana kah'hei*, e todos os seus olhos já estavam fixos em mim e brilhando com orgulho inconfundível.

Pomona deu um passo à frente, colocando sua mão pequena, porém calejada, no meu peito. *“Você conseguiu.”*

Enrolei meus dedos em volta da palma dela, meu peito se enchendo de gratidão e amor avassaladores. Aliviou um pouco da dor esmagadora no meu peito que Mareina não estava aqui comigo para testemunhar isso. O ápice de todo o sacrifício e sofrimento inchou nos olhos de Pomona enquanto ela olhava para mim, e eu senti os meus queimarem em resposta.

“ Conseguimos”, sussurrei entre nós.

Ela me deu um sorriso aguado, fazendo uma lágrima descer pela maçã de sua bochecha rosada e sardenta. Inclinei-me para frente e dei um beijo no topo de sua cabeça antes de dar ao resto do meu *olana kah'hei* um aceno de gratidão. Enviando uma prece a *Akash* em gratidão por eles, também pedi que um dia eu pudesse fazer por eles tudo o que eles fizeram por mim. Por nossa causa.

Virei-me e encontrei Malekai esperando na amurada do tombadilho, olhando para o deserto que havia se tornado as Ilhas Kahlohani com uma expressão severa.

Antes, eu o acompanhei, Rumiel, Keres e Zurie para liderar um grupo de nossos soldados para cada uma das ilhas para evacuar e libertar os escravos restantes. Eu queria que Zurie visse em primeira mão o que ela tinha feito. A pobreza, a fome, a terra quase estéril e apodrecida, o olhar magro nos olhos de todos - incluindo os fae que ela tinha governando as ilhas e impondo sua escravidão.

Alguns deles ficaram felizes em jurar lealdade a mim, mesmo que isso significasse cumprir sentenças de servidão contratada em minas por até três décadas, dependendo de quanto tempo e quanto eles ajudaram a impor a escravidão em minhas ilhas. Alguns deles, no entanto, deram uma olhada em mim e em minhas feições demoníacas e recusaram veementemente.

As palavras de Mareina, ditas há pouco tempo, ecoaram em minha mente.

"… Se você quer lealdade verdadeira *, você os ajudará."*

Mas quando olhei para eles em seus olhos cheios de ódio, também percebi que havia alguns que não queriam ser ajudados. Eu os dei mortes rápidas e misericordiosamente e alimentei as feras dos mares de Kahlohani com seus cadáveres.

Durante tudo isso, eu tinha previsto uma indiferença fria dela. Em vez disso, Rumiel e eu tínhamos sentido remorso e angústia saindo dela em ondas.

Minha pena por ela, no entanto, permaneceu praticamente inexistente. O que mais ela esperava? Como ela pensou que a escravidão seria? Ela pensou que explorar a terra, colher demais e lixiviar todos os nutrientes do solo não *mataria* a ilha em si?

Até Keres tinha um olhar dilacerado, mas sem dúvida repreensivo, no rosto.

Esta foi a primeira vez que voltei para as ilhas desde a guerra. Eu sabia que as coisas estavam horríveis, mas ver tudo em primeira mão depois de tantos anos... Palavras não poderiam descrever a raiva fervente queimando em meu peito. Isso me fez querer matar Zurie de novo.

Ela é a única que pode abrir o portal.

Eu nem tinha perguntado a ela *como.* E eu não me importava, desde que ela fizesse.

"Você está pronto?", perguntei, me aproximando de Malekai por trás. Ele se virou para mim, com uma culpa inconfundível pesando em sua expressão.

"Sinto muito, Nakoa."

Eu assenti, observando sua expressão de dor. "Eu sei."

Embora ele não tivesse imposto a escravidão aqui diretamente, ele ainda serviu Zurie em quase todas as formas que ela pediu. Assim como Mareina. Aparentemente, era fácil para a maioria das pessoas ignorar o que permanecia invisível. Funcionou a favor de Zurie que as ilhas estivessem longe o suficiente para permanecerem fora da vista e da mente de qualquer um que pudesse se importar de onde aetra vinha.

Malekai deu um passo em minha direção. "Não tenho desculpas, e sei que não há nada que eu possa fazer para consertar isso, mas, pelo que vale, pela primeira vez na minha vida, tenho convicção e fé no Rei que estou servindo, e farei tudo ao meu alcance para fazer justiça a você e ao nosso povo."

A tensão e a raiva que tinham tomado conta de cada músculo tenso do meu corpo diminuíram, mesmo que só um pouco. A apreciação por esse macho floresceu ainda mais no meu peito e eu dei a ele um aceno de aceitação.

Malekai se virou e pisou na grade do tombadilho, *tirou* suas roupas para nos dar uma visão descarada de seu traseiro dourado antes de descer da

grade.

Eu me vi prendendo a respiração naquele momento em que ele despencou no ar e desapareceu de vista, retornando um momento depois como uma besta gigantesca. O bater de suas asas jogou meu cabelo para trás, emaranhando-o na coroa que ele tão facilmente me convenceu a usar. Chifres e cristas grossas e letais corriam em duas fileiras no topo de sua cabeça e desciam por seu pescoço. Suas escamas turquesa e douradas brilhavam tão ferozmente sob o sol que fui forçado a apertar os olhos. Minha mão esfregou distraidamente a escama dourada que ele colocou em uma pulseira que ele me presenteou para proteção.

A visão de seus drakonati voando pelo ar era nada menos que de tirar o fôlego, e por um momento, o mundo desapareceu enquanto eu olhava com admiração. Rumiel se aproximou de mim, dando-me um aceno de afirmação e irradiando orgulho. "Você me deixa orgulhoso além das palavras."

Minha respiração ficou presa com suas palavras, lançando uma dor doce e aguda direto no meu coração. Com isso, suas asas se abriram e ele levantou voo.

Um momento depois, minhas asas se esticaram e bateram poderosamente para me levantar no ar. Fiquei pairando ali por vários momentos, tomado por emoções avassaladoras, enquanto eu contemplava a visão de tantas das minhas esperanças e sonhos culminando diante dos meus olhos.

Minha afeição pelo homem que eu odiava atingiu novos patamares quando vi Malekai incendiar o mundo.

CAPÍTULO

TRINTA E DOIS

MARINHA

O

cabeças se viraram, olhando duas vezes enquanto *Ataraxus* me guiava por túnel após túnel dentro da montanha. Apesar das temperaturas gélidas lá fora, estava ameno e quente lá dentro. Passamos por um refeitório cavernoso onde centenas, se não milhares, de bêbados jantaram.

Estiquei a cabeça para trás para olhar para o teto antes de retornar meu olhar para Ataraxus. "Por que estou aqui?"

Suas feições ficaram tensas com remorso. “Não sou desonestos, e eu detestaria começar nosso relacionamento com mentiras, então arriscarei sua ira e serei honesto: Azrael fez um acordo comigo.”

Alívio tomou conta de mim que esse macho realmente me disse a verdade. A expressão de Ataraxus suavizou-se com um pedido de desculpas enquanto ele continuava. "Ele me pediu para mantê-la distraída e saciada."

Eu arqueei uma sobrancelha acusatória. “E o que você tem a ganhar com essa barganha?”

O olhar de Ataraxus de alguma forma se tornou sombrio e reverente. “ Você quer dizer outro além de *você?”*

Minha respiração engatou quando algo se apertou entre nós. Se fosse qualquer outra pessoa, eu a estriparia onde ela estivesse, mas por algum motivo, eu me senti poderosamente compelido a fazer o oposto.

“Quando ele se aproximou de mim inicialmente, pensei em convencê-lo a abrir um portal para nós. Para deixar este lugar. Não toda Vassileo, apenas os drakonati, mas…”

Suas palavras foram se afastando e fiquei prendendo a respiração. Ataraxus balançou a cabeça como se estivesse decidindo o que ia dizer.

“… De qualquer forma, devo esclarecer: não tenho desejo algum de mantê-lo aqui contra sua vontade. Embora eu deseje mais do que tudo, você me permite permanecer ao seu lado. E eu também gostaria que meus curandeiros removessem aquele *rhyton amaldiçoado* Azrael enterrado em seu peito. Até lá, eu pediria que você me permitisse persuadi-lo a me trazer de volta para Bellorum com você…”

Abri a boca como se fosse conjurar uma resposta lógica, assim que meu olhar captou um macho gigante com uma coleira presa ao redor do pescoço enquanto ele passava. Todas vestidas com couro de luta, três fêmeas seguiam atrás do macho preso. Com o olhar vagando pelo refeitório, encontrei vários outros machos presos espalhados por toda parte — geralmente vários machos para uma fêmea, às vezes o inverso, mas apenas os machos estavam presos.

Eram escravos? Prisioneiros? *Que estranho, são todos homens.*

“Os drakonati mantêm escravos?”

Escravas sexuais, ao que parece.

Ataraxus franziu a testa. *“Escravos?”*

Inclinei minha cabeça em direção ao macho mais próximo com coleira. Ataraxus seguiu meu olhar, explodindo em uma gargalhada calorosa. “Eles são recém-acasalados. Somos uma sociedade matriarcal. Cada macho recém-acasalado, como uma demonstração de seu amor eterno e devoção às suas fêmeas, usa uma coleira e coleira. Geralmente por um ciclo lunar inteiro, mas às vezes por mais tempo. Depende de cada par acasalado.”

Minhas sobrancelhas tinham se fixado em algum lugar desconfortavelmente perto da linha do meu cabelo. Os lábios de Ataraxus se contraíram com diversão. "Quase esqueci que isso não é costume de ninguém em Bellorum."

“Você já esteve lá?”

“Eu nasci lá.”

A compreensão surgiu em mim. *Hades. O genocídio drakonati.*

Ataraxus me deu um sorriso triste em confirmação, o que fez algo em meu peito apertar de tristeza.

“Como você sobreviveu? E como você voltou para cá?”

O raciocínio foi o que Azrael me disse antes de responder.

“Você provavelmente a conhece, na verdade. Devo minha vida a ela...”

Dela?

“Rainha Zurie.”

Meu queixo bateu no chão de pedra com tanta força que foi um milagre não ter quebrado. *“Zurie?”*

Os olhos de Ataraxus mergulharam para onde meus lábios estavam separados, e não perdi como suas pupilas se alargaram. Novamente, minha mente lógica me advertiu enquanto meu corpo se arqueava levemente em direção a ele enquanto ele curvava um dedo sob meu queixo.

Meu coração batia forte no peito em antecipação.

Deuses, quando foi a última vez que fui beijado?

Em vez de me beijar, o macho gentilmente fechou minha boca antes de roçar um polegar sobre meu lábio inferior. A ação provou me deixar igualmente atordoada. *E excitada.*

As narinas de Ataraxus se dilataram, me presenteando com aquele sorriso luminoso novamente antes que ele se inclinasse e me desse um beijo na testa de um jeito que parecia tão familiar que me tirou o fôlego. Suas palavras foram murmuradas em voz baixa contra minha testa. *“Este é Kismet, Mareina, e você faz tudo valer a pena.”*

Algum tempo depois, chegamos a um grande conjunto de portas de pedra, e Ataraxus se virou para mim, usando um olhar que não combinava com ele. Ele me deu um sorriso tímido, apenas uma covinha aparecendo, enquanto

ele abria as portas para revelar um quarto de dormir lindamente decorado que ostentava uma piscina termal em um canto distante.

Meus olhos gaguejaram quando pousaram em... *um piano de cauda?*

"Os drakonati constroem pianos no inferno?"

Ataraxus riu. "Não neste inferno, infelizmente."

Minhas sobrancelhas se ergueram. "Então…"

"Então eu roubei."

"De quem?"

Ataraxus sorriu. "Azrael."

Minha cabeça se inclinou para trás em uma risada surpresa. "Que selvagemente cativante."

Esse homem barganhou com Azrael para sequestrar você, mas minha mente racional não ajudou em nada, enquanto minha intuição afastava o pensamento.

Ataraxus me deu um sorriso felino. "Você tem uma escolha…", ele anunciou ao meu lado enquanto eu observava o ambiente aconchegante. Uma lareira viva e crepitante iluminava o espaço, decorado com peles, tapetes vermelhos e dourados artisticamente tecidos e um estrado de cama que parecia aconchegante o suficiente para *morrer* .

Uma escolha…

Até onde eu conseguia me lembrar, essa foi talvez a primeira vez em toda a minha vida que alguém realmente me deu *uma escolha* em vez de tentar impor sua vontade sobre mim. E apesar do fato de que a lógica me diria para matar, algo dentro do meu coração já dolorido floresceu só por ele.

Ele ousou me olhar de relance. "Você pode tomar banho aqui, na privacidade do meu quarto, *ou* pode escolher a opção bem menos atraente de utilizar os banhos comunitários. É verdade que eles são bem impressionantes e talvez mais elaborados do que este, e eu entendo se você se sentir mais segura no meio de uma multidão."

Minhas sobrancelhas franziram com algo muito próximo da descrença. Eu tive inúmeros homens tentando se forçar em mim. Um punhado deles teve sucesso quando eu era pouco mais do que um jovem antes de eu ganhar a habilidade e o conhecimento de como me proteger...

Nunca um homem me deu uma *escolha tão descaradamente.*

Eu treinei minhas feições neutras mesmo enquanto meu coração mergulhava como uma borboleta contra os ventos de uma tempestade. "E… se eu escolhesse me banhar aqui em seus aposentos…"

O olhar aquecido de Ataraxus encontrou o meu, desmentindo seu desejo.

Meu coração batia violentamente quando encontrei coragem para terminar minha frase. "… e pedi para você se juntar a mim…"

Ele hesitou por vários momentos, estudando cada uma das minhas feições como se elas contivessem as respostas para os grandes mistérios da vida.

“Eu não lhe negaria nada, Mareina.”

CAPÍTULO

TRINTA E TRÊS

ZURIE

A névoa se acumulando aos nossos pés parecia ter uma consciência própria. Nissi Tis Pillis sempre me deu arrepios. Era uma ilha na selva constantemente envolta em névoa e uma magia que fazia minha pele arrepiar. Você poderia estar em um espaço aberto e ainda teria a sensação inquietante de estar sendo observado.

Foi um tanto reconfortante ver os olhares desconfiados do *olana kah-hei de Nakoa.* Isso me disse que eu não estava sozinho no meu medo.

Um tremor visível se enraizou enquanto eu agarrava a adaga em minha mão. A mão de Keres pousou na parte inferior das minhas costas, esfregando círculos calmantes. Sua voz baixou para que somente eu pudesse ouvi-la.

"Tem certeza de que quer fazer isso? Diga que mudou de ideia, e eu nos levarei de volta para Ishra, onde eles nunca poderão nos alcançar."

Olhei para ela, com um sorriso trêmulo. Meu coração se encheu de mais gratidão e amor do que eu já havia conhecido. “Nunca tive tanta certeza de nada em toda a minha vida.”

Ela respirou fundo, concordando gradualmente. “Eu estarei aqui. Não importa o que apareça do outro lado do portal.”

Deuses, essa mulher.

Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo demorado em seus lábios. "Eu te amo."

Os dedos dela passaram pelo meu cabelo, me segurando contra ela brevemente antes de eu me afastar. Os olhos de Nakoa pareciam uma guilhotina na minha garganta. Eu não podia culpá-lo. Ele provavelmente estava esperando que eu fizesse algo horrível, como esfaqueá-lo nas costas.

É verdade que era um plano distorcido e moralmente corrupto:

Abra o portal, deixe os deuses saberem quais criaturas passaram por ali, culpe-me, reúna ~~seu~~ exército e comece uma guerra para que meu filho tenha uma chance real de salvar sua alma presa.

Pode não dizer muito sobre meu caráter, mas a única ressalva que tive com o dito plano foi que ele era perigoso. Mas essa era minha única oportunidade de redenção dada por *Akash* , e eu não estava disposto a desperdiçá-la.

Caso algum de seus drakonati precisasse retornar ao seu reino, Azrael me deu uma lâmina atada com sua magia. Parecia estranho para mim que ele estivesse certo em tomar tal precaução. A última vez que usei esta lâmina, uma criança drakonati que havia sobrevivido ao Rei Hadriel e seu

genocídio voou todo o caminho de Hades, esperando buscar abrigo em meu reino distante.

Eu não tive coragem de matá-lo... E certamente não tão logo depois de dar à luz Nakoa. Com esse pensamento, meus olhos pousaram em Malekai. Ele lutou como soldado no meu exército por décadas quando o conheci e o promovi a General. Ele e a criança eram tão parecidos que não pude deixar de me perguntar se eles eram parentes distantes. Se não fosse pelas cicatrizes de queimadura da criança drakonati, eu poderia até ter pensado que eles eram a mesma pessoa.

Talvez eles se cruzem agora…

Respirando lenta e profundamente, pisei sob o arco solitário de pedra e puxei a lâmina de Azrael em minha mão. A lâmina parecia ter uma fome própria, como se me encorajasse a pressionar mais fundo do que eu pretendia, cortando músculos e tendões.

Eu sufoquei meu gemido, puxando a lâmina verticalmente para baixo da minha mão, pulso e antebraço. A dor incandescente foi quase esquecida enquanto eu observava com admiração. Os tentáculos de magia mais escuros, dourados e pretos, vazaram da lâmina para se juntar ao sangue jorrando do meu braço antes de derramar no chão.

Keres arrancou a adaga das minhas mãos. “ *Pelo amor de Akash*, mulher. Que porra você está fazendo? Isso requer sangue! Não sua *vida!* ”

Assim como aconteceu na primeira vez que o usei, minha visão triplicou e oscilou, e senti parte da minha força vital drenar de mim. Forcei-me a murmurar as palavras de Vassileon que Azrael me ensinou.

“Khḗ hōs kaleídhi kai aima hōs ragída, to péplo metaksý zoḯs kai thanátou zō.”
Com a alma como chave e o sangue para ligar, eu rasgo o véu entre a vida e a morte entrelaçadas.

CAPÍTULO

TRINTA E QUATRO

MALEKAI

ZURIE balançou e tropeçou. Ninguém se moveu para pegá-la, exceto Keres, enquanto ela gritava seu nome. *Bem, isso foi... inesperado.* Nakoa e eu trocamos um olhar, que dizia que estávamos nos perguntando a mesma coisa. *Ela acabou de* morrer?

Keres ergueu Zurie em seus braços e olhou para nós de uma forma que nos disse que se suas mãos não estivessem ocupadas agora, ela provavelmente tentaria nos assassinar. "Se ela não acordar, *vocês todos estão mortos."*

O lábio de Nakoa se curvou diante da ameaça, mas coloquei uma mão em seu peito antes que ele pudesse inflamar ainda mais a situação. “Ela vai ficar bem, Keres. É só um arranhão... Olha, já está sarando.”

Definitivamente não foi.

Se alguma coisa, ela estava precisando desesperadamente de pontos porque ainda estava sangrando. Keres abriu a boca para argumentar, mas foi interrompida pelo tremor do chão sob nossos pés. A magia estalava no ar enquanto uma pressão tangível começava a se formar. Inicialmente insignificante, rapidamente se transformou em algo doloroso.

Vapores escuros que se condensaram e se transformaram em líquido começaram a sair de baixo do arco de pedra, e todos nós pulamos para fora do caminho enquanto ele se derramava em direção ao mar repentinamente tumultuado atrás de nós. Ondas batiam contra a costa como se tentassem cuspir o líquido preto que a envenenava.

Como um grupo, nós trocamos olhares frenéticos. *“Eu disse que essa era uma ideia horrível!”* Keres sibilou, ainda embalando Zurie contra seu peito. Suas palavras mal podiam ser ouvidas sobre os ventos furiosos.

Nakoa e eu trocamos um olhar cúmplice e caminhamos em direção ao portal.

“Espere!” Rumiel e Pomona pularam para frente, arrastando-o de volta enquanto Val agarrava meu ombro e Pomona gritava acima da tempestade crescente. *“Você é louco? Você vai morrer aí dentro! E de que adiantaria tudo isso então! Tudo por nada!”*

Os olhos de Val perfuraram os meus com seriedade. “Ela está certa, rapaz. Yew, tente andar por essa coisa; não há como dizer onde você vai acabar. E provavelmente não será nem perto de Mareina. Eu a quero de volta também, mas esse não é o jeito.”

Antes que pudéssemos pensar mais sobre isso, os vapores e líquidos pretos desapareceram, os ventos e o mar se acalmaram, e a pressão esmagadora no ar foi aliviada, substituída pelo silêncio e pela calma.

A cabeça de Zurie pendeu contra o peito de Kere. *“O que aconteceu?”*

O lábio de Keres tremeu quando ela caiu de joelhos. “Você quase *morreu*, foi isso que aconteceu.”

O desespero de Zurie não era o que eu esperava. Sua tristeza era palpável. As lágrimas em seus olhos eram genuínas. *“O quê?* Mas da última vez—Isso não pode ser—

“Da última vez que você abriu o portal, você estava dando algo em troca.”

Como um, nos viramos para encontrar Miroslav parado atrás de nós. Os lábios de Zurie se separaram em compreensão, apertando seu braço sangrando contra o peito.

“ *Agora*, você quer levar algo. Alguém. Alguém que se tornou vital para a sobrevivência daquele reino. Para Azrael.”

Miroslav olhou feio para o nosso grupo.

Porra.

Meu peito arfava em protesto. De repente, aquele peso esmagador retornou, mas não tinha nada a ver com o portal e tudo a ver com o fato de que Mareina *ainda* não estava mais perto de voltar para casa.

Marchei em direção ao portal onde a lâmina esquecida pelos deuses de Azrael estava no chão, uma abominação preta e prateada, para pegá-la. Nakoa se lançou para frente, tentando arrancar a coisa das minhas mãos. *"Você não pode ir embora também, seu idiota de merda."*

Antes que Nakoa tivesse qualquer chance de roubá-lo de mim, a coisa desapareceu do nada. A voz de Miroslav era como um trovão. "Você *vai* morrer."

Nakoa e eu nos afastamos um do outro para ver a lâmina na mão de Miroslav. “É isso que Mareina iria querer? Seu Reino precisa de você. Vocês *dois* , acredite ou não. E, acima de tudo, *ela* precisa de você.”

"Que outra maneira existe?" Eu rugi de volta, "Se depender dela ou de mim, será ela *toda-porra-vez!* Agora me dê essa lâmina abandonada *por Akash* ou eu juro por todos os deuses do maldito panteão que vou deixar minha besta *te comer vivo."*

Meu drakonati rugiu dentro de mim, ansioso para queimar tudo em seu caminho. *Akash sabia que* queríamos assar Miroslav como uma porra de uma churrasqueira por *décadas.*

O punho de Nakoa surgiu do nada e me acertou em cheio no nariz. Depois do *barulho audível* de osso quebrando, bati na areia com força suficiente para me tirar o fôlego.

“Dê-me a lâmina, Miroslav”, ele rosnou.

Miroslav revirou os olhos para nós como se fôssemos crianças. *Olana kah'hei de Nakoa* observou, tensão marcando suas feições.

Eu chiei, tentando forçar o ar de volta para meus pulmões, enquanto recolocava meu nariz quebrado e me arrastava para ficar de pé. “Com todo o respeito, *Vossa Alteza Real*, mas você tem um reino para cuidar… *e uma família.”*

Eu não tinha ninguém.

Mentiras, uma voz interior sibilou para mim enquanto eu estudava Nakoa e uma dor cresceu em meu peito. Fora Mareina, eu nunca amei ou considerei ninguém fora dos meus parentes de sangue, que estavam todos bem e mortos agora, como família, mas esse macho havia mudado isso.

A carranca de Nakoa era poderosa o suficiente para ter chamuscado minha barba. “Se trouxermos Mareina de volta, isso não importará. E ela te ama mais do que ela jamais me amará.”

Ah, porra…

Sem nem querer, minha mão agarrou meu peito como se eu estivesse usando um colar de pérolas e precisasse ser salva. *Porra, isso doeu de ouvir.*

Abri a boca para despejar minhas garantias, mas fui rapidamente interrompido por Zurie, que pisou forte na areia, segurando seu braço mutilado contra o peito.

“Você está certo. E ela sempre o amará mais do que a você, a menos que você dê a ela uma razão também — o que será *impossível* se você se matar ou permitir que essa *besta* sacrifique sua vida por ela. Ela *nunca vai* te perdoar em nenhuma das circunstâncias.”

A ira de Nakoa pareceu definhar com isso. Assim como a minha.

O tempo pareceu se mover em câmera lenta por algum motivo quando vi os olhos de Zurie se erguerem para os de Miroslav, e algo silencioso pareceu ser falado entre eles. A lâmina de Azrael apareceu na mão de Zurie no momento seguinte. Passando a lâmina pela garganta, ela sussurrou palavras de Vassileon que eu não deveria ter sido capaz de entender.

“Khḗ hōs kaleídhi kai aima hōs ragída, to péplo metaksý zoḯs kai thanátou zō̄.”
Com a alma como chave e o sangue para ligar, eu rasgo o véu entre a vida e a morte entrelaçadas.

Os olhos de Keres se arregalaram em choque enquanto ela se lançava para frente para pegar Zurie antes que ela pudesse atingir a areia.

Quando o portal se abriu dessa vez, o chão não tremeu, os ventos uivantes não rugiram e as ondas violentas não quebraram.

Em vez disso, como se o reino e a magia de Azrael tivessem sido apaziguados com sua oferta sincera e altruísta, um ponto preto e limpo apareceu e se alargou na boca de um buraco negro vaporoso.

Keres estava gritando algo que minha mente não conseguiu absorver enquanto ela se ajoelhava e abaixava o corpo imóvel de Zurie no chão. Para minha surpresa, Rumiel apareceu ao lado dela e pressionou suas mãos no corpo de Zurie. Uma luz dourada radiante irradiava delas, tão brilhante que era quase ofuscante.

Nosso plano era abrir o portal, desencadear o inferno e retornar a Atratus para reunir nosso exército, mas Nakoa e eu caminhamos em direção ao portal como se aquele fio que ligava nossas almas à de Mareina estivesse

nos puxando em direção a ela. Talvez também fosse a energia escura e faminta que emanava do portal que parecia nos chamar para frente. O *olana kah'hei de Nakoa* gritou para que parássemos, mas seus apelos ficaram distantes e quase inaudíveis sobre os sussurros ensurdecedores de inúmeras almas.

Não foi até que Miroslav se colocou na nossa frente, bloqueando nosso caminho, que o mundo pareceu retornar. *“Se você quiser ter sucesso em trazê-la para casa, você vai esperar.”*

CAPÍTULO

TRINTA E CINCO

NAKOA

Meu coração batia de forma irregular enquanto meu intestino se retorcia de ansiedade e culpa. Eu estava pedindo demais. Eu sabia que estava. E isso sem dúvida levaria à morte de centenas, se não milhares, de acordo com a única visão que eu tinha desde que acordei do meu coma. Mais uma razão pela qual eu estava tão ansioso para pular por aquele portal sem seguir com nosso plano.

Fazia apenas alguns dias desde minha coroação, e eu já estava tentando enviar meu exército para o que provavelmente se transformaria em uma guerra.

Que você pode não sobreviver, minha mente lógica gentilmente me lembrou quando uma lembrança da visão retratando um mar de cadáveres em decomposição retornou à minha mente.

Horas se passaram desde que abrimos o portal, e nada ainda tinha passado por ele, até onde sabíamos. Estava apenas... *ali.* Talvez do lado de Vassileo, também parecesse apenas um buraco estranho, preto e vaporoso no tecido da realidade, e nada ousava entrar nele. Não parecia exatamente acolhedor. Talvez o portal tivesse se aberto em alguma caverna remota nas montanhas onde ninguém o encontraria.

E não podíamos perguntar a Zurie sobre isso porque ela estava, até onde sabíamos, ainda inconsciente. Rumiel, que eu nem sabia que possuía magia de cura, conseguiu fechar os ferimentos em sua garganta e braço, mas ela parecia bem morta quando Keres se *dobrou* com ela, amaldiçoando o dia em que nasci. Nossa única pista de que Zurie ainda estava viva era o fato de Keres não ter aparecido para tentar matar todos nós.

E apesar de tudo isso, meu *olana kah'hei* me transmitiu todo tipo de palavras encorajadoras, mas, de alguma forma, somente o que Malekai tinha a dizer conseguiu me deixar à vontade.

O macho me observou caminhar em uma cratera na terra do lado de fora das portas do coliseu que abrigava a arena de treinamento, onde nossos soldados passavam boa parte do tempo treinando, antes de finalmente se aventurar lá dentro. Quando ele notou a rigidez do meu corpo e o tremor em minhas mãos enquanto o peso de mil olhares batiam em nossos rostos, ele se aproximou do meu lado e *se curvou* antes de solicitar uma audiência privada comigo.

Diversão brilhou em suas feições enquanto ele se endireitava e encontrava meu olhar. Foi tudo o que precisou para minha tensão começar a sangrar para longe. Sua voz assumiu um tom dramático e reverente, gesticulando para um corredor vazio.

"Vossa Majestade."

Meus *olana kah'hai* fizeram um trabalho impressionante de segurar suas risadinhas. Eu tive que morder minha bochecha até sangrar para abafar minha risada.

“Vou te dar um soco no pau assim que sairmos daqui,” murmurei em uma voz que só ele conseguia ouvir. Malekai riu quando finalmente viramos as costas para a arena. *“Não precisa me ameaçar com um momento agradável.”*

Nós dobramos a esquina e entramos em um vestiário vazio ali perto. Malekai me olhou de cima a baixo, observando minha coroa e as roupas novas que Bernard tinha feito para mim — sem *babados.*

“Combina com você, sabia…”

Com suas palavras, finalmente exalei o ar que estava segurando. Seus olhos mergulharam novamente em minhas mãos instáveis enquanto eu beliscava a ponta do meu nariz.

“Estou pedindo demais deles. Eu sei. Por que eu pensei que conseguiria fazer isso? Sou um idiota. Não conquistei a lealdade deles. A confiança deles. Eu nem consigo—

“—Ei Nakoa…”

Dei um suspiro pesado, eventualmente olhando para cima de onde eu tinha enterrado meu rosto na minha mão. "Sim?"

“Posso pegar sua coroa emprestada por um minuto?”

" *Huh?* "

Ele acenou para a coroa na minha cabeça. “Sua coroa. Passe para mim. Tem um pouco de penugem nela.”

Fofo?

“Ah… Obrigado.” Tirei-o da cabeça, sentindo como se tivesse simultaneamente libertado o peso do mundo dos meus ombros enquanto o entregava a ele.

Malekai me presenteou com outro de seus sorrisos encantadores e desarmantes, enquanto pegava a coroa e a colocava em um banco próximo antes de se virar para mim novamente.

“E sua… capa, por favor.”

O que diabos está acontecendo?

“Minha capa?”

“É, vire-se. Acho que tem uma mancha de merda nele.”

Eu me inclinei para trás, me contorcendo para tentar olhar para baixo, para a peça ofensiva, horrorizada. *“Uma mancha de merda?”*

A boca de Malekai tremeu com uma risada contida. “É, bem ali.”

Ele desamarrou a capa dos meus ombros e se virou para colocá-la ao lado da minha coroa.

“O que diabos está acontecendo?”

Quando Malekai se virou para mim, seu punho foi direto para meu rosto, e eu fiquei chocado e atordoado demais para fazer qualquer coisa. droga sobre isso. Eu tropecei para trás, batendo em um conjunto de

armários atrás de mim. Eu o encarei em choque, o peito arfando. *Isso era vingança por ontem?*

Malekai sorriu, ampliando sua postura e me chamou para frente. “Um por um. Vamos. Não se segure em mim agora, seu chique.”

Meu coração se apertou tanto de amor por esse macho.

Ele estava me distraindo.

Quando me levantei da bagunça amassada de armários, o sorriso selvagem de Malekai era um espelho do meu. *“Como você sabia que violência era minha linguagem?”*

O rosto sorridente de Malekai se contraiu em um estremecimento de antecipação enquanto ele observava meu punho vindo em sua direção. Outro estrondo alto ecoou pelo vestiário quando o corpo de Malekai colidiu com os armários ao lado dele. Sangue escorreu em seu olho esquerdo enquanto uma onda de risadas calorosas ressoou dele.

“Aww, cara. De novo? Já?”

Olhei por cima do ombro para encontrar Val, junto com o resto dos meus *olana kah'hei*, entrando no vestiário. Acenei para eles enquanto Malekai aceitava minha mão oferecida e eu o puxei para ficar de pé. "Estamos bem."

Senti mais do que ouvi a carranca de advertência de Pomona. *“Vocês dois estão sangrando.”*

A risada de Malekai diminuiu o suficiente para que ele pudesse falar enquanto dava a Pomona um sorriso sangrento, mas não menos deslumbrante. “Seja um cordeiro e feche a porta, sim?”

A excitação inundou minhas veias enquanto eu me preparava para o próximo soco de Malekai, sugando o sangue do meu lábio cortado pouco antes do punho de Malekai atingir meu maxilar. Eu tropecei para trás novamente, caindo contra os armários enquanto minha cabeça girava e uma risada rouca me consumia.

Roderick deu uma risadinha, e até os lábios de Rumiel e Rayne se contraíram em diversão.

Pomona balançou a cabeça, dando-nos seu olhar mais maternalmente admoestador. “Vocês dois são *loucos.”*

Os olhos de Lokus saltaram entre nós, parecendo completamente nada impressionado. “Este vestiário cheira pior do que um cu sujo. Se você vai nos prender aqui, o mínimo que você pode fazer é fazer valer a pena. Nada dessa *bobagem de olho por olho* . Eu quero uma luta de verdade. Entre machos de verdade…”

Algo silencioso aconteceu entre nós quando os olhos de Malekai encontraram os meus enquanto eu me afastava dos armários.

Nossos sorrisos selvagens se alargaram.

“E isso só pode terminar de uma maneira, rapazes…”, continuou Lokus.

Malekai e eu nos viramos para olhar para ele enquanto ele assentia e nos dava um olhar severo. *“Com o pau de alguém na sua boca.”*

O silêncio caiu entre nós por um breve momento antes que o grupo de nós explodisse em gargalhadas. Val deu um tapa na nuca de Lokus, que teve a audácia de parecer ofendido. *"O quê? Você, de todas as pessoas*, não tente me dizer que não compraria ingressos para aquele show."

CAPÍTULO

TRINTA E SEIS

MALEKAI

O passeio floresceu em meu peito enquanto eu observava Nakoa inspirar uma audiência de milhares de soldados que eu comandava há décadas. Eu nunca os tinha visto tão apaixonados.

Ou tão unificado.

Pela primeira vez, eles receberam uma causa pela qual valia a pena morrer, tudo por um Rei *e uma Rainha* pelos quais valia a pena lutar. O fato de que essa causa era Mareina — uma mulher com quem muitos deles lutaram e ganharam *seu* respeito — era mais do que suficiente para inspirá-los. Com a ameaça adicional dos portais abertos... a ameaça de destruição iminente... Foi preciso muito pouco para inspirá-los a levantar os braços.

O plano era bastante genial da parte de Zurie. E mais benevolente do que ela jamais pareceu capaz.

Calafrios subiram pela minha pele enquanto as asas poderosas de Nakoa batiam no ar, erguendo-o bem acima de um mar de soldados todos vestidos com couros de luta verde-escuro e umber. Sua voz ecoou pelo coliseu, e eu jurei que podia sentir o crepitar da eletricidade.

"Sua Rainha deu sua vida para proteger este reino! Para proteger vocês, seu povo! Mas ela está viva e sofrendo nas mãos dos demônios que nos roubaram a maior Rainha Atratus jamais saberiam! E eles sofrerão a ira de Atratus por ousarem tomar o que é nosso!"

Nossos soldados ergueram suas espadas enquanto outro rugido apaixonado rasgou o ar.

Se ao menos Mareina pudesse ver isso. Ver o quanto ela é amada.

Keres não estava em lugar nenhum, provavelmente colada ao lado de Zurie. *Se ela ainda estivesse viva.* Sem Zurie, era um risco passar por aquele portal... No entanto, antes de deixarmos Nissi Tis Pillis, eu peguei a lâmina de Azrael e, de alguma forma, as palavras que ela havia falado ficaram presas. Elas se repetiram várias e várias vezes na minha mente.

Quando eu era criança, meus pais falavam sua língua nativa apenas quando achavam que eu era jovem demais para entender, ou muito distraído ou distante para ouvir. Nas poucas ocasiões em que tentei falar, fui repreendido por isso. Eles nunca a falaram em público e, ao ouvir seus sotaques, se alguém perguntasse de onde éramos, eles sempre diziam Hades.

Quando perguntei, eles me disseram que éramos de Hades. Eu tinha nascido em Atratus, filho de pais que, até onde sabíamos, eram os únicos que sobreviveram ao genocídio drakonati. A única vez que mudávamos para nossas formas drakonati era tarde da noite, e nos aventurávamos no mar, onde ninguém podia nos ver.

E em vez de voar, nadaríamos.

Só depois que minha mãe foi morta durante a guerra que eu voei pela primeira vez. Eu estava desesperado para compartilhar meu segredo com Mareina, mas eu continuava ouvindo a voz de alerta da minha mãe.

"Não confie seu segredo a ninguém, tessari mú. Lembre-se sempre de que foi o amor que incitou o genocídio do nosso povo."

Não tinha sido. Tinha sido ódio. Tinha sido um velho rei sanguinati com uma jovem esposa que se apaixonou por uma escrava drakonati que a engravidou. O rei sanguinati nem percebeu até que a criança cresceu e se tornou adolescente e teve seu primeiro turno. O rei assassinou sua esposa, e havia rumores sobre se ele tinha ou não conseguido matar a criança.

Meus pais nunca me contaram isso. Eu tinha lido em um livro, na biblioteca de Zurie, de todos os lugares, muitos anos depois que minha mãe foi morta.

CAPÍTULO

TRINTA E SETE

MARINHA

EU *quis que* minhas roupas ensanguentadas fossem embora enquanto eu caminhava em direção à piscina termal. O calor do olhar de Ataraxus lambeu meu traseiro como uma chama. A eletricidade pareceu inundar meus nervos enquanto eu descia os degraus da piscina. Mesmo assim, *Akash* , algo sobre isso parecia certo.

E errado.

Imagens dos machos do meu sonho nadaram para a vanguarda da minha mente. No entanto, quando me virei e avistei Ataraxus, tirando seu couro de luta bem gasto para revelar os músculos ondulados de seu estômago, peito e braços, eu literalmente parei de respirar. Cada pensamento em minha mente evaporou.

A cicatriz de queimadura cobrindo parte de sua mandíbula e pescoço corria por todo o lado esquerdo de seu peito, braço, costelas e abdômen. Não que isso tirasse a beleza masculina fria como pedra que escondia a personalidade calorosa que eu tinha vislumbrado por baixo.

Familiar, familiar, familiar.

Havia algo nele que era tão familiar que doía e me atormentava tanto que eu não conseguia entender *o porquê.*

Sua boca esculpida se curvou em um sorriso um tanto envergonhado quando suas mãos alcançaram a cintura de suas calças. Ele teve a audácia de segurar meu olhar enquanto se abaixava e saía de suas calças. Não consegui conter o pequeno suspiro que me escapou ao ver o longo e grosso pau que se soltou, decorado com veias grossas e uma coroa larga.

Puta merda, isso vai doer.

Inicialmente.

E então parecerá divino.

Minha garganta quase fechou ao vê-lo entrando na piscina.

Oh deuses. Isso estava realmente acontecendo? Eu realmente não conseguia me lembrar da última vez que tive uma intimidade remota com alguém.

Ataraxus se aproximou lentamente de mim na água, parando longe o suficiente para impedir que seu pau me cutucasse nas costelas.

“Gostaria de sugerir algo…”

Meu olhar se ergueu para o dele enquanto algo puxava dolorosamente forte em meu peito, como se estivesse tentando me *puxar* para ele. Como se sentisse o mesmo impulso, ele deu um passo à frente, curvando suas mãos sobre meus quadris e me puxando contra ele. Seu pau deslizou para cima contra meu abdômen, me fazendo apertar de desejo.

Akash, seria um milagre se ele não ouvisse o jeito que ele fez meu coração pular.

“Há uma série de coisas que precisam vir à tona antes… *de prosseguirmos.”*

Oh deuses… Ele estava… me rejeitando?

“Por favor, não olhe para mim desse jeito, Mareina, ou estou sujeito a tomar decisões lamentáveis e irreversíveis.”

Suas mãos subiram para segurar meu rosto, guiando meu olhar para o dele.

“Acredite em mim quando digo...”

Sua boca deu um beijo na minha testa naquele gesto dolorosamente *familiar* .

“Em breve chegará o dia…”

Suas mãos me agarraram com força quando um suave gemido escapou de mim em antecipação, e então satisfação quando seus lábios roçaram meu queixo, pressionando outro beijo na carne sensível.

“Que eu vou beijar, lamber e chupar cada gota de excitação que sua linda bucetinha tem para dar…”

“Oh, deuses. Por favor…” Minhas palavras saíram como um gemido sussurrado, e senti sua boca se abrir em um sorriso contra minha garganta enquanto ele pressionava outro beijo ali. Suas mãos gentilmente, mas firmemente, agarraram meu cabelo para expor minha garganta para ele.

“Foda-se cada buraco e te encho com meu esperma enquanto eu te cubro com marcas de reivindicação.”

Sem pensar em fazer isso, minhas mãos deslizaram por suas costas e desceram em direção a ele.

“Mas, para minha consternação”, ele acrescentou, pegando meus pulsos, “isso não será hoje”.

O peito de Ataraxus arfou, e eu já podia sentir o pré-sêmen do seu pênis contra meu abdômen, que estava seco, acima da água.

"Por que?"

Os olhos de Ataraxus se fecharam, a mandíbula flexionando como se ele estivesse suportando o peso de uma grande dor. Ele deixou sua testa cair na minha, e eu jurei a *Akash* que não conseguia nem fingir que não estava tentando inalar a respiração ofegante desse macho.

Depois de alguns momentos, ele finalmente se endireitou e deu um passo para trás um pouco para deixar espaço para a castidade enquanto ele puxava uma das minhas mãos para sua boca e dava um beijo na parte interna da minha palma. O tempo todo, seus olhos escuros olhavam nos meus. Quando eles engancharam no nome de Malekai, seus lábios se separaram em algo como admiração. Embora eu não tenha visto nenhum sinal de ciúme.

“Sei que isso vai parecer estranho, mas preciso que você fale com seu tio.”

Eu recuo. *“Meu tio?”*

Eu nunca sequer—

Minhas palavras foram cortadas quando alguma memória que parece mais um sonho distante passou pela minha mente. *"Com o tempo, suas memórias retornarão…"*

A confusão que me martelava era estonteante. Deixei minha testa cair em uma das mãos, e a próxima coisa que percebi foi que Ataraxus estava me pegando em seus braços e me carregando pela piscina. Ele então me colocou em uma área de assentos escavada ao lado de várias garrafas de óleos e sais de banho.

Ataraxus sentou-se no assento do lounge sob a água e me puxou para perto dele para que eu pudesse sentar de costas para sua frente. Pela primeira vez em muito tempo, desde que me lembro, me senti segura. Meu coração apertou enquanto meu corpo relaxava nele.

"Ele está vindo *aqui?"*

Ataraxus bufou uma risada atrás de mim enquanto ensaboava um líquido perfumado em suas mãos e começava *a massageá-lo. No. Meu cabelo.*

Uma emoção estranha obstruiu minha garganta, e meus olhos começaram a arder. Esse toque gentil era diferente de tudo que eu já tinha conhecido. *Esse macho está cuidando de mim. Me arrumando, pelo bem de Akash*, em vez de me foder sem sentido para perseguir seu próprio prazer.

"Não, ele vai te levar para o reino dele. Assim que você dormir."

Eu tinha certeza de que a maioria das pessoas ainda estaria se preocupando com a tontura, confusão e o que quer que fosse que ainda precisasse vir à tona. Ou tendo um encontro com o Deus dos Sonhos.

Mas para mim, o mais incomum foi esse homem gentil, seu toque gentil e o quanto eu me sentia *segura* em seus braços.

Ataraxus deve ter notado a oscilação no meu queixo, ou a mordida na minha bochecha. Sua voz grave ficou tingida de tristeza. *"Akash,* o que você deve ter passado, Mareina, para algo tão simples como isso incitar a cura de uma ferida profundamente enterrada."

Uma de suas mãos encontrou a minha e entrelaçou nossos dedos.

A emoção que brotava em meu peito me levou ao silêncio. Ataraxus continuou me lavando, e a excitação logo substituiu a catarse. O pau pesado de Ataraxus era como uma barra de ferro contra minhas costas. O estrondo de sua voz me tirou da névoa em que eu estava escorregando.

"Seu *arcano* tem nome?

Minhas sobrancelhas saltaram enquanto uma pontada de culpa me atingiu

"Nem passou pela minha cabeça… Na verdade *, eu mal sei alguma coisa sobre arcanum .*"

"Eles são algo como um familiar de bruxa, mas para um deus. Eles podem aumentar sua magia, manifestar-se em formas físicas diferentes de uma serpente por longos períodos de tempo, protegê-lo quando você está dormindo... Eu até ouvi algo sobre alguns deles serem capazes de

influenciar o próprio tempo porque o poder deles não vem do seu, mas de outra coisa. *Em* outro lugar. Azrael tem um...”

Minhas sobrancelhas franziram enquanto minha mente divagava.

Cérebro.

As palavras de Azrael retornam para mim. *'... A vontade dela é minha.'*

Meus olhos pousaram na serpente adormecida deitada no centro do meu peito.

“Eu também não sei muito sobre meu poder. Só recentemente comecei a usá-lo. Embora eu não tenha certeza se *quero* saber muito sobre ele.”

Ataraxus parou abaixo de mim. “Por quê?”

“Porque tudo o que eu conheço é a morte. Estou farto da morte. Não quero tirar a vida. Se alguma coisa, eu quero *dar* a vida. Eu quero fazer algo *bom.”*

Ataraxus retoma seus cuidados, massageando meu pescoço. “A morte também pode ser um presente, Mareina… Ela abre caminho para uma nova vida. Reencarnação. Descanso para a alma…”

Eu já tinha ouvido tudo isso antes, mas não pude deixar de desejar algo mais.

Akash, por favor, tudo menos a morte.

“E se você acabou de assumir o poder, tem tanta certeza de que é a morte que você preside?”

Algo dentro de mim se acalmou.

“… Na verdade, não sei.”

Ataraxus deu um beijo no topo da minha cabeça.

“Depois que tudo isso passar, ficarei honrado em ajudá-lo a se conectar com seu poder e seu *arcano* .”

Meu coração se apertou de gratidão.

E medo.

De tudo o que está por vir.

“Eu adoraria isso.”

CAPÍTULO

TRINTA E OITO

MARINHA

C

Por que estou em um campo de... Cristais? Apesar de estar completamente *perplexo,* eu me senti *calmo.* Uma única lua pairava no céu escuro e claro acima de mim. Florestas se estendiam de ambos os lados desta clareira ostentando fileiras de *milhares* de cristais finos e irregulares saindo do chão e subindo cerca de oito pés no ar. Variando em cores, alguns eram brancos, azul-claros ou rosa e roxo. O que é ainda mais bizarro é o fato de que me senti chamado a tocar cada um deles.

Assim que me aproximei de um deles, senti uma grande presença às minhas costas, e uma voz grave, suave e aveludada me fez parar no meio do caminho.

"Marina…"

Eu me viro para encarar Somnus e fico surpreso não por sua semelhança com meu pai, ou pelo fato de eu sentir como se já tivéssemos nos conhecido antes, mas sim pelo sangue espalhado em seu rosto, peito nu e asas.

Ele também parecia *exausto.*

" *Akash todo poderoso.* Você está bem?"

Somnus olhou para si mesmo quando meus olhos examinaram sua forma sangrenta. Ele rosna em reconhecimento, *desejando* que o sangue desapareça, substituindo-o por um novo conjunto de roupas. "Desculpe... Minha mente está em outro lugar..."

Tive a impressão de que ele quis dizer *literalmente.*

"… Mas eu criei estes para você," ele continua, gesticulando para os cristais. "Eles contêm suas memórias."

Abro a boca para perguntar o óbvio, mas ele ignora minhas perguntas óbvias. "Provavelmente só te confundiria se eu tentasse explicar tudo sozinho, mas vou sugerir que comece com *essa* ..."

Eu me movo para seguir sua linha de visão e encontro um cristal vermelho e preto brilhante.

"Não é um método perfeito, mas é o melhor que consegui fazer sem potencialmente fraturar toda a sua psique."

Que era sem dúvida a parte mais frágil de mim.

A intuição me disse que eu devia a esse homem uma grande gratidão, embora eu não conseguisse nem começar a imaginar o quanto.

"Não tenho certeza do que dizer além de que sinto que preciso dizer obrigado?"

Meu tio me dá um sorriso triste. "Não exatamente... mas você verá em breve. Lamento dizer que não estarei aqui quando você terminar." Ele lança

um olhar superficial para todos os cristais imponentes. Parece que ficarei aqui interminavelmente. “Não se preocupe com quanto tempo vai levar. Tudo o que você precisa está aqui. E o mais importante, você está *seguro.”*

Seguro…

A palavra desencadeou algo dentro de mim e, por um breve momento, eu estava de pé na frente de Ataraxus, suas feições frias me presenteando com um sorriso caloroso enquanto seu polegar acariciava minha bochecha.

A visão desapareceu num piscar de olhos. Ainda de pé neste campo de cristais, a boca de Somnus se ergueu em um sorriso suave e conhecedor.

“Quem é ele?”

“Você já sabe a resposta, Mareina... Apenas lembre-se, quando chegar a Nakoa e Malekai, certifique-se de levar Ataraxus de volta para Bellorum com você.”

Meus lábios se abriram enquanto a ideia de voltar para Avernus com Ataraxus me encheu de um vislumbre de esperança.

“Quando você acordar, sua *alma vinculada* e seu exército provavelmente chegarão logo depois.”

Minha respiração ficou presa enquanto meu coração quase pulou para fora da garganta. Antes que eu pudesse reunir uma resposta, Somnus se foi.

Minha mente girava, estendendo mãos frenéticas para agarrar algo que não estava ali.

Como se com urgência, o cristal vermelho e preto brilhava mais forte. Meu coração batia em um ritmo frenético no meu peito enquanto eu pressionava minha mão no cristal. O mundo ao meu redor mudou, e de repente, eu estava de pé no escritório de Azrael, me observando beber chá ao lado de... *Asterion?* Eu contornei a cadeira de estar e vi Azrael sentado à nossa frente, com um sorriso triste.

“… Existem maneiras mais rápidas de me matar, sabia?”

CAPÍTULO

TRINTA E NOVE

NAKOA

E todas as noites desde que incendiamos as Ilhas Kahlohani, eu tinha um pesadelo recorrente em que voltava para ver meu lar, minha terra, meus sonhos serem reduzidos a cinzas. No começo, eu procurava do céu, observando-o queimar enquanto o terror gelado sangrava porque eu *sabia* que Mareina estava lá em algum lugar. Eu simplesmente não tinha ideia de onde e nenhuma maneira de encontrá-la. Ainda assim, eu voava para as chamas — para minha antiga casa onde Leilani me criou — e gritava o nome de Mareina sobre as chamas rugindo e a madeira desmoronando.

O eco dos seus gritos me levaria a uma perseguição até que eu queimasse junto com ela.

Eu tinha retornado a esse pesadelo novamente esta noite, mas algo nele parecia diferente. Eu estava de pé no antigo quarto da minha mãe, cada parede consumida pelas chamas, e ainda assim eu estava parada.

Esperando.

De um momento para o outro, eu não estava mais em pé na minha antiga casa. Eu estava em pé em um palácio que parecia vagamente familiar. As chamas queimavam mais alto, e foi só quando notei a estátua imponente de uma mulher familiar que eu nunca tinha conhecido que percebi onde estava.

Palácio de Azrael.

De Mareina—

Antes mesmo que o pensamento possa terminar, uma voz profunda e aveludada me chama atrás de mim.

“Você não a encontrará aqui.”

Virei-me para encontrar quem eu só posso presumir ser Somnus com base em sua semelhança com Mors; embora ele seja notavelmente mais claro, suas feições menos afiadas, mais... *infantis.* Há algo mais inocente nele. E um pouco mais... solitário.

Quando meus olhos se fixaram nos dele, puramente pretos, eu os encaro, apertando os olhos até perceber que seu olhar não é meramente preto, como o meu. Uma luz brilhou neles que não era um reflexo das chamas engolfando o palácio de Azrael, mas das estrelas. Um cosmos distante, cintilante e giratório. Instantaneamente atraído para eles, o calor e o fogo ardentes ao meu redor desaparecem.

"Não."

A voz de Somnus é profunda e suave, como um cobertor de veludo grosso.

Recuei um pouco, quase tonto por seu poder estranho e encantador.

“Onde ela está?”

“As montanhas… Com outra *alma ligada.*”

As palavras pareceram cortar o ar da minha garganta enquanto eu antecipava uma pontada cegante de ciúmes que não veio. Talvez fosse o sonho suavizando o golpe do que deveria ter sido uma notícia devastadora.

"Quem?"

“O nome dele é Ataraxus. Outro drakonati.”

Examinei meu Saber e meu coração, ainda esperando que a raiva ciumenta e a traição queimassem através de mim como as chamas consumindo o palácio. Em vez disso, senti *alívio.*

Ela está segura. Certamente?

Somnus assente. “Ele a protege com sua vida.”

Tenho muitas perguntas, mas nenhuma é mais importante do que a tarefa em questão.

“Você acha que Azrael vai deixá-la vir para casa conosco?”

Somnus franze a testa. “Nem remotamente.”

Garras de medo cravaram-se em meu coração.

“Você vai nos ajudar a recuperá-la?”

O cenho de Somnus endureceu com arrependimento e raiva.

“Ataraxus irá. E você precisa garantir que o levará de volta para Bellorum com você.”

“… Não foi isso que eu perguntei.”

Somnus soltou um suspiro. “Não posso.”

Minhas palavras saíram tão duras quanto eu pretendia. Era a sobrinha dele, pelo bem *de Akash . "Por quê?"*

“Porque eu fiz um acordo com Azrael. E ele matará *minha alma presa* se descobrir minha traição. Até *isso* arrisca sua ira.”

“Você não é poderoso o suficiente para matá-lo?”

“Se eu fosse astuto sobre isso, certamente, mas matar — embora às vezes necessário — nem sempre é a resposta. Azrael está sofrendo. E, como você, ele não está além da redenção.”

O peso do olhar de Somnus de alguma forma ficou impossivelmente mais pesado, como se ele quisesse *que* eu sentisse a gravidade de suas palavras.

“*E.*.. Se ele morresse, seus reinos infernais se abririam para todos em Bellorum e, eventualmente, para Avernus. Seu poder se dissiparia pelo universo em que seus reinos existem, e a barreira que separa Bellorum de Vassileo se desfaria completamente. Nossos mundos se misturariam. Os seres de Vassileo não encontrariam apenas seu caminho para Bellorum por meio de algum portal — todos em Bellorum se tornariam um reino infernal. E o reino divino de Ourinessa seria destruído. Também não haveria ninguém para ter domínio sobre as almas daqueles em Ourinessa ou Vassileo. Os reinos mortos se fundiriam com os reinos vivos. Não consigo nem começar a imaginar as consequências de tal coisa porque nunca aconteceu. Azrael *deve* viver.”

Meu olhar voltou para as chamas, e parecia que eu estava revivendo o pesadelo pela primeira vez. Minha culpa dobrou sobre mim. Não por causa

de como eu machuquei Mareina, destruí nosso relacionamento ou desempenhei um papel tão integral nos sentimentos de obrigação de Mareina de se martirizar, mas porque percebi então que estava *absolutamente* bem em enfrentar essas consequências se isso significasse ter Mareina de volta.

“Se você veio aqui pensando que isso seria um impedimento suficiente para me impedir de matar Azrael—

A risada de Somnus me interrompeu.

“ *Akash,* não. Eu mataria cada um de vocês se isso significasse salvar minha *alma presa.”*

A indiferença e a honestidade de sua admissão me fizeram vê-lo com novos olhos e me perguntar como eu havia presumido que ele era *inocente.*

Somnus me ofereceu um encolher de ombros fácil como se *não* estivéssemos em um palácio em chamas, desmoronando ao nosso redor, e ele não tivesse acabado de admitir descaradamente que não hesitaria em nos assassinar. "Nada pessoal. Você faria o mesmo pelos seus."

O gemido do metal e o estrondo da pedra eram lembretes gritantes de que o tempo era essencial. As feições de Somnus escureceram enquanto ele olhava para algum ponto distante. Reconheci a expressão porque a usava cada vez que uma visão me alcançava.

Minha voz ficou tingida de desespero. *“Como eu a tenho de volta?”*

Ficou claro para mim que Somnus não estava mais ouvindo quando seus lábios se curvaram, seus olhos fixos em algo distante, rosnando algo que eu não conseguia entender por causa do som da destruição ao nosso redor.

O pânico saltou através de mim quando o pesadelo ao meu redor começou a desmoronar. Sangue pingou das mãos de Somnus um momento antes de ele desaparecer. Eu me virei para procurar uma saída quando a sensação de claustrofobia tomou conta de mim. Uma das estátuas rachou sob o peso de uma viga. Em vez de ter a efígie da companheira de Azrael, era Mareina. Pouco antes de ser esmagado sob o peso, acordei sobressaltado.

CAPÍTULO

QUARENTA

NAKOA

E eres, que deveria ser o único *dobrando* meu exército para o portal ainda não tinha retornado. Eu só podia imaginar que minha mãe biológica não estava morta porque Keres não tinha vindo para se vingar. *Ainda.* É por isso que eu estava agora em pé na frente de Miroslav, pedindo sua ajuda. *De novo.*

O homem esbelto, de mais de dois metros, tinha uma expressão arrogante, mas ilegível, enquanto olhava para mim com desdém. “Com uma condição.”

Eu arqueei uma sobrancelha. “Continue…”

“Convide sua mãe para o palácio. Sua mãe *verdadeira* . Leilani.”

Ele não precisava ter especificado. Havia apenas uma mulher que havia conquistado esse título. E certamente não era a mulher que me dera a Miroslav para matar. Ainda assim, eu estava muito abalado emocionalmente depois de tudo o que aconteceu com Mareina para reconhecer *qualquer uma* das emoções que eu tinha em relação ao fato de Leilani ter mentido para mim a minha vida inteira. Não que isso me fizesse amá-la menos. Eu sentia muita falta dela. Eu simplesmente não conseguia lidar com mais nada agora.

“Concordo… mas tem que ser depois que trouxermos Mareina de volta.”

A expressão de Miroslav suavizou-se, assentindo gradualmente. O silêncio pairou desajeitadamente entre nós por um momento, e eu finalmente aceitei como a oportunidade que eu estava esperando. A última que me seria dada antes que eu potencialmente nos levasse a todos para a morte se minha *visão fugaz* contivesse alguma verdade.

"Por falar nisso…"

Sua sobrancelha fina e elegante se arqueia como se eu finalmente tivesse dito algo interessante pela primeira vez.

“Eu sei que devo minha vida a você... e mesmo que palavras nunca sejam o suficiente, eu só queria dizer obrigada. Por me resgatar de Zurie, salvar minha vida em tantas ocasiões, proteger minha mãe e Mareina — por tudo que você fez.”

Miroslav me encarou por tanto tempo que parte de mim se perguntou se ele tinha me ouvido até que vi o mais tênue brilho em seus olhos. Ele abriu a boca para falar, hesitando. Seu olhar caiu por um momento enquanto ele limpava a garganta.

Meu peito ficou apertado de emoção, mas quando seus olhos prateados retornaram aos meus, todas as evidências de sua reação desapareceram.

O timbre de sua voz ficou mais suave do que eu jamais soube que poderia ser. “Você estava destinada à grandeza, Nakoa. Eu não teria

roubado isso do mundo. Ou da sua mãe.”

Não chore.

Não chore.

Não chore.

Não chore, seu idiota.

Fiquei sem fôlego quando Miroslav quebrou a tensão mudando de assunto e me presenteando com a melhor notícia que ouvi desde que Mareina foi embora.

“Eu encontrei Mors.”

A esperança cresceu intensamente em meu peito. Se alguém tivesse uma chance contra Azrael, quer tivéssemos que matá-lo ou não, seria Mors.

“Porém, há um obstáculo bastante… *monumental* .”

Pelo amor de Deus.

Eu esperava que Miroslav me lembrasse, assim como Somnus, que não podemos matar Azrael por causa de uma *moral blá, blá, blá, porra.*

“Ele não está bem…”

Minhas sobrancelhas franziram de frustração.

“O que significa…?”

Miroslav soltou um suspiro, esfregando as têmporas entre o polegar e o indicador. O gesto me fez reconhecer o quão exausto ele realmente parecia. O macho sempre pareceu tão imperturbável que eu tinha esquecido o fato de que ele era, de fato, suscetível ao estresse. Mesmo que ele parecesse estar acima disso.

“Isso significa que ele não sabe quem ou *o que* é e tem pouco ou nenhum controle sobre seu poder.”

Meu rosto se contorceu em confusão.

“Desculpe… *O quê?”*

“Keres o forçou a beber do Rio Oblivion.”

CAPÍTULO

QUARENTA E UM

MARINHA

C

ando ao lado de Ataraxus onde ele me colocou *de conchinha* para dormir — depois de ter demonstrado um nível surpreendente de autocontrole e integridade — parecia tão surreal quanto natural. Com meu rosto enterrado na almofada firme e musculosa de seu peito, seus braços em volta de mim e nossas pernas entrelaçadas como se tivéssemos chegado a este mundo dessa forma. Seu peito subia e descia lentamente enquanto eu olhava para ele. Meu coração começou a disparar enquanto as memórias do meu sonho se filtravam, e minhas memórias se acomodavam.

O peso sufocante da culpa e da indignidade que me assombraram por toda a minha vida começou a se dissipar, substituído por uma centelha silenciosa de propósito. *Inspiração.* Embora o remorso sempre vivesse em meu coração, eu não permitiria mais que ele me acorrentasse. Em algum momento, ao caminhar por aquelas memórias abrigadas nos cristais do meu tio, reconheci com clareza absoluta o quanto toda aquela vergonha me segurou. *Eu* sempre fui a única pessoa me segurando.

Não Zurie, nem dever, nem circunstância.

Meu.

E continuar carregando o fardo da culpa e da vergonha não fez nada para servir à justiça para aqueles que eu havia injustiçado. A justiça, percebi, estava em me dedicar às pessoas que precisavam de mim. Meu *Soulbound*, o povo de Atratus e todas as almas preciosas sob meus cuidados em Avernus.

Ao ver as feições severas, frias e belas de Ataraxus, suavizadas pelo sono, meu coração se encheu de afeição.

Mas, oh, porra, eu tinha que fazer xixi. Eu cuidadosamente me desenrolei dos membros dele para me aliviar no banheiro surpreendentemente funcional e bem equipado. Como estávamos em uma caverna, eu honestamente esperava um buraco no chão.

Quando voltei para a cama, Ataraxus deu um profundo suspiro de contentamento enquanto sua mão subia pelo meu quadril antes de mergulhar para o lado oposto da minha cintura e me puxar firmemente contra ele, pressionando incidentalmente seu comprimento endurecido e o saco quente abaixo, contra meu estômago e quadril.

"… Finja que não está lá", ele murmurou, a voz áspera de sono, os olhos fechados e um sorriso nos lábios.

Eu ri, permitindo-me o luxo de envolvê-lo com meus braços. “Não é uma tarefa fácil.”

Os olhos de Ataraxus se abriram em fendas enquanto ele cantarolava pensativamente, com um sorriso preguiçoso no rosto. Eu observei enquanto a realidade se acomodava de volta para ele, e seu sorriso desapareceu para algo sombrio.

"Como você está se sentindo? Você está dormindo há dois dias."

Só isso? Eu tive que tocar em um zilhão de cristais e reviver inúmeras memórias.

“Nervoso… Somnus me disse que Nakoa e Malekai chegariam algum tempo depois que eu acordasse.”

Ataraxus me estudou, sem surpresa com a informação.

“Devo dizer que admiro muito o quão bem você está lidando com… *tudo.* ”

Soltei uma risada sem alegria. “Ah, não. Vou assassinar Azrael com certeza... mas parte de mim se sente reticente em acabar com esse momento. Onde todos nós ainda estamos vivos, mesmo que estejamos separados. E nós acabamos de nos conhecer…”

Qualquer suavidade que as feições de Ataraxus tivessem recebido do sono desapareceu quando a preocupação se infiltrou. Desesperado para ter *apenas mais alguns minutos* de paz antes que todos nós potencialmente encontrássemos nossa ruína, limpei minha garganta para prefaciar a mudança de assunto.

“A propósito, obrigado por…” Minhas palavras flutuaram, tentando encontrar a descrição apropriada para uma situação tão bizarra.

Ataraxus ergueu uma sobrancelha.

Minhas bochechas ficaram vermelhas quando consegui terminar minha frase.

“… Por não me deixar seduzi-la.”

Um sorriso irônico curvou sua boca enquanto sua mão lentamente subia para prender meu cabelo atrás da orelha, e seu polegar voltou a acariciar minha bochecha. "Claro... Você é minha *alma atada.* Como eu poderia fazer algo que eu sabia que iria te machucar ou trair sua confiança?"

Minhas reações internas iniciais a essas palavras foram uma variedade de palavras, todas do tipo: *você não é digno.*

E pela primeira vez na minha vida, não lhes dei atenção. Sim, eu tinha feito coisas horríveis, mas também tinha feito coisas altruístas e possuía uma determinação ardente de *continuar* a fazer coisas altruístas. *Para ser melhor. Para fazer algo de bom para as almas de Avernus e meu povo em Atratus.*

A única maneira de fazer isso era me perdoando e deixando de lado meu passado assombrado, que agora eu sabia que, de outra forma, me seguraria como uma âncora atraca um navio.

Eu também tinha começado a perceber que a capacidade de amar de uma pessoa era igual ao amor que ela tinha por si mesma. E eu queria amar

minha *alma atada.*

Todos os três.

A tensão escureceu as feições de Ataraxus. “O que Nakoa e Malekai dirão?”

A pergunta por si só me deixou sem fôlego. “*Porra…”*

“Tão ruim assim, hein?”

Eu balancei minha cabeça, soltando um grande suspiro. “Quero dizer… Nakoa é minha *alma ligada*, então isso faria você *ter uma alma ligada* a ele também, certo? E quanto a Malekai… Nós reivindicamos um ao outro e nos unimos do jeito drakonati. Eu nem tenho certeza do que isso significa, para ser honesto, nós não tivemos a chance de discutir isso, mas ele é meu companheiro escolhido. Ele é tão parte da minha alma quanto Nakoa é…” Meus olhos voltam para os dele nervosamente, “… e você, eu imagino…”

“E como eles se dão?”

Oh deuses…

Não consegui esconder meu estremecimento, inspirando uma risada rouca de Ataraxus. “Ter mais de uma *alma ligada* não é algo comum de onde você é?”

“Infelizmente, não.”

Ele cantarola pensativamente. “Malekai é sua companheira escolhida… Você já se perguntou…”

Meu peito se apertou de dor. “O tempo todo…”

Ataraxus suspira. “E se ele os encontrasse…?”

“Não há nada que possa nos separar. Disso, tenho certeza. Eu aprenderia a amar essa pessoa, se não por outra razão que não ele. Assim como vocês três farão, tenho certeza.”

Ataraxus deu um beijo na minha testa. “Bem, se isso te faz sentir melhor, quando um drakonati reivindica e se liga a outro, a magia que infunde seu veneno se entrelaça em sua magia e, portanto, em sua alma. É por isso que queima tanto. Está mudando as coisas em um nível físico e metafísico. Então, para todos os efeitos, ele *é* seu *ligado à alma...* Um deles,” ele acrescenta com uma piscadela fria.

O fato de Malekai ter escondido tudo isso de mim cria um nó no meu estômago que não consigo enterrar. Até que o calor irradiando de Ataraxus pareceu aumentar, e eu peguei um lampejo da besta dentro dele.

“… Mas você deve saber agora que, embora possa haver dois outros homens com quem você compartilhe parte de sua alma, haverá partes de você que pertencem somente a mim.”

Seus olhos escureceram de uma forma que me disse que havia algo mais abaixo da superfície do que apenas o calor e o cavalheirismo que ele exalava. Não pude deixar de me sentir culpada quando a excitação me percorreu. As narinas de Ataraxus se dilataram enquanto um sorriso exclusivamente presunçoso e masculino curvava um canto de sua boca. Seu polegar roçou meu lábio inferior, puxando-o para baixo o suficiente para roçar meus dentes e minhas presas.

“Pode haver um panteão de deuses, mas eu serei o único a quem você adorará...”

Minha presa cortou seu dedo, e ele espalhou o sangue pelos meus lábios. Sem querer conscientemente, minha língua buscou seu sustento enquanto eu segurava seu olhar. A excitação e a fome floresceram profundamente enquanto o espaço entre nós se apertava. O pré-sêmen vazou do comprimento grande e grosso pressionando contra minha pele nua. Suas pupilas se arregalaram, e ficou claro que havia algo mais que ele queria dizer... *Faça.*

Mas ele é um macho observador. A culpa apertou meu coração, e seus olhos rastrearam minha garganta afundando, minha respiração presa.

A expressão sombria e sensual de Ataraxus se ergueu como uma nuvem revelando o sol. “Não se preocupe, Mareina. Eu ganharei o respeito deles. E o seu. Eles estarão ansiosos para compartilhar você comigo.”

Finalmente soltei o ar que estava prendendo.

“Ele se parece muito com você, a propósito…”

Ataraxus franze uma sobrancelha escura. “Oh? Somnus não mencionou isso.”

Eu cantarolo em afirmação. “Tanto que vocês poderiam facilmente ser confundidos com irmãos. *Gêmeos*, até, fora seu cabelo escuro e suas feições um tanto… mais frias.”

Ataraxus ri disso. “Posso garantir que sou tudo menos frio. Pelo menos com você.”

Eu sorrio, me forçando a ignorar a vontade de me inclinar e beijá-lo.

“Você não tem nenhum irmão perdido há muito tempo ou algo assim?”

Ataraxus franze a testa. “Não. Definitivamente não.”

“Mas como você pode ter tanta certeza?”

A garganta de Ataraxus se esforçou para engolir com dificuldade. “Porque eu era o único filho da minha mãe antes do marido dela assassiná-la.”

CAPÍTULO

QUARENTA E DOIS

MALEKAI

Miroslav estava vestido com calças pretas e uma túnica enquanto o resto de nós, *todos os 2.000 de nós* , estávamos vestidos com couros de combate. Embora isso pudesse fazer uma zombaria do resto de nós, era óbvio que sua presença reforçava a confiança e a coragem de nossos soldados.

Muitos de nós testemunhamos em primeira mão a facilidade com que Miroslav podia matar em um instante, com nada mais do que sua *vontade*, tudo sem derramar uma única gota de sangue. Ele era um Orisha, mas, ao contrário de Famei, ele era um dos poucos Orishas *originais* . Seres tão poderosos que nem mesmo Zurie ousava mexer com eles para não incorrer em sua ira. Eles também eram conhecidos por serem reclusos e raramente saíam do refúgio das Montanhas Yatól. Fora Miroslav e Famei, eu nunca tinha visto outro de sua espécie.

Mas, porra, se Mors aparecesse, eu me sentiria muito melhor.

Esfreguei a mão no queixo, a ansiedade atingindo um crescendo que parecia estar despertando os instintos maternais de Pomona e Val.

Puta merda, o que eu não daria para ter o Nakoa aqui para me dar um soco na cara.

"Yew, tudo bem, rapaz?" Val perguntou enquanto me dava um tapinha nas costas, e Pomona esfregou círculos suaves no meu ombro, parecendo tão tenso quanto eu.

Soltei um suspiro, precisando expelir essa energia de alguma forma. “Ele não teria ido embora sem nós, certo?”

Val bufou uma risada nervosa. “O quê? Não… Não? Não. Não, não, não. Mm-mm. Não. Ele não faria isso.”

Isso não me inspirava *nenhuma* confiança.

Pomona olhou para ele. “Talvez se você disser *não* de novo, você encontre a convicção que está procurando.”

Um silêncio tomou conta do nosso exército, e alguns deles começaram a apontar para o céu, atraindo meu olhar.

Ah, graças a Deus.

Nakoa, lado a lado com Rumiel, fez uma descida rápida e brusca antes de recuar no último segundo em um pouso impressionante e quase silencioso.

Seu *olana kah'hei* correu até ele, bombardeando-o com perguntas sobre seu paradeiro, que ele ignorou. Seus olhos se ergueram para os meus, um pedido de desculpas óbvio em algum lugar quando ele viu a tensão marcando minhas feições.

Nakoa veio direto até mim. “Somnus me visitou.”

Ah, graças a Deus.

“Ele está vindo?”

Nakoa balança a cabeça. “Não, mas… ele me disse que ela está em algum lugar nas montanhas… Segura. ”

Apesar de ele ter usado a palavra *seguro*, ansiedade e medo punho meu coração. Posso ver a hesitação revestindo cada músculo rígido e saliente do corpo de Nakoa. *“Seguro?”*

Os rugidos dos nossos soldados rasgaram o ar enquanto Nakoa os deixava em frenesi, mas eu estava muito ocupado olhando para o portal escancarado para prestar atenção ao que ele estava dizendo. Seu pai e *Olana Kah'hei* pareciam estar em um estado semelhante. Embora seus pensamentos estivessem certamente consumidos com a tarefa em mãos, os meus estavam consumidos pelo pensamento de Mareina nas mãos de outro homem. E minhas emoções não conseguiam decidir se ficavam aliviadas ou de coração partido por ser com outra *alma ligada.*

Os pelos da minha nuca se arrepiaram com a sensação da magia escura e pesada sangrando dela. Meu coração batia forte no peito com medo inegável e impaciência para atravessar a coisa amaldiçoada para que eu pudesse me apressar e levar Mareina de volta para casa sã e salva. Era preto e completamente opaco, então *ainda* não conseguíamos ver o que estava diretamente do outro lado.

Lokus deu um bufo irônico, franzindo o cenho para o portal como se ele o tivesse ofendido pessoalmente. “Foda- *se isso.”*

Ele saiu pisando duro em direção à selva, carregando um galho longo, torto e quebrado e o enfiou no portal. Todos nós assistimos com a respiração suspensa. *Incluindo Miroslav.* Quando nada aconteceu, Lokus o balançou antes de puxá-lo de volta. O galho permaneceu exatamente o mesmo, mas ele não pareceu convencido.

Lokus coçou a barba, apoiando-se no galho.

“Alguém tem um cachorro e uma coleira?”

A pergunta lhe rendeu algumas risadas e revirar de olhos. O sorriso travesso de Lokus iluminou seu rosto quando seus olhos pousaram em Roderick, *o metamorfo lobo lykos.*

Roderick soltou um suspiro longo e sofrido, sufocando seu próprio sorriso. “Vai se foder, companheiro.”

"Eu apostaria todas as minhas bolas que você tem uma guia e uma coleira em algum lugar naquele seu quartinho pervertido."

Roderick lhe deu um sorriso deslumbrante enquanto lhe lançava uma piscadela. “Na verdade, sim, mas não é para *eu* usar.”

Lokus jogou a cabeça para trás, rindo, aliviando um pouco da tensão nervosa no ar.

Como se não estivesse totalmente convencido, Lokus enfiou o galho de volta, girando-o na metade do comprimento. Depois de um momento, o galho parou no meio do movimento, e algo o *puxou* isso. Antes que

pudéssemos reagir, Lokus gritou enquanto era puxado para o outro lado mais rápido do que conseguia soltar.

CAPÍTULO

QUARENTA E TRÊS

ASTERÍON

EU 'Passei as duas últimas noites de sono — não havia janelas ou relógios para dizer as horas — observando as pessoas presas neste enorme labirinto de uma masmorra subterrânea ao meu lado, tentando determinar quantas delas eram dignas de uma vida interrompida. Porque de alguma forma, de alguma forma, eu tiraria essa porra de colar de paládio de mim e arrasaria esse lugar abandonado *por Akash* . Os demônios, humanos, fadas e outros seres que habitavam o reino de Azrael eram todos muito miseráveis.

Para ser justo, eu não conseguia imaginar que houvesse muitas criaturas decentes aqui, além das prisioneiras femininas com as quais Azrael habilmente me trancou, na remota chance de eu descobrir alguma maneira de remover a coleira. Como subornando um dos meus companheiros nephilim — e jogando a cautela ao vento ao liberar meus poderes, matando todos na minha vizinhança para que eu pudesse escapar.

Depois que Mareina foi capturada, Azrael apareceu um instante depois e colocou uma coleira de paládio na minha garganta e um dardo no meu pescoço.

Eu acordei com a visão de um buraco negro e escancarado com fiapos de magia negra jorrando para dentro dele que apareceu perto da parede mais distante, a apenas alguns metros de distância. *Fora da nossa cela*, para minha consternação . Ele se misturou um pouco com um fundo escuro de prateleiras e outros itens de armazenamento que pareciam ter sido deixados ali ao acaso.

As mulheres presas na cela comigo gritaram quando um galho longo e torto de repente atravessou o portal, balançando para todos os lados.

Que porra é essa?

Cautelosamente, caminhei em direção às barras da nossa cela e tentei alcançá-las para agarrar a coisa que se contorcia. Uma das mulheres correu para me impedir — aquela que me ajudou a manter a calma e a sanidade — especialmente quando cheguei. Ela tinha um poder que eu nunca tinha encontrado antes. Ela podia influenciar as emoções das pessoas e, portanto, suas ações.

“Não. Você não tem ideia do que pode acontecer—

Dei de ombros para ela. “Se eu fizer o quê? Pegar um pedaço de pau? Não é como se eles pudessem me puxar através dessas barras de paládio.”

Ela franziu a testa, lançando um olhar rápido em direção ao portal assim que o galho desapareceu. Meu coração afundou. *Porra.*

Soltando um suspiro de decepção, voltei para a parede oposta ao suposto portal e sentei-me pesadamente. Rezando para que algo, *qualquer coisa* , acontecesse. Horas se passaram, e eu tinha acabado de cochilar

quando ouvi os suspiros e murmúrios abafados da fêmea. Acordei de repente, com o coração batendo forte, para ver o galho sendo balançado violentamente.

Pulei para frente, apertando meu braço através das barras de metal e alcançando o mais longe que pude. O galho acidentalmente bateu na minha palma. Um sorriso abriu meu rosto enquanto a vitória ronronava para a vida em meu peito — que vitória, só *Akash* sabia — e eu puxei a coisa o mais forte que pude.

Um homem alto, musculoso e ágil, usando um elegante par de couros de luta, com cabelos loiros desgrenhados e pele coberta de tatuagens, bateu com força nas barras da minha cela. Seus olhos se arregalaram comicamente ao me ver enquanto ele recuava, observando a visão do nosso ambiente sombrio.

Um olhar severo esculpiu suas feições como se eu fosse quem tivesse colocado o portal aqui. “Quem é você? *E onde diabos estamos?”*

Apertei os olhos, incrédula.

“Você está numa prisão. No *inferno.* Se alguma coisa, eu deveria ser o único a questionar você.”

As sobrancelhas do homem se ergueram.

“Você por acaso não conhece ninguém chamado Mareina, conhece?”

A esperança acendeu em meu peito. Mesmo que fosse pela chance de outra pessoa escapar desse inferno. Por alguém que eu só conheci uma vez, apesar da familiaridade inata que eu sentia por ela. Algo bem no fundo de mim sabia que a mulher que eu tinha seguido até aquele tumulto tinha capacidade para o bem. Para a grandeza.

“Você está aqui para ajudá-la?”

Eu vi a esperança refletida no olhar da loira, embora eu pudesse ver a desconfiança oscilando por trás dele.

“Então você a conhece?”

“Quatro asas. Mata em bandos. Tem um temperamento mal-humorado.”

Os olhos do macho se arregalaram como pires. *“Oh, porra…”*

O macho saltou para trás enquanto dava uma última olhada nos arredores antes de se virar novamente para o portal.

“Não! Espere!”

Antes que as palavras terminassem de sair da minha boca, o homem desapareceu. Com um rugido de frustração, agarrei as barras da cela como se pudesse soltá-las.

A mulher com o estranho dom apareceu ao meu lado, colocando uma mão no meu ombro e canalizando *paz* para o meu próprio ser. Minha frequência cardíaca diminuiu, e eu respirei fundo enquanto olhava para ela — ela era bem pequena. Bonita e fae.

"Obrigado."

Ela me deu um sorriso triste antes de retornar silenciosamente para o grupo de mulheres contra a parede. Com um suspiro pesado, eu me deitei

no chão, olhando fixamente para o portal com olhos quase sem piscar por um período de tempo entorpecente.

Não que eu já tivesse experimentado isso por mim mesmo, mas ouvi dizer que havia uma diferença significativa na maneira como o tempo passava em outros reinos. Embora pudesse ser horas, dias, *meses* —

Antes que eu pudesse terminar o pensamento, dois homens passaram. Eu gradualmente me sentei ao vê-los, chocado ao ver um Nephilim que tinha vindo de *fora* de Vassileo, vestido como um rei guerreiro, nada menos. Um homem drakonati loiro estava ao lado dele, que tinha o ar distinto de alguém que passou a vida no exército. Em uníssono, seus olhos encontraram os meus antes de observar as fileiras quase infinitas de celas de prisão individuais.

Várias outras pessoas apareceram atrás dele, todas com uma expressão de consternação.

Com medo de que eles se virassem e fossem embora novamente, minhas palavras saíram apressadas. *"Eu conheço Mareina."*

CAPÍTULO

QUARENTA E QUATRO

NAKOA

"EU *conheço Mareina.*" Meu coração parou quando vi o macho nephilim aprisionado. Eu não tinha certeza se o considerava um inimigo ou aliado, mas meu instinto inicial foi de proteção. Rumiel deu um passo à frente, seu queixo frouxo. *"Asterion?"*

Ambos os machos pareciam igualmente chocados ao ver o outro. Rumiel fez apresentações rápidas, pulando a parte sobre ser enterrado vivo e *exumado* 120 anos depois. Após uma breve discussão e a recontagem de Asterion dos eventos recentes sobre Mareina, Malekai empunhou seu fogo drakonati para derreter as barras de paládio da cela.

Quando a porta da cela masculina se abriu, os prisioneiros nas outras celas estavam todos se revoltando para serem libertados. Val, Roderick e Pomona tomaram a liberdade de remover a coleira de paládio de Asterion, seguindo aquelas usadas por um grupo de mulheres que dividiam sua cela. Elas ficaram perto do seu lado enquanto ele se aproximava de mim. "É seguro para elas? Do outro lado daquele portal?"

Meu olhar caiu sobre os rostos sujos e ensanguentados das mulheres. Círculos escuros marcavam seus olhos, seus cabelos estavam emaranhados e suas roupas rasgadas.

Ainda assim, não vi nenhum rato. Pelo menos havia isso.

Troquei um olhar com Malekai. Por mais assustadoras que as ilhas de Nissi Tiss Pillis pudessem ser, elas não eram perigosas.

"Sim. Eles estarão seguros lá, desde que não tentem nadar no mar."

Akash só sabia quando voltaríamos. *Se* ao menos conseguiríamos voltar. Mas Nissi Tiss Pillis era um lugar muito mais seguro do que qualquer inferno. *Mesmo que o pior acontecesse, nenhum de nós sobreviveria, e as fêmeas estavam todas presas lá.*

"Sim, eles estarão seguros lá… Só não posso prometer nada sobre quando retornaremos."

Se retornarmos, o medo em minha mente sussurrou. Para meu desânimo, meu Saber frequentemente permanecia em silêncio quando eu tinha adrenalina bombeando em minhas veias.

Asterion me deu um aceno de gratidão, conduzindo as fêmeas, que estavam todas olhando para o portal com olhos cautelosos e nervosos. Não pude deixar de encará-lo enquanto ele murmurava palavras de segurança para elas. Uma delas pareceu relutante em deixá-lo, mas eventualmente, todas as fêmeas seguraram as mãos umas das outras e desapareceram pelo portal juntas.

A revolta dos prisioneiros atingiu o pico quando eles viram as fêmeas desaparecerem, todas berrando por sua vez de serem libertadas. "Quanto

tempo temos antes que um dos guardas de Azrael venha investigar todo esse barulho?", perguntei, gritando para ser ouvido.

Asterion bufou seu escárnio. “Eles não serão. Até a comida é *colocada* em suas celas, e seu lixo é *colocado* para fora. Quem entra nesta prisão morre nesta prisão.”

“Então como saímos?”

Asterion franze a testa. “Eu tenho um jeito, mas não é o ideal.”

Malekai se move impacientemente em seus pés. “Contanto que sobrevivamos. Não me importa o que seja.”

A carranca de Asterion se aprofunda, e ele e meu pai trocam um olhar de cumplicidade, mas ele finalmente concorda. Como se fosse uma deixa, Rumiel deu um passo à frente. “Se o layout da prisão não mudou desde a última vez que estive em Vassileo, a entrada deve estar a alguma distância naquela direção.”

As sobrancelhas de Malekai e as minhas franziram enquanto meu *olana kah'hei* se movia nervosamente ao nosso lado. “Isso ainda não explica como vamos escapar desta prisão…”

O olhar ameaçador nos olhos de Asterion me deixou desconfortável.

“Não haverá *prisão* depois que eu liberar minha magia.”

CAPÍTULO

QUARENTA E CINCO

MARINHA

Meus olhos examinaram os planos largos, marcados e musculosos do corpo de Ataraxus. Além do desejo que sua forma poderosa inspira, era também um mapa de sua história que eu queria viajar. Algo profundamente enraizado em minha alma ansiava por saber mais sobre esse homem que eu tinha acabado de conhecer, mas que era inegavelmente um dos meus *ligados à alma*. E enquanto eu estava cheio de gratidão por, contra todas as probabilidades bizarras e angustiantes, termos sido *milagrosamente* unidos, havia também uma sensação inabalável de pavor.

Somnus me disse que Nakoa e Malekai estavam vindo atrás de mim. Eu deveria estar em êxtase. Em vez disso, meu intestino estava se revirando, e um tremor tomou conta das minhas mãos. Ataraxus roubou olhares preocupados enquanto vestia as calças, escondendo sua longa, grossa e meio mastro ereção.

Minha respiração parou quando ele veio até mim de topless, aliviando momentaneamente minha ansiedade. Ele me puxou contra ele antes de pegar minha cabeça em suas mãos e guiar meu olhar para o dele. "Não vou permitir que nada aconteça com você, Mareina. Nem Nakoa e Malekai."

O medo no meu peito era profundo o suficiente para arrancar lágrimas.

"Não sou eu que estou preocupado."

Ataraxus se inclinou para capturar minha emoção aquosa com seus lábios.

"Não acaba assim, Mareina. Se aprendi alguma coisa na minha vida, é que *Akash* está conspirando *por* nós. Não contra nós. Ela não nos uniu só para nos separar. Não importa o que aconteça, tenha fé nisso."

Eu não tinha certeza se conseguiria reunir esse tipo de fé. Embora conhecer Ataraxus tenha sido nada menos que um milagre absoluto, eu também havia experimentado e testemunhado muito sofrimento sem sentido para ter uma ideologia tão inabalável.

Antes que eu pudesse responder, houve uma batida abrupta nas portas do quarto de Ataraxus. Ataraxus hesitou por um momento, segurando meu olhar. " *Todos nós* saímos daqui juntos. Entendido?"

Consegui um aceno fraco. Ataraxus deu um beijo na minha testa antes de gritar. *"Entre."*

Erius e a mulher pálida, cujo nome eu ainda não sabia, estavam ao lado dele. Tentei perguntar a ela logo depois que cheguei, e ela só me lançou um olhar vazio antes de me dar as costas e ir embora.

Ambos estavam completamente vestidos com couros de luta e com expressões tensas. A respiração de Erius vinha em ofegos rápidos. Tudo isso pintava uma cena que estimulava minha ansiedade.

"Um portal foi aberto."

Aparentemente, ou os drakonati não gostavam de permitir cavaleiros, ou não se socializavam com ninguém fora de sua própria espécie porque não tinham arreios. E apesar de terem quatro asas, não havia como eu conseguir acompanhar suas asas gigantescas de mais de 70 pés.

É por isso que eu estava atualmente sendo agarrado dentro de uma gaiola de garras de Ataraxus enquanto centenas de drakonati voavam em direção ao palácio de Azrael. Ou o que restava dele, pelo menos.

Menos de uma hora depois, Malovada apareceu. Ela já havia sido reduzida a cinzas pelo tumulto onde Erius me fez prisioneiro, mas foi a visão *além* dela que me deixou de queixo caído.

Uma cratera enorme havia substituído o palácio de Azrael. Agora, restavam apenas restos afiados e irregulares. E além disso, um êxodo de demônios e o resto dos habitantes de Azrael lutavam para atravessar a barreira de soldados atratusianos em direção a um imponente portal negro.

Meu coração pulou tanto na garganta que engasguei com um soluço repentino ao ver um drakonati turquesa e dourado que eu sabia sem sombra de dúvidas que era Malekai. Apertei os olhos, procurando desesperadamente por Nakoa. Ainda estávamos muito longe para vê-lo, mas o puxão ardente no meu peito me disse que ele estava lá.

Minha alma atada cruzou os reinos e viajou para um verdadeiro inferno para mim.

CAPÍTULO

QUARENTA E SEIS

AZRAEL

Eerrenea é um lugar bizarro. Infestado de humanos que pareciam não ter nenhuma preocupação com a terra que habitam — sempre mordendo a mão que os alimenta, drenando cada gota de sangue, roendo cada osso até que não reste nada. É uma compulsão com a qual estou familiarizado. Talvez seja por isso que me vi atraído para cá com tanta frequência. *Akash* sabia que não era pelos ternos dos meus amigos. Eu já tinha milhares deles.

A Sonata do Trino do Diabo de Giuseppe Tartini tocava suavemente no fundo do estúdio de Ettore; uma querida e muito *humana* música italiana. amigo que também se tornou meu alfaiate favorito nos últimos quarenta anos desde que o conheci. O homem era meu único amigo — mesmo que ele não tivesse ideia de quem eu realmente era.

Parecia uma coincidência muito bizarra que ele involuntariamente tocasse uma música que um dos meus *ligados à alma* havia influenciado no sonho do compositor. *Mors…* com a ajuda de seu irmão. *Somnus.*

Talvez tenha sido *Akash* me dando um sinal para encontrá-lo... Embora eu tivesse jurado—

— *Prefere o blu grafite ou o blu notte, signore?* Ettore perguntou enquanto olhava para mim com um olhar escuro e amendoado.

Você prefere azul grafite ou azul noite?

Dobras de pele enrugavam suas pálpebras largas, salpicadas de pintas nas bolsas inchadas sob seus olhos que me encaravam por trás de um par de óculos de casco de tartaruga empoleirados em seu nariz bulboso. O macho era impossivelmente jovem. Apenas 67 anos. E ainda assim, ele estava morrendo. *Em breve.*

Eu podia sentir isso. Como um sussurro indesejado na minha nuca.

Engoli em seco contra o peso sufocante da tristeza que crescia em meu peito enquanto olhava para Ettore do espelho, tentando forçar um sorriso no rosto para mascarar meu coração partido. Minhas palavras saíram mais suaves do que eu pretendia, em uma tentativa débil de reprimir a emoção que apertava minha garganta. *"Il blu notte, per favore. Grazie mille, mio caro amico."*

Azul noite, por favor. Obrigado, caro amigo.

Preocupação brilhou nos olhos de Ettore, mas ele não reconheceu. Apenas me deu um tapinha afetuoso nas costas enquanto colocava as amostras de tecido e mancava em direção às suas altas prateleiras de madeira em forma de cubo cheias de rolos de tecido em quase todas as cores e tecidos.

Quando ele estava na metade do caminho para a prateleira, senti um fantasma da dor aguda em seu peito e ombro esquerdo antes que ele o fizesse. Antes que a dor aguda de um infarto do miocárdio — a interrupção

repentina e completa do fluxo sanguíneo para uma das artérias coronárias do coração — fosse registrada em seu cérebro.

Raiva e tristeza brotaram em meu peito como um gêiser, pronto para explodir quando seus passos vacilassem. Eu me *forcei* a ficar ao lado dele antes que ele pudesse bater no piso de madeira implacável e quebrar algum osso.

A gentileza gentil nos olhos de Ettore foi substituída por medo enquanto ele apertava o peito e seus pulmões espasmavam, incapaz de respirar. Eu gentilmente nos abaixei até o chão e aninhei seu corpo robusto contra o meu. Sua mão tremeu e alcançou a minha, apertando com uma força surpreendente que rapidamente diminuiu.

Ettore era um católico devoto, então murmurei para ele a oração latina dos mortos, uma que ele reconheceria e, com sorte, encontraria conforto.

"Requiem aeternam dona eis Domine, et lux perpetua luceat eis."

Conceda-lhes, Senhor, o descanso eterno e que a luz perpétua brilhe sobre eles.

Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto sustentava o olhar de Ettore. *"Mi dispiace, velho amigo. Il mio potere presiede alla morte, non alla vita"*.

Sinto muito, velho amigo. Meu poder preside a morte, não a vida.

A realização se instalou em suas feições. Ele sempre soube que eu era *outra coisa.*

Conforme ele começou a envelhecer, e eu não, ele ocasionalmente fazia perguntas e dava dicas sutis. Eu explicava a ele em termos redutores que eu não era daquele lugar ou época. Mostrei a ele alguns feitos aparentemente espetaculares, mas nunca ousei dizer exatamente quem ou o que eu era. Caso contrário, isso teria arruinado nossa amizade. Eu aprendi isso muitas vezes da maneira mais difícil.

Sou cliente de Ettore desde que ele abriu seu negócio, depois que meu alfaiate anterior, Vittorio Rossi, desocupou seu saco de carne humana e abandonou Terrenea por Avernus.

Quando a tensão no corpo de Ettore diminuiu e seus olhos ficaram vidrados, algo dentro de mim mudou. Eu nunca me permiti ficar *muito* perto dele. Outra lição que tive que aprender muitas vezes para salvar os destroços do meu coração. Mesmo assim, eu amava esse homem, apesar da minha inveja dele. Ele tinha uma esposa amorosa — eu tinha ido ao casamento deles trinta anos atrás — e filhos amorosos.

As coisas que eu mais queria neste mundo.

Amor.

Uma mistura nauseante de dormência, tristeza e raiva instalou-se profundamente em meus ossos.

Minha cabeça bateu na prateleira atrás de mim com um *baque* , e fiquei ali sentado, ainda segurando Ettore, enquanto uma emoção silenciosa descia

pelo meu rosto.

A fadiga começou a me invadir. Inicialmente, presumi que fosse a tempestade de merda das minhas emoções. Foi só quando a fadiga ficou tão intensa que percebi o que era.

Akash-porra-droga.

Ela já matou Ataraxus?

Quando a fome dessa fêmea seria saciada?

Poucos momentos depois de incorporar aquele ríton no peito de Mareina , comecei a sentir algo parecido com o meu antigo eu — enérgico, poderoso, ouso dizer até esperançoso — mas toda vez que havia uma revolta, e ela devorava *meus* cidadãos *em massa*, a fadiga retornava.

Eu tinha negociado com Ataraxus para tirá-la das minhas mãos, mantê-la bem alimentada *sem matar ninguém* e completamente distraída. Em troca, ele ganharia um brinquedo. Potencialmente até uma companheira. O fato de ele se parecer tanto com *a companheira escolhida por Mareina,* Malekai, tinha sido extremamente fortuito e reconfortante, pois ela poderia não estar inclinada a matá-lo e escapar. Que ela poderia, em algum nível subconsciente, desejá-lo. Tudo parecia um pouco fortuito demais para ser pura coincidência, mas... Como Ettore diria, *"A caval donato non si guarda in bocca.* "

A cavalo dado não se olha os dentes.

“Só se passaram dois dias, Ettore. Quão sanguinária uma mulher pode ser?!”

O cadáver de Ettore permaneceu em silêncio. Eu gemi, batendo em meu rosto com uma das mãos carnudas de Ettore.

Porra.

Porra. Porra. Porra. Akash-porra-porra.

“Estou cansado, Ettore. O que eu não daria para trocar de lugar com você. Você é um homem de sorte, sabia? Sempre foi. Quero dizer, olhe para você.”

Ettore olhou para mim, sua expressão era uma máscara de tédio. Eu bufei.

“Você era muito mais compassivo quando estava vivo.”

Fiquei sentado ali por vários longos momentos e meu cansaço só aumentava, mas eu não conseguia reunir força de vontade para me levantar e fazer algo a respeito.

Eventualmente, o corpo de Ettore ficou frio e minha bunda dormente. Limpando as últimas lágrimas em sua manga perfeitamente engomada, dei adeus ao seu cadáver e enviei uma prece de amor e gratidão a *Akash* por tê-lo conhecido, e que sua alma encontraria paz em Avernus.

CAPÍTULO

QUARENTA E SETE

NAKOA

UMsterion, como prometido, havia reduzido o palácio de Azrael a uma cratera de 200 pés de largura de ruína chamuscada em menos de trinta minutos. E agora eu só podia rezar para que o plano muito *frágil* e desesperado que eu havia arquitetado no último minuto realmente funcionasse.

Nós quase teríamos sido destruídos junto com ele se não fosse pela mulher que reapareceu atrás dele no portal. Sua estranha magia tinha o poder de controlar emoções, e ela conseguiu acalmá-lo com nada mais do que o toque de sua mão. Ela quase morreu no processo, e eu pedi a alguns dos meus soldados para levá-la de volta ao palácio.

Gritos surgiram ao ver feras e criaturas de todos os tipos caminhando em direção ao portal, algumas *se dobrando* bem na frente dele para tentar mergulhar.

Malekai rugiu ordens para nossos soldados acima do caos do prédio *: "Protejam o portal!"*

Desembainhando suas espadas, ele se virou para mim — os olhos de repente se arregalaram em esperança e reconhecimento. Eu me virei para seguir seu olhar e testemunhar o escurecimento dos céus. Não com nuvens ameaçadoras, mas *drakonati.*

Marinha.

"Vá buscá-la."

Meu olhar voltou-se rapidamente para Malekai diante de sua exigência. A percepção que se seguiu foi como uma pancada no meu coração. Considerando o estado do nosso relacionamento, duvidei que ela quisesse *vir* comigo. Ela poderia lutar contra mim... Mas Malekai...

"Ela quer *você.* Eu guardarei o portal."

"Odeio dizer isso a você, mas não há como você proteger o portal melhor do que meus drakonati."

O *peso* de uma magia terrível se manifestou nas minhas costas, e eu me virei para encontrar uma sutil carranca vincando o rosto de Azrael ao ver seu palácio dizimado e milhares de nossos soldados inimigos. Se alguém fosse adivinhar com base apenas em sua expressão, eles presumiriam que ele tinha apenas encontrado uma mancha em uma camisa branca.

As quatro asas de Azrael batiam graciosamente no ar para mantê-lo pairando algumas dezenas de metros à minha frente.

"Eu tentei. Eu tentei mesmo, Nakoa. Eu *tentei* ser legal. Eu tentei ser justo. Eu tentei ser atencioso. E olha o que isso me rendeu."

Seus olhos se voltaram para o buraco no chão e para a batalha atrás de mim para dar ênfase, erguendo sobrancelhas levemente acusatórias.

“Eu alegremente abrirei Atratus para seus cidadãos, contanto que você nos devolva nossa *alma ligada.”*

CAPÍTULO

QUARENTA E OITO

AZRAEL

EU não senti nada enquanto olhava para os restos chamuscados do meu palácio. Eu não tinha gostado particularmente de estar lá. Quer dizer, é *um inferno*, então eu tentei evitar vir aqui. E quando você é tão velho quanto tempos imemoriais, você se torna um tanto insensível às coisas.

Mas o que eu achei perturbador foi ver uma liga inteira do meu povo — mesmo que fossem, em sua maioria, demônios — correndo em direção ao portal, desesperados para escapar daquilo.

Para escapar *de mim.*

Isso e o fato de que Nakoa, Malekai, o *maldito Rumiel* — aquele macho sempre foi um incômodo para mim — e alguns milhares de soldados de Nakoa pareciam estar planejando um golpe.

Que engraçado.

Sobre quatro asas, pairei no ar a algumas dezenas de metros de Nakoa, soltando um suspiro de sofrimento.

"A solução de Mareina provou ser mais do que suficiente, então ela vai ficar onde está, receio."

Gritos e berros se ergueram enquanto o exército de Nakoa começou a cair como moscas. A culpa guerreou com a raiva justificada.

A visão dos drakonati dourados e azuis dizimando meu povo para impedi-los de passar pelo portal me fez arrependimento me atravessando pelo que eu temia ter que fazer. Puxei firmemente o cordão que conectava sua alma ao seu corpo em advertência enquanto eu *desejava* que meus Nephilim se *dobrassem* entre mim e Nakoa e seu exército. Eu podia sentir a relutância coletiva deles em fazer isso, mas eles estavam presos à minha vontade. Todos, exceto Asterion — porque ele era algo completamente diferente — e Rumiel, a quem eu havia dado liberdade demais há muito tempo.

Os drakonati de Malekai rugiram enquanto suas chamas famintas tentavam devorar meus Nephilim. Eu podia sentir a magia daqueles que pereceram me deixando, me enfraquecendo como se fosse minha própria magia.

Porra.

Como se retornasse seu chamado, ouço o rugido muito distinto e mágico de Ataraxus em resposta atrás de mim. Eu me virei para encontrar o que parecia ser *todos* os seus drakonati amaldiçoando os céus atrás de mim, a apenas alguns momentos de distância.

Akash-porra-droga.

Minha impotência era paralisante. Se eu matasse *todo mundo*, eu, por sua vez, estaria me matando. Indecisão e raiva queimavam dentro de mim enquanto eu observava o que restava do exército de Nakoa massacrar meu

povo em um esforço para impedir que meus demônios violassem o portal e causassem estragos em seu reino. Com cada uma de suas mortes, meu poder enfraquecia ainda mais.

Nakoa já tinha de alguma forma trabalhado seu caminho através de tantos dos meus Nephilim que em poucos instantes, ele estava a apenas alguns metros de mim. Encharcado em sangue, vingança e fúria queimando nas piscinas negras gêmeas de seus olhos enquanto eles se fixavam nos meus. O instinto me fez alcançar o cordão que ligava a alma ao corpo.

Naquela fração de segundo, tentei cortá-lo, uma dor ofuscante me atingiu. O rosto de um homem escuro com olhos prateados brilhou em minha mente enquanto eu tentava me recuperar, e invoquei outro ataque dos meus nephilim enquanto Nakoa saltava em minha direção, espada erguida para aliviar meu corpo de sua cabeça.

Com algumas centenas de nefilins atacando Nakoa pelo campo de batalha, lancei-me no ar, com os olhos atentos.

Vá para Mareina.

Girei para encontrar Mareina cortando caminho através dos meus nephilim a uma velocidade que meus olhos mal conseguiam acompanhar — mas ainda permanecia bem fora do alcance de Ataraxus, Nakoa ou Malekai. Embora ela não tivesse nenhuma lembrança dos dois últimos, não tinha dúvidas de que ela os seguiria pelo portal no momento em que tivesse a chance.

Minha respiração parou uma fração de segundo depois, quando meus olhos se depararam com a sombra escura e carmesim lutando na direção oposta para proteger suas costas.

Ela se conectou com seu arcano.

Fiquei *completamente* consternado com a visão. O que poderia ser pior do que uma Deusa da Morte sanguinária e insaciável?

Dois deles.

Akash-porra-droga-tudo-para-o-inferno.

Eu podia sentir meu próprio arcano, Cerebus, uivando para ser libertado, mas não ousei libertá-la para enfrentar a ira de Mareina. Cerebus era o único amor que me restava na vida.

Eu voei em direção a ela no momento em que o rugido ensurdecedor de Ataraxus perfurou meus ouvidos. Um prefácio para suas chamas me engolfando e sendo assado como um pássaro no cuspe.

Rude.

Minha raiva foi silenciada pelas chamas famintas que tentavam me devorar enquanto minhas asas me impulsionavam para frente.

Visualizei o fio da sua vida e *desejei que* meu fogo do inferno o consumisse. As chamas de Ataraxus cessaram, mas estou atordoado ao descobrir a resistência tênsil de sua força vital. Ou talvez o enfraquecimento da minha. As asas de Ataraxus cederam e, enquanto eu me afastava, ele golpeou com suas garras, marcando minhas costas e asas. Novamente, eu

quis que o cordão da sua vida fosse cortado enquanto uma raiva saía da minha garganta devido à dor cegante.

Colidindo com as ruínas perigosas do meu palácio, a batalha atrás de nós não passava de um rugido distante de morte violenta.

O chão estremeceu com a colisão do corpo de Ataraxus enquanto eu era espetado em uma haste de metal desonesta que saía dos detritos do meu palácio.

Eu arfei por ar que não viria enquanto o sangue escorria dos meus lábios. Minhas asas batiam no ar atrás de mim, gradualmente me afastando da vara. Minhas asas deram um golpe final contra o ar, e eu desmoronei em uma pilha em uma laje quebrada de mármore.

Os olhos de uma das estátuas fraturadas de Perséfone me observavam enquanto eu estava ali deitado enquanto meus ferimentos curavam. Eu podia ouvir a voz dela dentro da minha mente, me advertindo. Meus ferimentos não conseguiam curar rápido o suficiente, mesmo que fosse só por esse motivo.

Finalmente me arrastei para ficar de pé e segui em direção à forma imóvel de Ataraxus, esperando a sensação de sua força vital se dissipar, levando uma parte de mim com ela, mas percebi que havia muitas vidas cumulativas e a magia do meu povo morrendo em massa para discernir a dele. Ao ver seu corpo gradualmente mudando de volta para sua forma fae, causado pela dissipação de sua magia, fiquei satisfeito o suficiente para ir embora.

Uma pena…

Agora é encontrar Mareina e acabar com isso.

Ao retornar aos céus, meus olhos passaram pelo campo de batalha. A visão diante de mim fez o medo afundar como uma bigorna em meu intestino. *Milhares* de drakonati, nephilim, demônios, humanos, fae e semelhantes mortos estavam espalhados por minha terra até onde meus olhos podiam ver.

Isso tem que acabar.

Mais do que apenas *ver* , eu podia *sentir* meu povo morrendo como se a própria *Akash* tivesse colocado um *sifão* no meu poder.

Como eles estavam morrendo tão rápido? Eu estarei morto antes que eles morram nesse ritmo.

Uma nuvem vermelha chamou minha atenção enquanto a magia de Mareina devorava os nefilins ao passar sobre eles.

Foi então que não pude mais negar que foi um erro trazê-la aqui.

Agora a solução não era mais mantê-la, mas *matá* -la.

Perséfone e Mors nunca irão te perdoar, sussurrou a voz insidiosa da minha consciência.

Eles já não querem mais nada comigo, então que diferença isso faz?

A culpa que já se retorcia em meu estômago foi resposta suficiente.

Como se o mero pensamento a convocasse, *a alma atada e* abandonada *de Akash* , a magia ostentando a força do Martelo de Odinson, me jogou no

chão. A magia de Nakoa agarrou meus pulmões com punho de ferro, e meus vasos sanguíneos pareciam prestes a estourar. Resistir à dor e ao poder de sua magia contra o declínio da minha própria me fez cair de joelhos.

Eu me *dobrei* antes que a lâmina de sua espada pudesse remover minha cabeça. Aterrissando na lama formada apenas por sangue derramado no solo empoeirado da minha terra, eu engoli respirações de ar. O alívio tomou conta de mim quando consegui cortar os fios de vida dos soldados mais próximos de mim com facilidade. Na sensação da minha magia sempre minguante, eu *desejei* minha espada, *Thanapheros*, em minha mão — forjada no fogo do inferno e imbuída com minha magia da morte. Mesmo um ferimento superficial seria letal.

Um homem alto, moreno e esbelto apareceu, a apenas uma dúzia de pés de distância. Poder prateado se enrolou dele em ondas enquanto ele passava sua mão sobre as ligas de demônios, humanos e outros seres desesperados para alcançar o portal. Seu olhar prateado estalou no meu, e eu senti sua magia como um machado derrubado sobre a corda imortal conectando minha alma ao meu corpo, me fazendo tropeçar.

Suas palavras soaram como o toque de um sino fúnebre em minha mente.

"Somente na morte você encontrará a liberdade, Azrael."

O reconhecimento da verdade, uma sensação muito familiar e indesejada, apertou meu peito enquanto o macho *se dobrava* na minha frente. Uma dor lancinante perfurou meu lado, e olhei para baixo em choque e alívio ao ver que o macho tinha apenas enfiado uma adaga em meu abdômen. Não pude deixar de cair na gargalhada.

"Se você acha que essa pequena lâmina é o suficiente para me matar—

O macho retirou a lâmina, e foi então que notei uma substância escura e viscosa pingando do cabo. Uma substância *diferente* do meu sangue.

Meus lábios se separaram em reconhecimento enquanto o arrepio do medo me percorreu.

O rosto do homem se abre em um sorriso assustador.

"Aniquilamento mortal."

A intuição me disse que não foi coincidência que mortsbane tenha sido exatamente o que eu usei em Mareina e Asterion quando dei a eles a dose do Rio Obvilion.

A conexão com meu poder estava queimando como um fio de cabelo colocado sobre uma chama. O macho *se dobrou* no momento em que tentei empalá-lo com *Thanapheros.* Antes que eu seja completamente cortado da minha magia, a vitória cresce em meu peito enquanto conjuro o fio de sua vida e o corto.

Meus olhos procuraram freneticamente por seu corpo morto enquanto o chão avançava em minha direção e eu caí de cara.

Porra, porra, porra.

Meu coração batia forte no peito enquanto eu esperava que algum soldado me notasse e finalmente acabasse com o lixo fedorento da minha vida.

Em vez disso, eles lutaram ao meu redor.

Percebi que *sou apenas mais um cadáver no chão* .

Como a resposta a uma prece, sangue Nephilim respingou em meu rosto pouco antes de um grande corpo alado atingir o chão ao meu lado. Sangue fresco jorrou de uma ferida aberta no peito da fêmea, olhar vazio voltado para o céu. Uma poça se formou abaixo dela, crescendo gradualmente tanto que chegou ao meu rosto. Comecei a lambê-lo, sabendo que isso aceleraria minha recuperação.

Em menos de alguns minutos, eu havia recuperado o suficiente das minhas capacidades para ficar de pé. Tentei me *dobrar* , mas minha magia ainda estava bem fora de alcance.

Graças a você, murmurei internamente para *Thanapheros* enquanto o resgatava da lama sangrenta e passava meu olhar sobre os nefilins, demônios, humanos, orcs, lykos, humanos e fae. Todos mortos e em pilhas indistinguíveis.

O pânico tomou conta de mim quando vi Mareina voar pelo ar em direção aos drakonati de Malekai, guardando o portal enquanto ele carbonizava o que restava dos demônios que ainda não tinham conseguido escapar, enquanto vários outros cravavam punhais em seu corpo para *escalá* -lo.

Segurando minha espada, eu pulei, asas batendo e *Thanapheros* pronta para atacar enquanto eu mergulhava em sua direção como uma águia, sua presa. Ela estava muito distraída batalhando contra aqueles no chão para notar minha descida do alto.

Alívio e vitória cresceram em meu peito enquanto eu me aproximava — sua morte estava tão próxima que eu podia sentir o gosto dela.

Eu estava a poucos metros de distância quando a besta gigantesca de Malekai desceu, absorvendo meu golpe. *Thanapheros* abriu sua garganta e peito com a facilidade da quilha de um navio na água.

O drakonati caiu no chão, esmagando várias dezenas do meu povo sob ele. Um tremor retumbou no chão enquanto o grito de gelar o sangue de Mareina enchia meus ouvidos. O rugido gutural de Nakoa na distância próxima era quase inaudível.

O companheiro dela.

Eu sou verdadeiramente tudo o que Perséfone já pensou sobre mim.

Uma teia de aranha de desfiladeiros dividiu o solo manchado de sangue enquanto a magia de Mareina explodiu dela em gavinhas carmesim que atravessaram minha carne e osso. Sangue gorgolejou da minha garganta enquanto eu era levantado do chão. Mesmo assim, eu podia sentir o poder da minha magia e da minha força vital reparando meu corpo. Prevenindo minha morte.

Minha visão diminuiu enquanto meu rosto se desintegrava, revelando ossos, e *ainda assim*, minha magia continuou a curar as feridas tão rapidamente quanto elas foram feitas.

Percebi então que desejava que a cura parasse. Por milênios, uma parte de mim ansiava pela morte, mas nunca tão desesperadamente quanto agora.

As palavras do homem de olhos prateados retornaram à minha mente naquele momento.

"Somente na morte você encontrará paz, Azrael."

Não pude deixar de observar com admiração enquanto testemunhava distraidamente os sobreviventes da batalha correndo para escapar das fissuras profundas que dividiam a terra, estendendo-se além do horizonte; muitos deles desaparecendo dentro dos desfiladeiros e caindo no que levei um momento para perceber que era um céu aberto que levava a outro lugar.

Portal s.

Mas como?

Meus olhos se depararam com a visão do arcano de Marenia *brilhando* no centro do peito dela, logo acima de onde o rhyton que eu havia colocado ali estava. A realização me inunda quando reconheço a sensação da minha força vital sangrando de mim *para dentro dela.*

Ela está sugando meu poder e destruindo as barreiras entre os reinos com meu poder.

CAPÍTULO

QUARENTA E NOVE

MARINHA

C*enchendo* minha magia para devorar Azrael, *dobrei- me* para Malekai, agarrando-me ao rosto de sua forma drakonati enquanto um soluço violento e sufocante me deixava. Horror gelado sangrou através de mim como a poça de seu sangue que esfriava rapidamente, encharcando minhas roupas enquanto eu caía de joelhos ao lado dele.

"Não…. Não, não, não, não…"

O corpo de Malekai gradualmente se moveu para trás, o brilho de sua força vital ainda brilhava fracamente em seus olhos.

Minhas palavras saíram como um sussurro trêmulo. *"Você não pode ir embora…"*

Um canto da boca de Malekai se levantou para me presentear com uma de suas covinhas uma última vez. "Gostaria de ter passado todos os dias dizendo o quanto eu te amava. Deveria ter construído para você aquela casinha perto daquela piscina termal em Bein Sith Mór que amávamos…"

Um soluço sufocado irrompeu enquanto eu agarrava suas roupas de couro de luta. "Você sempre me fez sentir amado. Você é o *único* que já me fez sentir amado. Sinto muito por ter nos segurado… *Todos esses anos, tudo que eu sempre quis foi você…"*

Malekai balançou a cabeça sutilmente. "Ele também te ama, Mareina… Mais do que você imagina."

A luz nos olhos de Malekai diminuiu como o brilho de uma brasa morrendo. Olhos vítreos e vazios me encararam de volta. Minhas mãos tremeram enquanto eu acariciava sua pele ensanguentada, sem querer acreditar que ele realmente tinha ido embora. *"Por favor, volte... Eu não posso... Eu não posso fazer isso sem você..."*

Eu não tinha ideia de quanto tempo havia passado quando mãos gentis se curvaram sobre meus ombros, me puxando para longe do corpo frio e sem vida ao qual eu estava grudada. Agarrei-me mais forte a Malekai, apesar do início do rigor mortis se instalando.

Minha voz saiu um coaxar rouco.

"Não vou deixá-lo aqui."

Nakoa agachou-se ao meu lado, seu próprio rosto abatido. A evidência de sua emoção estava em caminhos pálidos e aquosos riscando o sangue seco manchando seu rosto. Malekai e Nakoa se odiavam antes de eu partir, então a sinceridade e o fervor em suas palavras me pegaram de surpresa.

"Eu não gostaria que você fizesse isso."

Concordei gradualmente, e a ação fez com que os fios ensanguentados e com crostas grudados no meu rosto se soltassem.

“Não quero estar aqui sem ele.”

A tristeza derramou-se pelas bochechas de Nakoa enquanto ele se ajoelhava no sangue de Malekai ao meu lado, pressionando uma mão trêmula na bochecha do meu drakonati. Havia uma ternura no gesto que eu nunca tinha testemunhado nele. Nem mesmo em relação a *mim.*

Outra onda de medo gelado me invade enquanto examino nossos arredores. Enquanto eu encontrava alguns *olana kah'hei de Nakoa* perambulando no campo de batalha… Não havia sinal de Ataraxus. E eu sei, apesar de mal conhecê-lo, que ele nunca sairia deste lugar sem mim.

Minhas palavras não dão atenção ao terror que me invade.

“ *Onde está Ataraxus?”*

O maxilar de Nakoa trabalhou furiosamente para conter a emoção que eu podia ver subindo pela sua garganta.

“Eu encontrei o dele—

As palavras de Nakoa foram interrompidas pela tristeza. Ele não precisava terminá-las. Desamparo e raiva fizeram minhas mãos agarrarem a frente do couro de luta de Nakoa como se ele fosse a única coisa me segurando inteira. Seus braços me envolveram, e eu afundei contra ele, soluçando em seu peito. Minha respiração ficou presa na realização... Se eles estão mortos...

“Suas almas devem estar aqui então… Em um dos reinos de Azrael?”

As palavras de Nakoa de alguma forma trouxeram devastação e alívio. “Não acho que suas almas iriam para nenhum reino infernal, Mareina…”

Olhei para onde Rumiel estava ao lado da pilha mutilada do corpo de Azrael. Se alguém vai conseguir encontrá-los, é ele. “Vamos levá-lo conosco.”

Minha respiração cessou com o puxão da corda em meu peito, arrancando meu olhar de Azrael. Eu me viro nos braços de Nakoa para encontrar a forma imóvel de Ataraxus deitado de bruços no chão onde Erius estava ajoelhado, chorando ao lado dele, junto com inúmeros outros drakonati. Uma centelha de esperança gotejando em meu peito me fez *dobrar* para o lado de Ataraxus. Quando coloquei mãos trêmulas em seu peito, essa esperança explodiu em um fogo completo na ferida aberta do meu peito.

Eu podia sentir sua alma ainda dentro de seu corpo corpóreo como eu podia sentir o tambor frenético do meu próprio coração. Lágrimas de alívio salpicaram seu rosto enquanto eu segurava sua cabeça quase em descrença.

“Ele está vivo.”

CAPÍTULO

CINQÜENTA

MARINHA

E O primeiro lugar para onde retornamos foi o palácio de Zurie. Ainda parecia muito surreal chamá-lo de *meu* palácio ou mesmo de palácio de Nakoa. Todos os drakonati sobreviventes nos acompanharam. Pomona e Famei tomaram a liberdade de instalar a maioria deles em uma ala distante do palácio. Roderick, Lokus, Rayne, Vesper e Val também sobreviveram e escoltaram um Azrael inconsciente, pendurado no ombro de Rumiel, até as masmorras.

Parecia impossível para mim que Miroslav aparentemente não tivesse sobrevivido. Minha mente parecia totalmente incapaz de compreender tal possibilidade, e eu só podia atribuir isso ao fato de que eu não conseguia nem começar a processá-la emocionalmente enquanto estava de luto por Malekai.

Asterion não estava em lugar nenhum, algo que jurei remediar. Assim que Azrael acordasse. Eu tinha esperança de que ele tivesse sobrevivido, estivesse seguro e em algum lugar onde encontraria sua *alma-ligada*... e que um dia eu seria capaz de ver meu amigo novamente.

Erius, acompanhado pela mulher de alabastro, ficou ao lado de Nakoa, e eu, enquanto Bohyun, o melhor curandeiro do nosso exército que aparentemente havia sido promovido a curandeiro-chefe na minha ausência, examinava Ataraxus.

"Seu corpo se recuperou de quaisquer ferimentos que ele tenha sofrido, então não posso dizer exatamente por que ele não acordou. Sua força vital está lá, mas continua... *fraca.*"

Apertei a mão inerte de Ataraxus na minha como se isso pudesse injetar um pouco da minha força vital nele.

"Mas ele não está piorando?"

Bohyun me deu de ombros impotente. "Não pelo que eu saiba. Você tentou dar um pouco do seu sangue para ele?"

Eu me senti uma idiota quando a verdade me forçou a responder *não.* Bohyun assentiu, os olhos voltando para Erius. "Tente… Se o sangue de um portador *minori* pode sustentar um sanguinati, então certamente o sangue de um deus aceleraria a recuperação de um drakonati… Não que eu tenha *algum* conhecimento sobre os drakonati," ela acrescenta incisivamente. "Você não tem um curandeiro?"

Erius franziu a testa. "Eles não sobreviveram."

A expressão de Bohyun suavizou quando ela soltou um suspiro e voltou seu olhar para mim e para Nakoa. "Considerando que vocês três são *ligados por almas*, ambos precisam dar sangue a ele. Mesmo que sejam apenas algumas gotas... Eu estou supondo que nenhum de vocês cumpriu o vínculo também?"

Eu podia *sentir* a maneira como Nakoa prendeu a respiração antes de eu responder. "Não. Não tenho." O olhar de Bohyun deslizou para Nakoa enquanto ele balançava a cabeça.

Bohyun pareceu irritada com a resposta, incapaz de segurar seu comentário. “Se eu tivesse encontrado minha *alma ligada* , eu não hesitaria um único momento.”

Meus olhos se estreitaram para a mulher que eu conhecia há pelo menos cinquenta anos, mas não consegui encontrar falhas em suas palavras, mesmo que fossem insensíveis. Ela se virou para sair, partindo com uma palavra final, *"Sangue"*.

O silêncio caiu. Erius e sua fêmea partiram, seguidos pelos outros poucos drakonati depois que cada um deles se revezou sussurrando uma curta prece em Vassileon e pressionando suas testas contra Ataraxus.

Por vários momentos, Nakoa e eu apenas olhamos para o rosto pálido de Ataraxus. Agora que estávamos sozinhos, a emoção que eu estava desesperadamente segurando poderia finalmente ser libertada. Nakoa me pegou em seus braços novamente enquanto eu mantinha meu aperto em Atraxus. A mão de Nakoa encontrou a minha e, para minha surpresa, entrelaçou seus dedos com os meus *e* os de Ataraxus.

“Você está terrivelmente calmo sobre isso…”

“Somnus veio até mim antes… E eu também posso sentir isso. A amarra entre nós. Não farei com ele o que fiz com você. E juro passar o resto dos meus dias compensando o erro dos meus caminhos.”

Meu lamento aumentou novamente. “Você foi ao *inferno* para me salvar. Começou uma *guerra* por mim . Você me compensou mil vezes mais. Se alguma coisa, eu *lhe devo.* E se eu não tivesse…”

Não consegui me obrigar a dizer o resto sem outro soluço sacudir meu corpo. O aperto de Nakoa se aperta em mim. “*Shhhhh.*.. Não há nada neste mundo que eu não faria para te salvar, *lohane thili* .”

CAPÍTULO

CINQUENTA E UM

MARINHA

UM Depois que Nakoa e eu demos a Ataraxus algumas gotas de sangue, para que ele não engasgasse com o fluido que não conseguia engolir, descemos para as masmorras. Azrael havia recuperado a consciência e não fez nenhum protesto ou apelo para ser libertado.

E isso só serviu para despertar minha raiva. Eu queria que ele revidasse. Eu queria que *ele* me atacasse, me ferisse, causasse minha dor física, *me matasse* , se ao menos isso me libertasse dessa dor.

Os olhos de Azrael se ergueram para os meus enquanto minha magia carmesim fluía em sua direção como uma névoa se derramando sobre o chão e subindo por seu corpo. Ele não resistiu enquanto meu arcano se manifestava e se enrolava em volta dele.

Minha serpente se contraiu quando suas presas afundaram na carne de seu ombro direito. Azrael apenas fechou os olhos, eventualmente fazendo caretas quando a dor se tornou avassaladora.

Minha voz era como um chicote estalando no ar.

"Faça alguma coisa. Você não tem mais vontade de viver agora que tirou tudo *de mim?"*

O olhar de Azrael se abriu, e através da minha serpente, eu podia sentir o estalo de suas costelas, uma por uma, enquanto ela apertava mais. Eu mal conseguia entender suas palavras, embora a tristeza em seu a voz soou cristalina, o olhar se voltou brevemente para Nakoa. "Não... tudo."

Minhas palavras foram pouco mais que um rosnado desumano. *"Traga-os de volta."*

A expressão de Azrael fica tensa. "Eles?" A realização se filtrou através da dor, alargando seu olhar antes que ele balançasse a cabeça, culpa e remorso marcando suas feições doloridas. "Eu queria mais do que tudo que meu poder fosse aquele que trouxesse vida em vez de morte. Esse raro presente foi deixado para minha *alma ligada.* Onde quer que ela esteja."

Perséfone.

De repente, minha magia e minha serpente o abandonaram.

Uma centelha de esperança acendeu meu peito.

Somnus foi procurá-la.

A culpa e a tristeza voltaram, entupindo minha garganta como um punho.

"E onde está Malekai?"

Azrael gesticulou frouxamente para a coleira em volta de sua garganta. "Se você removê-la, eu posso te contar."

Eu *tirei* o paládio sem hesitar um momento. Não me incomodei em ameaçá-lo. Se ele tentasse escapar, ele falharia.

O olhar de Azrael ficou distante, suas feições afundando ainda mais em desespero. "… Sua alma não está em meu domínio."

Suas palavras são como o corte de uma corda, que me liberta.

Não está em seu domínio…

As palavras de Ataraxus ecoam em minha mente, *"… Quando um drakonati reivindica e se liga a outro, a magia que infunde seu veneno se entrelaça em sua magia e, portanto, em sua alma…"*

Esperança e alívio cresceram em meu peito enquanto eu estendia minha magia, examinando todo o Avernus, cuja existência é uma presença em minha alma, como meu coração dentro do meu corpo.

Como um fuso tirando sangue de um dedo, senti uma leve sensação de picada no momento em que minha magia encontrou Malekai.

Lar.

Meu olhar se voltou para Nakoa, e não perdi a esperança inconfundível alargando seu olhar. Nakoa me dá um único aceno de cabeça em compreensão.

Eu *desejei* o colar de paládio de volta na garganta de Azrael enquanto eu *me dobrava* de volta para Avernus em asas batendo. Instantaneamente, eu fui atraído para as montanhas que jaziam à distância.

É para lá que sua alma foi, tessari mú?

Deixei minhas pálpebras caírem enquanto minha alma me carregava em direção ao macho que possuía meu coração. O vento gelado chicoteava ao meu redor, e eu abri meus olhos para me encontrar em pé em uma caverna imponente. O túnel dentro pingando com pingentes de gelo congelados em forma de foice. A esperança batia furiosamente em meu peito enquanto eu entrava, sem me preocupar em olhar para trás, para o deserto congelado atrás de mim.

O gelo estalava sob minhas botas, e o som de um bufo bestial ecoava nos recessos escuros diante de mim. Eu pisei mais fundo na caverna, *desejando que* uma fogueira iluminasse meu caminho. Meu coração gaguejou quando meus olhos alcançaram o canto mais distante da caverna, onde dois orbes brilhantes turquesa e dourados brilhavam, cada um quase tão grande quanto minha cabeça.

Um soluço de alívio me estrangulou enquanto eu *me dobrava* para o espaço na frente dele e me jogava nele. A caverna congelada tremeu enquanto um lamento de lamento inconfundível retumbou através dele, e uma pata dianteira se enrolou em volta de mim, me puxando para o espaço quente abaixo de seu pescoço.

Parte de como o reino posterior do meu pai limpou e pagou a dívida cármica foi fazendo com que a alma experimentasse tudo o que eles infligiram aos outros — seja alegria e amor, ou dor e sofrimento. Às vezes, podia levar centenas de anos até que uma alma se recuperasse das atrocidades que eles infligiram nos reinos vivos. E Malekai, embora suas intenções nem sempre fossem malévolas... Ele havia causado morte e destruição a inúmeras vidas.

Bem ao meu lado.

Um dia chegaria a minha hora de penitência, e eu não conseguia deixar de sentir que isso fazia parte dela.

CAPÍTULO

CINQUENTA E DOIS

MARINHA

E O tempo passou em um ritmo indiscernível, e eu só vagamente notei que ele passou mais rápido do que minha mente conseguia acompanhar, enquanto a escuridão dava lugar à luz e a luz à escuridão. Eu nunca mais queria deixar o lado de Malekai. Era apenas uma questão de tempo antes que minha preocupação com Ataraxus, ainda precisando do meu sangue, e Nakoa chegassem a um ponto crítico. Minha alma se sentiu dividida em três, sendo separada deles.

Junto com o fato de que meu corpo tinha demandas que eu só podia negar por um tempo. Eu ia e vinha, dobrando-me entre a caverna de Malekai e a casa do meu pai apenas para usar o banheiro e o chuveiro quando comecei a ficar cansado do meu próprio fedor e para o quarto de dormir onde Ataraxus *descansava* para que eu pudesse dar a ele meu sangue e me certificar de que ele ainda estava vivo. Nakoa, para meu desânimo, permaneceu evasivo.

Até que um dia, voltei para a caverna de Malekai e descobri que ele tinha ido embora. O pânico me atingiu como um raio de eletricidade enquanto minha magia vasculhava meu reino para encontrar seu drakonati encolhido em outra caverna em uma floresta distante que eu ainda não tinha visitado, mas de alguma forma sabia porque minha alma estava ligada a este lugar tanto quanto estava ao macho quebrado na minha frente. A besta de Malekai gemeu ao ver de mim, me empurrando de volta para a entrada da caverna. Meus olhos se fecharam com força contra a dor. Ele queria que eu o deixasse ir.

Eu tinha responsabilidades a cumprir. Duas *almas presas* que precisavam de mim. Pessoas, um reino e um reino para cuidar. Todos estavam em meio à turbulência após serem violados pelos seres malévolos anteriormente presos em Vassileo. E eu tinha permanecido egoisticamente aqui, empurrando desesperadamente para longe a constante irritação no fundo da minha mente. No entanto, aqui estava eu, agarrado ao meu amado drakonati, que estava tentando me empurrar para fora de seu covil. Meu coração estava se despedaçando novamente.

“Eu te disse. Não posso fazer isso sem você,” eu choraminguei enquanto ele gentilmente tentava me levar até a boca da caverna. *“Por favor, me dê Malekai. Transforme-se de volta. Eu preciso dele.”*

Seu drakonati respondeu com um grande bufo que jogou meu cabelo para trás. Com outro empurrão, eu tropecei para trás, me sentindo como um canino rejeitado.

Lágrimas correram pelo meu rosto enquanto ele segurava meu olhar. Eu podia *sentir* suas palavras.

Viva sua vida, Mareina.

Uma respiração trêmula me deixou. *“Eu não posso.”*

Um bufo que pode ter soado como " *Você pode"*, seguido por outro empurrãozinho gentil, me fez dar mais um passo para trás.

“Por favor, não me faça fazer isso.”

O drakonati de Malekai soltou um gemido de dor, jogando sua enorme cabeça para trás.

Os ventos suaves do lado de fora da caverna giravam ao meu redor como se tentassem me persuadir a sair da caverna em si. De alguma forma, aquela brisa atraiu meu olhar. A luz do dia brilhava forte, outro lembrete gritante de que o mundo continuava. O canto dos pássaros filtrava-se de longe, acompanhando o som das folhas sussurrando umas contra as outras na brisa enquanto o murmúrio da vida além me acenava.

Akash, quando foi a última vez que senti o sol no meu rosto?

Um focinho duro como pedra aninhou-se contra mim enquanto uma língua áspera do comprimento do meu braço me lambia da cabeça aos pés. O cheiro da sua saliva, tão próximo do cheiro de sal marinho e brasas de Malekai, encheu-me de uma sensação de paz.

Curvei meu corpo sobre o focinho do drakonati de Malekai enquanto minha resolução de ignorar meus deveres, *minha vida*, minguava. Pressionei meus lábios em suas escamas sedosas antes de sussurrar nossas palavras favoritas contra ele.

Palavras que eu gostaria de ter dito todos os dias dos últimos 100 anos e mostrado a ele o quão verdadeiras elas eram.

“Eu te amo nesta vida e em todas as vidas que virão. Katadamna kaza.”

CAPÍTULO

CINQUENTA E TRÊS

NAKOA

Fou nas últimas duas semanas, eu tinha me estabelecido na casa do pai de Mareina. Apenas surgindo em Atratus para passar meus dias ao lado do meu exército, meu *olana kah'hei* e Rumiel lutando incansavelmente para exterminar nossa nova praga de demônios. No momento em que a noite caísse, eu retornaria ao lado de Ataraxus para oferecer a ele gotas do meu sangue e rezar para que ele acordasse.

E, para minha total consternação, os momentos livres que eu encontrava no meio do caminho eram exatamente quando Mareina aparecia.

Eu voltava para a casa do pai dela e encontrava a banheira molhada, pegadas molhadas no chão e o perfume de rosas que desabrochavam à noite perfumando o ar.

Ainda assim, eu sabia que um dia ela voltaria.

Apesar do cansaço profundo que me dominava depois de massacrar demônios o dia todo e visitar Ataraxus para lhe dar meu sangue, senti o chamado familiar de retornar a Avernus.

Meu coração quase parou de bater quando meus olhos pousaram em Mareina, encolhida como uma bola na beirada da cama no quarto de hóspedes onde eu estava morando.

Recém-tomada de banho, cabelos ainda úmidos, cacheados em volta do rosto, e sua pele parecia ainda mais pálida do que eu já a tinha visto.

Nossos olhares se mantiveram em silêncio enquanto a emoção crescia em meu peito, o coração pulsando em protesto pelo fato de eu ainda não ter me lançado sobre ela para simplesmente *abraçá* -la.

A preocupação endureceu suas feições enquanto ela se levantava da cama, observando minha aparência imunda e coberta de sangue.

“Você está ferido?”

A palavra saiu pouco mais que um suspiro. “Não.”

Seu alívio era palpável e aquela migalha de amor foi o suficiente para encher meu coração até estourar. Encorajado, eu me aproximei dela, fechando a distância entre nós para ficar na frente dela. Eu não ousei manchar a cama com meus couros de luta enlameados e sangrentos.

“Como está Ataraxus?”

Meu peito apertou a ponto de doer. “Ainda inconsciente, mas vivo.”

Mareina respirou fundo.

“O que aconteceu com os Vassileons que violaram o portal?”

“A maioria está morta. Ou assim pensamos. Embora os que permanecem sejam… preocupantes. Temos trabalhado diligentemente para resolver o problema.”

Eu observei as rodas da mente dela girarem enquanto a culpa se instalava em suas feições. "Sinto muito por ter desaparecido. Por não ter

cumprido meus deveres com... nada."

“Não se preocupe. Eu entendo. Se algo tivesse acontecido com você, eu teria sido o mesmo.”

Meu coração egoísta deu um pitter-tap de alívio quando seus olhos começaram a brilhar. Eu ansiava por dizer a ela o quanto eu estava arrependido e o quanto eu sentia falta dela. O quanto minha alma ansiava por ela, e a vida não valia a pena ser vivida sem ela. Meus lábios já estavam formando as palavras, mas enquanto eu absorvia a magreza assombrando suas feições e o tom pálido do rosado normalmente beijado pelo sol de sua pele, a preocupação por ela tomou conta.

A firmeza que forcei em minha voz traiu minhas emoções torturadas. “Quando foi a última vez que você se alimentou?”

Mareina balançou a cabeça. “Não preciso me alimentar quando estou em Avernus.”

Balancei a cabeça em descrença, mas reconheci que forçá-la a beber meu sangue não nos levaria a lugar nenhum.

Em vez disso, sentei-a na beirada da cama e me abaixei sobre um joelho, curvando um dedo sob seu queixo para levantar seu olhar para o meu. Seus olhos se fecharam com força, lágrimas escorrendo por suas bochechas rosadas enquanto seu lábio inferior tremia sob o peso de tudo o que ela havia passado.

Seus olhos se abriram enquanto ela respirava fundo novamente, trêmula, e eu me estiquei para frente, envolvendo meus braços ao redor dela, puxando-a contra meu peito coberto de sangue antes de sentar de pernas cruzadas no chão.

O corpo de Mareina tremeu quando ela começou a soluçar baixinho contra mim. A tristeza queimou meus olhos ao testemunhar minha *alma* tão quebrada. A mulher mais poderosa que eu já conheci murcha e espancada pela vida. Mais uma vez, tão egoísta, meu coração doeu quando ela me permitiu vê-la em seu momento mais vulnerável. Que ela me permitiu segurá-la e tocá-la. *Consolá-la.*

Seus dedos delicados se curvaram para agarrar meus couros de luta, me puxando contra ela. A ação fez minhas próprias lágrimas finalmente escorregarem livremente enquanto meu coração se despedaçou novamente.

“Eu também sinto falta dele, lohane thili.”

Algumas horas depois, acordei com a dor surda que se formava na parte de trás da minha cabeça por estar deitado no chão de madeira. Mareina estava enrolada contra meu corpo, deitada de lado, dormindo profundamente. Rolando cuidadosamente para o meu lado para encará-la, eu entrelaçei meu outro braço em volta dela e a aninhei contra meu peito. Uma satisfação profunda e nutritiva da alma derramou-se através de mim quando ela deu um suspiro suave e aninhou-se mais profundamente, enterrando seu rosto no centro do meu peito.

“Você cheira a sangue de demônio velho”, ela sussurrou, “muito dele”.

Uma risada bufada retumbou em meu peito. “Eu estava encharcado nisso.”

“Você quer tomar um banho? E então podemos rastejar para a cama?”

Minha respiração ficou presa antes que eu conseguisse infundir minha voz com cada grama de firmeza que eu não sentia. “Isso seria um sonho se tornando realidade, Mareina.”

A ideia de dividir a cama com minha *alma gêmea* novamente foi nada menos que uma prece atendida. Dei um beijo demorado no topo da cabeça de Mareina antes de nos mover para poder sentar.

O aperto de Mareina aumentou em mim. “Você se importa se eu me juntar a você?”

Meu pau engrossou prontamente em resposta, arrancando uma maldição silenciosa de mim. Tomado pelo desejo que a ideia dela se juntar a mim inspirava, não consegui encontrar palavras para responder. Em vez disso, peguei-a em meus braços e a carreguei para o banheiro.

Ao ligar o chuveiro, o vapor serpenteava pelo ar enquanto cada nervo do meu corpo se iluminava de antecipação. Fora do som da água corrente, o silêncio se estendia entre nós enquanto estávamos a poucos centímetros de distância, hesitando em nos despir. Havia tanta coisa que eu precisava dizer a ela. Pedir desculpas. Expressar. Mas reconheci que agora não era o momento de colocar mais nenhum fardo emocional sobre ela.

No entanto, antes que eu pudesse entrar naquele chuveiro, havia uma coisa que eu não podia esperar por um pedido de desculpas. “Eu tenho que me desculpar… Eu não posso ajudar—

Os olhos de Mareina mergulharam entre nós, e o fantasma de um sorriso apareceu em seus lábios. “Eu não levo suas ereções como um insulto pessoal, *soulbound.* ”

Meu coração apertou a ponto de doer com o carinho. O primeiro de todos. A tensão entre nós diminuiu um pouco e Mareina aproveitou a oportunidade para *tirar* suas roupas. Meus globos oculares praticamente tremeram sob a tensão de *não* permitir que meu olhar caísse sobre sua perfeição nua.

Ela se virou e entrou no chuveiro, levando minha força de vontade com ela. Meus olhos pousaram pesadamente nas curvas grossas de sua bunda e coxas. Engoli meu gemido, desejando que minhas roupas de couro de luta fossem embora. Meu pau saltou para frente, já duro como o ladrilho do caralho sob meus pés. Não pude deixar de notar a maneira como seus olhos caíram do meu rosto para meu pau, exigindo sua atenção, e então *corou.*

Um gemido profundo escapou de mim quando pisei sob a água escaldante que caía sobre nós. Mareina pegou um frasco de limpador, ensaboando uma bucha antes de pegar um dos meus braços em suas mãos e trabalhá-lo sobre minha pele. A surpresa iluminou a caverna escura e oca do meu peito, seguida pelo encontro de nossos olhos, algo não dito passando entre nós.

Desculpe.

Mareina continuou seus cuidados, tomando cuidado extra enquanto trabalhava nas saliências afiadas e negras que se formaram sobre partes dos meus braços, ombros e pernas quando fiz minha transformação após nossa *altercação* .

Eu os *afastei* , deslizando-os por baixo da minha pele, para que ela não se cortasse com eles. Ela deu um suspiro suave. "Eu não sabia que você conseguia fazer isso", ela murmurou.

“Só com a armadura... O resto, eu teria que glamourizar.”

Eu tinha desenvolvido emoções confusas sobre minha aparência alterada. Como as penas escuras e exuberantes das minhas asas tinham sido substituídos por membranas semelhantes às de morcegos. Os chifres grossos e letais que agora cresciam da minha cabeça.

Antes da minha transformação, eu sempre mantive as partes desumanas de mim glamourizadas, mas agora, eu não me incomodava muito, embora toda vez que eu olhava no espelho, eu só via um monstro. Eu estaria mentindo se dissesse que não sentia uma pontada de insegurança na frente de Mareina. O pensamento me fez querer afastar meus chifres, asas e cauda.

Mareina balançou a cabeça, buscando meu olhar e sem dúvida descobrindo todas as minhas inseguranças. “Por favor, não. Eu quero você inteira.”

Uma emoção repentina obstruiu minha garganta. Consegui assentir, trazendo minha cauda, chifres e asas.

“E a armadura?”

Eu balancei a cabeça. “Não quero te cortar acidentalmente.”

Ela alcançou minhas asas, gentilmente passando a bucha sobre elas. Cada músculo do meu corpo ficou tenso. *Incluindo os do meu pau.*

“Está tudo bem?”

Um gemido tenso escapou quando eu assenti. “Sim. É só que… intenso.”

Mareina permaneceu parada atrás de mim por um momento antes que seus dedos acariciassem cuidadosamente uma faixa ao longo das minhas asas, e eu juro que *senti* o começo de um orgasmo formigando na base da minha espinha. Meus quadris deram um impulso involuntário quando não consegui abafar um rosnado suave. Seu perfume de rosas desabrochando à noite engrossou no ar, denotando sua excitação.

Isso estava se tornando uma tortura. Uma tortura doce e deliciosa, mas tortura mesmo assim.

“Talvez devêssemos pular minhas asas.”

A sugestão pareceu cacos de vidro na minha língua, porque era a última coisa que eu queria que ela fizesse, já que cada estocada enviava deliciosas correntes de energia direto para meu pau dolorido e inchado.

Em vez de atender à minha sugestão, Mareina continuou o deslizamento suave dos dedos. Cada músculo do meu corpo se contraiu e tremeu com contenção, relaxando apenas brevemente quando ela parou para se mover

na minha frente. Meu pau deslizou contra seu abdômen enquanto suas mãos deslizavam sobre os planos do meu peito. Trabalhando gradualmente mais para baixo.

Antes que ela pudesse alcançar meu pau, agarrei seus pulsos com minhas mãos.

Minha voz caiu para um rosnado baixo e de advertência. *"Mareina…"*

Ela puxou meu aperto, e eu permiti que uma de suas mãos se soltasse. Eu não deveria ter feito isso, mas fiz.

"Deixe-me cuidar de você…"

Ela abaixou uma mão, passando a bucha sobre meu comprimento duro e mais abaixo, até mesmo abaixo das minhas bolas, antes de se ajoelhar para esfregar cada uma das minhas pernas. A visão dela ajoelhada abaixo de mim trouxe lembranças de nossas noites juntos na minha tenda.

Quando ela começou a esfregar meus pés, meu rabo chicoteou para frente e se enrolou em volta de sua cintura, levantando-a de volta para seus pés. Todas as minhas emoções reprimidas e desejo por essa fêmea enlouquecedora deixaram cada músculo do meu corpo rígido e preparado para atacar. *Ou estocar.*

Eu arranquei a bucha das mãos dela enquanto prendia seus braços acima da cabeça. Minha cauda a empurrou contra a parede do chuveiro. Incapaz de resistir à tentação, inclinei-me para frente para sentir seu cheiro.

"Akash, você cheira como o céu."

Tanto minha excitação quanto minha emoção *queimaram* através de mim tão ferozmente que meu coração apertou e meus olhos ardiam. Minhas palavras foram ditas por entre os dentes cerrados.

"Você tem ideia do quanto eu senti sua falta, Mareina? Você tem?"

Mareina permaneceu em silêncio enquanto soltava suas mãos das minhas antes de deslizá-las sobre meus ombros e pescoço e passar os dedos pelos meus cabelos molhados.

"Como cada momento que você estava longe de mim, eu sentia como se minha alma estivesse morrendo?"

Seu olhar assombrado segurou o meu. "Quatro meses se passaram no *inferno* sem você, e não havia uma hora que passasse sem que eu não pensasse em você e—

As palavras de Mareina pararam de repente quando sua voz falhou, e ela foi forçada a respirar fundo para se acalmar. "Mesmo antes de Vassileo, quando eu estava aqui com…" Sua voz quebrou novamente enquanto seus olhos brilhavam. "Com Malekai… Eu *ainda* ansiava por você."

Como o recuo de uma onda na praia, meus olhos procuraram os dela, vasculhando freneticamente seu olhar em busca de sinais de qualquer coisa que pudesse parar esse tsunami crescente de agonia. Meu maxilar trabalhou desesperadamente para conter o inchaço da minha emoção. "Sinto muito por tudo que fiz para machucá-la, Mareina... Estou mais do que envergonhado de como tratei você e tentei—

Minhas palavras foram cortadas quando Mareina puxou suas mãos do meu aperto e cobriu minha boca. “Agora não… Por favor. Eu só preciso que você me ajude a esquecer. Mesmo que seja só por alguns minutos. *Por favor.”*

CAPÍTULO

CINQUENTA E QUATRO

MARINHA

NÃO A expressão de akoa era nada menos que torturada enquanto ele segurava meu olhar. Minhas mãos vagaram por seus ombros musculosos antes de enrolar meus dedos em volta de seu pescoço. Não perdi a esperança e o medo infundindo suas palavras. "O que você quer que eu faça?"

Akash todo poderoso.

Qualquer coisa e tudo.

Asas de ferro bateram em minha barriga enquanto eu reunia minha coragem. Eu sabia que ele me desejava. Nosso vínculo garantiu isso, mas depois de tudo o que aconteceu... Eu ainda estava com medo de me abrir para ele. Talvez mais do que tudo, porque, ao lado de Azrael, eu não podia ignorar o fato de que muito disso era *minha* culpa.

Mas se eu tinha aprendido alguma coisa com Malekai… Era que o tempo nunca era garantido, e eu me recusava a desperdiçar um segundo a mais dele com medo em vez de me permitir amar e ser amado. Para dar à minha alma o que ela *ansiava* e exigia.

E assim como minha alma precisava e exigia Malekai, eu sabia que nada mudaria o fato de que eu sempre sentiria o mesmo por Nakoa. Não importa o que acontecesse entre nós. Nós literalmente tentamos nos matar, e ainda assim, isso fez muito pouco para acalmar o desejo profundo da alma por ele.

Fiquei na ponta dos pés e o puxei para baixo para roçar meus lábios em sua bochecha lindamente marcada. *“Eu te amo, Nakoa Solanis. Deixe-me mostrar a você, por favor. Deixe-me cumprir nosso vínculo.”*

Os braços de Nakoa me envolveram e, no momento seguinte, o chuveiro desligou e nossos corpos estavam secos. O toque de sua magia ao fazer isso fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. Minhas pernas instintivamente se enrolaram em volta de sua cintura enquanto ele me levantava do chão.

Os lábios de Nakoa capturaram os meus enquanto seus dedos afundavam nos globos da minha bunda a ponto de machucar. Nossos lábios e línguas deslizaram juntos e se entrelaçaram, cada carícia infundida com uma necessidade dolorida e profunda da alma.

Enquanto ele caminhava em direção à cama, seus dentes mordiscaram firmemente meu lábio inferior antes de sugá-lo para dentro de sua boca de uma forma que eu senti em meu clitóris. Com cada passagem de sua língua e lábios, ele ainda mais persuadia a abrir as comportas de todas as nossas emoções contidas.

Toda a mágoa, feridas não curadas, a luxúria e o desejo, o anseio. O quanto sentimos falta um do outro. O amor e a necessidade que

compartilhamos, tudo atingiu o pico em uma onda gigante, pronta para destruir nossas paredes fracamente construídas.

Lágrimas queimaram meus olhos enquanto Nakoa me deitava na cama com uma ternura chocante. Ele se afastou para ver o brilho em meus olhos e acariciou minha bochecha enquanto ambos saboreávamos esse momento. Apertando-me contra seu peito, ele enterrou seu rosto na curva do meu pescoço, respirando meu cheiro.

Meus quadris oscilavam contra os dele, pintando o comprimento grosso dele preso entre nós com minha excitação. "Por favor... preciso de você agora." O corpo de Nakoa se contraiu enquanto ele rosnava baixo e se apoiava nos cotovelos de cada lado da minha cabeça. A gaiola do seu corpo ao redor do meu era o fio singular que mantinha unida minha sanidade.

“Eu nunca te disse o quanto te amo, *lohane thili.”*

Fiquei sem fôlego quando a lembrança do meu sonho retornou.

“Eu queria ter feito isso, Nakoa.”

Alívio me inunda enquanto seus lábios e língua devoravam os meus. Seus quadris recuaram, marcando a cabeça de seu pau na minha entrada, e ele lentamente começou a empurrar para dentro. A ação roubou meu fôlego. Ele era tão *grosso* que quanto mais ele afundava em mim, parecia que a ação empurrava o ar dos meus pulmões só para abrir espaço para ele. Seu olhar segurou o meu o tempo todo, puxando uma mão para agarrar a carne do meu quadril antes que seu polegar se movesse para meu clitóris para me encher de carícias provocantes.

Afiando suavemente, minhas unhas cravaram na carne de seus braços, quadris empurrando para cima para capturar mais dele. Ele roçou o nariz contra minha bochecha enquanto murmurava.

“Eu te amei desde o momento em que você ameaçou cortar minhas bolas com uma lâmina cega e irregular, Mareina.”

Uma risada surpresa escapou de mim, cortada pela pontada de emoção crescente e pela investida profunda de seu pênis.

“E não há nada neste mundo ou no próximo que possa mudar isso. Com ou sem esse vínculo, eu sempre te amarei, *lohane thili* . Você é o ar em meus pulmões, e sem você, eu tenho estado sufocando pra caralho.”

Indiferente à alegria que escorria pelo meu rosto, um sorriso trêmulo se espalhou pelo meu rosto.

“Não importa quanta dor ou prazer isso me traga, eu amo cada faceta gloriosa de você, Nakoa, e apesar de como eu possa ter tentado afastar isso, meu amor por você nunca irá desaparecer.”

Meus olhos captaram a curva da garganta de Nakoa enquanto ele engolia em seco, com os olhos brilhando.

“Você se lembra do fogo? Quando você me ajudou a salvar aqueles humanos?”

Nakoa bufou uma risada. “Como eu pude esquecer? Nós quase morremos.”

“Foi quando me apaixonei por você. Mesmo que eu não conseguisse admitir. Quando estávamos deitados no chão assistindo aquela casa pegou fogo depois que conseguimos escapar… Eu queria tanto segurar sua mão.”

Nakoa sorriu, lentamente se acomodando dentro e fora de mim enquanto eu me ajustava ao seu tamanho formidável e minha boceta molhava com excitação crescente. Seu sorriso era uma visão tão rara e inspiradora de beleza que roubou meu fôlego, mesmo quando meu canal agarrou seu comprimento grosso.

“Eu queria tanto que você tivesse.”

Meu sorriso diminuiu. “Eu estava muito em conflito…”

O remorso toma conta da expressão de Nakoa. “Eu também passei a amá-lo, Mareina…”

Concordo em compreensão. Eu tinha começado a assumir isso, e eu desejava mais do que tudo ter sido abençoado por testemunhar isso.

Nakoa se inclinou para frente para capturar minhas lágrimas. “Nós encontraremos um jeito, *maha loha.* Todos nós.”

Minha garganta apertou de tristeza, mas engoli de volta, movendo meus quadris para cima para deslizar de volta para baixo do comprimento de Nakoa. “Só me ajude a esquecer. Por enquanto.”

Nakoa sentou-se sobre os calcanhares, segurando-me no lugar pelos quadris com as mãos e sua amada cauda, agora totalmente crescida, veio deslizar contra meu clitóris. Suas estocadas se tornaram firmes e profundas enquanto ele se inclinava para mim, lambendo a curva do meu pescoço. *"Posso?"*

“Akash, sim.”

As presas de Nakoa afundaram, e minhas costas se curvaram de prazer enquanto um grito saía da minha garganta. Cada puxão do meu sangue era uma sensação que eu sentia diretamente contra meu clitóris. Entre isso e a carícia de sua cauda, os golpes firmes de seu pau tremendo, os gritos e gemidos arrancados de mim eram o suficiente para fazer minhas bochechas queimarem.

Depois de alguns momentos muito curtos, ele retirou suas presas e sentou-se contra seus calcanhares. Seu olhar reverente de pálpebras pesadas fez meu coração disparar. Verdadeiramente, a visão dele era nada menos que de tirar o fôlego. Dos chifres pretos e grossos se curvando de sua cabeça, às asas escuras e membranosas em suas costas, e o pequeno e escuro placas de armadura em suas têmporas… ele parecia um demônio, se tanto. Ou talvez algum deus do submundo.

Ele costumava me chamar de seu pequeno pesadelo, e parecia muito fortuito para não ser obra deliberada da própria Akash que ele seria meu demônio e atormentador, me forçando a reconhecer e curar as piores partes de mim mesmo. E eu, seu pequeno pesadelo, o forcei a fazer o mesmo.

Enquanto isso, Malekai, apesar de todos os seus modos moralmente sombrios, sempre seria meu anjo vingador e salvador.

Queria que você estivesse aqui.

A tristeza e a saudade cresceram em meu peito, juntamente com o amor avassalador que irradiava de mim enquanto o êxtase do meu corpo subia mais alto, todos trabalhando juntos para produzir catarse. Meu orgasmo subiu em conjunto. Cada músculo e fibra do meu ser foi incendiado enquanto a corda entre nós se enrolava impossivelmente mais forte, mesmo que meu coração ainda ansiasse por Malekai. *"Eu te amo tanto."*

Nakoa puxou uma das minhas pernas até seu peito, angulando meus quadris mais alto, empurrando seu pau mais fundo, sua cauda nunca vacilando na provocação do meu clitóris. Nakoa pressionou seus lábios no meu pé e lambeu uma faixa ao longo da parte interna da minha sola, me fazendo apertar firmemente em volta dele.

"Eu te amo, lohane thili, nesta vida e em todas as vidas que virão."

As palavras roubaram meu fôlego, quase idênticas às que foram compartilhadas entre mim e Malekai, mas eu estava longe demais para falar sobre isso.

Os golpes de Nakoa se tornaram punitivos enquanto minha boceta se contraía ao redor dele. O orgasmo iluminando cada molécula do meu ser parecia o nascimento de novas estrelas, novos mundos enquanto algo dentro de nós dois mudava. Transformado. Distantemente, percebi que era a sensação de nosso vínculo finalmente sendo cumprido.

Seu olhar segurou o meu enquanto seu pau pulsava dentro de mim, me enchendo de calor líquido. Algo em meu peito, *nossa amarra,* explodiu. Emoção e êxtase percorreram através de nós em sincronia, ondas intermináveis que pareciam como se meu corpo estivesse se dissolvendo para se fundir com o dele.

"Você é minha, Mareina. Diga. Diga que você me pertence assim como eu pertenço a você."

Meu coração se apertou com a mais doce dor enquanto nosso vínculo continuava a inflamar e dissolver cada molécula do nosso ser até que senti como se eu não conseguisse mais discernir onde meu corpo terminava e o dele começava. Lágrimas escorriam pelo meu rosto em admiração.

"Eu sempre tive, *anim gemla."*

Soulbound. O termo Aurialingan para isso. A mesma língua que Malekai tantas vezes falou comigo quando me chamava de *tessari mú.*

Eu sabia que Nakoa entendia que uma parte de mim sempre pertenceria a Malekai, tanto na vida quanto na morte, assim como eu pertenceria a ele e Ataraxus. Nem mesmo o tempo, o criador e destruidor de todas as coisas, poderia mudar isso porque o amor é duradouro e eterno.

As feições de Nakoa ficaram tensas sob o peso de sua emoção, que eu podia sentir percorrendo nossa corda. Seus olhos se fecharam brevemente enquanto seus golpes se suavizavam. Minha emoção aquosa dobrou seus esforços ao testemunhar esse macho poderoso se desfazer diante de mim, física e emocionalmente. Quaisquer paredes que estivessem entre nós agora tinham sido reduzidas a nada.

A esperança brilhou dentro de mim neste novo começo para nós. Eu só podia rezar para que, de alguma forma, Malekai e Ataraxus estivessem lá conosco.

CAPÍTULO

CINQUENTA E CINCO

NAKOA

Salgo havia mudado. Não apenas entre Mareina e eu, mas algo mais no centro do meu peito. Uma atração que, a princípio, parecia inconsequente, mas eventualmente se tornou inignorável.

Meu Saber sussurrou para mim quem era.

Malekai.

Mareina ainda dormia profundamente ao meu lado, as luas lançando um suave brilho celestial no quarto. Meus olhos permaneceram fixos nela, imaginando se era apenas um truque de luz ou se ela realmente estava mais saudável depois que finalmente cumprimos nosso vínculo. As olheiras sob seus olhos haviam desaparecido, suas bochechas não estavam mais magras, mas cheias e rosadas. Sua pele praticamente brilhava. E a expressão em seu rosto era mais pacífica do que eu já tinha visto. A visão me encheu de tanto amor e alívio *que* roubou meu fôlego.

E como se aquele fio que me puxava em direção ao puxão não pudesse ficar mais apertado, meu olhar caiu para onde suas mãos e braços estavam docemente curvados no espaço entre meu peito e o dela, e uma marca em seu pulso chamou minha atenção.

Com delicadeza, segurei seu pulso e descobri uma cicatriz rosa e elevada com o nome de Malekai em letra cursiva.

Para minha surpresa, não senti a queimadura do ciúme. Em vez disso, isso me fez sentir falta do filho da puta.

Cuidadosamente, coloquei o braço de Mareina de volta contra seu peito e desembaracei nossos membros antes de dar um beijo em sua testa.

Eu tinha um drakonati morto para visitar.

Encontrar Malekai foi muito mais fácil do que eu esperava. Era como se um cordão tivesse sido amarrado diretamente entre nós dois. Se eu vacilasse do caminho até ele, duvidando de mim mesmo, a dor detonaria o vínculo até que eu retornasse ao curso correto.

Exatamente como ele me tira da cama quando estou com nosso companheiro.

Uma floresta surgiu no horizonte prateado e, como um farol, minha alma estava de alguma forma conectada, atraída para uma pequena clareira no sopé de montanhas que eu não tinha nome.

Uma quietude assustadora cercava a caverna, como se tudo que vivia nas proximidades tivesse fugido para um terreno mais seguro. Eu andei pela clareira em pés silenciosos enquanto os pelos dos meus braços começaram a se arrepiar. Eu podia sentir a chama da magia de Malekai me chamando para a boca gigante da caverna, acendendo esperança e alívio para preencher o buraco enorme de tristeza que sua morte havia deixado.

Eu quis que um orbe de luz iluminasse meu caminho, embora meus olhos pudessem ver muito bem no escuro. O túnel lá dentro era cavernoso, abrindo-se ainda mais para as alturas da catedral quando cheguei ao seu fim, onde encontrei os drakonati de Malekai. Vê-lo despertou novamente minha tristeza. O peso dela retornando como uma pedra no meu peito.

A tristeza em seus olhos brilhantes era um espelho dos meus. Deitado de quatro com a cabeça entre os pernas dianteiras. Alívio entrelaçado com tristeza escapou dos meus olhos quando me aproximei, colocando uma mão nas escamas de sua pele enquanto ele soltava um gemido triste.

Eu devia tudo a esse macho. Minha *alma-ligada — nossa companheira.* Minha vida. Meu Reino. O medo me esfolou enquanto minha mente voltava para a memória de parar o coração de Azrael descendo com sua lâmina pronta para matar. O terror e a impotência de estar longe demais para alcançá-los a tempo.

“Obrigada”, consegui sussurrar.

O drakonati bufou em resposta. O silêncio se estendeu entre nós antes que eu finalmente me sentasse no chão ao lado de uma pedra a alguns metros de distância.

“Precisamos de você, Malekai.”

A expressão suavizou as curvas ao redor dos olhos do drakonati enquanto eles se erguiam do chão da caverna para os meus, lembrando-me das feições expressivas de um cachorro.

“Ela está melhor agora. Parece mais saudável. Menos… traumatizada.”

Um grande suspiro sai do peito da fera, e seu alívio é palpável.

“Então o que acontece agora? Você simplesmente... fica aqui? Nesta caverna para sempre? É isso que é a vida após a morte?”

Se um drakonati pudesse parecer entediado, estaria com a expressão em seu rosto agora.

“Você pode voltar?”

"Não."

A voz masculina desconhecida quase me fez pular da minha pele. Eu me virei para encontrar um macho alado e corpulento parado a apenas alguns metros de distância. Ele franziu a testa para mim, dando um passo à frente com uma cesta de…

Flores?

“Lathrimos”, o homem respondeu sem que eu precisasse perguntar, “eu sou o *protus archestratim”*.

Arcanjo Chefe.

“ Eu ajudei o pai *de sua alma presa* a governar este reino por mais milênios do que eu gostaria de contar… E eu conheço seu pai, Rumiel. Embora eu não o tenha visto em uma era.”

Lathrimos balançou a cesta na frente das narinas de Malekai como um padre ou sacerdotisa balança um turíbulo de incenso. As narinas de Malekai se contraíram antes de inalar profundamente. Os abismos negros no centro de seus olhos verde-mar e dourados se dilataram em um salto rápido, e algo

como uma risada, se um drakonati pudesse fazer tal coisa, retumbou em seu peito.

“Que diabos é isso?”

Lathrimos olhou por cima do ombro para mim enquanto continuava a balançar as flores na frente do nariz da besta de Malekai. Pólen brilhante e iridescente subia da cesta enquanto Malekai continuava a respirar em respirações lentas e medidas, e aquela risada estrondosa vibrava através dele e do chão abaixo de onde eu estava sentado.

“ *Dendrata zou.* É uma flor que normalmente só cresce em *Lucidi Regorum*, o reino do seu tio-cunhado, mas Mors convenceu Somnus a deixá-lo cultivar um jardim dela aqui… Ela afina o véu entre *Akash* e nós. Ela nos permite reconectar mais conscientemente com sua energia Fonte, acessar seu conhecimento e limpar dívidas e energia cármicas. Curar feridas…”

Minhas sobrancelhas se ergueram, completamente intrigadas. O drakonati na nossa frente rolou de costas, os pés pedalando pelo ar enquanto se contorcia como um cachorro em um campo de flores enquanto aquela risada estrondosa de drakonati fazia a pedra da caverna tremer.

O som era contagiante. A tensão no meu corpo aliviou, o peso no meu peito se levantou, tudo enquanto eu começava a rir, observando com uma quantidade nada pequena de admiração enquanto esse gigantesco e temível drakonati *ria.*

“ *Akash todo poderoso.* Ele está alucinando?”

A risada de Lathrimos ao meu lado aumentou. “Bem, eu acho que sim. Ele acabou de inalar pólen *de dendrata zou suficiente* para reduzir um exército inteiro a crianças balbuciantes.”

Minha cabeça caiu para trás com uma risada que libertou minha alma dos grilhões da tristeza de uma só vez.

A besta de Malekai cantarolava e balbuciava em uma estranha língua drakonati que eu não tinha certeza se o próprio drakonati entendia. Risadas jorravam dos meus olhos e dos de Lathrimos quando nossos olhares se encontraram. A risada dele se tornou aguda, e a minha, um chiado silencioso.

"Eu nunca vi um drakonati em dendrata zou antes", ele chorou em meio à risada, curvando-se na cintura enquanto segurava seu abdômen em espasmos.

A besta de repente se virou, fazendo o corpo enorme de Lathrimos cair de costas no chão para evitar ser esmagado. Isso só serviu para intensificar nossa risada a ponto de eu não conseguir respirar.

Se eu não parar de rir, vou desmaiar por falta de oxigênio.

Como se para me livrar dessa possibilidade, um focinho quente e pesado de repente se lançou em minha direção e começou a *me acariciar.* Minha risada foi interrompida em choque, sem saber se isso, em suas alucinações, o fez me confundir com um lanche. Pelo olhar no rosto de Lathrimos, ele também não tinha certeza.

Uma língua rosa do tamanho de um filhote de baleia saiu furtivamente e lambeu toda a frente do meu corpo. A força dela até me levantou até os dedos dos pés.

O drakonati *ronronou,* me cutucando como se exigisse ser acariciado. Meus olhos encontraram os de Lathrimos por cima da cabeça da fera para encontrar suas sobrancelhas tão altas quanto as minhas. Eu levantei uma mão timidamente, acariciando suas escamas, e o drakonati cantarolou de satisfação.

“Nunca vi uma transferência de títulos como essa antes.”

Suspeitar disso era uma coisa, mas ouvir a confirmação da boca *do protus archestratim* era outra coisa completamente diferente.

“Você tem certeza?”, perguntei, embora eu já soubesse a resposta intuitivamente.

“De alguma forma, quando você cumpriu seu vínculo com *Sua Majestade,* o vínculo que elas compartilham, embora muito diferente do seu, se estendeu a você.”

Cerca de mil perguntas surgiram na minha mente.

“Então… Ele também é meu *parceiro de alma?”*

Lathrimos deu de ombros, balançando a cabeça um pouco desamparadamente. “Algo assim.”

Minha mão parou nas escamas de Malekai, fazendo-o me cutucar como um cachorrinho carente exigindo mais carinho.

“Isso significa…”

Minha garganta se abriu num sorriso estranho... Quer dizer... Não é como se eu pudesse foder um dragão.

“… Que eu o *desejarei* como desejo Mareina?”

Eu já estava pensando a mesma coisa sobre Ataraxus.

Lathrimos deu uma risadinha. “Não sei. Como eu disse, nunca testemunhei isso antes. Você já desejou um macho antes? Isso seria um bom indicador, imagino.”

“Não... Eu só desejei o toque de uma mulher.”

O macho deu de ombros. “Bem, aí está… No entanto, imagino que pode chegar um dia em que o amor o levará a fazer exceções. Raramente encontrei algo que fosse absoluto.”

O drakonati deu um gemido de dor, atraindo nossos olhares de volta para ele. Eu observei enquanto uma lágrima brilhante do tamanho da minha cabeça inchava como um balão aquoso no canto do seu olho. O drakonati de Malekai se levantou, caminhando em direção à boca da caverna em passos fortes.

Lathrimos e eu o seguimos para fora para vê-lo alçar voo com asas gigantescas.

Lathrimos suspirou aliviado ao meu lado. “Bem, isso é progresso.”

"Progresso?"

“Sim. Algumas pessoas passarão uma eternidade nas cavernas de Avernus lamentando suas vidas passadas, enterradas sob centenas, se não

milhares de anos de culpa de uma vida inteira de delitos antes que eles sejam capazes de transformar essa dor em compaixão. *Amor.* Que é geralmente quando eles se sentem chamados a reencarnar."

Suas palavras conseguiram desviar meu olhar dos drakonati que encolhiam à distância, aos quais minha alma agora estava presa.

A carranca de Lathrimos era, na melhor das hipóteses, de pena, como se ele pudesse ver todos os pecados que cometi contra os outros.

"Ninguém é isento de falhas, e nunca é tarde para mudar e abraçar a versão de nós mesmos que desejamos ser."

Mal consegui agradecer ao homem antes de voar de volta para Mareina com uma velocidade e determinação que só havia experimentado quando se tratava dela.

Somente ela.

CAPÍTULO

CINQUENTA E SEIS

MARINHA

E O cheiro de âmbares queimando e sal marinho encheu meu nariz, me acordando de repente. *Malekai.* Meus olhos se abriram de repente para encontrar Nakoa tirando suas roupas antes de voltar para a cama.

“Você o visitou.”

Nakoa me deu um aceno silencioso, enquanto levantava as cobertas e deslizava ao meu lado e me puxava contra seu peito. Amor, alívio e *conforto* me inundaram enquanto eu enterrava meu rosto entre as pedras gêmeas de seus peitorais. *E foda-se se não foi uma das coisas mais lindas que eu já experimentei.*

Só faltava Malekai… e Ataraxus.

Inspirei fundo, sentindo o cheiro de Nakoa e Malekai o mais profundamente que pude, o que me fez sentir uma onda de excitação.

“Como ele estava?”

Nakoa riu contra mim, atraindo meu olhar para ele.

“Alucinante.”

"O que?"

“Lathrimos apareceu. Deu a ele algo chamado pólen dendrata zou.”

Minha consciência, ligada a este reino e a tudo dentro dele, forneceu uma explicação útil. Realização e esperança floresceram em minha mente. “Ele está tentando ajudá-lo a mudar de volta.”

“Ele mencionou algo sobre limpeza cármica e reencarnação.”

Dor atravessou meu coração com a ideia. *Egoisticamente.*

Se Malekai reencarnasse…

“Poderia ser… Centenas de anos, potencialmente milhares antes que ele retorne se ele escolher reencarnar.”

Uma percepção ainda mais dolorosa e egoísta me atingiu como uma pedra.

“E ele pode encontrar sua *alma gêmea.”*

Minhas mãos tremiam quando agarrei os braços de Nakoa, e ele me apertou com mais força contra ele.

“Não sei se ele tem uma *alma ligada* além de você. E de mim. E de Ataraxus.”

Respirei fundo, tentando me acalmar enquanto erguia os olhos para Nakoa. "O que você quer dizer?"

A mão de Nakoa subiu para acariciar minha bochecha. A ação efetivamente aliviou meus tremores.

“Lathrimos disse que eu também estou ligado a ele agora. Já que cumprimos nosso vínculo... Ele não conseguiu explicar, mas disse que viu uma corda me conectando a Malekai.”

Meu choque deve ter sido flagrante porque outra risada retumbou sob minhas mãos do peito dele. Mil perguntas surgiram em minha mente, e eu não tinha ideia de por onde começar.

O polegar de Nakoa deslizou sobre meus lábios entreabertos.

“Eu te amo, *lohane thili*. Nesta vida e em todas as vidas que virão.”

Uma fonte de emoção cresceu em meu peito. Mais uma vez, ele falou as mesmas palavras que Malekai costumava me dizer. Minhas sobrancelhas se juntaram em confusão enquanto minha emoção crescia, e *porra*, se eu não estava exausto de chorar.

“ Malekai e eu costumávamos dizer isso um ao outro.”

Nakoa se inclinou e beijou a solução salina das minhas bochechas, murmurando contra elas. "Suponho que seja tudo Kismet então."

Sua respiração roubou minhas palavras enquanto minha mente remeteu às palavras de Ataraxus. *“Este é Kismet, Mareina…”*

Meu amor por Nakoa cresceu em meu peito, mesmo que uma parte de mim ansiasse por Malekai e Ataraxus. Encaixei minha boca contra a dele, procurando a língua. Seu pau já estava duro, preso entre nós. Enrolei uma das minhas pernas sobre seus quadris e empurrei em sua direção, alinhando seu comprimento com minha entrada, pingando de necessidade. Nakoa gemeu contra minha boca, passando os dedos pelo meu cabelo, agarrando um punhado dele na parte de trás da minha cabeça. *"Porra, maha loha. Você está encharcada."*

Minha boceta se apertou enquanto eu o levava em estocadas rasas e provocantes que o apertavam. Nakoa permitiu isso por alguns segundos antes de me empurrar de costas, agarrando minhas coxas e abrindo-as bem embaixo dele enquanto ele lentamente me empurrava em golpes profundos e constantes. Chupando suas bochechas, ele permitiu que uma bola de cuspe caísse de sua boca para meu clitóris, circulando-o com seu polegar.

Eu já estava tão preparada para ele que foi o trabalho de um momento antes que minha boceta começasse a ter espasmos em volta dele. Seu nome era um gemido ofegante em meus lábios.

“É isso, *lohane thili.”*

Minhas costas arquearam e meus olhos se fecharam com força, sobrecarregados. *“Deuses, Nakoa, sim.”*

“Olhos em mim, Mareina.”

Meu orgasmo atingiu o pico quando meu olhar retornou ao dele. A tensão em meu corpo diminuiu enquanto ondas de energia formigante me inundavam como uma maré purificadora. Meu coração, e nossa corda, pulsando como se com um tremor secundário.

Os golpes de Nakoa tornaram-se duros e exigentes enquanto ele agarrava meu cabelo para expor meu pescoço para ele. Ele inalou profundamente, e eu senti seu pau endurece ainda mais. *“Olha como seu corpo canta para mim, lohane thili. Não há nenhuma parte de você que não me pertença.”*

O calor úmido de sua língua lambeu uma faixa na coluna do meu pescoço antes de suas presas afundarem. O tempo pareceu desacelerar enquanto algo passava entre nossas amarras, e aquela sensação de ser incapaz de discernir onde eu terminava e ele começava retornou. Parecia impossível para nossas almas se entrelaçarem mais do que já estavam, mas o sentimento era inconfundível.

Quando meu orgasmo recuou, as presas de Nakoa recuaram, e ele sentou-se sobre os calcanhares. Seu olhar passando por mim enquanto ele continuava a estocar dentro de mim era um calor tangível através do qual eu sentia sua reverência e amor.

Nakoa mordeu a carne do antebraço e segurou a ferida escorrendo sobre onde estávamos unidos. “Não há nada mais perfeito do que a visão de você tomando meu pau e meu sangue.”

Suas palavras, por mais perturbadas que alguns possam achar, fizeram meu amor e excitação aumentarem por ele. Minhas presas se alongaram e, sem precisar que me mandassem, ele apoiou os braços embaixo de mim — nem se importando com o sangue manchando nossos lençóis brancos — e me puxou contra seu peito.

Eu inclinei meus quadris para conter seus impulsos. Minhas palavras foram pouco mais que um sussurro ofegante. *“Akash, você é tão perfeito para mim…”*

Seus golpes diminuíram quando ele expôs sua garganta para mim no momento em que seu pau começou a pulsar, me enchendo de jorros quentes. Eu sussurrei contra sua garganta antes de deslizar minhas presas no músculo tenso no topo de seu ombro.

“Eu te amo nesta vida e em todas as vidas que virão.”

“Nesta vida e em todas as vidas vindouras, lohane thili.”

CAPÍTULO

CINQUENTA E SETE

MALEKAI

E A temperatura do mar era a de um banho morno. O que quer que fossem aquelas flores que Lathrimos me trouxera, criaram uma experiência alucinante que começou comigo sendo catapultada pelos reinos, embalada nos braços universais da própria *Akash* e *acariciada por querubins.*

Isso aconteceu *antes que* o véu entre a realidade física e o eterno fosse levantado, e eu fui forçado a testemunhar a conexão entre todas as coisas por meio de *Akash.* Para experimentar a gravidade de cada um de nós sendo um aspecto microcósmico de si mesma, para descer em espiral pela corda que me ligava de Mareina a Nakoa a Ataraxus, para então purgar o peso de uma vida inteira de matança e todas as consequências e efeitos que se entrelaçaram a partir disso e nas vidas dos outros.

Se você tivesse me dito que tudo isso ocorreu no período de 150 anos, eu teria acreditado, mas quando recuperei os sentidos em uma praia, sem nenhuma lembrança de onde tinha viajado, apenas para ver o sol começando a nascer... percebi que apenas algumas horas haviam se passado.

Puta merda.

Eu senti como se tivesse renascido um homem diferente. Assim como o drakonati dentro de mim. Em algum momento, não conseguia me lembrar, eu tinha mudado de volta, e a sensação distinta de que eu ainda estava muito morto era algo com o qual eu ainda não tinha me conformado.

Ou o fato de que agora eu estava ligado a Avernus.

Encalhado.

Nu.

E nenhuma pista de como diabos eu poderia encontrar o caminho de casa. Para minha fêmea.

Nossa fêmea.

Antes de morrer, eu já estava me acostumando com a ideia de que teria que dividir Mareina com Nakoa, mas agora uma satisfação profunda floresceu em meu peito com a ideia de estar ligado a Nakoa, e até mesmo a Ataraxus, que *Akash* havia me revelado por completo.

O fato de que eu dividiria *Mareina* com eles me deu uma sensação de *retidão* e alívio, pois ela seria protegida por outros dois machos formidáveis que a protegeriam com suas vidas — *viajariam para o inferno e voltariam só para salvá-la.*

A ligação entre meus dois colegas homens me dotou de um senso de *irmandade.* Como se eu pudesse confiar minha vida a esses homens e que eu os protegeria com a minha. Não que eu tivesse alguma ideia de quanta vida eu realmente tinha.

Minha alma se estendeu em direção a Mareina e depois a Nakoa para ver se eu poderia de alguma forma invocá-las enquanto eu caminhava nu pela praia e girava em círculos, finalmente pousando no horizonte montanhoso.

A batida do meu coração saltou para a minha garganta quando eles apareceram na minha frente. Um grito estrangulado saiu da garganta de Mareina quando seus olhos pousaram em mim, e ela se lançou em mim, me derrubando no chão.

Risadas surgiram, mas foram interrompidas quando reconheci o tremor de seus ombros enquanto ela soluçava contra meu peito.

"Oh, *tessari mú.*"

Meu coração doeu por ela, por como ela deve ter sofrido por mim.

Nakoa deu um passo à frente, olhando para mim. Seu rosto marcado e olhos negros ficaram tensos enquanto ele segurava suas asas no alto para evitar a areia, a cauda balançando inquieta no ar atrás dele de uma forma vagamente felina. A força visceral de sua magia pressionou sobre mim como se eu pudesse senti-la em meu peito antes de perceber que também estava sentindo um fantasma de sua emoção.

Agarrei-me a Mareina, embora parecesse incapaz de desviar o olhar do dele. A cicatriz em seu lábio superior puxou um lado um pouco mais apertado do que o outro enquanto um sorriso tenso inclinava sua boca. O brilho em seus olhos fez meu coração se partir em dois, e minha mão se estendeu em sua direção.

Ele deu um passo à frente e se ajoelhou na areia ao nosso lado, colocando seus braços longos e grossos sobre os meus ombros e os de Mareina. Meu coração inchou até explodir.

Família.

É assim que se sente uma família.

Eu quase tinha esquecido.

Mareina foi a única pessoa de quem fui próxima o suficiente para considerá-la família por mais de meio século, desde que minha mãe foi morta.

Que lugar bizarro e incrível os mundos físicos poderiam ser. Como o destino poderia alterar as coisas de uma forma tão linda, não importa quão implacável.

Parecia uma segunda chance. Mesmo que eu não merecesse uma.

Agora que Mareina estava em meus braços novamente, um banho de merda estava no topo da minha lista de afazeres. Eu não conseguia deixar de me perguntar se eu parecia tão imundo, *cheirava* tão imundo, ou se Nakoa era apenas tão intuitivo, mas no momento em que nos *dobramos* para trás, ele entrou no banheiro para ligar o chuveiro.

Ainda carregando Mareina, eu o segui para dentro e a coloquei no chão. Ele se virou para sair, e eu senti a pontada do desejo de Mareina no meu

peito como se fosse meu. *Talvez fosse meu…*

Meu estômago deu um pulo nervoso quando a palavra o pegou na soleira da porta do banheiro. *“Fique.”*

A respiração de Mareina parou quando Nakoa parou, olhando para nós por cima do ombro. Apesar da máscara ilegível protegendo sua expressão, eu podia sentir a pontada de vulnerabilidade sangrar através do vínculo entre nós. Seus olhos encontraram os meus antes de mergulharem em Mareina.

“Você quer que eu fique, *lohane thili?”*

Mareina deu-lhe um sorriso aguado, assentindo. *“Por favor.”*

Mareina *tirou* o vestido branco fino como papel que estava usando e entrou no chuveiro. A visão de sua nudez fez meu pau engrossar, e quando meus olhos pousaram nos picos de seus seios, endurecidos sob a água quente, meu pau já estava dolorido e se projetando como uma extremidade extra na minha frente.

E eu podia ver que Nakoa, que havia *doado* um par de roupas de couro de luta cobertas de sangue, estava tendo o mesmo problema.

A coisa vai ficar estranha.

Por toda a devassidão da qual participei, em todos os meus 250 anos de vida... Eu nunca compartilhei uma mulher com outro homem. Muito menos a mulher que possuía minha mente, corpo e alma.

Os olhos de Mareina se ergueram para os meus enquanto eu pisava embaixo do chuveiro, deslizando uma mão do meu abdômen até o meu peito. Nakoa voltou para o chuveiro, e ela estendeu a mão para trás para puxá-lo contra ela.

O nervosismo de Mareina era palpável, e eu não consegui conter um sorriso. Com dentes e presas, ela puxou o lábio inferior para esconder seu próprio sorriso enquanto seus olhos caíam no chão, mas incidentalmente pousavam no meu pau. Peguei seu queixo entre meu polegar e indicador para retornar seu olhar para o meu. *“Tessari mú.”*

Seus lábios começaram a tremer de emoção, como se implorassem pela ternura do meu afeto.

“Você está diferente agora…”

Eu assenti, acariciando seu queixo com meu polegar.

“Você não poderá sair daqui… A menos que reencarne”, ela acrescentou lamentavelmente.

“Enquanto você estiver comigo, não importa onde eu esteja.”

Ela franziu a testa. “Eu vou ter que passar um tempo em Atratus… E eu não quero você preso aqui. Eu quero que você seja livre.”

Meus olhos se ergueram para o homem parado atrás dela como uma sentinela gigante.

"É por isso que sou tão grato por você ter mais dois *seres com alma* para protegê-lo quando não posso estar fisicamente ao seu lado."

Lamento rastreou suas bochechas. Eu abaixei minha cabeça para capturar seus lábios com os meus, e ela suspirou instantaneamente,

afundando contra mim. Eu dei um passo à frente, apertando-a contra Nakoa para que eu pudesse pisar mais fundo na água porque enquanto eu queria *desesperadamente* ser enterrado profundamente dentro dela — eu queria fazer isso limpo.

Os braços de Nakoa se enrolaram em volta de Mareina por trás enquanto ele a prendia contra seu peito, fazendo suas costas arquearem e seus seios fartos se esticarem para frente. Sua cabeça mergulhou no canto do pescoço dela, lambendo uma faixa ao longo de sua coluna ao mesmo tempo em que seus dedos tatuados provocavam seus mamilos. Eu peguei o breve lampejo de suas presas se alongando antes que ele cravasse seus dentes nela. Em um suspiro suave e necessitado, seus quadris começaram a trabalhar contra os dele. Seu olhar de pálpebras pesadas encontrou o meu e...

Ah, merda… O que eu deveria estar fazendo?

Tomar banho. Certo.

Eu fiz um trabalho rápido de me esfregar para me limpar; o tempo todo, os olhos de Mareina permaneceram fixos nos meus enquanto Nakoa se alimentava dela. Sua mão livre mergulhou entre suas coxas e começou a acariciar suavemente seu clitóris.

Não pude deixar de ficar surpreso por *não* sentir ciúmes. Antes disso, a ideia de Mareina ser tocada por qualquer homem que não fosse eu, incluindo sua *alma ligada* , me deixava com vontade de matar.

Em vez disso, não senti nada além de amor, luxúria e *retidão.* Embora houvesse uma sensação estranha persistindo no fundo da minha mente. Levei um momento para perceber que era porque *alguém* estava desaparecido.

Ataraxus.

Não que sua ausência me faria vacilar.

O nervosismo tomou conta de mim enquanto eu *desejava* que nós três nos secássemos no momento em que fechei a água.

Nakoa levantou a cabeça do pescoço de Mareina e seus olhos encontraram os meus, dando-me um leve aceno de encorajamento antes de ele tirá-la do chão e jogá-la por cima do ombro. Um grito de choque e prazer a deixou quando sua mão pousou no globo de uma bochecha grossa e madura. Sua cabeça se levantou para encontrar meu olhar, e havia um *sorriso de merda* em seu rosto. A visão rara roubou meu fôlego, como sempre. Sua mão alcançou a minha, e isso me tirou do meu estupor para segui-los.

Nakoa gentilmente a colocou na cama como se ela fosse feita de vidro, e eu grunhi minha aprovação. As bochechas de Mareina coraram, parecendo nada menos que atônita enquanto ela nos via elevando-se sobre ela no pé da cama.

CAPÍTULO

CINQUENTA E OITO

MARINHA

EU mal podia acreditar no que tinha acontecido na última hora.

Dia.

Você deve *estar sonhando de novo.*

Entre Nakoa e eu fazendo as pazes um com o outro e cumprindo nosso vínculo, foi uma das experiências mais lindas da minha vida. Bem ao lado do evento em que Malekai e eu finalmente permitimos que nosso próprio vínculo se tornasse algo muito maior, como sempre ansiamos. A única coisa que manchava minha euforia era o fato de Malekai estar ligado a Avernus. Embora, naquele momento, eu me recusasse a deixar qualquer coisa manchar o fato de que ele estava aqui comigo *e* Nakoa.

Antes de eu ir embora, eles se odiavam, e agora, de alguma forma... algo havia *mudado.*

Eu senti como se estivesse recebendo uma segunda chance, e mesmo que eu não tivesse certeza se merecia uma, eu não deixaria minha chance de felicidade passar. De novo.

Eu só podia rezar para que *Ataraxus* ficasse bem. Que ele acordasse logo *e se juntasse a nós.* Meu coração se acelerou com a ideia.

Nakoa e Malekai hesitaram como se mal pudessem acreditar que isso também não era um sonho. Nossos olhos dançaram entre si, rostos se abrindo com um sorriso enquanto o riso borbulhava.

Malekai e Nakoa rondavam de quatro na cama e eu me deitei para recebê-los. A cauda de Nakoa se enrolou possessivamente em volta da minha cintura, me virando de lado e arrastando minhas costas contra sua frente, assim como uma mão reverentemente segurou um dos meus seios antes de provocar seu pico túrgido e arrancar um suspiro suave da minha garganta.

Malekai, deitado de lado, com seu pau preso entre nós, segurou meu olhar enquanto seu polegar sussurrava sobre meu maxilar. Sem nem precisar ver a expressão séria sombreando o rosto de Malekai, Nakoa cessou seus cuidados e esperou. "Você sabe que há algumas coisas que precisamos discutir."

Oh merda. Eu já podia sentir a emoção crescendo de novo. Engoli de volta, me recusando a estragar esse momento e consegui assentir. Seus olhos procuraram os meus. "Ou seja, você tomando decisões sem nós. *Nos deixando."*

Minha defesa, meu raciocínio, os últimos quatro meses de tortura de merda subiram até minha garganta em outro ataque de emoção, mas, novamente, eu engoli de volta. Com meu silêncio, o rabo de Nakoa se apertou. Tentei acenar novamente, mas Malekai balançou a cabeça me

dando um olhar de pena através de olhos de pálpebras pesadas. "Acho que nossa fêmea precisa aprender uma lição."

Os olhos turquesa e dourados de Malekai se ergueram para Nakoa, cuja expressão era a mais agourenta que eu já tinha visto. Ele grunhiu em concordância.

Meu coração palpitou de antecipação e *engoli em seco,* sentindo-me de repente como uma presa.

“Que tipo de lição?”

A voz de Nakoa era toda cascalho e condenação. “O tipo de lição que vai cravar ainda mais na sua alma o fato de que somos *donos* de você. Isso garante que você *confie* em nós em *tudo.”*

A expressão de Malekai tornou-se completamente desonesta. “Isso parece justo, você não concorda, *tessari mú?”*

Nakoa deu um rosnado pensativo enquanto corrigia, “O tipo de lição que impediria você de tomar decisões novamente sem nós. ”

Malekai cantarolou concordando. “De fato... Um que garantiria que você nunca mais nos deixasse.”

Os dedos com pontas de garras de Nakoa cravaram-se em minha carne, os dedos ficaram tensos onde me agarravam em volta das costelas enquanto sua mão segurava minha garganta, forçando meu olhar para o dele. "Talvez devêssemos começar amarrando você e amordaçando você, como eu fiz antes?"

Fiquei sem fôlego quando as memórias de estar amarrada e amordaçada, completamente vulnerável à sua vontade, retornaram a mim.

Nakoa inalou profundamente enquanto enterrava o nariz na curva do meu pescoço enquanto minha excitação se intensificava ainda mais. O peito roncava de satisfação, seu comprimento grosso e duro deu uma estocada, pintando minhas costas com pré-gozo enquanto uma de suas mãos veio torturar meu clitóris com uma carícia provocante. Malekai agarrou meu maxilar entre o polegar e o indicador. "Você gostaria disso, não é, Mareina?"

Meus quadris se contorciam contra a mão de Nakoa e seu pau enquanto minha boceta se apertava de necessidade, transformando minhas palavras em gemidos. " *Akash, sim."*

Malekai se inclinou e pegou meu lábio inferior em sua boca, mordendo até tirar sangue que desencadeou um rosnado de prazer espalhado por seu peito. *"Você vai aceitar sua punição como uma boa menina, tessari mú?"*

“Sim. Quero que vocês dois me arruínem.”

Nakoa e Malekai rosnaram em uníssono quando o último pegou o lençol de cima e rasgou o tecido com suas presas antes de rasgá-lo entre suas mãos, resultando em duas tiras de tecido. Ele amarrou meus pulsos com uma tira antes de amarrar meus tornozelos juntos, momento em que a atenção de Nakoa ao meu clitóris cessou. Eu choraminguei em protesto, mas Malekai me cortou com um comando rosnado.

“De joelhos, Mareina.”

Minha barriga se contorceu de nervosismo enquanto meu desejo aumentava. Nakoa se afastou de mim antes de me guiar para meus joelhos e cotovelos.

“Joelhos separados,” Nakoa acrescentou rispidamente enquanto se acomodava contra a cabeceira, pernas grossas e musculosas de cada lado dos meus cotovelos. Minha boceta se apertou enquanto ele espalhava seu pré-sêmen vazando sobre a cabeça do pau antes de acariciar seu comprimento.

“Porra, essa bucetinha linda está desesperada para ser preenchida por nós, não é?” Malekai rosnou, admirando a vista por trás.

Eu balancei meus quadris para atraí-lo para frente, mas tudo o que consegui foi um tapa rápido na curva grossa da minha bunda. Eu senti a picada tanto quanto contra meu clitóris, fazendo minha boceta ter espasmos em volta do nada.

“Eu quero que você encha o pau *do seu soulbound* de atenção enquanto eu deixo essa bunda gostosa e rosada. E para cada segundo que você conseguir levá-lo fundo na sua garganta, eu recompensarei essa boceta carente e gotejante com meu pau. Entendido?”

Minha respiração ficou presa na garganta porque esse não era um lado dele que eu já tinha visto. Quando não respondi, Malekai deu um tapa na minha boceta que me fez gritar.

“Já está se comportando mal? O que você diz?”

"Sim, senhor."

Malekai me recompensou acariciando delicadamente minha coxa e minha bunda.

“Boa menina. Agora engula esse pau.”

Nakoa me observou com os olhos semicerrados, agarrando meu cabelo com uma mão enquanto eu pegava seu pau com uma das minhas. Eu tirei minha saliva antes de cuspi-la na ponta de seu pau e trabalhei minhas mãos sobre ela para deslizar por seu comprimento. Seu ronronar parecido com um rosnado ganha vida em seu peito enquanto seus quadris se movem para frente. *"Tão fodidamente lindo, lohane thili."*

Antes que eu pudesse responder, a mão de Malekai desceu em uma nádega, seguiu rapidamente para a outra. Minha carne tremeu, seguida pelo som do profundo zumbido de satisfação de Malekai.

Minha boca se fechou sobre o comprimento de Nakoa, suspirando meu prazer com seu gosto e a sensação de seu comprimento de aço sedoso contra minha língua. Em conjunto, minhas mãos e boca trabalharam sobre ele enquanto Malekai continuava a dar estalos em minha bunda e buceta. Quando finalmente o pressionei o máximo que pude no fundo da minha garganta, ele começou a contar.

“Um, lohane thili.”

Engolida por ele, forcei o reflexo da minha garganta diante da pressão do seu enorme pau.

“Dois. Tão perfeitos.

A saliva começou a se acumular na minha boca enquanto eu continuava a me balançar contra ele, seu pau ainda enterrado profundamente no fundo da minha garganta.

"Três, quatro, cinco. É isso, *maha loha.* Seja uma boa menina e amordace esse pau para que eu possa lamber essas lágrimas bonitas. *"*

Eu podia sentir a reverência em seu olhar enquanto ele me observava e colocava uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

"Seis. Porra, olha como você é ganancioso…"

Eu choraminguei com a boca cheia dele.

Oh, deuses, não aguento mais.

Mais alguns segundos se passaram enquanto minha garganta se contraía em volta do seu comprimento, exigindo que eu tomasse um descanso, mas, porra, eu queria muito mais do que seis estocadas do pau de Malekai. A saliva começou a vazar dos lados da minha boca, pingando pela metade restante do seu pau grosso que *não tinha* como caber na minha garganta.

As mãos de Malekai alternavam entre tapas firmes e carícias suaves enquanto meu clitóris latejava com necessidade de atenção.

A mão de Nakoa apertou meu cabelo com mais força enquanto seus quadris começaram a se mover em oposição ao movimento da minha cabeça.

Finalmente engasguei, me afastando do comprimento de Nakoa. A saliva se estendia entre nós em fios grossos enquanto eu ofegava por ar.

O toque de Malekai se tornou terno quando ele deslizou um único dígito pela minha fenda gotejante para provocar meu clitóris. "É só isso que você tem, *tessari mú? 12 segundos?"*

Continuei acariciando o pau de Nakoa enquanto dava uma resposta ofegante.

"Não, senhor."

Malekai cantarolou de prazer. *"Boa menina."*

Limpei a saliva da minha boca e queixo antes de abaixar minha boca de volta para o comprimento de Nakoa, segurando seu olhar novamente para retornar esbanjando seu pau com carícias provocantes e lambendo-o da base à ponta. *"Eu te amo."*

A respiração de Nakoa ficou presa no peito enquanto seu olhar se arregalou levemente com emoção. "Nesta vida e em todas as vidas que virão, Mareina."

Eu me virei para olhar por cima do meu ombro e encontrar os lábios de Malekai entreabertos enquanto ele olhava diretamente para Nakoa ao ouvir a declaração familiar. Sua garganta afundou com emoção engolida enquanto ele voltava a provocar meu clitóris, e seus olhos encontraram os meus. Minhas palavras, cheias de cada grama da minha emoção, se esforçaram para evitar que minha voz vacilasse.

"Eu te amo, *anim gemla."*

O plano largo do peito de Malekai inchou, e não deixei de ver como seus olhos brilhavam, me lembrando que presente do caralho era estarmos

aqui juntos. Nakoa deve ter visto também porque, no momento seguinte, ele estava ao meu lado, puxando minhas costas contra seu peito enquanto Malekai se acomodava na minha frente, rasgando a amarração em meus tornozelos antes de agarrar uma das minhas pernas abaixo do joelho para me abrir bem para ele.

Malekai puxou seus quadris para trás para alinhar seu pau com minha entrada enquanto sua mão livre enrolava meu cabelo em seu punho e puxava minha cabeça para trás para encontrar seu olhar. *“Eu te amo nesta vida e em todas as vidas que virão, tessari mú.”*

A cabeça do pau de Malekai rompeu minha entrada e lentamente empurrou mais fundo, me esticando e me enchendo da mais doce dor enquanto eu gritava palavrões ininteligíveis.

Nakoa grunhiu sua aprovação enquanto observava o pau de Malekai se acomodar até o cabo. A voz de Nakoa virou cascalho enquanto ele prendia seu antebraço em volta da minha cintura para me segurar no lugar para Malekai. "Você nos pertence, Mareina."

Meu corpo já estava começando a se contrair e tremer com a aproximação do orgasmo.

“Ah, merda, não vou durar 12 braçadas.”

Malekai se retirou até que apenas a cabeça grossa e alargada de seu pau permanecesse antes de bater todo o caminho de volta. Quando eu engasguei de prazer, Nakoa roubou a oportunidade de inclinar meus lábios entreabertos mais em direção a ele e cuspiu em minha boca aberta. Seus dedos apertaram meu maxilar, me impedindo de engolir, antes de virar minha cabeça de volta para Malekai. Ele não perdeu o ritmo e me presenteou com uma bola de cuspe na parte plana da minha língua oferecida. A sensação encheu meu coração até explodir enquanto eu os engolia. Antes que eu pudesse me concentrar em minha satisfação, uma garrafa de óleo apareceu na mão de Nakoa.

Minha respiração parou. As únicas ocasiões em que alguém me levou *lá* foram no Templo Erosyan, e não foi com meu consentimento. A ansiedade se retorceu em meu intestino, embora eu não quisesse que ele parasse, e percebi que queria que ele substituísse aquelas memórias há muito enterradas.

Os movimentos de Nakoa e Malekai cessaram como se sentissem minha ansiedade.

“Nakoa, eu…”

“Eu sei, *lohane thili…* Você quer que eu pare?”

Balancei a cabeça, meu núcleo apertando-se com necessidade ao redor do comprimento de Malekai, fazendo-o agarrar meus quadris com ainda mais força.

“Não. Eu quero vocês dois.”

"Você tem certeza?"

“Mais do que tudo.”

Os lábios de Nakoa se abrem em um sorriso contra minha bochecha. “Minha Rainha é tão forte. E tão gananciosa.”

A risada rouca de Malekai foi cortada por um gemido quando minha boceta o agarrou com força. Sua resposta foi colar minha garganta, atraindo meu olhar de volta para o dele. "Uma garota tão boa, pegando nossos dois paus." Ele trouxe sua boca para a minha em um beijo machucado que se tornou terno. Os dedos de Nakoa começaram a massagear óleo contra minha entrada enrugada, gentilmente trabalhando um dedo, fazendo o anel de carne apertar contra ele, fazendo Malekai gemer em minha boca enquanto suas estocadas se aprofundavam.

“Você foi feita para nós, Mareina. Assim como nós fomos feitos para você. Nós vamos preencher cada buraquinho lindo que você tem tão perfeitamente.”

Eu estava sem palavras neste momento. Nakoa afundou dois dedos dentro de mim enquanto sua cauda trabalhava contra meu clitóris em conjunto com as estocadas firmes de Maleka. Minha boceta começou a apertar, e Nakoa se retirou enquanto Malekai parava. "Não goze ainda, *lohane thili*, ou essa boceta e bunda vão apertar tão forte que eu nunca vou caber."

Meu Deus, pensei que não conseguiria me segurar.

“Depressa, por favor... Por favor, por favor, por favor.”

"Porra, eu adoro quando você implora", Nakoa rosnou enquanto começava a empurrar seu pau sujo de óleo para dentro de mim.

Malekai cantarolou concordando enquanto lentamente deslizava de volta para dentro de mim. “Mmmmm, teremos que nos esforçar para fazê-la fazer isso com mais frequência.”

Eu choraminguei quando a cabeça do pau de Nakoa empurrou para dentro daquele anel de músculos tensos, e ele segurou minha garganta com uma mão.

“Respire, *lohane thili.* Deixe seu corpo relaxar e se entregue a nós. Você está exatamente onde pertence.”

Respirei fundo, exalando lentamente e desejei que meu corpo relaxasse; se acomodasse e se tornasse lânguido entre eles, enquanto meu coração se apertava mais forte com o amor que sentia por eles. ação atraiu Ataraxus para meus pensamentos. *Deuses, como eu encaixaria todos os três?*

Eu gritei uma maldição, as unhas cravando-se profundamente no antebraço de Nakoa enquanto ele empurrava para frente centímetro por centímetro tentador enquanto Malekai acariciava minha bochecha e segurava meu olhar torturado e eufórico. *"Você é tão fodidamente linda que dói, tessari mú."*

Meu coração explodiu de emoção com suas palavras. Palavras que eu temia recentemente nunca mais ser abençoada em ouvir. Minha emoção foi rápida para romper as represas dos meus olhos. *"Eu te amo. Tanto pra caralho."*

Malekai lambeu cada uma das minhas lágrimas. "Até a morte e além", ele murmurou contra meus lábios antes que sua língua acariciasse suavemente a minha enquanto suas pontas dos dedos calejadas provocavam meus mamilos. A cauda de Nakoa voltou a acariciar meu clitóris. Meu lamento foi abafado enquanto Nakoa se acomodava cada vez mais fundo até chegar ao punho. Eu senti como se mal conseguisse respirar. *"Oh deuses... É demais... Dói — tão bom pra caralho."*

Nenhum dos dois se moveu, e minha boceta já estava vibrando com o orgasmo. *"Aí está nossa boa menina"*, Nakoa ronronou contra meu pescoço enquanto começava a se mover lentamente.

Meu corpo parecia ter explodido em um mar de estrelas brilhantes, fluidas e subindo e quebrando onda após onda. Os quadris de Malekai deslizaram para frente, socando o ar dos meus pulmões, intensificando tanto a sensação que roubou meu fôlego.

Com estocadas profundas e constantes e a plenitude de ambos enraizados dentro de mim, ele pressionou ferozmente contra pontos de prazer que eu nem sabia que existiam. Calor líquido começou a vazar de mim enquanto eu choramingava impotente contra eles.

Malekai sentiu primeiro, recuando para olhar a evidência frutífera de seu trabalho e, como se em sincronia, a cauda de Nakoa recuou do meu clitóris para lhe dar uma visão desobstruída. “ *Oh, merda, tessari mú.* Essa bucetinha linda e perfeita está jorrando para nós?”

Consegui choramingar e assentir, com lágrimas escorrendo. Nakoa se inclinou para trás, levantando minha perna esquerda para olhar para baixo entre nós enquanto o último gozo do meu gozo escorria entre nós. Um rosnado ressoou entre nós enquanto ele admirava onde nós três estávamos unidos, e sua mão gentilmente acariciou os globos da minha bunda. "Diga a quem você pertence, *lohane thili* ."

Os golpes de Nakoa e Malekai permaneceram sincronizados, arrancando ruídos ímpios de mim entre meus gemidos e choramingos agudos. Malekai lambeu seu polegar e o esfregou para frente e para trás para provocar meu clitóris. Minha boceta imediatamente se apertou novamente enquanto mais fluido jorrava de mim. "Diga, Mareina. Diga a quem você pertence."

Um tremor percorreu Malekai enquanto seus olhos brevemente reviravam na parte de trás da cabeça. Nakoa ficou rígido atrás de mim; garras mergulhando na carne dos meus quadris. Eu estendi meus dedos para passar meus dedos pelos cabelos deles, agarrando-os firmemente e puxando seus rostos para mais perto do meu.

“Seu. Sempre e para sempre, nesta vida e em todas as vidas que virão. Até a morte e além.”

Nakoa cantarolou seu prazer enquanto afundava suas presas na curva do meu pescoço. Malekai gemeu, inclinando sua boca sobre a minha. Sabendo que meu corpo ainda precisava de tempo para se ajustar para acomodar os dois, o ritmo de suas estocadas permaneceu firme e lento, tudo isso

enquanto Malekai continuava suas ministrações gentis em meu clitóris supersensível.

Em minutos, outro orgasmo liquefeito, porém suave e prolongado, tomou conta de mim. Nakoa me seguiu até a borda, me enchendo com seu esperma. Seus braços se apertaram mais ao meu redor e seu ronronar começou de novo.

As presas de Nakoa me soltaram, lambendo o sangue pingando das feridas perfurantes. Arqueei minhas costas para ele, acariciando sua bochecha enquanto capturava seus lábios e oferecia meus gemidos suaves.

Os quadris de Malekai gaguejaram, atraindo meu olhar, e eu encontrei todo meu espanto, admiração e amor refletidos naqueles olhos. A emoção obstruiu densamente minha garganta. *"Eu te amo, Kalini"*, ele sussurrou enquanto seu pau pulsava dentro de mim.

Minha voz vacilou quando lhe dei um sorriso trêmulo, pronta para desabar em lágrimas crescentes.

“Katadamna kaza.”

CAPÍTULO

CINQUENTA E NOVE

NAKOA

C

que reviravolta bizarra das marés. Se alguém tivesse me dito que eu estaria compartilhando minha *alma gêmea* com outro homem, eu provavelmente o teria estripado por ousar dizer as palavras. Agora... eu não tinha certeza se faria de outra forma. Embora parecesse que estávamos pisando em terreno novo e frágil, ousando construir algo novo. Algo incomensuravelmente precioso.

E eu me vi constantemente preocupada com alguém novo.

Ataraxus.

E eu silenciosamente prometi que o visitaríamos amanhã e enviei uma prece para que ele se recuperasse do que quer que estivesse roubando sua consciência.

Quando acordei, algumas horas depois, ainda era apenas o começo da noite. A cabeça de Mareina estava no meu peito com uma perna sobre a minha. Malekai estava encolhido de lado contra ela com sua grande mão curvada sobre a curva do quadril dela. Olhei para baixo para ver seus olhos fechados, cílios levemente beijando as maçãs do rosto e sua respiração regular. Meu coração apertou com a visão deslumbrante dela.

Também foi assustadoramente íntimo ver Malekai dormindo, sua expressão pacífica. Percebi então que nunca o tinha visto em paz até agora.

Como se estivesse lendo minha mente, os olhos de Malekai se abriram naquele exato momento. Um segundo depois, ele cuidadosamente se desenrolou de Mareina e silenciosamente rolou para sair da cama. Seu olhar caiu para o chão como se de repente percebesse que não havia nenhuma roupa previamente tirada esperando por ele ali. Talvez Mors não se importasse em compartilhar. Provavelmente não, considerando que ele estava sofrendo os efeitos amnésicos de beber do Rio Oblivion. Malekai olhou por cima do ombro para mim com uma pergunta silenciosa.

Malekai me seguiu para fora do quarto enquanto caminhávamos em direção ao quarto de Mors. Caminhamos diretamente em direção a uma porta do outro lado do quarto para descobrir seu guarda-roupa. Feito de madeira escura elaboradamente esculpida, estava abarrotado de roupas de todos os estilos, ostentando surpreendentes toques de cor que eu nunca imaginei que o Deus da Morte iria gostar. Abri uma das várias gavetas para descobrir um estilo de roupa íntima macia e justa com um cós elástico que eu nunca tinha visto antes. Todas com uma tremenda variedade de padrões.

“Ele parecia gentil. Não consigo imaginar que ele se importaria em emprestar roupas para uma das companheiras de Mareina.” As palavras de Malekai soaram, se tanto, como se tivessem sido ditas para tranquilizá-lo enquanto ele abria algumas outras gavetas, vasculhando além do necessário para reunir roupas emprestadas.

Não pude deixar de sentir uma pontada de ciúmes com a admissão. “Você o conheceu?”

“Resumidamente. Sim.”

Antes que eu pudesse fazer qualquer outra pergunta, a espionagem de Malekai resultou na descoberta de uma larga gaveta de madeira forrada de veludo. ostentando rolos de corda, laços de seda, máscaras, prendedores de mamilos, uma variedade notável de plugues anais em todos os formatos e tamanhos, e outros brinquedos sexuais para os quais eu nem tinha nomes.

Nossas sobrancelhas se ergueram com leve surpresa enquanto olhávamos para o tesouro do Deus da Morte. Malekai respirou fundo, hesitando em fazer a mesma pergunta que passava pela minha mente. “Seria… *errado* pegarmos emprestado isso para usar na filha dele… Certo?”

Eu resmunguei em afirmação. “Totalmente…”

Nenhum de nós se moveu e simplesmente ficamos olhando enquanto nossas mentes giravam com a oportunidade. Malekai deu um zumbido pensativo.

“… Tão, tão errado.”

Meus olhos se fixaram em uma caixa lacrada. “Imperdoável, realmente.”

O olhar de Malekai seguiu o meu. “Distorcido além da medida.”

Como se atraída por alguma força desconhecida, minha mão encontrou o caminho até a caixa inteiramente nova e fechada.

“O que vocês dois estão fazendo?”

Malekai e eu gritamos, virando-nos bruscamente para encarar Mareina, vestida apenas com um lençol branco *sujo* .

Minha resposta e a de Malekai vieram em uníssono. Nossas vozes eram o epítome da inocência. *“Nada.”*

Malekai limpou a garganta. “Só pegando emprestado algumas roupas do seu pai.”

Os olhos de Mareina se estreitaram com desconfiança, sua expressão apenas suavizando quando ela percebeu nossa nudez. “… Certo.”

Reunindo indiferença, virei-me e fechei cuidadosamente a gaveta da caixa de prazeres de bunda de Mor, e tirei pares de roupas íntimas, calças e camisas para mim e Malekai. Eu não tinha trazido uma muda de roupa do palácio e não estava inclinado a vestir couros de luta ensanguentados e incrustados de suor. Malekai se moveu para pegá-los, e nós dois sufocamos conspirações sorri quando nossos olhos se encontraram, comunicando silenciosamente que *em breve* voltaríamos e descobriríamos o que havia naquela porra de caixa.

Mareina se aproximou de nós, agora não vendo nada de errado no armário do pai. “Hm. Não sei por que esperava que as roupas dele fossem menos… extravagantes.”

“Imagino que quando você está por aqui há tanto tempo quanto ele, você coleciona todo tipo de coisas.”

Mareina pegou um par de roupas íntimas emprestadas ~~roubadas~~, cujo padrão eu ainda não tinha notado. “*São berinjelas?”*

Nossos olhares se encontraram, rindo, no momento em que uma batida soou na entrada do quarto de Mor.

Malekai e eu ainda estávamos nus quando nos viramos para encontrar Lathrimos parado na porta. Ainda assim, Mareina o chamou para dentro, apertando o lençol em volta do corpo.

“Lathrimos. É ótimo ver você.”

O macho era tão grande que parecia anão em relação ao enorme quarto de Mors. Minhas sobrancelhas saltaram quando Val apareceu logo atrás dele. Os dois trocaram sorrisos envergonhados.

Bem, bem, bem. O que temos aqui?

As sobrancelhas de Val saltaram quando ele percebeu o estado da nossa nudez. “*Bem*, que quadro delicioso vocês três pintam. Estou tão feliz em ver que vocês estão jogando bem agora.”

Meus olhos se estreitaram quando percebi que o olhar de Val estava fixo em Mareina e Malekai.

“Posso ajudar em alguma coisa, Valerius?”

Val limpou a garganta, os olhos disparando para os meus. “Desculpas, *Vossa Majestade*. Eu só pensei que você gostaria de saber que seu ehm… Zurie e Keres estão no palácio. ”

Esperei sentir alguma forma de emoção com a notícia de que minha mãe não tinha morrido. Isso nunca aconteceu.

“Está tudo bem com Ataraxus?”

“Ainda dormindo, mas saudável, de acordo com Bohyun.”

Eu resmunguei minha decepção. Por mais que me doesse deixar Malekai para trás para que Mareina e eu pudéssemos visitar Ataraxus, sua ausência e estado frágil eram uma nuvem incessante escurecendo o fundo da minha mente.

“Bem, obrigada por vir. Agradeço por você ter se esforçado. Pomona não estava por perto para lhe poupar do problema?”

Um músculo no maxilar de Val estalou, despertando minha ansiedade. “Ela está com sua mãe. Miroslav desapareceu.”

Meu coração se apertou. O macho era tão indiferente e quase imortal que eu apenas presumi que ele tinha *voltado* para casa.

“Não há sinal algum dele?”

Val balançou a cabeça. Meus olhos mergulharam em Mareina enquanto seu olhar se distanciava antes que ela balançasse a cabeça. “Eu não o sinto aqui…”

Eu *vesti* as roupas emprestadas enquanto Malekai fazia o mesmo, parando de repente quando a compreensão escureceu sua expressão.

"Eu te entrego a ela," Mareina ofereceu, suas feições marcadas pela preocupação. Eu assenti minha resposta mesmo quando meus olhos retornaram para Malekai. Seu peito arfava, mãos se fechando em punhos ao lado do corpo para afastar o tremor que passava por suas mãos. Meu coração apertou com empatia. Eu não conseguia imaginar ficar presa aqui, forçada a me preocupar com Mareina e Malekai. Mareina pressionou as mãos no peito dele.

"Azrael está preso em uma masmorra, usando uma coleira de paládio—

Malekai balançou a cabeça, erguendo o olhar para o meu. "Zurie também."

CAPÍTULO

SESSENTA

MALEKAI

E isso ia ser um desafio do caralho. Apenas alguns minutos se passaram desde que Val, Mareina e Nakoa tinham emergido em Atratus, e eu já estava andando de um lado para o outro em um buraco no chão do caralho.

E se Zurie libertar Azrael como ele a libertou?

Lathrimos permaneceu comigo e agora estava carrancudo enquanto observava da entrada ainda *sem porta* da casa de Mors.

"Tem que haver um jeito."

O cenho franzido de Lathrimos se aprofundou, ainda lamentando a ausência de seu melhor amigo. "Por quê?"

"O que aconteceria se eu tentasse deixar Avernus?"

O rosto de Lathrimos empalideceu como se a mera ideia nascesse de pesadelos. "É proibido."

A única maneira de manter o volume da minha voz abaixo de um rugido era falar com os dentes cerrados. "Azrael pode estar matando as únicas duas pessoas neste mundo inteiro que eu amo. Mesmo *que* a visita síncrona de Zurie ao palácio seja apenas uma coincidência — haverá *outras* ocasiões em que eles precisarão de mim para protegê-los. *Não* ficarei aqui pelo resto da eternidade *rezando* pela segurança deles."

O rosto de Lathrimos endureceu de uma forma que me permitiu vê-lo através de uma lente diferente. "Eu não acho que você entende... Se você cruzar aquele limiar entre Avernus e Bellorum... Você pode se tornar outra coisa. *Outra coisa.* Você tem um corpo neste reino. Um imortal. Se você tentar ir para o reino dos vivos, sua alma permaneceria aqui, mas ficaria à deriva. Como um navio sem capitão *ou* âncora. E *esta* forma física..."

Prendi a respiração enquanto Lathrimos esfregava a mão no rosto. "Você se tornaria um monstro sem alma—

Soltei uma risada sem alegria, interrompendo-o. "Um pouco tarde para isso..."

A carranca que Lathrimos fez deveria ter me incendiado.

—movido unicamente por uma fome insaciável. As pessoas e coisas que importam para você agora não serão nada comparadas à necessidade que você tem de se alimentar. O sangue se tornará sua única fonte de sustento."

Meus olhos se estreitaram com dúvida. "Então você está dizendo que eu vou me tornar um sanguinati?"

O curvar dos lábios de Lathrimos me disse que eu tinha acabado de dizer algo monumentalmente estúpido.

"Você se tornará um demônio. O pior da espécie deles. Um *Syfaro Vescor."*

Dei um grunhido evasivo. "Nunca ouvi falar dele."

Lathrimos revirou os olhos. *“ Um devorador de almas.”*

Ah, certo.

Talvez fosse melhor tentar entreter algumas outras opções. Eu não sabia muito sobre elas porque eram uma entidade tão rara, mas o que eu tinha ouvido e visto em ilustrações ou pinturas era... *inquietante.*

Eu estava quase preparado para mergulhar naquele limiar.

Ainda…

Lathrimos caminhou até mim, com um olhar compassivo enquanto sua mão gigantesca estava em meu ombro. “Ela é uma Deusa da Morte. Ela vai ficar bem. Eles apagaram a memória dele com o River Oblivion… não tem como Azrael conseguir dominá-la ou a Nakoa sem as memórias de sua magia.”

“Você tem uma biblioteca? Mors, quero dizer?”

Os olhos de Lathirmos se estreitaram com suspeita. “Por que você pergunta?”

Eu olhei de volta. “Você já sabe. Me faça a vontade.”

Depois de um longo suspiro de sofrimento e alguns longos momentos de deliberação interna, Lathrimos finalmente cedeu.

“Há um no palácio.”

"Palácio?"

“Mors mudou-se depois de se casar com Soteira e construir este lugar... há cerca de 600 anos.”

“Alguém mora lá agora?”

“Pessoal do palácio. Alguns amigos de Mors, se é que eles não escolheram reencarnar já.”

“Mareina sabe?”

Outro aceno.

“E ela não tem interesse em morar lá?”

Lathrimos me lançou um olhar culpado. “Nakoa só sabia desse lugar, e ele vinha frequentemente procurando por ela… Acho que ela…”

A realização tomou conta de mim. Minha preciosa *tessari mú.* Ela deve ter ficado tão desolada e dividida.

“Ela estava esperando por ele…”

Lathrimos se mexeu um pouco desconfortavelmente, como se a simples ideia de falar sobre Mareina pelas costas dela o fizesse arrepiar.

“Você se importaria de me mostrar?”

Lathrimos bufa. “Você pode querer mudar para sua forma drakonati, no entanto. Caso contrário, eu teria que carregá-lo.”

Dei um zumbido pensativo, como se estivesse realmente decidindo qual era a melhor opção.

Não havia a mínima chance de eu correr o risco de mudar para minha forma drakonati e ficar preso nela novamente.

Não consegui conter o sorriso quando a imagem de Lathrimos voando pelo céu enquanto me carregava em seus braços como uma noiva surgiu em minha mente.

O queixo de Lathrimos cai. “Você *está* brincando?”

CAPÍTULO

SESSENTA E UM

MALEKAI

EU athrimos rosna em meio à risada enquanto me levanta em seus braços. "Deuses, você é um grande bastardo." Isso faz com que minha risada se renove. "Ei, você se ofereceu. No entanto, acho que mesmo que eu não estivesse com medo de não conseguir mudar de volta da minha forma drakonati, ver você lutar para me carregar como uma donzela vale a pena."

As asas de Lathrimos deram uma batida poderosa, nos erguendo no ar e vários outros para nos manter lá antes de finalmente voarmos pelo ar. O silêncio desceu entre nós por vários momentos enquanto deslizávamos além do prado que cercava a humilde casa de Mors em direção às montanhas à distância.

Admito que nossa jornada foi uma distração muito bem-vinda da minha preocupação com Mareina, Nakoa e Ataraxus, já que eu estava aparentemente preso aqui. Embora eu não ousasse vocalizar minhas reclamações, para que o universo não percebesse de alguma forma que eu ser capaz de compartilhar alguma parte da vida com Mareina não deveria acontecer, e era realmente *bom demais para ser verdade.* Meu coração apertou de gratidão pelo macho que atualmente me carregava através do Avernus.

“Palavras nunca serão suficientes para expressar minha gratidão…”

Seu olhar se volta para o meu, me oferecendo um sorriso triste. “Não foi totalmente altruísta. Avernus estava fadado a desmoronar com ela naquele estado. E provavelmente Bellorum com ele se sua *alma presa* fosse deixada por conta própria.”

Dou um grunhido pensativo, mas evasivo, enquanto meus pensamentos retornam a Mareina e meu estômago dá uma reviravolta familiar de ansiedade. Como já fiz mil vezes antes, como quando Mareina era uma soldada no exército de Zurie ou sua Royal Irae, repeti um mantra familiar em minha mente para me acalmar.

Mareina é a Deusa da Morte e ela não será derrotada.

CAPÍTULO

SESSENTA E DOIS

MARINHA

UM *dobrar* brevemente para o palácio para deixar Val, Nakoa e eu fomos direto para a casa de sua mãe. Embora sair tão rapidamente quando Ataraxus ainda estava inconsciente tenha deixado nós de tensão no meu peito. Leilani, a mãe de Nakoa, já estava nos esperando do lado de fora com Pomona quando chegamos, provavelmente já tendo antecipado nossa chegada graças às suas habilidades como vidente. Seu rosto estava manchado de vermelho, seus olhos inchados como se ela tivesse chorado recentemente. Um soluço sufocado escapou dela quando seus olhos pousaram em Nakoa.

Meu coração apertou dolorosamente ao ver Nakoa pegando sua mãe nos braços e segurando-a contra seu peito. Eu só conseguia imaginar o que ela estava passando, considerando que Nakoa não falava com ela desde antes de derrubarmos Zurie, e ele percebeu que ela havia escondido o fato de que Zurie era sua mãe biológica. E agora, com Miroslav, sua *alma atada*, desaparecido, potencialmente até *morto,* não importa o quão insondável, era notável que ela não tivesse aparecido no palácio.

Pomona jogou os braços em volta do meu pescoço. "Estou tão aliviada que você voltou." Eu a apertei de volta, os olhos ardendo de repente. Quando ela se afastou, a preocupação em seus olhos fez meu intestino enjoa de ansiedade. *Ela não sabe que eu encontrei Malekai em Avernus.*

"Como vai você?"

Dei um aperto apreciativo no braço dela. “Melhor… Ele está em Avernus. Comigo.”

Os olhos de Pomona se arregalaram, seu queixo caiu em realização por um momento antes que a solução salina inchasse em seus olhos, e ela jogou os braços em volta do meu pescoço. " *Oh, louvado seja Akash."*

Esfreguei círculos calmantes em suas costas, a ação acalmou tanto ela quanto minha própria ferida recém-cicatrizada. Leilani e Nakoa preencheram minha linha de visão, e deixei Pomona ir para dar um abraço em Leilani que ela aceitou com gratidão, acariciando meu cabelo.

Minhas palavras não tinham a convicção que eu esperava reunir. “Nós o encontraremos, Leilani.”

Os dedos de Leilani cravaram-se em minha túnica enquanto ela me segurava mais forte, perdendo um suspiro trêmulo. "Você precisa ir."

Fiquei congelado antes de me afastar lentamente.

“Para Ataraxus.”

Leilani abriu a palma da mão, e um frasco de fluido azul escuro e brilhante apareceu. “Ele vai induzir um sono tipo coma. É para você e Azrael. A alma de Atraxus está de alguma forma ligada à de Azrael.”

A mão de Nakoa escorregou na minha enquanto minha garganta apertava. “Mas como? E por que induzir um coma resolveria isso?”

“Você precisa encontrar as almas deles. Há uma hemorragia da magia de Azrael. Quando ele tentou matar Ataraxus, de alguma forma, Ataraxus conseguiu sobreviver anexando sua força vital, sua *alma* , a Azrael. E Azrael está morrendo, como você já deve ter notado. Você precisa curá-lo.”

Meu batimento cardíaco ecoou em meus ouvidos enquanto sua voz se distanciava. Qualquer raiva que eu pudesse ter sentido com a notícia de que Azrael também havia tentado matar Ataraxus foi abafada pelo fato de que a vida *de minha alma ligada* estava ligada a uma das mais miseráveis criaturas existentes que estavam *morrendo.* As consequências da morte de Azrael seriam catastróficas.

“Eu ainda não entendi… Por que *eu* seria capaz de curá-lo? Tudo o que eu sei fazer é matar.”

Os olhos cinzentos de Leilani procuraram os meus enquanto a escuridão que os cobria se dissipava como uma nuvem revelando a lua.

“Isso ocorre porque você só conheceu um aspecto do seu poder.”

Franzi a testa, a ansiedade torcendo meu estômago em antecipação — do que eu não sabia. “Eu sou uma Deusa da Morte. O que mais há para saber?”

A cabeça de Leilani se inclinou para trás com uma risada por um momento. Quando seu olhar retornou ao meu, uma excitação inconfundível brilhou em seus olhos.

“Oh, minha querida, você é muito mais. Você é uma Deusa do *Renascimento.”*

EU SEI qUE ISSo FoI Um poUco TEnSo…

Então aqui vai uma coisinha para acalmar sua alma… (virar a página)


NSFW


NSFW

QUER vER ARTES SEm cEnSURA DoS SEUS pERSonAgEnS FAvoRIToS?

Torne-se um assinante de conteúdo exclusivo em chiaraforestieri.com , onde você também terá acesso a toneladas de vantagens (impressões de arte NSFW gratuitas, produtos, cópias autografadas gratuitas de todos os meus novos lançamentos, e-books/WIPs exclusivos e muito mais)

Siga-me no Instagram (@authorchiaraforestieri) para ficar por dentro de todos os meus próximos trabalhos:

Livro Três de Hallowed Fates
Primavera de 2025

Mariposa e Chama
Outono/Inverno 2024

Nox: Quando a Escuridão Toma Forma
WIP agora disponível em chiaraforestieri.com

A Bruxa Cativa e o Paladino Não Nascido
Janeiro de 2025

PUTA mERDA, oBRIgADo.

Palavras não conseguem nem começar a descrever a gratidão que tenho por vocês darem uma chance ao meu trabalho. Eu coloquei meu coração e minha alma nisso, pessoal. Quer dizer, eu sempre coloco, mas de alguma forma esse aqui é diferente. Eu também sinto que a jornada emocional de Mareina até agora tem sido paralela à minha. Estou *bem* familiarizado com sentimentos de indignidade e lidei com uma tremenda depressão e ansiedade paralisante — e só recentemente consegui reverter isso ao aprender a me amar e me aceitar. Para mim, pessoalmente, a meditação mudou completamente minha vida, mas é tudo o que direi sobre isso. Não quero ser todo sermão ou irritar ninguém, mas gostaria de acrescentar que se você está sofrendo de sofrimento emocional, circunstâncias adversas, etc. aqui estão alguns recursos gratuitos para aqueles que podem estar precisando e vivem no Reino Unido, EUA, Canadá e Austrália:

Reino Unido

Apoio à Vítima (Reino Unido) 08 08 16 89 111

Uma instituição de caridade independente dedicada a apoiar vítimas de crimes e incidentes traumáticos na Inglaterra e no País de Gales.

Ansiedade Reino Unido

03444 775 774

Grupos de apoio online flexíveis, cursos de gerenciamento de ansiedade liderados por terapeutas e Arte para Alívio da Ansiedade (AfAR)

Campanha Contra a Vida Miserável (CALM)

0800 58 58 58

Instituição de caridade para prevenção do suicídio cuja missão é ajudar as pessoas a acabar com seu sofrimento, não com suas vidas.

MindOut

mindout.org.uk

Serviço de saúde mental administrado por e para pessoas LGBTQ+.

Sem pânico

0300 7729844

Oferece uma linha direta, programas passo a passo e suporte para pessoas com transtornos de ansiedade.

Sã

0300 304 7000

Oferece apoio emocional e informações para qualquer pessoa afetada por problemas de saúde mental, incluindo uma linha de apoio.

ESTADOS UNIDOS

Linha de texto de crise

Envie uma mensagem de texto com a palavra TALK para 741741 para conversar com um conselheiro de crise treinado gratuitamente , 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Aliança Nacional sobre Doenças Mentais

800-950-6264, aberto de segunda a sexta das 10h às 22h, horário do leste dos EUA

Aliança PTSD

888-436-6306

contato@ptsdalliance.org

Fundação Americana para a Prevenção do Suicídio

Basta discar 988 ou visitá-los online em suicidepreventionlifeline.org

Para veteranos, disque 988 e pressione 1 ou visite www.veteranscrisisline.net

Sem pânico

Número da linha de apoio 0300 772 9844

Disponível todos os dias - 10h - 22h (365 dias do ano)

A No Panic é especializada em autoajuda e oferece os seguintes serviços:

- Serviços de recuperação
- Programas de amigos por correspondência
- Aconselhamento e apoio
- Linha de apoio confidencial
- Programas de recuperação
- Programas de conscientização
- Terapia comportamental de autoajuda
- Literatura
- Eventos sociais
- Online ou por teleconferência
- Grupos de recuperação

Canadá

O ouvido que escuta

Todos os dias das 15h às 3h

(517) 337-1717

O Listening Ear se dedica a fornecer suporte gratuito, compassivo e confidencial por telefone.

Linha direta nacional LGBT

888-843-4564

Ajudando na Crise do Suicídio

Basta discar 988

Sociedade de Ouvintes Certificados

visite certifiedlisteners.org para conversar gratuitamente com um voluntário treinado.

O CLS oferece suporte emocional gratuito, confidencial e sem julgamentos para indivíduos que lutam com desafios emocionais relacionados à ansiedade, depressão, estresse e solidão. O CLS fornece voluntários treinados que oferecem um espaço seguro e de apoio para que os indivíduos expressem seus sentimentos e preocupações.

Centro Canadense de Recursos para Vítimas de Crime

Todos os dias das 13h30 às 21h30

(613) 208-0747 ou 1-877-232-2610

ou CRCVC.ca

Vítimas e sobreviventes de crimes, seus amigos e familiares podem ligar ou entrar em contato por meio do nosso serviço de mensagens de texto e sistema de chat ao vivo.

AUSTRÁLIA

Linha de amizade

1800 424 287

7 dias por semana

Apoia qualquer um que esteja se sentindo solitário, precise se reconectar ou queira apenas conversar online com um de seus voluntários treinados. Todas as conversas com a FriendLine são anônimas.

Linha de vida

13 11 14 , envie uma mensagem de texto para 0477 13 11 14 ou converse online.

Oferece aconselhamento de crise 24 horas, grupos de apoio e serviços de prevenção ao suicídio.

Além do Azul

1300 22 4636

Visa aumentar a conscientização sobre depressão e ansiedade e reduzir o estigma. Se você ou um ente querido precisa de ajuda, você pode ligar 24 horas/7 dias por semana ou conversar online .

Ponto Mental

1800 61 44 34

Atendimento telefônico e online gratuito para pessoas com ansiedade, estresse, mau humor ou depressão. Ele fornece avaliação online e tratamento para ansiedade e depressão. MindSpot não é um serviço de emergência ou resposta instantânea.